A ESTÓRIA "INCRÍVEL" DE COLOMBO EM CABO VERDE

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às muitas pessoas que me ajudaram e colaboraram em aspetos importantes deste trabalho. Tive que viajar por diversos destinos, no exterior, em busca de informações vitais. Também passei muito tempo na Biblioteca Vicente Campinas, em Vila Real de Stº António, em Portugal, onde recebi um excelente serviço das diretoras Dr.ª Mariana Ornelas do Rego e Dr.ª Assunção Constantino e sua equipe, os quais me proporcionaram uma excelente assistência técnica, quer para encontrar um difícil livro em diferentes locais de Portugal, ou solicitar suporte técnico informático para os muitos problemas que tive com o computador. Felizmente existem técnicos de informática na biblioteca que são extremamente hábeis em resolver os muitos problemas técnicos que vivi com o computador. Mas também tive que usar bibliotecas em Lisboa, Funchal, Génova, Lavagna e da Universidade de Sevilha. No final, consegui concluir este livro, embora saiba que ainda há muito trabalho para ser feito, mas que vai ter de esperar por outros dias, caso contrário, nunca vou completar o mesmo, porque estou certo que se podem escrever volumes sempre que falamos sobre Colombo, pois muito se tem escrito sobre ele.

Alguns agradecimentos pessoais devem ser dados, especialmente, ao Professor Trevor Hall of Jamaica, porque apontou-me o caminho certo para a minha pesquisa. Durante alguns anos eu questionei-me sobre as semelhanças incomuns entre António de Noli e Cristóvão Colombo, e nunca pude entender porque não se conheceram ou cruzaram, um com o outro, nos muitos livros de história do período das descobertas embora ambos pareciam estar a navegar nas mesmas localizações geográficas ao longo deste período histórico. No final, percebi que algo não fazia sentido e, gradualmente,

comecei a aceitar o incrível facto de que António de Noli nunca morreu, em 1497 ou 1496, como a maioria dos historiadores acredita. Uma vez aceite este facto, com base em observações muito importantes feitas pessoalmente pelo Professor Hall, o meu trabalho tomou uma nova direção e sentido.

Outro historiador que fez grandes contribuições para o meu trabalho foi Manuel Rosa, da Carolina do Norte e antigamente de New Bedford, MA, que é autor de vários livros importantes sobre Colombo. Ele é natural dos Açores e mudou-se para os EUA aos 12 anos, de modo que ele estava bastante familiarizado com a sociedade, vida e a cultura portuguesa nas Ilhas Atlânticas. O Sr. Rosa nunca poderia aceitar as histórias lendárias de um Colombo que nasceu numa família de um simples trabalhador, como um tecelão de lã, e casar-se com uma mulher aristocrática, de alta posição social na sociedade portuguesa. Isto não fazia sentido para ele, apesar de todos os argumentos apresentados pelos muitos historiadores que têm vindo a aceitar este conto de fadas e continuam a passar esta ideia de geração em geração, sem fazer um exame detalhado aos acontecimentos passados.

A assistência do Sr. Rosa deve ser plenamente reconhecida, pois forneceu-me uma assistência incrível quando eu realmente precisava. Embora, o Professor Hall me colocasse no caminho certo, uma vez que percebi que António de Noli ainda poderia estar vivo depois de 1497, permanecia o problema de tentar explicar a diferença de idade entre os dois navegadores (Colombo e de Noli). Felizmente, para mim, o Sr. Rosa proporcionou-me exatamente as informações que eu precisava para resolver este problema, as quais me deram uma compreensão muito mais clara de muitas questões fundamentais as quais não compreendi na minha pesquisa anterior. Embora tivesse tido conhecimento de algumas das histórias que Colombo, se já acreditava que teria sido um

espião para Portugal, seria um estudo detalhado do Sr. Rosa sobre o problema que me convenceu de que Colombo foi realmente um espião para Portugal. Este contributo ajudou em muito o meu trabalho tornando-o mais fácil. Mas há várias outras contribuições que resultam do seu pensamento sobre as principais personalidades que cercaram a mística de Colombo. Estas contribuições incidiram sobre as principais áreas que me preocupavam, e teriam um impacto importante sobre as minhas conclusões. Tal informação foi extremamente difícil de encontrar em textos contemporâneos, mas, felizmente, o Sr. Rosa parece ter uma habilidade especial na localização de documentos importantes, além de oferecer bons conselhos sobre a aceitação dos documentos pelo mundo académico. Forneceu-me ainda informações relacionadas com as ligações entre a nobreza de Portugal e Espanha, sendo isto uma grande influência no meu modo de pensar ao elaborar as conclusões neste livro.

Houve outras pessoas que fizeram contribuições importantes: Marco Paganini e seu colega de trabalho Massimo na Fieschi Libreria em Lavagna, Itália deram-me uma excelente assistência em Ligúria. A bibliotecária local em Lavagna, Ivana Avanti e a sua equipa deram-me um apoio fantástico. Os gerentes da loja de livros Fieschi (livraria) forneceram-me uma riqueza de dados e uma ajuda na localização de informações e contatos que seriam importantes durante a minha investigação. A Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, ajudou-me tremendamente na minha pesquisa. No Arquivo Regional da Madeira, Sónia Correia forneceu-me uma ótima assistência, bem como Sr. Roberto Silva Faria e a Sra. Carina na Biblioteca Regional da Madeira. Devo admitir que o povo da Madeira tem um tremendo orgulho da sua história e da sua cultura. O padre local, Padre Neves, passou quase uma hora do seu precioso tempo para me ajudar

na minha pesquisa e deu-me algumas informações valiosas sobre a paróquia de São Sebastião, em Câmara de Lobos. Vários moradores da cidade de Câmara de Lobos ajudaram-me a determinar o ano em que a histórica Igreja de São Sebastião foi construída. Um morador, o Sr. António Eduardo Fernandes garantiu-me que a igreja foi construída em 1430, pois tinha uma foto com a data no chão, feita há mais de 50 anos atrás, antes da igreja ser renovada, ficando a data coberta com a nova construção. Para minha surpresa, ele foi capaz de encontrar a foto cerca de um mês mais tarde e me enviou por correio. O povo da Madeira deu-me muitos motivos para ter orgulho dos meus ancestrais que viveram na Madeira há muitos anos. Eu também recebi grande assistência da Drª. Helena Grega, da Sociedade Geográfica de Lisboa, que foi capaz de encontrar vários livros raros e documentos que eram extremamente difíceis de localizar. Eu mesmo fui para a Universidade de Sevilha, onde me foi dado um excelente apoio por parte de Júlio Ramirez Barrios no Departamento de História. No Palácio de las Índias, em Sevilha, Guilhermo Moran e seu diretor forneceram-me um excelente apoio. A biblioteca do Mosteiro de La Cartuja, em Sevilha, também me forneceu informação rara sobre a história do mosteiro. Fiquei extremamente feliz pois aí encontrei alguns livros raros, da biblioteca, que não poderia encontrar em livrarias tendo os funcionários da biblioteca realizado todos os esforços possíveis para me ajudar a encontrar as informações que eu precisava. Em Gênova, foi-me dado um excelente suporte de dott.sse Ferro Emanuele e a sua equipa, na Biblioteca Cívica Berio.

Meu trabalho original foi publicado em 2014 e, infelizmente, cometi alguns erros pelos quais me arrependo. Felizmente, o professor Antonio Musarra do Centro Universitário de Harvard, em Génova, na Itália, é especialista em História Medieval Italiana e seus comentários têm sido

extremamente valiosos na publicação deste livro. Devo dizer que ele é uma pessoa extremamente ocupada, mas ele conseguiu encontrar tempo para me ajudar com sua valiosa experiência. Ele também me deu muitas sugestões para pesquisas futuras.

Também estou extremamente grato ao professor Alberto Peluffo, o ex-vice-prefeito da cidade de Noli, na Itália. Ele ensina a língua inglesa aos seus alunos. Ele também é uma pessoa muito ocupada e muito experiente na língua inglesa, bem como a história local na costa da Ligúria. Não só ele conseguiu revisar minha rudimentar língua italiana no livro, mas também fez muitas sugestões importantes para melhorar a qualidade do texto. Ele e sua família fizeram muitos sacrifícios para assegurar a conclusão deste livro para o qual serei eternamente devedor. Tanto ele como o Professor Musarra estão a fazer importantes contribuições para trazer uma nova consciência do papel desempenhado por Génova e Cabo Verde durante a Idade da Descoberta. Para as pessoas que lêem a versão italiana do livro, lembrem-se que sem o apoio dos professores Musarra e Peluffo, seria praticamente impossível para mim completar este livro em italiano. Para todos os que estão lendo este livro em outra língua, devemos ser gratos que os estudiosos na Itália agora estão começando a entender a relação histórica entre Gênova e Cabo Verde e é essa relação que nos dará uma compreensão muito melhor da América e do Período de Descoberta. O Professor Musarra esclarece esta nova perspectiva no prefácio deste livro.

Muitas outras pessoas apoiaram-me na busca para encontrar as respostas que eu precisava para terminar este livro e agradeço a todas elas, mesmo que os seus nomes não apareçam aqui mencionados.

Finalmente, devo reconhecer o grande apoio que recebi durante todo este projeto da empresa de tecnologias de informação, Sismagic, pela assistência técnica prestada na minha cidade local, onde resido. Ao Dr. Carlos Cavaco e a sua assistente Sandra Ferreira, que me forneceram um excelente suporte técnico pelo qual estou profundamente grato.

PREFÁCIO

Ponto de vista de um professor italiano

Sevilha, 2 de abril de 1502. Ao partir para sua 4ª viagem que o levaria a explorar as costas de Honduras, Veragua e Darien, Colombo envia uma carta aos banqueiros genoveses, solicitando seu apoio na defesa de seu filho Diego contra a Coroa de Espanha. Ao comunicar sua decisão de doar um décimo de seus ganhos anuais em favor dos mais necessitados, o Almirante cede ao sentimentalismo, em memória de sua pátria: («Embora meu corpo esteja Aqui, meu coração permanece lá com você»). No dia 8 de dezembro do mesmo ano, os banqueiros enviam a resposta de Colombo, agradecendo-lhe o afeto que ainda sente pela pátria, apesar de estar ausente há mais de uma década, felicitando-o também por sua extraordinária descoberta. A carta de Colombo - dizem os banqueiros –

ne ha dato una consolatione singularissima vedendo per quella vostra excelentia essere, como è consentaneo a la natura sua, affectionato de questa sua originaria patria, a la quale demostra portare singulare amore et carità.

(Nos deu um consolo especial, pois vimos que Vossa Excelência, de acordo com sua natureza, gosta tanto de sua pátria original, à qual você demonstra um amor e uma caridade tão notáveis).

Colombo só retornaria de sua última viagem em 1504, depois de esperar um ano para a ajuda na costa de Jamaica, de modo que não pudesse receber a letra. Ele estava muito amargo sobre isso. Não foi por acaso que o legado, mencionado na testa de 1 de abril de 1502, não foi incluído no codicilo de 2 de

agosto de 1505 e ratificado em 9 de maio de 1506, pouco antes de sua morte.

Esta é uma das evidências mais importantes sobre suas origens genovesas. Estas origens têm sido constantemente desafiadas - embora, do meu ponto de vista, em terrenos trêmulos -, de modo que o lugar de nascimento do almirante poderia ser colocado no Piemonte, na Córsega, na Sardenha - apenas para nos limitar à Itália -, bem como em Espanha, Catalunha, Portugal, Grécia, Polônia e assim por diante. Sem mencionar as dúvidas relacionadas à sua idade no momento da sua morte, ou seja, 55 ou 70 anos, às suas crenças religiosas ou ao seu estatuto social, que inevitavelmente se cruzam com as tentativas de seu filho Fernando de negar as suas origens comuns e, muitos interesses relacionados com as reivindicações de herança que se arrastaram por muitos anos. É verdade: Colombo fez fluir rios de tinta. No entanto, ainda hoje, não é possível dizer que há uma visão comum quanto à sua personalidade multifacetada. Em uma coisa, no entanto, todos podem provavelmente concordar: ele é filho de um mundo mediterrâneo que está cada vez mais voltando-se para o Ocidente; E o maior indicador desta mudança pode ser visto em Génova, não por acaso. O século XV em Gênova é um tempo de múltiplas mudanças. O colapso do pax mongolica, seguido pelo fechamento das principais rotas das caravanas para a Ásia Central, o avanço constante da Turquia e a perda das possessões orientais, o fim da luta contra Aragão, o advento das marinhas do Atlântico: tudo isso - Apenas para mencionar os elementos mais óbvios e superficiais - questiona fortemente o equilíbrio pesado da cidade, transformando os principais circuitos económicos, comerciais e financeiros numa rota que leva da Península Ibérica - principalmente Castela, Andaluzia e Portugal - para Flandres e Inglaterra, por um lado, E para as costas da África e as ilhas opostas, por outro lado.

Barcelona, Sevilha, Cádis, Lisboa, Southampton, Londres, Bruges e Antuérpia são a nova referência; Muitos genoveses vão para as cidades, à procura de novas rotas comerciais.

De fato, o caso de Colombo não pode ser entendido sem levar em conta todas essas mudanças. O gosto pelo comércio e o forte individualismo, o espírito empreendedor e o desejo de cruzar a linha vão naturalmente de mãos dadas com uma história que tem suas raízes no Mediterrâneo, mas começa a se expandir; Esta história tem muitos participantes, principalmente (mas não só) genoveses, que nunca perdem a oportunidade de provar mais uma vez a bem conhecida tese de Dante e Braudel sobre a sua "diversidade", que consiste em grande parte na sua capacidade de adaptar "in diversas mundi partes" (Em diferentes partes do mundo), como é o caso de Antonio Malfante, que embarca em um navio com Percivalle "Marihonus" em setembro de 1446, navegando até Marrocos e chegando à cidade fortificada de Tamentit, na região de Este é também o caso de Antoniotto Usodimare, que é contratado em 1455 por Henry o Navegador e navega ao longo da costa ocidental da África com duas caravelas, penetrando na foz do rio Gambia à procura de ouro, ali, aliás, encontra "Unum de natione nostra", identificado como descendente dos irmãos Vivaldi, protagonistas da famosa viagem "ad partes Indie" (à área das Índias) em 1291. E este é o caso de Antonio "de Noli" - às vezes equivocadamente confundido com Antoniotto -, membro de uma família genovesa, muito provavelmente proveniente da famosa cidade de Noli, na Ligúria ocidental, ainda hoje uma autêntica caixa de jóias de história medieval bem preservada; A ele devemos a primeira exploração sistemática das ilhas de Cabo Verde, definidas em alguns mapas como a Ilha de Antonio. No entanto, Antonio ainda é uma figura enigmática na história. Marcel Balla merece o

crédito por tentar esboçar um perfil preciso dele através de uma análise convincente dos recursos disponíveis.

Este livro é, em si, uma verdadeira descoberta. Balla estabelece um contexto para Antonio de Noli, que, depois de uma carreira bem-sucedida ao serviço de Portugal, primeiro como o descobridor e, eventualmente, como governador de Cabo Verde, desaparece da cena e entrega o bastão a um tecelão de lã obscuro, que de repente se torna um cartógrafo, embora não saibamos como "de repente", e vai pelo nome de Cristóvão Colombo, com destino a um grande futuro. A comparação dos dois marinheiros representa, sem dúvida, uma grande inovação, que, creio eu, será de grande utilidade nos estudos da era da descoberta. Há, de fato, muitas similaridades nos currículos dos dois marinheiros, analisados minuciosamente pelo autor: as datas de nascimento de ambos são duvidosas; ambos têm um irmão chamado Bartolomeu; ambos são capazes de se mover entre Castela e Portugal com grande facilidade e são bem recebidos pelos governantes locais; ambos estão envolvidos no negócio da cana-de-açúcar; ambos estão interessados no ouro e no comércio de escravos; ambos viveram na Madeira e Cabo Verde e navegaram ao longo da costa da Guiné; Finalmente, ambos adquiriram conhecimento significativo do Oceano Atlântico e seus ventos alísios. Essas e outras "semelhanças" apoiam a necessidade de organizar um debate que precisa ser muito construtivo: a vida desses dois grandes navegantes parece entrelaçada em um jogo de referências que ainda não foi levado em conta; Às vezes, na verdade, eles parecem se sobrepor, de modo que (e esta é a proposta do autor) você não pode entender um sem aprofundar profundamente a vida do outro.

Então, este jogo está cheio de reviravoltas? O que está por trás dessas "semelhanças"? A história de um pode lançar luz sobre o outro? Com toda sinceridade, penso que é muito difícil

fazer uma conclusão absoluta sobre a identidade dos dois navegantes (e, de fato, Balla parece bastante cauteloso sobre este ponto); Mas há alguma conquista de uma que possa ter sido atribuída ao outro? Sim, isso é possível e Balla fornece muitos dados para apoiar esta visão. Este trabalho, portanto, tem grande mérito: ele traz à atenção da estudiosa uma linha inovadora de investigação que, com razão, poderia eventualmente reviver não só Colombo, mas também o grande Antonio, que finalmente deveria assumir seu papel da época da Descoberta.

Mas talvez seu maior mérito neste trabalho seja enfatizar a importância absoluta do papel de Cabo Verde na era da descoberta: um autêntico laboratório de planeamento que fez com que o desconhecido deixasse de ser um mistério.

Sem Gênova, Noli e Cabo Verde, não se pode entender a América.

Antonio Musarra

Génova, 1º de novembro de 2016, Dia dos Todos os Santos

PREFÁCIO

Ponto de vista de um professor caboverdiano

O livro do historiador cabo-verdiano-americano, Dr. Marcel Balla, é uma profunda pesquisa de um historiador-detective comprometido com os achados históricos e com o esclarecimento das ‘turvas’ águas da história, i.e., dos conhecimentos escondidos que esperam ver a luz do dia historiográfica.

O autor retrata, pela primeira vez, a história e as epopeias de António da Noli, que era um ‘ilustre’ desconhecido, e que no livro ganha uma dimensão gigantesca como um dos maiores conhecedores europeus dos mares do Sul, que estava na posse dos ‘incríveis’ conhecimentos da Costa da Guiné do Atlântico Sul.

O livro revela factos curiosos sobre a figura de António da Noli, Capitão Donatário da Ribeira Grande de Santiago, de Diogo Afonso, outro Capitão Donatário de Alcatraz, ambas regiões situadas na Ilha de António. i.e., Santiago, e ambos arquitectos da colonização de Cabo Verde a partir da Madeira. Da mesma forma, aborda as ligações de da Noli com as grandes famílias de Génova, sobretudo a família Fieschi.

O leitor é convidado a vários questionamentos: qual o papel de da Noli e Colombo naquilo que é designado de ‘Descobrimentos’ portugueses e espanhóis? Qual o papel de Cabo Verde, da ilha de Santiago nisso tudo, e na criação daquilo que se designa de ‘Novo Mundo’? Entra-se num enredo, numa espécie de romance- suspense, porque há um encadeamento de factos, dados históricos, dúvidas, revisão histórica, que nos leva a querer descobrir mais, e que ao mesmo tempo obriga-nos a deixar cair certas certezas,

ensinamentos, conhecimentos escritos e enfatizados pelos vencedores/escritores da história.

O mais interessante é que o autor traz o papel de Cabo Verde como centro que forjou novos mundos, novas relações de força, local de espionagem por excelência, que no fundo ajudou a consolidar o poder dos europeus nas Américas, em detrimento do dos ameríndios.

De Cabo Verde partiam as naus que seguiam os ventos alísios e as correntes fabricadas que facilitaram a ida dos europeus ao Brasil. Isto poderia levar a outros factos, poucos conhecidos, de que os oeste-africanos já detinham, antes dos europeus, esses conhecimentos, daí a importância de Cabo Verde. Há registos da presença do homem africano nas Américas antes da chegada dos europeus, sobretudo na América Central.

A leitura deste livro faz-nos lembrar de um outro livro interessantíssimo, em termos de suspense, O Segredo dos Templários – O Destino de Cristo escrito por Lynn Picknett e Clive Prince e publicado em 1997 pela editoraTransworld Publishers Ltd na Grã-Bretanha. Quem era António da Noli, quem era Colombo? Serão a mesma pessoa? Eis a questão que fica por responder.

Nardi Sousa

Sociólogo

Universidade de Santiago

INDICE

INTRODUÇÃO

Como todos sabemos muitos livros foram escritos sobre as grandes descobertas durante os séculos XV e XVI. No entanto muitos dos factos que chegaram até nós através da história poderão não estar totalmente corretos. A vida de Cristóvão Colombo é uma história que sempre atraiu a atenção mas que nunca foi totalmente investigada por estudiosos centrados na sua existência e nos seus mistérios. Atualmente alguns estudiosos estão a olhar com maior seriedade para esse tempo e tentam resolver os 500 anos de mistérios que cercam a família autêntica de Colombo. Talvez os maiores problemas que condicionaram a busca da verdadeira identidade de Colombo tenham sido os seguintes:

1. O seu ano de nascimento. Geralmente é dada e aceite como sendo em 1451. Neste livro eu vou explicar porque tal é praticamente impossível.

2. A sua chegada a Portugal é geralmente considerada nos anos de 1476 ou 1477. Vou apresentar informações que irão mostrar claramente que estas datas são totalmente irrealistas.

3. Cristóvão Colombo foi considerado um plebeu que trabalhava como tecelão de lã. Existem muitos argumentos contra esta possibilidade, todavia os mesmos não foram levados a sério pelos críticos. Irei também explicar, com base em provas factuais que têm sido ignoradas por mais de 500 anos, a verdade sobre estes factos.

4. O maior problema sempre foi o desejo de várias nações reivindicarem o navegador como seu herói. Tenho a certeza de que muitas das minhas conclusões serão surpreendentes. Creio que chegou o momento de ter um debate sério, livre e desinteressado, desejando que tal aconteça num futuro

próximo. Se o que procura é a verdade sobre esses mistérios não resolvidos, então você veio ao lugar certo.

Embora haja alguma informação disponível para ajudar a resolver estes mistérios, tal informação está escondida nos arquivos e algumas coleções particulares onde a maioria das pessoas nunca irá aceder a poder desvendar esse enigma. Além disso, com toda a justiça para o público em geral, esta é uma tarefa difícil para qualquer historiador que seriamente pretenda prosseguir este esforço e encontrar as respostas para as muitas perguntas que foram ignoradas durante séculos. Alguma pesquisa séria foi iniciada na sequência do 500º aniversário da morte de Colombo em 1506 e parece haver evidências de que esta investigação irá continuar.

Esta crítica não pretende sugerir que os historiadores do passado não tenham tentado resolver e ultrapassar os muitos problemas em lidar com os estudos sobre Colombo, porque tal não é verdade. No passado algumas pessoas dedicaram as suas vidas a desvendar estes problemas, mas o próprio Colombo colocou um véu de segredo sobre seu passado misterioso e este segredo torna extremamente difícil ultrapassar a confusão criada. Um conhecido historiador moderno, Tagliattini, tenta explicar o problema e diz-nos que "um dos detetives mais famosos da mente humana, Cesare Lombroso, criminalista do século XIX, encontrou uma tendência tão pronunciada de Colombo pelo sigilo que o considerou decididamente paranóico. Considere o facto de que depois de Colombo se ter tornado famoso, **eliminou por completo o seu nome de família da sua assinatura nas suas cartas**. Ele substituiu o seu nome por uma pequena pirâmide de letras romanas, espaçadas, com pontos estrategicamente colocados. Durante 500 anos, esta assinatura representou um enigma cuja solução se manteve tão evasiva quantos muitos outros enigmas que cercam Colombo, que em conjunto dão origem à convicção de

que os seus motivos não eram mera excentricidade**, mas sim um desejo convicto e concertado para manter a sua verdadeira origem desconhecida**."[1]

Desde o início da era do computador e dos avanços da tecnologia moderna, poucos historiadores, de forma individual se propuseram desvendar estes segredos do passado, apesar dos desafios incríveis e interessantes que eles representam. Os que o fizeram, ficaram obcecados com a solução dos mistérios tradicionais sobre Colombo e simplesmente não foram longe. Pessoalmente, com base nas informações que encontrei, acredite que alguns destes mistérios poderão estar resolvidos nos próximos 2 ou 3 anos. Entretanto, há ainda um outro problema que tem mistificado os estudiosos mas recebe muito pouca atenção e, acredite ou não, pode ser o maior mistério não resolvido na história da humanidade, ou quase certamente nos últimos 1000 anos.

Agora vou falar de um navegador chamado António de Noli, conhecido na história como um marinheiro genovês que descobriu o arquipélago de Cabo Verde, no Oceano Atlântico, entre África e a América do Sul. A informação existente sobre este navegador é bastante confusa e foram-lhe dados, por vários escritores, muitos nomes diferentes, gerando grande confusão. Essas questões serão discutidas mais tarde. Por agora quero apresentar ao leitor o navegador e descobridor de Cabo Verde, António de Noli, que poderia muito bem ser o navegador mais importante do período das descobertas. Há uma grande quantidade de informações para demonstram que ele é um dos navegadores mais importantes da história, a questão à qual quero responder é: "Qual foi a sua verdadeira

[1] Tagliattini, Maurizio. A Descoberta da América do Norte-Ch. 10 pp 3/4 "Christopher Pelligrino ou Christopher Columbus: A Critical Study on the Origin of Christopher Columbus" Web 1998. 16 Jan 2014.

importância?” Esta é a pergunta à qual vou tentar responder ao longo das páginas deste livro.

Ao escrever este livro decidi fazer algumas suposições lógicas, com a finalidade de alcançar conclusões. Tratando-se de Colombo há muitos cenários que foram analisados para determinar a sua verdadeira identidade. Muitas nações reclamavam-no como seu filho nativo e, apesar de Génova, em Itália, ter sido o local de nascimento mais sugerido para o navegador, têm havido alguns revisionistas que o consideram Português, enquanto outros acreditam que ele é Catalão ou Espanhol. Ao longo deste livro, vou considerá-lo nascido em Génova, Itália. Assim, para os historiadores que estejam em desacordo com esta suposição, eu espero que eles consideram ser uma diferença de opinião e que profissionalmente, mesmo com opiniões distintas, possamos em conjunto procurar e descobrir a verdadeira identidade deste navegador enigmático.

Embora eu suponha que ele é do Génova, isto não exclui a possibilidade de que seus antepassados fossem provenientes da Europa Central ou Baviera. Devo admitir que, na minha opinião, não há qualquer prova definitiva de que ele nascesse em Génova ou qualquer outro local específico com qualquer evidência documentada. Assim, as minhas suposições são baseadas principalmente nas descrições dadas pela maioria dos documentos escritos por historiadores ao longo dos tempos. Vou tentar apresentar o máximo de informações encontradas para apoiar os meus pontos de vista. Com base em algumas suposições, acredito que ele tenha nascido muito antes de 1451 e vou fornecer vários indícios para apoiar esta hipótese.

Outro pressuposto importante é que os relatórios referentes à falsificação de documentos podem ou não ser verdade. É extremamente difícil confirmar ou negar determinados documentos e para o meu propósito, não posso concordar ou

discordar sobre suposições de documentos falsos. Vou fazer a pesquisa sobre a minha teoria e espero que os outros tentem confirmar ou negar as minhas conclusões no interesse da verdade e da história, o que consequentemente beneficiaria todos nós.

CAPÍTULO 1

O Amanhecer dos Grandes Descobrimentos

Antoniotto Uso di Mare e António de Noli

Diversos autores, por várias razões têm usado datas ou eventos diferentes para determinar certos períodos históricos que tiveram um impacto sobre o caminho evolutivo da humanidade. Tais períodos foram: “A Idade dos Descobrimentos”, “Idade Média”, “O Período Renascentista”, “A Revolução Industrial”, etc. Eu vou falar sobre o amanhecer da “Idade dos Grandes Descobrimentos” e António de Noli, que, na minha opinião, foi o protagonista desta era. Por mais que eu gostasse de falar sobre o início da vida de António, é praticamente impossível neste momento. Ninguém parece saber exatamente onde ele nasceu ou quando nasceu, sabemos com certeza que nasceu no século XV e, provavelmente, na província de Génova. Ele é geralmente referido como sendo genovês, embora aqui, recorde, que a província de Génova, na Idade Média, era como que uma nação separada, que incluía territórios que faziam parte de diversos países dos dias de hoje[2]. Assim, quando alguém era considerado genovês ou nascido em Génova, isso não significava necessariamente que essa pessoa tivesse nascido na cidade de Génova. No entanto,

---

[2] Em 2006, um congresso internacional foi convocado em Torino para comemorar 500 anos da morte de Colombo e uma explicação de um genovês foi dado como aquelas famílias em que vivem em comunidades genoveses em diferentes partes da Europa e como as diferentes fações do genovês ainda eram considerados genovês embora governado por diferentes facções políticas. Ref. Atti del Congresso Internazionale Colombiano- Nouve recerché e documenti inediti-Torino 16 e 17 giungno 2006 p.595. Web.4 Março 2014.

para o propósito deste livro, vou considerá-lo genovês e nascido no século XV. Exatamente em que data terá nascido neste século? Realmente nem eu nem ninguém sabemos a resposta para esta pergunta. No entanto, depois de cuidadosa consideração e ponderação decidi usar o ano de 1436[3].

Bem, na verdade, há muitos anos, tive a impressão de que ele nasceu em algum momento entre 1415 e 1420. O ano normalmente aceite é 1419 porque foi o ano considerado por uma enciclopédia muito proeminente[4]. Existiam várias outras informações erradas nessa enciclopédia que teve um efeito devastador sobre a minha pesquisa. Essa informação enganosa levou-me para uma direção errada por muitos anos. Outros historiadores incentivaram-me a aceitar esta informação enganosa e assim eu o fiz, mas sempre com algumas reservas. Algumas coisas simplesmente não faziam sentido para mim quando estava a tentar analisar a vida deste descobridor, António de Noli. De acordo com a enciclopédia, o nome dele foi: "Noli ou da Noli (António de), um navegador genovês nascido em 1419 e morreu em 1466 em Cabo Verde, que passou boa parte de sua vida a serviço dos descobrimentos portugueses. O seu verdadeiro nome era Antoniotto Uso di Mare, sendo, no entanto, mais conhecido como António de Noli. O seu nome vem da cidade de Noli, perto de Génova, de onde era natural. António de Noli pertencia à nobreza de

---

[3] Esta é uma data que tem sido atribuída ao nascimento de Colombo por muitos estudiosos, mas rejeitada pela maioria deles, então eu decidi aplicar esta data para António de Noli como uma experiência e ver exatamente que tipo de perfil se desenvolve. Normalmente as datas que os estudiosos têm vindo a utilizar parece ser mais aplicável a Antoniotto Usodimare. Desde que os três são capitães genoveses, eu tenho uma forte impressão de que as datas tenham sido aplicadas, sem saber, para os navegadores errados.

[4] Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, S/D Lisboa. P. 836.

Génova. (...). O Infante D. Henrique autorizou António de Noli a explorar ao longo da costa Africana (...) No Senegal, conheceu o seu compatriota Cadamosto e eles viajaram juntos (...) no rio Gâmbia, eles entraram num combate com negros em que um filho de António de Noli se distinguiu. Esta viagem ocorreu em 1456". (Nota: Segundo esta referência na página 836. Parece que deve ser um erro óbvio relativamente à data de 1456. Todos os factos relevantes indicam que deve ser 1455. Veja anexo 37).

Com base nessas informações, acreditei que ele deveria ter nascido por volta dessa época (1419) porque isto parecia fazer sentido, uma vez que já havia aceitado o facto de que ele morreu em 1496 ou 1497, possivelmente com base em um decreto real de 08 Abril de 1497[5]. Assim, usando esta informação, considerei que deveria ter uns 77 ou 78 quando morreu. Essa avaliação foi lógica, porque considerando que ele teria tido um filho em combate, com ele, em 1456 (?) no Senegal, o mesmo teria cerca de 37 anos de idade na época, podendo ter sido pai em idade jovem.

Infelizmente, eu nunca encontrei uma certidão de nascimento ou o lugar de nascimento para o provar. Um escritor diz que ele nasceu em Voltri, o que é uma teoria interessante, porém não oferece nenhuma evidência para apoiar a sua sugestão[6]. Simplesmente diz: "Nasce um Voltri da una

---

[5] Este é o édito real (08 de Abril de 1497) que transfere a sua concessão de terras (capitania) e posição do governador de Cabo Verde para a filha sob a condição de que ela se casasse com um nobre para ser selecionado pelo Rei devido à morte de seu pai. Nenhuma data é dada por sua morte. Ref. ANTT: Chanc. D. Manuel L. 10 fl. 62.D. 1 Livro das Ilhas, fl. 669v (publicado em Silvas Marques, vol. II pp. 477/478).

[6] Generale Calogero Cirneco, "Navigatori Minori Italiani." p. 15. Web. 12 May 2014.

famiglia Patrizia di Noli” (Ele nasceu em Voltri de uma família nobre de Noli). Após algum tempo de estudo descobri finalmente, que o artigo da enciclopédia se referia a Antoniotto Uso di Mare, que era uma pessoa diferente e que muitos historiadores confundiram com António de Noli (inclusive eu). Antoniotto, acredita-se que morreu em 1462[7] e tem várias cartas escritas, de próprio punho, cujos originais estão como prova em Génova[8]. A carta integral que foi escrita em 12 de Dezembro de 1455, foi publicada pela primeira vez em 1802 e foi feita a partir de um livro de manuscritos do Arquivo Público de Génova o qual atualmente se encontra na Biblioteca Universitária de Génova. Aqui, o manuscrito é conhecido como “Itinerario de Antoniotto Usodimare (Itinerarium Antonij Ususmaris Civis Januensis)”[9]. Antoniotto também era de uma família nobre e de Génova e existem muitas informações para apoiar e confirmar os seus laços familiares naquela cidade. Finalmente, li a sua carta de 1456 (mencionada anteriormente), na qual fala sobre estar no Senegal nos anos de 1450 e de entrar em combate com guerreiros indígenas. Foi neste momento que me apercebi desse erro por não ter encontrado este documento comprovativo que mostra António de Noli a entrar em combate nos anos de 1450 no Senegal. Assim ficou claro para mim que ele era um homem muito mais jovem quando descobriu Cabo Verde em 1460 (existem outras razões, as quais explicarei mais tarde, que me convencem de que o seu ano de nascimento deve ser estimado em torno do ano de 1436,

---

[7] M. Rosario. Op. Cit. P.147 “(…) Antoniotto Usodimare já era falecido em 13 de Setembro de 1462, como se afirma no testimento da sua irmã Limbania (…)”.

[8] Morais do Rosario, “Genoveses na Historia de Portugal” Lisboa 1977. P.146.

[9] Ibidem. P.146.

existindo agora razões para acreditar que ele viveu até por volta dos 70 anos de idade)[10].

Há uma outra fonte de informação que sugere que António de Noli nasceu em 1419, com o esclarecimento de que "António foi supostamente nascido em 1419 e (realmente) não sabemos os detalhes da sua juventude."[11] A fonte desta informação também usa 1491, num outro artigo, como o seu ano de falecimento sem qualquer informação explicativa[12]. Assim, entenda o leitor que não é difícil imaginar as dificuldades enfrentadas ao fazer a pesquisa e por isso se requer muita dedicação e ponderação ao fazer considerações racionais.

Nos meus estudos tenho notado a existência de vários navegadores importantes da história, sobre os quais não existe qualquer informação documentada para apoiar os seus primeiros anos de vida. No entanto, para a maioria destes marinheiros, existem informações suficientes para determinar a sua nacionalidade, a sua história familiar e ainda algumas informações sobre a sua formação educacional ou relações com a estrutura social da época. Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama são dois dos mais famosos deste grupo, mas há outros.

---

[10] Mais detalhes sobre este parecer será dado na "Conclusão" do livro.

[11] Ao contrário de Colombo que tem uma mãe e um pai listado como pais com nomes dos irmãos e irmãs e primos que moravam em cidades diferentes como tecelões de lã, na província de Gênova, António de Noli só tem um irmão listado como Agostino de Noli em Gênova que é mencionada em um documento em 1438 como um cartógrafo que seria responsável por ensinar o seu irmão (sem nome ou a idade do irmão é dado aqui) a arte da cartografia, a fim de beneficiar de uma preferência de imposto de 10 anos. Muitas pessoas têm a opinião de que Agostino deve ser o irmão de António.

[12] «Resto del Mondo» Emanuele Diotto, "Antonio da Noli e la scoperta delle isole del Capo Verde." Web. 9 Jun. 2014.

Muito pouco se sabe sobre eles antes de terem realizado as suas famosas viagens, mas todos concordam acerca da sua nacionalidade e os detalhes das suas conquistas. Na minha pesquisa, descobri que existem dois navegadores que confundem os historiadores devido ao seu passado obscuro. Esses dois navegadores são António de Noli e Cristóvão Colombo, respetivamente. Geralmente, parece que, apesar da importância das suas conquistas, há muito pouca documentação escrita disponível para confirmá-las. No caso de Colombo, por exemplo, a maioria dos historiadores têm contando com as obras de Frei Bartolomeu de las Casas ou Fernando Colon e outros escritores de Portugal e Espanha que o conheceram pessoalmente[13]. Normalmente os seus documentos têm sido usados para citar muitos acontecimentos históricos, embora existam muitas contradições nestes escritos. Há vários problemas, bem conhecidos dos historiadores, que são extremamente difíceis de superar. Um exemplo é observado nas obras de Las Casas que realmente navegou com Colombo ao Novo Mundo, em sua terceira viagem, quando ele era jovem. No entanto não escreveu sobre as mesmas antes de terem passado muitos anos após a morte de Colombo e de acordo com Francisco de Freitas Branco, Las Casas concluía "A História das Índias" (Historia de las Indias) em 1559, a qual começou em 1552[14]. Há relatos contraditórios sobre a idade de Las Casas, alguns escritores dizem que ele nasceu em 1474, enquanto outros dizem que foi em 1484 ou 1485, porém todos concordam que ele morreu em 1566.

---

[13] Asensio, Jose Maria. "Cristóbal Colón: Su vida, sus viajes, sus descubrimientos" 1891. vol. I pp. 52/53.

[14] Branco, Francisco de Freitas. "Christavão Colombo em Portugal, na Madeira, no Porto Santo" Ibero-Amerikanisches Archiv N. F. Jg 12 H. 1 1986.

Muitos críticos têm afirmado que vários dos escritos de Las Casas foram retirados diretamente das obras de Fernando, que escreveu as "Histórias" de seu pai, o Almirante. Sabemos que este trabalho foi concluído antes de 1539, porque foi o ano em que Fernando morreu[15]. De qualquer modo os seus escritos não foram publicados durante a sua vida e não seriam publicados até anos mais tarde, quando em Veneza se publicou em italiano por Alfonso Ulloa, um espanhol que exercia de tradutor profissional[16] em Veneza. Nesta publicação, Fernando é conhecido como Fernando Colombo, em vez do seu nome real de Colon, algo que os historiadores reconhecem como sendo uma tradução enganadora, porque a maioria dos historiadores concorda que Fernando Colon nunca iria escrever o seu nome como Colombo. Assim, parece que o objetivo da tradução em italiano era dar a impressão de que Columbus (Colon) era italiano. Daqui podemos imaginar os problemas que enfrentam os historiadores, sérios, na tentativa de fazer uma pesquisa sustentada sobre Colombo. Primeiro de tudo, há uma forte dependência das obras de Fernando e Las Casas, porque ambos conheciam pessoalmente o almirante e viajaram com ele. É realmente lamentável para os historiadores, que os escritos originais de Fernando se perdessem na academia, porque, então, os historiadores teriam muito mais certezas para determinar detalhes da vida de Colombo. Na atualidade, muitas pessoas têm razões para acreditar que as obras originais foram alteradas depois da sua tradução, de forma a refletir uma tendência pró italiana. Parece que a única esperança de encontrar uma tradução mais fidedigna da obra de Fernando é estudar com rigor as obras de Las Casas para retirar algumas

---

[15] Ferdinand Columbus – Wikipedia 18 May 2014.

[16] "The biography of Fernando Colon" Keith A. Pickering. Web. 20 May 2014.

pistas importantes. Desde que Las Casas completou os seus escritos, antes da tradução italiana ter sido publicada[17], provavelmente terá tido acesso aos escritos originais de Fernando, especialmente porque como já foi mencionado, muitos dos seus escritos parecem ser retirados diretamente do Fernando. Lembremo-nos que ele também era um amigo da família Colombo. Neste caso, os escritos de Las Casas poderiam revelar-se muito importantes, todavia sob cuidadosa atenção, pois não devemos esquecer o facto de ela já ser um homem de idade avançada quando terminou este trabalho. Os acontecimentos já tinham ocorrido há muito tempo e isso poderia ter afetado a sua precisão na descrição dos factos. De acordo com alguns autores, ele começou este importante trabalho a "História das Índias" em 1526 ou 1527 (pelo menos 20 anos após a morte de Colombo). Mais tarde, em 1552, ele criou uma compilação todos os seus trabalhos (Fernando já estava morto havia pelo menos 13 anos), mas mesmo essa obra não foi concluída até muito tempo depois de Fernando ter morrido. Obviamente parece haver alguma confusão quanto ao momento em que Las Casas verdadeiramente começou o seu trabalho sobre Colombo. De acordo com Rebecca Katz, em um artigo, "Cristóvão Colombo na Madeira" 30 de Março de 2009 - Arquivo Histórico da Madeira. Web 13 de Junho, 2013, ela escreve: "(...) a Historia das Índias foi começada a escrever em 1552, quando o seu autor já tinha 78 anos e concluída em 1561 ou 1562, cinco anos antes da sua morte". Muito provavelmente, ele foi guardando notas ao longo dos anos e num dado momento considerou a importância de organizar toda essa informação e realizar a uma publicação final. Apesar de toda a confusão, parece seguro dizer que o trabalho foi formalizado muitos anos depois de Colombo ter morrido.

---

[17] Alfonso de Ulloa traduziu o texto em italiano em 1571.

É fácil apercebermo-nos dos problemas existentes ao estudar a vida de Colombo, uma vez que existe pouca informação fiável que permita descrever as suas explorações com detalhe. Grande parte das informações existentes, chegou até nós por documentos que foram traduzidos e copiados ao longo do tempo, os quais, agora, ninguém parece saber onde estão localizados os originais, ou se, de facto eles ainda existem. No caso de Colombo, este problema é uma tragédia histórica, uma vez que se torna um dilema para os historiadores avaliar de forma precisa a maioria dos detalhes da sua vida. Isto torna quase impossível compreender e conhecer com certeza uma das fases mais importantes da história moderna. Repetidas vezes somos informados de que determinada informação não é confiável pois não é geralmente aceite pelos peritos. Esse problema existia há 500 anos, existe hoje e considero que não o vamos ultrapassar tão brevemente.

Colombo é um problema e ao longo deste livro, vou tentar esclarecer pontos importantes que muitas vezes são esquecidos, pois muitos escritores vão apenas copiar algo que já foi escrito e aceitá-lo, sem realizar uma investigação mais detalhada. Alguns desses escritores tornaram-se especialistas em Colombo e são considerados fontes muito confiáveis. Um desses escritores é Samuel Elliot Morison, que apesar de suas obras notáveis, já cometeu muitos erros nos seus escritos sobre Colombo. O seu maior erro (na minha opinião) é a sua crença inabalável de que Colombo era um tecelão de lã genovês, de uma família chamada Colombo, o que simplesmente não é verdade. Infelizmente estes erros têm uma forte influência sobre muitos estudiosos, levando-os a desviar as suas pesquisas por causa dessas deduções incorretas.

António de Noli é outro problema para os historiadores que estão a tentar descrever as suas explorações e a sua biografia. Assim como Colombo, a sua vida está repleta de grandes

façanhas e um passado extremamente confuso, pois ninguém consegue encontrar um relato verdadeiro dos seus primeiros anos. Com base nos factos existentes, estes dois famosos navegadores não têm qualquer registo histórico antes de atingirem os meados dos seus 20 anos. Acredito que temos a sorte de que alguns escritores têm encontrado informações substanciais sobre a história de António de Noli, mas há, sem dúvida, muitas lacunas que precisam de ser reconstruídas, devido à falta de documentos originais para autenticar o seu passado[18]. Quando é que António de Noli apareceu nos nossos livros de história? Por incrível que pareça, na maioria dos livros de história, ele nunca aparece, principalmente, se estivermos a falar de textos escolares. Eu próprio posso atestar este facto pois nunca me deparei com o seu nome nos meus livros de escola, na década de 50, durante a minha adolescência. Embora eu tenha lido muito sobre Colombo, 60 anos depois, estou a aprender que muito do que li sobre este navegador foi meramente inventado por escritores criativos. Infelizmente isso é outra história. Agora vou voltar a Antonio. Há algumas informações escritas sobre ele e as mesmas encontram-se em Itália, EUA, França e Portugal. Estes livros podem ser encontrados em algumas livrarias ou bibliotecas específicas. Não espere encontrar muito sobre ele numa biblioteca ou universidade local, porque a única informação que normalmente está disponível, provavelmente, será em uma enciclopédia com um ou dois parágrafos, no máximo. Uma busca na internet vai devolver algumas referências com

[18] Vários escritores têm reconhecido a necessidade de estudar António de Noli com maior detalhe e eles geralmente enfrentam os mesmos problemas, isto é, tentando encontrar documentação original. Alguns escritores são: Professor Trevor Hall of Jamaica, Charles Verlinden, Leo Magnino, Giovanni Delcalzo da Itália, Professor Marcello de Noli da Suécia e Morais do Rosário.

informações sobre ele, mas é pouco provável encontrar livros unicamente relacionados com ele. No entanto, vou deixar algumas recomendações de leituras, nos anexos, no final deste livro. Esta informação será baseada na minha experiência pessoal, depois de muitos anos de pesquisa sobre ele. Versões em inglês dos livros António de Noli estão certamente disponíveis, mas com muitas limitações.

De um modo geral, parece que António de Noli começa a sua atividade como navegador em Portugal no século XV, após a sua saída da Itália e, em seguida, faz uma aparente curta paragem em Espanha. Os detalhes sobre a sua chegada a Portugal são um pouco turvos devido à falta de documentação autêntica. Normalmente, as informações disponíveis levam a crer que ele partiu de Itália em 1460, ou um pouco mais cedo, e foi para Espanha numa visita curta, antes de continuar para Portugal. Provavelmente parou em Sevilha, onde se teria reunido com a comunidade genovesa e, talvez, recebesse informações sobre as possibilidades de os seus serviços serem aceites em Portugal. Alguns escritores sugerem que ele realmente deixou a Itália muitos anos antes de 1460, mas esta parece ser uma ilusão criada pela confusão com Antoniotto Uso di mare que navegou por Portugal ao longo da costa oeste de África, em meados dos anos 1450. O nome Usodimare aparece com frequência na comunidade genovesa em Sevilha, por tal é possível que Antoniotto Usodimare possa ter estado envolvido em alguns negócios em Sevilha ou Portugal, no final dos anos 1440 ou início dos anos 1450.

Eu acredito que esta época seja de grande interesse para explicar alguns detalhes do “modus operandi” da classe comerciante genovesa. Será importante recordar este facto à medida que avançamos. No início do século XIV. Os genoveses terão estabelecido “casas”, geridas por famílias nobres genovesas (isso poderia incluir a família Noli) em

locais-chave por toda a Europa[19], bem como em cidades do norte da África, Europa do Norte e cidades ao leste, junto à Ásia. Cidades como Barcelona, Lisboa e Sevilha estavam naturalmente incluídas nestes locais. Assim, utilizando esta rede com base em laços de sangue da família nobre genovesa, seria relativamente fácil mover-se em círculos sociais superiores durante este período. Neste momento, não há qualquer evidência de que António de Noli usasse este sistema, mas a sua rápida passagem por Sevilha leva a crer que tal pudesse ter acontecido, pois em 1460, estes movimentos de interesses já existiam há mais de 100 anos.[20]

Em Portugal, ele ofereceu os seus serviços ao Infante D. Henrique, o Navegador, os quais foram aceites, tendo sido autorizado a navegar ao serviço de Portugal. É extremamente importante notar que, embora o Príncipe Henrique necessitasse de navegadores para viajar ao longo da costa de África, não nos esqueçamos que ele estava à procura de uma rota marítima para a Índia, o que foi mantido em sigilo. Assim, qualquer que estivesse autorizado para navegar nestas águas tinha que ser de confiança devido ao sigilo da missão. Felizmente, capitães genoveses eram tidos em alta consideração pela Coroa Portuguesa. Os genoveses tinham criado um bom relacionamento com Portugal desde os dias de Manuel Pessagno, na primeira parte do século XIV. Ele era um nobre genovês que foi recrutado por emissários portugueses e que assinou um contrato com D. Dinis, rei de Portugal, no primeiro dia do mês de Fevereiro do ano 1317. A sua missão era substituir o almirante Português que tinha morrido

---

[19] Alguns dos nomes típicos que são encontrados nessas “casas”, são Spinola, Grimaldi, Usodimare, Centurione, Adorno e Fregose. Todos esses nomes estão ligados a famílias nobres bem conhecidos no norte da Itália.

[20] one-heaven.org/canons/sovereign_law/ paragraph. IV Web. 5 June 2014.

recentemente e fundar uma armada, com treino de pessoal, tendo por base a sua experiência e os seus conhecimentos de navegação. O rei queria construir uma marinha para proteger o comércio internacional de Portugal, e Génova era considerada por ter os melhores especialistas em navegação na Europa naquela época. A comunidade genovesa ganhou um alto grau de respeito e confiança em Portugal e foram, regra geral, tratados como cidadãos portugueses. [21][22]

O contrato de Pessagno, permitiu-lhe recrutar 20 capitães competentes de Génova para ajudar a construir a Marinha Portuguesa e proteger o comércio internacional de Portugal. Esta cláusula especial que permitiu tal serviço no contrato original, esteve suspensa durante o reinado do Rei D. João I, e D. Afonso V assinou uma sentença em 1450 declarando que os Pessagnas não eram mais obrigados, por contrato, a manter 20 capitães competentes, genoveses, ao serviço de Portugal.

Segundo o autor Morais do Rosário em seu livro "Genoveses na História de Portugal", p. 20, "Uma das obrigações do Almirante (Pessagno) era ter sempre ao seu serviço, 20 genoveses "especialistas do mar". Esta exigência foi cumprida por Manuel Pezagno e seus descendentes, até que os portugueses se tornaram mais experientes na navegação do que os próprios genoveses, o que sucede no reinado de D. João I como foi afirmado pelo Rei D. Afonso V, numa sentença proferida em 1450 no qual ele declara que os Pessasnhas já não eram obrigados por contrato a manter os 20 genoveses ao seu

---

[21] M. Rosario. Op. Cit. p. 20 "(…) Italianos de uma maneira geral e Genoveses em especial ficaram de uma nítida simpatia por parte dos Portugueses e vamos encontrá-los mais tarde a colaborar na expansão marítima portuguesa, em condições e com tratamento semelhantes aos dos nacionais".

[22] Ibid.p.123. "Os Genoveses foram tratados como Portugueses."

serviço, o que acontecia desde o tempo do avô de Afonso V". Alguns autores acreditam que o Rei D. João I tinha demitido esses 20 capitães genoveses porque eles transmitiam segredos de Estado quando deixavam Portugal. Génova recebia o dinheiro das expedições que eram feitas e financiadas por Portugal. Um exemplo flagrante de um segredo de Estado Português, foi o revelado no famoso mapa Portolan feita por Angelino Dulcert em 1339, das Ilhas Canárias (ele é considerado por muitos como sendo de uma pequena cidade perto de Génova e mais tarde emigrou para Maiorca). Este mapa é notável ao dar a primeira representação moderna da ilha de Lanzarote (Ilhas Canárias) como Insula de Lanzarotus Maolocelus **(uma referência ao navegador genovês Lancelotto Malocello que se acredita ter descoberto a ilha, estando ao serviço de Portugal, em 1336)** e desenha um escudo genovês para identificar a ilha (um costume que seria mantido para futuros cartógrafos).[23][24] No entanto, a tradição de respeitar capitães genoveses ainda se manteve em destaque na expansão marítima de Portugal durante a segunda metade do século XV.

Alguns autores afirmam que de Noli deixou a Itália em 1449. [25][26] Eu suspeito que, neste caso, foi provavelmente confundido com Usodimare. Mais uma vez, como Colombo,

---

[23] http://en.wikipedia.org/wiki/Lanzarote Web. 29 Jan 2015.

[24] http://en.wikipedia.org/wiki/Angelino_Dulcert Web. 29 Jan 2015.

[25] "Da Noli a Capo Verde" p. 10.

[26] http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=noli-antonio (In this article it is written; "Noli, Antonio [ca. 1419-ca. 1496] (…) **Fue conocido también como Antoniello Uso di Mare" – (Ele foi conhecido também como Antoniello Uso di Mare).**Web. 20 Oct 2014.

sabe-se que chega a Portugal, mas ninguém parece saber com certeza a data exata da sua chegada ou quando partiu de Itália.

Muitas vezes, tenho a impressão de que há uma grande confusão entre António de Noli e Antoniotto Uso di Mare, como já mencionei anteriormente. Esta confusão cria problemas graves. Na enciclopédia que mencionei anteriormente, o autor do artigo, descreve a descoberta de Cabo Verde e, em seguida, diz ao leitor que António de Noli escreveu um relatório sobre a sua (descoberta) expedição, o qual foi publicado pela Groberg de Hemsoe em, “Annali di Geografia e di statisca”. Nenhuma data ou número de página é dado para esta referência, o que considero um indício de que o autor provavelmente nunca leu o relatório. Finalmente, depois de fazer um enorme esforço em busca de material de referência, descobri a existência de uma carta que descrevia a expedição, assinada e datada de 12 de Dezembro de 1455, mas que não tinha absolutamente nada a ver com a descoberta de Cabo Verde nem com António de Noli[27]. A carta estava num fac-símile preparado para publicação no livro atribuído a Antonius Ususmaris, que é outro nome dado a Antoniotto Uso di Mari. A carta original está referenciada como existente no arquivo da Biblioteca Universitária de Genova (Op. Cit.). Embora se possa ficar frustrado ao perseguir esta informação, pois sendo um documento muito importante, ele ajuda a esclarecer a confusão entre os dois navegadores. Nos seus escritos, Antoniotto afirma que foi o primeiro cristão a encontrar o rio Gâmbia, o que, naturalmente, é uma conquista importante. Ele descreve como os seus homens lutaram contra as tribos indígenas hostis na região do Senegal, relatando ainda outras informações importantes.

---

[27] Esta carta foi mencionada anteriormente; ver notas 8 e 9.

Também é relevante saber que a carta foi assinada a 12 Dezembro de 1455, na qual descrevia as suas explorações que tiveram lugar em África, em 1455[28]. A carta foi escrita em Lisboa cerca de 10 dias antes de partir para a sua segunda expedição a África e nela descrevia as suas façanhas aos seus credores que procuravam reaver os seus empréstimos. Esta informação ajuda a explicar a razão pela qual muitos escritores atribuem a Cadamosto (que viajava com Usodimare nesta expedição) e Usodimare a descoberta de Cabo Verde nos anos de 1455 ou 1456, apesar do referido arquipélago nunca ser mencionado nos diversos registos portugueses anteriores a 1460[29]. Esta carta foi encontrada no Arquivo Público do Génova em 1802[30] e não menciona que Cadamosto tenha estado na região do rio Gâmbia e Senegal, em 1455[31], ao serviço do Infante D. Henrique. Esta é uma observação importante, porque Cadamosto reconhece que Uso di mare viajava com ele. Importante também é saber que Cadamosto reclamou o descobrimento de Cabo Verde, informação que só foi publicada em 1507, na Itália, morando ele em Portugal até

---

[28] "Genoveses na História de Portugal" Morais do Rosário, 1977.p. 144 Nesta carta, ele descreve suas viagens para a Guiné e rio Gâmbia, sabendo que o ouro e a Malagueta (pimenta) eram lá encontrados. Ele também descreve como os seus homens foram atacados por pescadores locais, com arcos envenenados, tendo que fugir da área.

[29] Ibid. p.165.

[30] Ibid. p.143.

[31] Ibid. pp.144-146. Toda a carta é publicada aqui e Cadamosto nunca é mencionado. No entanto, a carta corresponde aos detalhes da informação escrita por Cadamosto e suporta a versão de Cadamosto que os navegadores navegaram pelo rio Gâmbia na mesma expedição. Na página 140 desta mesma referência, Cadamossto descreve como ele conheceu Usodimare durante sua (primeira) expedição à África, "(...) e tendo sabido que um dos ditos dois navios era de Antonio Uso di Mar, Genoves".

1463[32]. António de Noli colonizou as ilhas em 1462, por isso é natural, para concluir, que Cadamosto tivesse que estar ciente da descoberta por parte do capitão de mar genovês. Muitos historiadores têm atacado as pretensões de ele ser o descobridor das ilhas, considerando-as simplesmente falsas, alegações sem qualquer elemento de prova, porque a descoberta oficial foi documentada com a data de 1460 por António de Noli[33].

Devido aos muitos problemas que os historiadores encontraram com os nomes de António de Noli e Antoniotto Usodimare, ao longo da história, acredito que é necessário clarificar a distinção entre os dois capitães genoveses. É importante fazer a distinção entre estes dois homens para se perceber como a mesma se criou e como ainda hoje permanece. Em primeiro lugar, o nome António é um nome comum nas línguas latinas, como o Português, Espanhol e Italiano. No entanto, quando o nome é escrito por estrangeiros, especialmente em tempos medievais, o mesmo termina com grafias diferentes e há muitos exemplos deste problema ao longo da história. Um dos mais famosos exemplos deste género é o nome de António de Noli, tal como preconizado no famoso "Mapa de Colombo", que se acredita ter sido feito no ano de 1492, por o próprio. É também conhecido como "Mapamundi". Neste mapa especial está escrito ao lado das Ilhas de Cabo Verde, a seguinte inscrição em latim:

"Hec insule vocantur itálico sermone cavo verde, latine vero promontorium viride, que invente sunt quodan genuense cuius

[32] «1911 Encyclopedia Britannica/Cadamosto, Alvise » – Wikisource. Web 30 Jan. 2014.

[33] ANTT Chanc. D. Afonso V. L. 1, fl.61, Misticos, L.2,fl.152-152v. (Published in Alguns documentos do ANTT, pp. 31- 32).

nomen erat Anthonius de Noli[34], a quo ispse insule denominate sunt et nomen adhuc retinent inventoris".

Acredita-se que esta inscrição possa ter sido escrita no mapa por Colombo e mostra claramente que é genovês. Anthonius de Noli seria o descobridor das Ilhas de Cabo Verde. Esta afirmação é corroborada pelos Arquivos Nacionais do Torre do Tombo, em Lisboa[35].

O nome de António de Noli foi escrito com muitas grafias diferentes e aqui vou apenas listar algumas delas: Antonio de Nolle, Anton da Nola, Antonio da Noli, Anton da Noli, Antonius de Noli e António de Noli.

O mesmo problema surge para o nome de Antoniotto Usodimare, por exemplo, Antonius Ususmaris, Antonij Usomaris, Antonius Usus Maris, Antoniotto Zenovese, Antoniotto Uso da Mar, Antoniotto Usodamare, etc.

A confusão dos nomes ocorre quando se acredita que o nome de António de Noli é como a sua alcunha que identifica a sua origem. Assim ele era considerado da cidade de Noli, perto de Génova[36]. Com base neste raciocínio encontraremos escritores que acreditam que Usodimare, deveria ser o seu verdadeiro apelido e o apelido de Noli é visto como a sua alcunha. Também seria possível que o seu apelido fosse de Noli e neste caso o sobrenome Usodimare torna-se como a sua alcunha pretendendo simbolizar a sua vocação como marinheiro.

---

[34] Esta é a versão latinizada do nome de Antonio de Noli.

[35] Carta Real de 8 de Abril de 1497. Op Cit. E Carta Real de 19 de Setembro de 1492. Op. Cit.

[36] M. Rosario. Op. Cit. P.140.

Com base nesta explicação simples, compreendemos o que leva alguns escritores importantes a ver os dois navegadores como sendo a mesma pessoa. Muitas publicações impressas no século XX irão atestar esta confusão. Uma das publicações mais famosas é a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol XVIII, Lisboa, sem data (mas acredita-se que é década de 1940) pág.836. Portugal não é o único país que comete este erro, o mesmo surge publicado noutro dicionário biográfico de genoveses ilustres, publicado em 1932; NOLI ANTONIO - V. Usodimare.[37]

Esses erros foram feitos na primeira metade do século XX, mas ainda se mantêm no século XXI. As versões mais recentes que vi, foram publicadas em 2000, no livro, "Little Known" (Pouco Conhecido), de Américo C. Araujo, no qual ele afirma na página 17 "(...) a Genovese António de Noli, também conhecido pelo seu alcunho Antoniotto Usodimare ou António o urso do mar (...)"[38]. Também num livro de autoria de Francisco Manuel de Melo Ficalho, publicado em 2013, "Memórias Sobre a Influencia dos Descobrimentos Portugueses no conhecimento das Plantas I - Memória Sobre a Malagueta" na página 12 está escrito: "Antonio do Nolle ou Antonio Uso di Mare".

Eu próprio devo confessar ter cometido esse erro. Este problema ocorre quando estamos muito dependentes de fontes confiáveis, sem verificar as informações. Naturalmente, é fácil cometer estes erros pois a maioria de nós nunca teve acesso a informação detalhada, documentos, sobre qualquer António de

---

[37] "Dizionario biografico di genovesi illustri e notabili, Genova," Antonio Cappellini, 1932. P.101.

[38] "Little Known" Americo C. Araujo. DAC Publishers, Taunton, MA. 2000.

Noli ou Antoniotto Usodimare. A única informação disponível era a que se podia procurar em enciclopédias (se houvesse alguma) e mesmo assim era pouco provável encontrar mais do que um curto parágrafo ou dois. Pelo menos, esta foi a minha experiência na América.

Em Portugal, não foi muito diferente do que se viveu na América, só que desde a Independência de Cabo Verde em 1975, os dois países (Cabo Verde e Portugal) têm cooperado na tentativa de reunir a história comum, colocando António de Noli no centro de vários estudos. Em breve existirá um maior interesse por parte da Itália nos seus famosos navegadores genoveses, quer sejam eles de Noli, Colombo, Usodimare ou Cadamosto. Tenho boas razões para acreditar que uma revisão desse momento histórico estará para breve e será realizada tanto por historiadores como educadores, em Itália e Cabo Verde. Tal revisão é inevitável pois novas informações são descobertas regularmente na Europa, América e até mesmo no Caribe e América do Sul. Professores e educadores têm aumentado a sua fome de conhecer a verdade deste período de descobertas, o qual está obrigatoriamente centrado nas viagens dos navegadores que acabamos de mencionar.

Grande parte da revisão da história dependerá da capacidade dos historiadores partilharem e cooperarem na busca da verdade. Isto é mais fácil dizer do que fazer, porque muitas pessoas querem ficar com suas avaliações históricas, sem se preocuparem em discutir ou partilhar ideias com outros que trabalham em processos relacionados. Assim, embora possamos esperar uma revisão da história num futuro próximo, poderemos levar alguns anos até confirmar as descobertas dos pesquisadores, a menos que, eles encontrem a “resposta final” que todos estão dispostos a aceitar. Quando isso acontecer, então, os livros antigos de história acabarão por ficar nas prateleiras dos museus como exemplos de erros que foram

cometidos e como esses erros tiveram um efeito devastador sobre o nosso conhecimento da história e da cultura durante o período moderno, especialmente durante os últimos 550 anos da descoberta de Cabo Verde.

Algumas pessoas perguntam por que é que alguns historiadores importantes podem estar relutantes em aceitar a verdade quando grande parte da informação deveria ser óbvia. Infelizmente, muitos monumentos foram construídos, atraem turistas em certos países e foram baseados nos escritos de historiadores para justificar a sua importância nas suas comunidades, países. Em Portugal, por exemplo, há uma estátua de Colombo, na cidade de Cuba, onde ele é retratado como sendo de nacionalidade Portuguesa e nascido nesse local. Há ainda uma outra estátua sua na Ilha da Madeira (veja o anexo 9)[39]. Claro que também temos as estátuas de Colombo em Génova com base em sua nacionalidade genovesa, segundo a qual, os genoveses acreditam que ele era nativo da sua cidade. Há muitos problemas envolvidos nesta revisão da história; Colombo não pode ser de qualquer lugar para que alguém lhe possa construir uma estátua e considera-lo "seu". Claro que, como todos sabemos, a história das descobertas dos séculos XV e XVI é ensinada em todo o mundo, por isso podemos imaginar os custos astronómicos de reescrever os livros de história que se relacionam com o início da civilização ocidental e Colombo. Deste modo é natural que muitos educadores prefiram manter o *status quo*, se possível, e deixar para a próxima geração a solução deste problema.

O meu objetivo neste capítulo foi mostrar que António de Noli não era Antoniotto Usodimare e que ambos os

[39] Estátua de Colombo está localizada no parque de St ª Catarina, na cidade de Funchal em frente à capela que leva o mesmo nome e foi construído em 1968, e tem vista para a Ilha de Porto Santo.

navegadores foram importantes para os descobrimentos portugueses. No entanto, infelizmente, certos escritores fizeram com que os dois homens aparecessem como a mesma pessoa na história [40][41]. Essa confusão terá criado sérios problemas para os futuros historiadores. Sendo este livro, realmente, sobre de Noli e Colombo, vou tentar focalizar-me nesses navegadores.

---

[40] "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira" 1945 p. 836 (Nesta Enciclopédia a entrada é: "**Noli** ou **Da Nola (Antonio de)** (...) o seu verdadeiro nomo era Antoniotto Uso di Mare". Também, a "Enciclopédia Italiana" p. 891 (Nesta Enciclopédia a entrada é: "**Noli**, Antonio da (Antoniotto Usodimare)".

[41] "Antonio da Noli" Delcalzo, Giovanni s / p 1943 "(...) Alessandro di Humboldt di Santarm and Eyries envolvidos num trabalho de investigação importante para provar que Antoniotto Usodimare e Antonio de Noli são a mesma pessoa (...)". Paolosmeraldi.com: "Antonio da Noli" di G. Descalzo - Indice. Web. 6 Jun 2014.

CAPÍTULO 2

As viagens de António de Noli

Este é um capítulo inusitado, porque me vou referir às viagens de António de Noli. O problema é que realmente não sabemos muito sobre ele ou suas viagens, exceto que ele é considerado o "descobridor oficial" de Cabo Verde, em 1460[42]. Normalmente, quando descrevem viagens marítimas de de Noli, os historiadores escrevem algo do gênero: "acredita-se que ele tinha vindo explorar o Atlântico Sul para o Infante D. Henrique", "ele era um marinheiro muito experiente", "ele introduziu a indústria do açúcar em Cabo Verde"[43], "navegou com seu irmão Bartolomeu e o sobrinho Rafael de Génova a Lisboa, como capitães de seus próprios navios", "ele explorou a costa da Guiné e tinha conhecimento de São Jorge da Mina"- Este último comentário precisa de mais esclarecimentos.

De acordo com Washington Irving (1783-1859), em "The Life and Voyages of Christopher Columbus" (A Vida e viagens de Cristóvão Colombo), tinha sido feita uma afirmação de que Martim Behem (conhecido na história como Martin de Bohemia desde que ele partira de Nuremberga; também fez o famoso globo em 1492[44]) tinha descoberto o mundo ocidental, no decurso de uma viagem com Diego Cam (Diogo Cão) em

---

[42] Royal letter, 8 Apr 1497. Op. Cit.

[43] Birmingham, David. "Comércio e Império no Atlântico, 1400-1600", de 2002. Na página 19, ele escreve: "A família de António de Noli trouxe e plantou açúcar usando trabalhadores escravos do continente Africano".

[44] www.Fullbooks.com/ "The Life and Voyages of Cristopher Columbus", Vol. II by Washington Irving, o Projeto Gutenberg, Capítulo XIII. Parte 6 de 10. Web. 13 Maio de 2014 "Martin Behem feito um globo terrestre em 1492, em Nurenberg, considerado uma obra-prima naqueles dias".

1484, enquanto navegava ao longo da costa Africana, como cosmógrafo de D. João II de Portugal. Esta afirmação foi supostamente fundada numa interpretação errada de uma passagem interpolada na crónica de Hartmann Schedel, um escritor contemporâneo. Esta passagem menciona que, quando os viajantes estavam no Oceano Austral, não muito longe da costa, e passaram a linha (equador) que os colocava num outro hemisfério (isto foi determinado por um arranjo diferente das estrelas, o Pólo Norte desapareceu e uma nova constelação apareceu nos céus com as respetivas sombras do lado errado), eles descobriram um mundo novo, **desconhecido até então, e que por muitos anos não tinha sido procurado, exceto pelos genoveses, e por eles, sem sucesso.**

"Hii duo, bono deorum auspicio, mare meridionale sulcantes, a littore non longe evagantes, superato circulo equinoctiali, in alterum orbem excepti stint. Ubi ipsis stantibus orientem versus, umbra ad meridiem et dextram projiciebatur. Aperuere igitur sua industria, alium orbem hactenus nobis incognitum et multis annis, a nullis quam Januensibus, licet frustra temptatum".[45]

O autor diz-nos que os genoveses, em alusão a este relato, foram Antonio de Nolle com seu irmão Bartelomeu e o sobrinho Raphael.[46] É muito interessante que o genovês (a família Noli) foi considerado "sem sucesso" nesta aventura. Há muitos mistérios a respeito do clã Noli e ninguém parece saber exatamente o que eles exploraram ou o que eles descobriram além das ilhas de Cabo Verde. No entanto, podemos ter certeza de que eles devem ter feito algo muito importante para merecer o tratamento especial que receberam de Portugal e Espanha.

---

[45] W. Irving. Op. Cit. Ch. XIII.

[46] Ibid.

Alguns escritores apresentam a hipótese de ele ter descoberto a América do Sul. Leo Magnino, um historiador italiano, diz: “ele (António de Noli) também deveria ser mais conhecido na Costa da Ligúria, sua terra natal onde sempre pertenceu”. Magnino dá-nos um argumento hipotético, feito pelo autor Português, Gaspar Ribeira Villas, em que teoriza que António de Noli pode ter partido de Cabo Verde para a costa do Brasil, quer por sua própria iniciativa ou como uma sugestão do Infante D. Enrique, justificando assim, todos os benefícios notáveis que lhe concedeu, ao mesmo tempo que lhe permitiu continuar com suas expedições e explorações.[47] Acredito que Villas quis dizer, o infante D. Fernando, que morreu em 18 de setembro de 1470 e não D. Henrique que morreu em 13 de novembro de 1460, dois anos antes de Noli ter povoado as ilhas (Nota: esta observação foi-me referida pelo historiador e autor notável Manuel Rosa).

Na verdade, não sabemos quase nada sobre ele como navegador, mas por diversas razões acreditamos que ele foi um excelente navegador. Em primeiro lugar, o facto de ele ter descoberto o arquipélago de Cabo Verde, como citado anteriormente, em 1460, mostra claramente que era um navegador importante para Portugal. Obviamente tinha que ser um bom navegador e deveria ter tido excelentes credenciais, caso contrário, o Príncipe D. Henrique não o teria contratado para navegar ao serviço de Portugal. O príncipe era astuto, com talento para a navegação, porque foi conhecido como o pai do período das descobertas e os seus navegadores foram muito eficazes e determinados a alcançar os objetivos estabelecidos nos seus contratos. Um escritor, (Prof. Hall) diz que o Infante D. Henrique contrata de Noli, porque o príncipe queria entregar

---

[47] Ref. Balla. “Antonio’s Island”.p.22 Braiswick, 2003.

cavalos para os aliados de Portugal na África Ocidental (atual Senegal).

Há poucos registos conhecidos para mostrar que de Noli fez comércio na costa da África e como o Professor Hall nos diz: "No início, as suas atividades comerciais foram consideradas legais (de acordo com o contrato), mas, eventualmente, ele lidava com o comércio ilegal na Costa de Ouro, onde fez uma fortuna".[48] De acordo com Hall, existe um documento que mostra que houve uma denúncia feita por Fernão Gomes contra de Noli, em 1472[49]. Nesta denúncia, foi mencionado que o capitão de Cabo Verde (António de Noli) foi negociando ao longo da costa do ouro ilegalmente numa área que foi contratada para Gomes. A denúncia também afirmou que ele navegou de Cabo Verde para a Madeira, onde adquiriu os produtos que foram usados na negociação com os africanos na Costa d'Ouro. Deste modo, podemos saber que de Noli fez viagens para a Madeira por interesses comerciais. Alguns autores acreditam mesmo que de Noli estava mais envolvido no comércio do que em explorações[50].

No livro "European Beginnings in West Africa", diz o autor; "Foi revelado nas Cortes de 1481 que florentinos e genoveses, que viveram nos domínios de Portugal, foram descobrindo

---

[48] Da Noli a Capo Verde. Op. Cit. P. 82.

[49] Ibid.

[50] Cortesão. Op Cit. p. 35. "Ao contrário do que foi dito, esses italianos não eram exploradores no sentido geográfico do termo, mas os praticantes e, talvez, mestres de novas técnicas comerciais. Uso di Mare e Da Noli, no seu papel de genoveses, foram especialmente competente em produtos marroquinos, que foram essenciais para o comércio de Arguim e da Guiné, e o último (Noli), por acaso, até mais do que o primeiro (Uso di Mare), que era um profissional especializado em especiarias que era o principal objetivo do Infante (infante D. Henrique)."

segredos sobre Minas”[51]. O autor sugere que eles poderiam ter feito viagens ilegais para a Guiné, mas entende que não há provas suficientes para manter esta sugestão. No entanto, o autor faz descrições com maior certeza dizendo-nos: “ sabemos que muitos genoveses partiram para a Guiné nos primeiros dias da descoberta. Um genovês foi o primeiro a comprar pimenta na costa Malagueta em 1471.[52]

Outro genovês navegou no mesmo navio como Eustache de la Fosse em 1479 e desembarcou nas Ilhas Canárias”.[53]

---

[51] Blake, John W. “European beginnings in West Africa” Longman Green and Co. London .1937.p.62

[52] Ibid. p. 62.

[53] De acordo com Peter F.Russell em seu relatório, “Fontes Documentais Castelhanas para a Historia da Expansão Portuguesa na Guiné Nos últimos anos de D. Afonso V”, p. 10, a Coroa espanhola teve um documento escrito em agosto 1475, que tratou do problema da política fiscal sobre os navios que fazem negócios na Mina ou em outras partes da Guiné. Esta política foi sendo baseada em uma alegação feita pela rainha Isabel, que a Coroa espanhola tinha o direito de fazer negócios na Guiné, mas que seu meio-irmão e antecessor, o Rei Henrique IV, permitiu a Portugal usurpar os direitos que naturalmente pertenciam à Espanha. Como resultado desta interpretação sobre o comércio na Guiné, os Reis Católicos abriram dois locais para cobrar impostos, de 20%, de todas as mercadorias que chegavam da Guiné. A Coroa também estava a dar licenças, disponíveis para os comerciantes e outras pessoas, sob a condição de serem moradores de Sevilha ou em outra parte do Reino. A pena de morte foi autorizada para aqueles que não tinham uma licença. Assim, os estrangeiros que viviam em Espanha também eram elegíveis para se candidatar a uma licença, bem como qualquer espanhol. Houve testemunhas que confirmaram que os italianos se aproveitaram desta oportunidade e soube-se a partir de uma narrativa de Eustachio de la Fosse, que também havia comerciantes flamengos com sucursais em Andaluzia que fizeram o mesmo. Ficou claro que os portugueses teriam que pagar o imposto se fossem apanhados a comercializar nesta área, mesmo se tivessem uma licença de Portugal.

No parágrafo anterior existem algumas observações interessantes. Antes de mais, é um facto conhecido que António de Noli fazia viagens e comercializava de forma ilegal ouro da Mina, no início dos anos 1470[54]. Se muitos genoveses partiram para a Guiné durante os primeiros dias da descoberta, como diz o autor, é provável que se referisse aos genoveses de Cabo Verde, que estavam sob o domínio de António de Noli. Foi António de Noli um negociante ilegal na costa da Guiné? Em alguns casos provavelmente sim, mas não necessariamente em todos os casos. O problema é que os residentes em Cabo Verde tiveram alguns privilégios, aprovados pela coroa em 1466, antes da descoberta do ouro em Mina, por volta de 1470 ou 1471. Em 1469 Fernão Gomes recebeu um contrato para explorar a costa da Guiné, o qual lhe permitia realizar comércio de ouro. Nessa altura registrou uma queixa contra António de Noli, o qual negociava ouro na sua área de controlo. Assim, em 1472, o rei é obrigado a esclarecer esta situação e a restringir privilégios aos moradores de Cabo Verde, a partir da negociação em Mina (que provavelmente era a intenção original do rei, mas o contrato com António de Noli e os moradores de Cabo Verde foi controlado por seu irmão D. Fernando, que era o donatário de Cabo Verde após a morte de seu tio e padrasto do Infante D. Henrique em 1460. D. Fernando morreu em 18 de Setembro 1470, altura em que o ouro era descoberto em Mina. Então, para mim, parece-me que pode ter havido alguma confusão quanto ao que era legal e ilegal. Os moradores provavelmente sentiam que tinham o direito de comercializar em todas partes da Guiné, exceto para Arguim, pois era um dos incentivos que os atraíram para Cabo

---

Todavia, de acordo com Russell, em sua busca, não havia nenhum registo para mostrar que os Portugueses pagaram quaisquer impostos a Espanha.

[54] Hall. “Da Noli a Capo Verde”. Op. Cit.

Verde, numa época em que poucas pessoas estavam interessadas em estabelecer-se nestas ilhas desabitadas, longe do continente europeu e Portugal. Além disso, o ouro de Mina teria sido naturalmente algo secreto, algo que António de Noli conhecia e, aparentemente, aproveitou para fazer fortuna com o comércio com Mina[55].

Malyn Newitt descreve um centro de negociação, perto do Rio de Cestos, ao qual foi dado o nome de "Resgate do Genovese" pois foi um genovês que aí[56] desembarcou pela primeira vez. Provavelmente encontrou esta informação de Duarte Pacheco, em seu livro, "Esmeraldo de Situs Orbis" onde ele escreveu sobre os diferentes produtos que eram comprados pelos Portuguêses, tais como marfim e pimenta na costa Malagueta em 1471. Apesar da imprecisão dos seus comentários (que não identifica a pessoa, nem faz qualquer descrição do seu navio ou bandeira[57]) é muito possível que possa ter sido António de Noli ou alguém de Cabo Verde sob seu controlo. Os espanhóis nunca entraram nesta área até Agosto de 1475, momento em que passaram a usar comerciantes genoveses, nesta zona, ao seu serviço, durante a Guerra da Sucessão de Castela[58]. De qualquer modo, as personalidades genovesas mais prováveis para operar nestas águas teriam vindo de Cabo Verde, antes de Fernão Gomes ter sido contratado, em 1470. De acordo com a Newitt, "ele permitiu que os comerciantes genoveses pudessem viajar com

---

[55] Ibid. P. 82.

[56] Newitt. Malyn. "The History of Portuguese Expansion 1400 - 1668" 2004. p. 38.

[57] Duarte Pacheco Pereira, "Esmeraldo de Situ Orbis II" iii, Lisboa. 1892.

[58] Russell. Op. Cit.

as suas frotas"[59]. Sabemos muito pouco sobre as pessoas que habitavam em Cabo Verde durante o período de António de Noli, mas sabemos que ele partiu de Gênova com seu irmão e o sobrinho, cada um com seu próprio navio e tripulação. Se levarmos em consideração que existem cerca de 15-20 homens por cada grupo, podemos calcular cerca de 45-60, membros da comunidade genovesa a residir em Cabo Verde.

Devemos lembrar também que os cabo-verdianos tinham o direito ao comércio de escravos da Guiné, a fim de desenvolver as ilhas, porém após a morte de D. Fernando, muitos desses direitos foram revogados. É possível que algumas pessoas possam ter ignorado essas revogações acreditando que estavam devidamente autorizados por contrato original. Em qualquer caso, como veremos mais tarde, todas estas questões seriam tratadas pela coroa, num inquérito formal, sendo feitas[60] recomendações apropriadas para o seu cumprimento.

Alguns escritores referem-se frequentemente ao conhecimento adquirido por António de Noli, na sua experiência de navegação, com vela, no Atlântico Sul, especialmente ao longo da costa da Guiné, incluindo São Jorge da Mina[61]. De acordo com F. Alonzo de Palencia, De Noli navegou para Sevilha por volta de 1460 (a partir de Génova), onde permaneceu por um curto período de tempo antes de ir para Portugal[62]. Esta informação foi exaustivamente pesquisada pelo professor Hall, ao qual devemos estar gratos, pois deu-nos várias informações confiáveis a respeito das atividades

---

[59] Newitt. Op. Cit. P. 38.

[60] M. Rosario. Op. Cit pp.114-123.

[61] Jaime Cortesão. "A Politica de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do D. Henrique e do João II" Lisbon. 1960. Pp.26/27.

[62] "Da Noli a Capo Verde" pp. 71/72.

marítimas da Noli. Quando chega a Portugal, acredita-se que Noli se terá encontrado com o Rei Afonso V e D. Henrique para obter uma licença que lhe permitia navegar ao serviço de Portugal.

Sabemos também que foi dada a de Noli uma capitania na Ilha de Santiago. Este é um prémio que normalmente se atribui-a ao descobridor, o que se verificou com outras ilhas como foram a Madeira e os Açores. De Noli tinha descoberto as primeiras 5 ilhas de Cabo Verde e um ano mais tarde, Diogo Afonso, um escriba do rei, descobriu as outras sete ilhas, sendo a Ilha de Santiago dividida em duas capitanias. Antonio de Noi tornou-se o capitão da Ribeira Grande, no sul do distrito e Diogo Afonso, o capitão de Alcatraz na zona norte. Em 1466, apenas quatro anos depois, António de Noli estabeleceu o primeiro assentamento em Cabo Verde. O rei deu autorização aos colonos para comercializar com a África e este novo privilégio permitiria que capitães de mar pudessem comercializar, por vela, desde Cabo Verde até à costa da África, que dista cerca de 400-500 km das ilhas. Assim, embora a maioria das informações sobre a carreira de de Noli chegue até nós por "segunda mão", as evidências documentadas que existem são suficientes para tornar inegável a sua importância como capitão de mar para Portugal. Parte da documentação sobre o seu paradeiro e ou as suas atividades vêm de fontes exteriores. Um desses documentos provém de arquivos do Vaticano. De acordo com este documento, Bartolomeu de Noli era o governador em 1466 e ordenou o assassinato de um sacerdote, pois tinha aconselhado a amante de Bartolomeu a deixá-lo e voltar para a Europa. Estava a viver em pecado e iria para o inferno quando morresse. Este incidente foi registado nos arquivos do Vaticano e Bartolomeu foi tratado como o capitão de Santiago. Nenhuma explicação é dada para a ausência de Antonio, embora parecesse que tinha

sido afastado, desconhecia-se o seu paradeiro nesse momento[63]. Cortesão cita o coronel G. R. Villas: “sendo curioso que o crime está registado em 1466, quando Bartolomeu foi nomeado como o capitão da ilha. No entanto, o governador nomeado, Antonio estava ausente. O mesmo poderia ter-se deslocado ao Tribunal de Justiça (Corte), ou dado o facto de a família Noli ter o controlo completo da capitania, podemos supor que também poderia ter ido explorar o Atlântico Sul, uma tarefa mais adequada ao seu temperamento de aventureiro”.

Certamente creio que é bastante seguro dizer que os movimentos de António de Noli parecem estar envoltos num estado de sigilo permanente. Este segredo foi observado pelo historiador italiano Leo Magnino que descreve alguns detalhes importantes sobre o nosso ilustre navegador. Ele conta-nos que este grande navegador genovês nunca usufruiu da glória alcançada por esses grandes homens como Magalhães e Vasco da Gama, mas o Ocidente deve-lhe a expansão da civilização ocidental nas terras distantes da África, Ásia e América do Sul. Podemos também fornecer mais confirmação da importância de Noli, lendo mais algumas palavras de Magnino: **“Não há dúvida de que Antonio de Noli prestou serviços muito importantes que não se limitaram à descoberta das Ilhas de Cabo Verde** para a Coroa Portuguesa. **Ele, de fato, abriu a rota de descoberta para o Brasil, assim como uma nova rota para a Índia”.** [64]

---

[63] Rosario. Op. Cit. P. 106.

[64] Magnino Leo, “António de Noli e a colaboração entre portugueses e genoveses nos descobrimentos marítimos” In: Studia: 0870-0028. Centro de Estudos Historicos Ultramarinos.Lisboa. Vol.10 (Jul. 1962), p. 99-115.

Na praça da cidade, na cidade de Noli há uma placa que homenageia António de Noli com a inscrição:

ANTÓNIO DE NOLI

Ele era destemido entre os navegadores corajosos da cidade de Noli

No meio do século XV

Ele descobriu as Ilhas de Cabo Verde

Isso abriu o caminho para a Índia por meio do Cabo da Boa Esperança

O estrangeiro mais afortunado

Esta é uma inscrição muito interessante. Significa que ele fez muito mais do que apenas descobrir as Ilhas de Cabo Verde. Ela diz-nos que desempenhou um papel importante, que abriu o caminho marítimo para a Índia. Todos nós ficamos a saber que a rota para a Índia estava a ser explorada com grande segredo pelo Rei D. João II de Portugal. A inscrição sugere também que Antonio de Noli esteve ativo no meio do século XV como um navegador destemido que tinha laços com a cidade de Noli. Neste momento deveria ser feita uma pergunta lógica: "O que estava a fazer durante este tempo como navegador destemido?" Ninguém parece ter realmente uma resposta para esta questão crucial. Mas espero que durante a leitura de este livro, lhe possa dar um melhor e maior conhecimento deste complexo navegador que, sem dúvida, foi fundamental para a ocidentalização do mundo moderno. A sua influência tem uma presença invisível em muito do que fazemos regularmente, apesar do facto de não estarmos totalmente conscientes disso.

Num livro extremamente raro que comemorou os 400 anos do Descobrimento da América, "Cenário do Descobrimento da

América-Memorias da Comissão Portugueza", Lisboa, 1892, que eu encontrei na Sociedade de Geografia de Lisboa, fui capaz de encontrar uma página que listava António de Noli entre um grupo de navegadores que incluía os nomes de Zarco [Gonçalves] Gil Eanes, Nuno Tristão e outros que foram descritos como, "Os impávidos Mareantes" (marinheiros destemidos), que foram inspirados pelo Infante Henrique para trazer a consciência de toda a costa (da África) e as ilhas africanas de Cabo Bojador aos 8 graus (setentrionais). Este parágrafo continha mais informações importantes, com os nomes de outros navegadores, como "Fernão Gomes, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, continuaram o comércio com a Guiné, a Mina, o Congo e o Cabo das Tormentas. Estes são marcos que atestam a coragem e audácia Portuguesa. (...) a grande inteligência de D. João II, previa que esse seria o caminho marítimo para a Índia". Esta informação foi preparada como uma resposta oficial a um pedido que foi feito a Portugal para comemorar a descoberta da América por Colombo, uma vez que Colombo havia passado algum tempo em Portugal antes de ir para a Espanha. Assim, podemos ver a partir desta informação que António de Noli, de facto desempenhou um papel importante na abertura do caminho marítimo para a Índia. Então, nesse sentido, este documento deve ser considerado bastante raro na história de Portugal. Este documento foi publicado em Lisboa pela Tipografia da Academia Real das Ciências em 1892.

É importante mencionar que Diogo Gomes é considerado por muitos historiadores, por ter navegado com António de Noli na viagem da descoberta de 1460. Numa entrevista valiosa que deu Martim de Bohemia sobre a viagem de 1460, ele explica como fazia as suas explorações ao longo da costa da Guiné acompanhado do capitão genovês António de Noli (que também era um comerciante). Ambos partiram do porto de

Zaia e navegaram durante 2 dias e uma noite na direcção de Portugal quando avistaram algumas ilhas no mar. Em seguida, ele passa a relatar como as ilhas eram desabitadas, juntamente com outros detalhes das mesmas. Gomes explica como na rota de regresso a Portugal, depois de passar as Ilhas Canárias, foi de imediato para a Ilha da Madeira, onde se depararam com ventos fortes de modo que Gomes diz ter seguido para os Açores e que António de Noli permaneceu na Madeira. Seguidamente, com um clima mais vantajoso, ele conseguiu chegar primeiro a Portugal e pediu ao rei a capitania da Ilha de Santiago, que Gomes afirmou ter sido ele a descobrir, porém foi Noli que manteve a capitania até à sua morte[65].

Esta entrevista com Gomes oferece alguns detalhes muito interessantes. Esquecendo o facto de ele dizer de forma prepotente que tinha sido o descobridor das ilhas (cuja perceção é geralmente ignorada porque António de Noli foi premiado com o capitania, algo que o próprio Gomes admitiu) é de grande interesse saber que ele fala dele e António de Noli como tendo parado na Madeira. Esta é a primeira indicação de que António de Noli esteve na Madeira. Também é importante notar que a entrevista foi realizada após 8 de Abril de 1497, pois ele diz que de Noli manteve a capitania até sua morte (que só foi mencionado pela primeira vez na carta de 08 de Abril de 1497). Também diz que tinham navegado para sul das Ilhas de Cabo Verde a partir de um porto na África, que foi chamado Zaia, e que estava a uma distância de 2 dias de viagem das ilhas. Isso nos dá uma ideia da área que eles tinham vindo a explorar ao longo da costa da Guiné. Nunca menciona que tenham parado para explorar quaisquer outras ilhas nem refere nomes. Os nomes das cinco ilhas que já tinham sido relatados

[65] Manuel Murias, “Cabo Verde” Memoria Breve, Agencia Geral das Colonias, 1939, p20.

na concessão Real de 03 de Dezembro de 1460, que transferiu a propriedade das ilhas de D. Fernando, irmão, sobrinho e enteado do Infante D. Henrique, o qual morreu no dia 13 de Novembro de 1460. Assim, não só já tinham sido descobertas as cinco ilhas como também tinham sido batizadas, recebido nome.

Numa análise das atividades marítimas de António de Noli, publicadas no livro de Morais do Rosário, "Genoveses na História de Portugal", na página 114, afirma-se que "D. Fernando, irmão do Rei D. Afonso V, concedeu, de forma imprudente, ao governador (uma referência óbvia a de Noli) da ilha (Santiago) a exploração das costas continentais da Guiné (...)". Outra observação foi feita por D. Antonio de la Torre, na qual ele tenta esclarecer um dos mistérios de António de Noli e a sua rápida libertação da prisão em Espanha em 1477. De acordo com este argumento, que pode ser encontrado nas páginas 114 e 115 do texto anteriormente citado por Morais do Rosário, o autor sugere que o rei e de Noli tinham interesses mútuos. De Noli queria a sua liberdade e um retorno à sua ilha com a proteção da coroa e o rei queria o conhecimento adquirido por de Noli durante os mais de doze anos em que foi governador, comerciante, navegador e cartógrafo. Pretendia mapas de navegação mais favoráveis para o comércio com a Guiné, incluindo a Mina de ouro (São Jorge da Mina). Com base neste argumento, seria bastante lógico supor que de Noli era detentor de muitos saberes que reis e rainhas desejavam para os seus navegadores. Como vimos anteriormente, D. Fernando de Portugal já tinha permitido a António de Noli explorar livremente as costas da Guiné e, claro, além de ser um navegador, ele também era um cartógrafo e um comerciante.

O Infante D. Henrique era famoso como navegador, que não indo para o mar, era pioneiro na evolução da ciência da navegação. A maioria dos navegadores ficou conhecida por

explorar certas rotas que os tornaram famosos, como Vasco da Gama, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Pedro Álvares Cabral, os irmãos Pinzón, etc. Quando falamos de António de Noli, temos pouco conhecimento sobre as suas viagens, porém verificamos que ele foi tratado de forma diferente dos restantes navegadores. O que terá feito além de descobrir algumas ilhas no meio do Atlântico? Esta relação e tratamento especial por parte de Portugal e Espanha, indicam que era muito mais do que um mero navegador que acidentalmente descobriu algumas ilhas desabitadas. Manuel Murias fornece-nos uma melhor compreensão do verdadeiro valor de Cabo Verde, quando nos diz que, "o Tratado de Tordesilhas de 7 de Junho de 1494 foi importante para Portugal e graças ao mesmo, toda a costa do Brasil foi reservada para Portugal. Em todo o caso, agora, é relevante notar qual a importância de Cabo Verde nesta disputa (isto relaciona-se com a linha de demarcação do tratado, que atribuía a Portugal os direitos de explorar o Atlântico Sul até uma distância de 370 léguas a oeste de Cabo Verde sem a interferência de Espanha e, ao mesmo tempo, ter o direito de explorar toda a costa do Brasil). Assim, por esta razão, o arquipélago de Cabo Verde ocuparia um lugar inesquecível na história de Portugal. As empresas de Colombo e Vasco da Gama, bem como a descoberta do Brasil estão todas igualmente ligadas a Cabo Verde"[66]. Este ponto de vista é essencial na tentativa de compreender o verdadeiro valor de António de Noli, já que ele foi o único que desenvolveu as ilhas, o que permitiu a Portugal tirar o máximo partido desta posição privilegiada. Mas a história não termina aí, há muito mais para descobrir sobre as façanhas de António de Noli como veremos a seguir.

---

[66] Ibid. pp. 32-33.

Uma preocupação geral ao fazer pesquisas sobre António de Noli, é localizar documentos que autenticam o seu passado histórico. Atualmente conhecem-se poucos documentos disponíveis e há muitas razões para acreditar que vários documentos teriam sido destruídos por ordem do rei de Portugal. Estes rumores foram espalhados ao redor do mundo, realçando o sigilo das atividades de navegação de Portugal. Todavia tal parece não ser muito verdadeiro. O problema está em tentar provar que existia um sigilo para guardar algum segredo, sem conhecer esse segredo. Este é o meu desafio para este livro e terei de dar o meu melhor para o conseguir superar. Nos capítulos posteriores, vou tentar explicar alguns dos mistérios mais comuns que envolveram António de Noli. São eles:

1. Depois da Espanha o ter capturado durante a Guerra de Sucessão de Castela, em 1476, porque negociou a sua libertação como prisioneiro e o deixou voltar para Cabo Verde como o Capitão sob controlo Espanhol?

2. Após o Tratado de Alcáçovas, que foi assinado em 1479, “como é que António de Noli consegue manter a sua capitania novamente sob controlo Português?”

3. Qual a razão pela qual, António de Noli, recebeu um tratamento especial mesmo após a sua morte?

CAPÍTULO 3

António de Noli antes de 1460

Esta é uma fase interessante da vida de de Noli, a qual é praticamente desconhecida. Informações sobre ele ou a sua família continuam a ser um mistério que vários historiadores procuram descobrir. Em alguns livros de dados biográficos sobre António de Noli fornecem-nos algumas informações interessantes sobre a sua vida, já com idade avançada. A busca por António de Noli na internet vai mostrar algumas informações que nos dizem que ele nasceu presumivelmente em torno da terceira década do século XV, e aprendeu a arte da cartografia pelo seu irmão Agostino, que em 1438 vivia em Génova como um "Mestre Cartógrafo para a Navegação"[67]. Este mesmo artigo diz-nos que ele, o seu irmão Bartolomeu e o seu sobrinho Rafael chegaram a Portugal em 1460.

Agora, a pergunta-chave é: "Como é que surge esta informação?" Bem, depois de mais pesquisas, descobri que Agostino de Noli era conhecido por ser um cartógrafo em 1438, em Génova, com o título citado de "Mestre Cartógrafo para a Navegação" e está no registo que tinha privilégios de isenção de impostos, com a condição de instruir os irmãos na arte da cartografia. Por fim é feita uma sugestão dizendo que ele poderia ser parente dos irmãos – Noli, António e Bartolomeu. A curiosidade deste artigo é que, provavelmente é o único artigo conhecido de qualquer pessoa com o sobrenome de Noli em Gênova, no século XV[68]. De acordo com Giovanni

[67] Gabriella Airaldi. Iberia: Quatrocentos/Quinhentos. CEPESE/Civilzasão Editora 2009. P.219.

[68] Neste momento da minha pesquisa (2014), depois de muitos anos de procura de informações sobre a família Noli em Gênova, Augustino é o

Descalzo em seu livro “Antonio da Noli” (...) de 1943, em 15 de Julho de 1871, num memorando de leitura para a Societá Ligure di Storia Patria, um documento original novo e importante foi publicado acerca de um Augustinus de Naulo (Agostino da Noli), Magister cartarum pro navigando, ou seja, um mestre cartógrafo de navegação. O documento é datado 7 de Novembro de 1438 e é possível que este Agostino fosse o pai ou outro parente próximo de Antonio da Noli, como é apontado no mesmo Memorando. O autor continua a dizer que não há qualquer dúvida de que o nome de Augustinus Naulo seria traduzido como Agostino da Noli (Veja Anexo 43).

Em outro artigo da autoria de Gabriella Airaldi no livro, Iberia: Quatrocentos / Quinnentos (...) na página 219, ela faz uma declaração semelhante: “(...) É claro que Antonio da Noli, que foi o capitão-donatário (governador) da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, foi uma personalidade não muito diferente do que foi Colombo. Na verdade ele é o irmão de Agostino da Noli, o único cartógrafo mestre qualificado na arte de “carte pro navegando” (fazer mapas de navegação para os marinheiros), que em 07 de Novembro de 1438 fez um pedido ao “Doge” para ficar isento de pagar impostos, pois nessa altura ele já tinha obtido o título de “maestro che fabbrica agugias” (mestre que faz agulhas de bússola). Foi-lhe então dada uma isenção de 10 anos com a condição de ele continuar e desenvolver essa arte e instruísse o seu irmão, o futuro colonizador (António de Noli). Por outro lado, o notário, comerciante e cancelário Antonio Gallo, um amigo de

---

único nome que se encontra além de Antonio, seu irmão Bartolomeu e o sobrinho Rafael durante o século XV. Acho isto um pouco estranho, porque eu sei que há muitos membros da família Noli residentes na província de Génova, eu pessoalmente, conheci muitos deles. Também é incomum, porque eles são definitivamente uma família nobre e devia haver mais escritos sobre eles em Génova.

Colombo, recorda que Bartolmeo (irmão de Colombo) desenhou um planisfério para o rei da Inglaterra, Henrique VII".

Sendo Agostino um cartógrafo mestre, é um pressuposto lógico, que ele poderia estar relacionado com o clã Noli na fama de navegação dos Portugueses. Alguns escritores têm utilizado isto para dizer que Agostino deve ter sido um irmão de António de Noli (referido no parágrafo acima). Esta é certamente uma possibilidade muito plausível, mas, neste momento, só pode ser considerado como um mistério, pois não existem provas documentadas e apenas se pode considerar como uma teoria legítima.

Eu porém gostaria de dizer, que parece-me que Agostinho era provavelmente o irmão mais velho de António. Ele teria sido quase 20 anos mais velho que António. Esta diferença não deve ser considerada incomum, pois conheço muitas pessoas que têm irmãos ou irmãs com quase 20 anos mais, inclusive eu. Faço esta declaração, porque acredito que isto ajuda a explicar como o jovem António, nos meados dos seus 20 anos teria um sobrinho com idade suficiente para ser o capitão de um navio que viajou de Génova a Portugal em 1460. Neste cenário, eu calculo que António teria cerca de 24 ou 25 anos e o seu sobrinho Rafael cerca de 20 ou 21. Todas as indicações são de que Agostino se encaixa no perfil do irmão mais velho e que era o pai provável do Rafael, especialmente porque o irmão de António, Bartolomeu, era apenas dois anos mais jovem.

CAPÍTULO 4

O casamento de António de Noli na Madeira?

Os historiadores, infelizmente, sabem muito pouco sobre a vida pessoal do António de Noli. Ele era casado ou solteiro? Na verdade não sabemos. Neste capítulo, vou tentar explicar porque acredito que ele viveu algum tempo de maior tranquilidade na Madeira e poderia ter-se casado lá. Este é outro mistério que é guardado em sigilo. Sabemos que ele tinha uma filha chamada Branca de Aguiar e suspeito que ela tinha raízes na Madeira. Ele poderia ter sido casado com a mãe de D. Branca de Aguiar, mas realmente não se sabe. Ela provavelmente teria sido sua filha legítima, pois herdou o governo de seu pai em 1497. Nos capítulos 5, 8 e 10 eu discuto este assunto com maior detalhe. Na verdade, esta é a primeira vez que sabemos alguma coisa sobre a sua vida pessoal. Outra possibilidade é que ela poderia ter nascido como uma filha ilegítima e mais tarde, por ordem do rei, tornou-se legítima. Essa situação geralmente ocorre quando as famílias nobres têm filhos ilegítimos e, posteriormente, fazem um pedido ao rei para que esses filhos se tornem legítimos, podendo assim ser elegíveis para certos benefícios. No entanto, nada é dito sobre sua mãe ou outros irmãos. A única maneira de investigar este assunto em detalhe, e até ao fim, é procurar factos conhecidos que possam lançar alguma luz sobre a misteriosa mulher de de Noli. Vejamos então alguns deles:

1. António de Noli descobriu Cabo Verde em 1460 e colonizou-o em 1462 como o Capitão da Ribeira Grande. Devemos também lembrar que de acordo com Diogo Gomes, António de Noli passou algum tempo na Madeira, em 1460, enquanto esperava por ventos mais favoráveis para regressar a Portugal. Esta é uma observação interessante, pois se for

verdadeira, dá a impressão de que António de Noli poderia ter tido alguma experiência com ventos na Madeira antes da viagem da descoberta.

2. Embora ele descobrisse Cabo Verde em 1460, ele não o colonizou até 1462. Este é um período de dois anos. Sabemos que o Infante D. Henrique morreu em 1460 e que as ilhas foram transferidas para o seu irmão D. Fernando, em Dezembro de 1460, mas nada é dito sobre António durante este período.

3. Sabemos que Diogo Afonso de Aguiar, um escriba do rei, foi enviado para Cabo Verde e descobriu as restantes ilhas do arquipélago (há fortes indícios de que isso ocorreu em 1461)[69] e, em seguida, foi nomeado capitão da capitania, no distrito norte da Ilha de Santiago, enquanto António foi nomeado o capitão da zona sul.

4. Atualmente sabemos que Diogo Afonso de Aguiar era um nobre de Évora, que foi um dos quatro fidalgos enviados por ordem do rei, para a Ilha da Madeira a fim de casar com uma das quatro filhas de João Gonçalves Zarco da Camara, o primeiro "capitão donatário". Deste casamento, acredita-se ter tido duas filhas e três filhos **(uma dessas filhas nunca casou).**

5. Sabemos que António de Noli veio de uma família nobre, porque ele era conhecido como "mjcer" (micer) António pelos portugueses no Decreto Real de 08 de Abril de 1497. Este

---

[69] Não existem documentos escritos conhecidos para mostrar todas as atividades nas ilhas antes de 1462 (após a descoberta, em 1460). Mas, parece bastante seguro dizer que, devido ao enorme plano logístico necessário para tal operação, o assentamento de 10 ilhas desabitadas espalhadas por uma grande área geográfica exigiria uma atenção prioritária.

título foi reservado para os nobres de um país estrangeiro[70]. **Importa observar que esta referência citada, vem diretamente da "Imprensa de Sua Majestade", em Lisboa, 1716.**

6. Sabemos que António foi o primeiro a colonizar Cabo Verde[71].

7. Temos boas razões para acreditar que Pedro Afonso de Aguiar, um nobre rico na ilha da Madeira, muito influente na indústria do açúcar, coordenava este setor com agentes genoveses que residiam na ilha. Algumas pessoas consideram que provavelmente era um filho de Diogo de Aguiar.

8. António de Noli e Diogo Afonso de Aguiar foram fundamentais para o estabelecimento de relações estreitas com os governadores da Madeira - esta possibilidade é muitíssimo forte. É também de salientar que a Madeira era um arquipélago desabitado, descoberto em 1419, e colonizado em 1425. Por volta de 1460 teve uma importante comunidade de empresários genoveses envolvidos na indústria do açúcar. Também é importante notar que a ilha tinha muita experiência no desenvolvimento de um arquipélago desabitado.

9. António de Noli foi capturado em 1476, durante a Guerra da Sucessão de Castela e foi levado para lá a partir de Cabo Verde, como prisioneiro.

---

[70] Vocabulario Portuguez & Latino. LISBOA, na oficina de pascoal da Sylva. Impressor de Sua Majestade. M. DCCXVI. (1716).p. 477 –"Micer ou Misser (…), que responde ao Dom dos Hespanhoes, & affim em Hespanha, quando se não dava Dom a algum cavaleiro por serviço feito em terra estranha (…)".

[71] Royal letter. 8 Apr 1497. Op. Cit.

10. Foi libertado do cativeiro em 1477 e autorizado a regressar à sua capitania em Ribeira Grande, como Capitão, sob a proteção de Espanha.

11. Em 1466, o seu irmão Bartolomeu, foi mencionado num documento do Vaticano como sendo o capitão de Santiago. Este facto dá a impressão de que António foi afastado por um período temporário de Cabo Verde.

Agora vejamos algumas teorias baseadas nestes factos:

1. António de Noli poderia ter passado algum tempo na Madeira durante o intervalo de 2 anos, entre 1460 e 1462. Certamente conheceu a sua mulher (?) em algum lugar em Portugal, entre 1460 e 1476.

2. A cana-de-açúcar foi introduzida em Cabo Verde por de Noli, a partir da Madeira. De acordo com Daniel Pereira, em seu livro "Das Relações Históricas Cabo Verde / Brasil", a cana-de-açúcar chegou a Cabo Verde a partir da Madeira (esta declaração implica que foi António de Noli a fazê-lo, pois ele era o governador das ilhas e controlava a produção de açúcar, como é confirmado na frase que se segue[72]). David Birmingham diz no seu livro, "Comércio e Império no Atlântico 1400-1600" de 2002, que "a família de Antonio da Noli conseguiu plantar açúcar usando muitos trabalhadores escravos que vieram do continente Africano" (p19). A cana-de-açúcar foi um dos primeiros produtos em Cabo Verde, assim, António de Noli tinha que ter uma forte envolvência na sua produção e comércio uma vez ser esta uma indústria-chave que, como capitão da ilha, controlava.

---

[72] Pereira, Daniel. "Das Relações Historicas Cabo Verde/Brasil" Fundação Alexandre de Gusmão. Brasilia 2011. P.24. Web 16 Jun 2014.

3. Com base nestas informações, parece ser natural supor que ele teria que passar algum tempo de maior tranquilidade na Madeira para gerir a indústria de açúcar. Ele poderia ter conhecido sua esposa aí, no arquipélago da Madeira. O nome Aguiar é comum na Madeira e o nome Branca de Aguiar foi encontrado no arquipélago com raízes em duas famílias diferentes[73]. Há também um ramo do nome da família Aguiar, no Algarve, onde a cana também foi uma indústria importante.

4. Agora, se assumirmos que ele se casou com uma mulher da família de Aguiar, na Madeira, ele teria provavelmente mantido a sua casa em Cabo Verde, onde era o governador, que, no seu caso, era mais como ser um rei, pois controlava uma grande zona de rotas de comércio do Atlântico Sul.

5. É também interessante notar que Bartolomeu Perestrello morreu em 1457 e seu filho herdeiro Bartolomeu II era demasiado jovem para receber a sua herança, por isso a sua viúva Isabel Moniz tinha a propriedade vendida ao seu sogro, pai do seu falecido marido (Bartolomeu Perestrello I), Pedro Correia que foi casado com Iseu Perestrello, a meia-irmã de Filipa Moniz de um casamento anterior. (Nota: alguns autores têm chamado Pedro Correia, ao genro da Isabel Moniz, porque a sua verdadeira sogra tinha falecido). Assim, passados alguns anos, Bartolomeu participou nas guerras na África e após algum tempo de ausência, voltou à Madeira. Pedro Correia era tio do menino por casamento com sua tia Iseu. No entanto, depois de voltar para a Madeira, o seu cunhado, Mem Rodriguez de Vasconcelos, aparentemente, influenciou-o de forma a exigir que o contrato de venda da capitania do Porto Santo, de Pedro Correia, fosse anulado e lho concedessem a ele

[73] "Da Noli a Capo Verde" Savona 2013 Hall T. p 91.

(Bartolomeu II) como o herdeiro legítimo da propriedade[74]. Este contrato de venda de Pedro Correia, foi dito ter sido feito pela mãe de Bartolomeu II durante a sua infância[75]. Esta

---

[74] Ribeiro, Patricinio. “The Portuguese Nationality of Christopher Columbus” Livraria Renascenza. Lisboa. 1927. P.75.

[75] Esta afirmação foi feita por vários autores que afirmam que a mãe de Bartolomeu II vendeu a capitania a Pedro Correia da Cunha e mais tarde, quando sua filha Filipa Moniz casou com Colombo, deu-lhe todos os livros e mapas de seu falecido marido, por causa da sua paixão (a de Colombo) pelo mar. No entanto, embora grande parte desta informação fosse publicada por Rebecca Katz, em um artigo, “Cristóvão Colombo na Madeira”, datada de 30 de Março de 2009, outros escritores têm tradicionalmente usado esse mesmo argumento básico que eu, pessoalmente, não posso aceitar. O primeiro problema que eu vejo, é que este ponto de vista, parece ter sido totalmente inventado por algum escritor criativo. Embora, escritores não o mencionem, a herança não poderia ter ido para a viúva Isabel Moniz com o objetivo de vendê-lo para qualquer pessoa, sem a aprovação do Rei. Normalmente, nada é dito de uma exceção que está a ser feita com a aprovação do Rei que autorizaria a mãe do menino a vender a sua herança, que foi governada pela Lei Mental (a lei da herança). No entanto, eu encontrei o fac-símile do documento original, que é datado de 17 de maio 1458. A venda foi aprovada e vendido para uma renda anual de 10.000 reais (Carta da Confirmação do Infante D. Henrique). “O vendedor: Batrolomeu Perestrello II, um menor de idade e filho de Bartolomeu Perestrello I, foi representado por sua mãe e (seu) irmão, como tutores. O comprador foi Pedro Correia, fidalgo da casa do Infante (citados anteriormente), o qual pagaria a pensão”. O segundo problema é que esses mapas, livros, etc seriam parte da herança e que ela não teria tido a autorização para dá-los. Em seguida, no artigo de Katz, ela informa os leitores que Isabel deu a Colombo informações sobre outras viagens marítimas feitas pelos Portugueses. Essa afirmação é absolutamente ridícula. O mais provável é que este período seja no início de 1480, logo após o suposto casamento entre um tecelão de lã e uma nobre. Portugal tinha acabado de terminar uma longa guerra com a Espanha e D. João II estava mais determinado do que nunca em manter sigilo sobre suas viagens marítimas. Na verdade, ele instituiu uma nova lei que tornava punível com a morte qualquer um que divulgasse segredos sobre viagens portuguesas. Outro problema é que não há evidências concretas de que Bartolomeu

demanda foi aprovada em 15 de Março de 1473 e tornou-se o terceiro governador de Porto Santo, depois do seu pai e Pedro Correia, seu tio (por casamento com sua tia). Ele também seria o futuro cunhado de Filipa Moniz, mulher de Colombo.

Mas isto não é tudo, porque antes de avançar, sinto-me compelido a dizer algumas palavras sobre Mem Rodrigues de Vasconcelos o qual explicou os seus direitos legais para com ele. Parece ter sido o filho de Martim M. Vasconcelos, que foi, provavelmente, o Capitão de Machico de 1471 a 1472 e um dos sete homens mais poderosos e influentes da Madeira[76]. Se devemos supor que António de Noli se tinha casado com alguém da Madeira, parece improvável que ele quisesse permanecer lá como um residente permanente, pois a sua presença, provavelmente, em algum momento provocasse um conflito de interesses com o capitão local (governador). Assim sendo, é provável que deslocasse a sua esposa para Cabo Verde o que aconteceria provavelmente antes de 1476. É também possível que a mãe de Branca Aguiar, nunca casou com António e, neste caso, ela teria ficado naturalmente a residir na Madeira. Nós já sabemos que António de Noli teve uma filha com idade suficiente para se casar em 1497 e, provavelmente,

---

Perestrello I foi tido como um navegador, embora fosse o capitão do Porto Santo.

[76] Revista Islenha, n º 3 de Julho a Dezembro de 1988 P54. De acordo com Ernesto Gonçalves, durante o período 1471-1472, a ilha da Madeira foi governado por uma aristocracia de sete homens poderosos; Zarco (este Zarco parece ser o filho João Gonçalves Zarco da Camara. Alguns dizem que o pai morreu em 1467 e outros dizem que ele morreu em 1471, uma cópia desta referência pode ser visto no anexo 23) Rui Gonçalves da Câmara, Diogo Cabral (genro), **Diogo Afonso de Aguiar** (genro) Martim Mendes de Vasconcelos (genro), **Mem Rodrigues** e seu pai; Martim M. Vasconcelos. Estas duas famílias representadas as duas capitanias do Funchal e Machico.

ela nasceu antes de ele ser capturado e ser feito prisioneiro pelos espanhóis. Todavia é possível que ela pudesse ter nascido mais tarde. Deve ser interessante notar que quando Antonio foi capturado pelos espanhóis em 1476, não houve qualquer menção da sua família, se vivia acompanhado por uma esposa, irmão, sobrinho ou filhos. No entanto, existiram vários membros da família Noli, com o sobrenome Noli, residentes em Cabo Verde no início do século XVI, o que prova que ocorreram algumas relações, com ou sem casamento, entre mulheres e os homens do clã Noli[77].

Algumas coisas a ter em mente a partir deste capítulo:

1. António de Noli fez várias visitas à Madeira, mas há muito pouca documentação para apoiar esta tese. No entanto, aos cabo-verdianos foi autorizada a isenção de impostos entre 1466 e 1472 para todo o comércio com a Madeira, tendo este benefício incentivado frequentes viagens para o arquipélago[78].

2. Todas as indicações são de que ele tinha que conhecer o cunhado de Colombo, Pedro Correia, que era o governador da Ilha do Porto Santo entre 1458 e1473. Isto aconteceu durante o tempo em que Antonio velejou para Madeira e esteve envolvido com a indústria do açúcar. No entanto, não há nenhuma informação disponível para mostrar que os dois governadores se conheceram. Mais tarde, vou explicar as razões que obrigam a que eles se tivessem conhecido.

3. Em 1473, o cunhado mais novo de Colombo, Bartolomeu II, torna-se governador. Até este momento ainda nada é dito de

---

[77] Hall. Op Cit. pp. 111-113.

[78] Verlinden, Charles. Antonio de Noli e a Colonização das Ilhas d Cabo Verde, 1963. Composto e Impresso na «Imprensa de Coimbra. Lda» COIMBRA pp.35-37.

qualquer encontro entre António de Noli e o novo governador, embora haja fortes indícios de que de Noli, por esta altura, ainda estivesse envolvido no negócio do açúcar da Madeira.

4. Num livro bem conhecido na Madeira, “Elucidarios Madeirense”, sob o nome de Rodrigues, está escrito: “(...) Mem Rodrigues de Vasconcelos casado com uma filha de Bartolomeo Perestrello (...)”. Pois bem, neste caso, ele teria sido o genro de Bartolomeu Perestrello I. Esta informação vem da versão on-line do livro, com data de 15 de Maio de 2014. Numa outra fonte, há um Martim Mendes de Vasconcelos listado como um genro de João Gonçalves Zarco e parece ser o irmão de Mem Rodrigues, além de ser um dos 7 nobres mais influentes na estrutura de poder da Ilha da Madeira. Se tudo isto for verdade, então ele apresenta um fascinante caleidoscópio de relações curiosas que levam diretamente a António de Noli e Colombo. Então, aqui, a pergunta que faço é: **“Por que não há qualquer menção, por parte dos historiadores, das possíveis relações entre os elos de Colombo e a aristocracia da Madeira, bem como de António de Noli às mesmas famílias desta elite durante este período da história?”**

5. Por que não há menção aos pais de D. Branca de Aguiar? Isto é bastante incomum pois António de Noli foi, aparentemente, um nobre de alto nível e governador de Cabo Verde.

6. Como poderia a sogra de Colombo (um simples tecelão de lã) dar-lhe documentos tão importantes, que faziam parte da herança de seu filho, como se fosse um nobre?

7. A filha de António de Noli poderia muito bem ter sido ilegítima no momento do nascimento e posteriormente tornar-se legítima.

CAPÍTULO 5

Segredos misteriosos que envolvem tanto De Noli como Colombo

Um dos problemas do pesquisador é que não há praticamente nenhuma informação disponível sobre o paradeiro de de Noli depois de ele ser libertado do cativeiro. Há, no entanto, algumas evidências de que ele poderia ter retornado para Cabo Verde, primeiro como governador ao serviço de Espanha e depois ao serviço de Portugal, após o Tratado de Alcáçovas, assinado em 1480[79]. Há também alguma suspeita de que ele poderia ter estado na Madeira ou no continente português, no início de 1480, por um breve período. Irei explicar esta suspeita num próximo capítulo.

Existe um documento, criado em Sevilha, em 31 de Julho de 1477 e registrado como: ES.47161. AGS / 2.2.11.7 // RGS, LEG, 147707.328, o qual afirma que a petição foi feita por António de Noli e Fernando Gonzalez numa disputa legal contra Juan Fernando de la Cueva e outros moradores da mesma cidade, por negociarem com determinada mercadoria, sendo proferida uma decisão pelo tribunal para ser cumprida. O documento tem o selo do tribunal do real Cancillería de los Reyes de Castilla.

Este documento é importante porque lança luz sobre as atividades comerciais de António de Noli e a mercadoria que ele negociava nas suas transações comerciais. A data do julgamento feito pelo tribunal também é muito importante, porém, infelizmente, este documento não contém a data em que a petição original foi feita pelo demandante (s), que teve de ser

[79] Rosario . Op. Cit. pp.114-123.

anterior a 31 de Julho 1477. Uma análise desta situação sugere que a casa de António de Noli foi saqueada por invasores espanhóis em 1476, os quais apreenderam-lhe os bens de sua casa e de outros lugares na ilha. Estes bens, de acordo com a denúncia, incluíam ouro, prata, escravos, açúcar e outros produtos. Aqui ficamos a saber que António de Noli esteve envolvido no comércio de ouro e prata, que tinha que vir de África; ou mais especificamente, S. Jorge da Mina e o açúcar, que viria da Madeira. Eu não sei qual era o papel de Gonzalez no processo, mas é possível que ele pudesse ter representado António de Noli na apresentação da denúncia, após de Noli ter sido libertado da prisão no dia 6 de Junho de 1477. Uma vez que António de Noli era um estrangeiro, ele provavelmente precisava de ajuda legal na preparação da ação de denúncia e pode ter havido um problema linguístico que o ajudou a superar. Se ele estava disposto a fazer uma petição, por escrito, através de um documento oficial, estas atividades deveriam ser legais. Esta petição diz-nos, ainda, de que ele estava em Sevilha. Também é uma informação muito importante, porque é extremamente difícil saber exatamente para onde foi viajar. Ficamos também a saber que ele foi preso por Espanha em 1476, de modo que a disputa quase certamente teria de ter sido feito após a invasão de Cabo Verde, por Espanha, em 1476. A carta escrita pelo Tribunal de Justiça em 31 de Julho de 1477 não menciona bens comerciais que foram apreendidos a partir da Ilha de Santiago, onde de Noli foi governador antes de ser capturado. Este aspecto dá-nos a impressão que a petição foi feita após a negociação da sua libertação do cativeiro em Espanha.

Há também outras informações importantes neste documento, por exemplo, afirma que Juan Fernandez de la Cueva terá que pagar uma certa quantia de “maravedies” para satisfazer a execução da sentença e que não seriam tolerados

atrasos no cumprimento da mesma. A quantidade especificada de "maravedies" não é mencionada o que leva a suspeitar da existência de um outro documento relacionado a este caso antes de 31 de Julho 1477. Outra observação é que o ouro não será devolvido porque "Parece" que já não está disponível para o reembolso, devendo ser em "maravedies". A curiosidade do documento, como está escrito, é que não há qualquer indicação da quantidade de bens que foram apreendidos ou o seu valor monetário. Ainda mais interessante é a maneira como o caso era tratado pelos tribunais. É bastante óbvio que os navios que capturaram António de Noli foram autorizados e ordenados pelos reis de Espanha, mas nada é mencionado sobre esta parte da denúncia que parece estar registada como denúncia civil e não um processo criminal. Também é interessante constatar que António de Noli seria reembolsado pelo ouro que lhe foi tomado, mas, infelizmente, ele teve de aceitar "maravedies" e não o ouro que lhe foi levado de sua casa em Cabo Verde. Esta é uma situação que aparece pela primeira vez na história. Vemos um governo que apreende ouro e converte-o para a moeda local no interesse da Fazenda Nacional. Isto é como um governo moderno a confiscar o ouro (e ou divisas de seus cidadãos) e a transmitir-lhes papéis sem valor como um substituto.

Finalmente, uma outra observação é o nome do autor, Juan Fernandez de la Cueva. Quem era ele? De acordo com Charles Verlinden, "Em 28 março de 1476, Anton Martin Neto recebeu ordens para armar navios e aproveitar todas as posições dos adversários portugueses, especialmente a ilha de San Antonio, que é chamada ilha de Santiago"[80]. No entanto, o seu nome

[80] Verlinden, Charles "Antonio de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde" 1963 p.41. Ele também notou um erro no seu documento de origem que veio do Valladolid e explica que o nome de Santo (San em Espanhol)

nunca é mencionado. O nome de Juan de la Cueva é bastante interessante porque, em 1492, um certo Juan de la Cueva navegou com Colombo ao Novo Mundo e foi um dos que ficaram para trás, numa ilha, na primeira colónia europeia no Caribe. Outros nomes não são mencionados, mas é claro que havia outros envolvidos e descritos apenas como sendo "Vecinos" (moradores) de Sevilha.

Em 6 de junho de 1477, o Rei Fernando ordenou que uma carta fosse escrita e assinada por seu secretário Gaspar de Aryno, que estipulava que António de Noli era seu governador na Ilha de Santiago e que "o citado Sr. António de Noli será conhecido pelos vassalos e terras de meu reinado e que aqueles de vocês que são meus súbditos, **não vão de forma alguma trazer qualquer dano à sua pessoa ou de qualquer outra forma enganá-lo ou prejudicar a sua propriedade, que fica na ilha**". Esta carta parece ser o resultado direto das negociações entre António de Noli e o rei, dando-lho a libertação da prisão e retornando-o a Cabo Verde para continuar como governador. Sendo o julgamento feito em 31 de Julho 1477, apenas passaram cerca de 7 semanas até ter sido assinada a carta que o retirava da prisão; parece claramente que o rei estava a fazer um julgamento a favor de de Noli, devolvendo-lhe todos os bens que lhe tinham sido retirados, estando oficialmente protegidos na Carta Régia mencionada anteriormente.

Existem muitas razões pelas quais o rei desejava de Noli para seu governador na ilha. Primeira e mais importante era o seu conhecimento das rotas comerciais do Atlântico Sul e a sua habilidade em lidar com os comerciantes locais. A maioria de

---

Antonio deve ter sido a ilha de Antonio, como é descrito no mapa de Juan de la Cosa.

seu conhecimento teria sido considerado “alto segredo” pelos portuguêses, devido à intensa atividade que Portugal realizava nesta área em busca de um caminho marítimo para a Índia. Mais à frente este assunto será discutido.

Agora, é claro, seria muito importante que pudéssemos encontrar a petição original escrita por António de Noli, a qual provavelmente teria sido apresentada ao tribunal em Junho, após a sua libertação da prisão em 06 de Junho em 1477. Se conseguirmos localizar tal documento, seria a primeira vez que teríamos algo escrito por António de Noli, porque neste momento não há qualquer documento conhecido, escrito pela sua mão. Outros citaram documentos que foram escritos por Antoniotto Usodimare como sendo a obra de António de Noli. Infelizmente, houve uma grande confusão que levou muitos escritores a acreditar que eles eram uma única pessoa, como já foi mencionado anteriormente. No entanto, agora, pela primeira vez, temos um documento que mostra que de Noli de fato escreveu uma petição ao tribunal na Espanha. Este documento, se ainda existir, será muito difícil de encontrar, mas pelo menos agora temos um ponto de partida que não tínhamos antes e pela primeira vez, temos a oportunidade de encontrar um documento que poderia fornecer-nos informações valiosas sobre o misterioso navegador. Tem sido sugerido por um administrador do museu das Índias, em Sevilha, que se tal documento fosse encontrado levaria a outros documentos e que seria um resultado muito positivo, apesar das dificuldades em prosseguir este assunto.

A carta de julgamento pode ser encontrada no anexo 3 deste livro. Este também é um documento muito importante, pois poderia nos aproximar a um maior conhecimento da vida de Noli. Outra carta que lança uma enorme luz sobre as atividades de Noli pode ser encontrada em Portugal, a qual também é extremamente importante por causa dos detalhes bastante

explícitos que contém. Esta carta é um mandato pelo Rei D. João II de Portugal, escrita em 30 de Setembro de 1481, através da qual, pela primeira vez, somos capazes de esclarecer alguns pontos fundamentais sobre o misterioso navegador. Estas questões têm frustrado investigadores ao longo da história, mas agora, finalmente, há uma explicação lógica que pode autenticar um dilema crucial que os historiadores tiveram de enfrentar no passado, ao determinar a forma de avaliar as atividades de Noli.

Muitos historiadores têm considerado de Noli ser um traidor por negociar a sua libertação da prisão com o rei da Espanha. Mas, como veremos, esta certamente não foi caso. Uma das grandes dificuldades em discutir a história de Portugal é o imenso manto de sigilo que envolve todas as grandes conquistas marítimas ao longo da história Portuguesa e, especialmente, no século XV, no reinado de D. João II. É do conhecimento geral que Portugal sempre quis chegar à Índia por mar, mas talvez poucos entendemos plenamente o quão forte e firme foi a determinação deste pequeno país, voltado para o mar, em alcançar este objetivo. O país era pequeno demais para competir com outros países devido à falta de mão-de-obra. Havia apenas cerca de um milhão de habitantes a viver no país. Uma tão pequena população nunca poderia ter suficiente força para conquistar outras nações, especialmente quando comparado com o que os espanhóis fizeram na América do Sul. Na verdade, as aventuras espanholas em países da América, beneficiaram Portugal, pois eles estavam envolvidos em missões militares de grande escala no outro lado do Atlântico. Estas aventuras permitiam a Portugal ter mais controlo sobre o seu destino em busca de um caminho marítimo para a Índia. Devemos lembrar que Portugal faz fronteira com um único país e esse país é a Espanha. A Espanha também é muito maior do que Portugal e os dois

países estavam constantemente em guerra um com o outro. Portugal geralmente tinha boas relações com os outros países europeus e estava constantemente preocupado com uma ocupação por parte do seu vizinho, com 8 vezes mais população que Portugal. Na verdade, esta preocupação tornou-se realidade em 1580, quando Portugal esteve "unido" a Espanha durante um período de 60 anos. Muitos documentos portugueses poderiam ter sido facilmente danificados durante este período, pois administradores espanhóis teriam controlo sobre muitas instituições-chave. Este seria um bom motivo para procurar informações sobre António de Noli nos arquivos da Espanha.

Há ainda outra questão importante que recebe pouca atenção; Portugal era uma nação templária e quando os Cavaleiros Templários foram forçados a fugir de suas áreas históricas para outras partes da Europa, encontraram acolhimento em Portugal para continuar o seu legado. Esses Cavaleiros Templários estavam determinados a conquistar Jerusalém e destruir o Islã. Qualquer nação inimiga do Islã era um aliado potencial de Portugal. Muitos de nós nos lembramos de que Colombo falou muitas vezes que pretendia ficar rico e pagar as forças militares para conquistar Jerusalém e descreveu-o com um fervor messiânico que foram poucas as pessoas que duvidaram da sua associação aos Cavaleiros Templários. Talvez até mesmo os Cavaleiros de Colombo poderiam ter uma conexão direta ou indireta com esta filosofia, a fim de manter o sonho vivo. No entanto, isso não faria muito sentido para estas pessoas, porque aos seus olhos ele era simplesmente um pobre tecelão, de lã, que estava determinado a ficar rico.

Durante o século XV, Portugal tinha feito várias descobertas no Atlântico, como os Açores, Madeira e Cabo Verde, enquanto prossegue uma rota para a Índia ao longo da costa

ocidental de África. Estas descobertas foram sendo conduzidos em segredo. As Ilhas Canárias também foram alvo Português, uma vez que estavam a ser disputadas com a Espanha, que também as desejava, mas os povos indígenas eram um obstáculo sendo necessária uma intervenção militar para conquistá-los. Este processo foi finalmente concluído após o Tratado de Alcáçovas, em 1480, quando Portugal cedeu a todas as reivindicações para estas ilhas a fim de manter os seus direitos sobre Cabo Verde e a costa oeste de África. Este acordo permitiu a Portugal continuar de forma eficaz a sua missão secreta para desenvolver um caminho marítimo para a Índia, contornando o continente Africano. Navegadores famosos, como Diogo Cão e Bartolomeu Dias fizeram descobertas importantes ao longo deste percurso, o que permitiu a Portugal dobrar o Cabo da Boa Esperança em 1488 e continuar a missão para a Índia (Nota: normalmente o ano de 1488 é dado como data de chegada ao Cabo da Boa Esperança, mas também encontramos os anos de 1486 o 1487 - veja a nota 238. A épica viagem de Vasco da Gama à Índia teve início em 1497 e o retorno a Portugal em 1499. Existem alguns detalhes que descrevem essas viagens e os planos necessários para realizá-las devido ao secretismo que as envolvia. Por exemplo, poucas pessoas ouviram falar de Vasco da Gama antes de ele ter voltado da Índia em 1499. Desde que Bartolomeu Dias descobriu o caminho para o Cabo da Boa Esperança em 1488 (veja a nota 238 Op. Cit.), era lógico que Portugal estava a planear chegar à Índia, mas tal viagem foi preparada em total segredo. Consequentemente, após o retorno de Vasco da Gama, não houve qualquer notícia durante uma década sobre a sua viagem à Índia. Também não há qualquer notícia sobre as atividades de António de Noli durante esta década.

No entanto, é bastante interessante, neste ponto, salientar a carta régia de 08 de Abril de 1497, que permitiu a D. Branca de

Aguiar herdar o espólio de seu pai, António de Noli sob a condição de se casar com alguém escolhido pelo rei. Isto permitia-lhe escolher um nobre de confiança, da casa real, para governar Cabo Verde enquanto Vasco da Gama fazia a sua famosa e secreta viagem até à India. Era difícil para o rei contar com servidores de confiança e queria ter a certeza que escolhia a pessoa certa para gerir Cabo Verde, durante uma missão em segredo, com mais de 10 anos de intensa preparação, que era a viagem à Índia. Vasco da Gama partiu de Lisboa, com a sua frota, em 08 de Julho de 1497[81].

Ao longo desta história de viagens secretas, foi muito lamentável, mas verdade, que devido a estas circunstâncias muitas informações sobre Cabo Verde se perderam para os historiadores. Isto resultou numa tragédia histórica, pois o papel de Cabo Verde era claramente o de uma base logística, mantida em segredo, de onde partiam as missões das descobertas sigilosas do caminho marítimo para a Índia, bem como a rota para a descoberta "oficial" do Brasil, em 1500, por Pedro Alvares Cabral[82]. Tão secreto era o caminho para esses destinos, que mesmo quando Colombo partiu para Cabo Verde, em 1498, em sua terceira viagem ao Novo Mundo, parece que ninguém tinha a menor ideia sobre a verdadeira razão pela qual ele navegara para este destino. Devo admitir porém, que não encontrei despropositada a explicação num livro de Franklin Watts, de 1991, onde o autor diz: "Os soberanos tinham pouco apreço pela forma como Colombo conquistou as colónias de Hispaniola, mas recuperaram a confiança no seu "Almirante do Oceano". No entanto, quando ele empreendeu a sua terceira

---

[81] "As Grandes Viagens-Vasco da Gama," Franklin Watts, 2d Edition, Edinter, 1993, p.7.

[82] Hall. "Brazil and Africa-The pre-discovery of Brazil from the Portuguese Cape Verde Islands 1481-1500" http://pambazuka.org Web. 13 Jun 2014.

travessia em 30 de maio de 1498, era notório que a sua reputação e os seus títulos estavam em jogo: teria de tomar, a qualquer custo, a posse das minas de ouro que tinha descrito. Por esta razão foi para Cabo Verde antes de navegar para o oeste, na esperança de que iria encontrar um continente nas proximidades dos Trópicos."[83] Claro, seria nesta viagem que ele iria ver o continente americano da América do Sul pela primeira vez. Como todos devem saber, Colombo navegou em primeiro lugar para Portugal e, mais tarde, viajou para a Espanha. No seu diário de bordo ele já tinha reconhecido ter velejado para Cabo Verde, na viagem de descoberta de 1492[84]. Se ele já tinha lá estado antes, não era realmente um segredo. O segredo que continua até hoje é: "Porque foi para Cabo Verde em 1498"? Eu nunca vi uma resposta legítima a esta pergunta simples. Embora a explicação dada por Watts, que acabamos de citar, é interessante, sinto que falta algo no conteúdo da sua explicação. Esta é outra área de discussão que requer maior investigação e será discutida mais adiante neste livro.

Neste ponto, eu gostaria de fazer uma observação crítica à minha investigação da história secreta de Portugal. Acredito que essa observação é necessária, a fim de facilitar um entendimento mais lúcido ao leitor. Vários escritores têm referido Colombo como um espião Português e deram-nos

[83] Franklin Watts. "As Grandes Viagens-Cristobal Colombo" 1991 EDINTER Porto and translated by Ana Paula Silva (into Portuguese) p.20.

[84] "O Log de Christopher Columbus" Traduzido por Robert H. Fuson, Camden. Primeira edição paperback, 1992.p. 69 no sábado, 29 de setembro, 1492, escreve ele, "esta manhã vi um pássaro fragata, que faz andorinhas vomitar o que eles comeram e depois pega no ar. O pássaro fragata vive em nada mais, e mesmo que ele é um pássaro de mar, ele não saia e nunca é encontrado mais de 60 milhas da costa. Eu tenho visto muitos deles nas ilhas de Cabo Verde".

informações muito confiáveis para suportar essa avaliação[85]. Neste momento, talvez pela primeira vez, com base nas minhas observações, após ter lido muitos relatos sobre a idade das descobertas, as relações entre Espanha e Portugal e a questão de Colombo ter sido um espião para Portugal, encontrei uma outra questão que se perdeu para os historiadores. Esta é a questão de António de Noli e as suas relações com Espanha e Portugal. Acredite ou não, depois de muitas deliberações na tentativa de avaliar o papel de Noli, só posso concluir que ele também se encaixa na imagem de um espião clássico ao serviço de Portugal. Descobri que há muitas questões inexplicáveis que são impossíveis de ser consideradas como coincidências na vida deste misterioso navegador de tão grande talento. Apesar das minhas convicções pessoais neste sentido, encontrei pelo menos um outro escritor que tem notado algumas semelhanças surpreendentes entre o "modus operandi" de António de Noli e Colombo[86].

Descobri esta revelação recentemente, quase por acidente, porque um bom amigo meu forneceu-me algumas informações extraordinárias para a minha investigação, em resposta a uma pergunta que lhe tinha colocado. Eu estava a ler vários blogs na Internet e tinha notado que alguns escritores faziam reivindicações sem quaisquer referências comprovadas, então perguntei ao meu amigo se ele me poderia validar essas afirmações. Ele advertiu-me que muitas dessas alegações são

---

[85] Patrocinio Ribeiro. "The Portuguese Nationality of Christopher Columbus" Livraria Renascença J. Cardoso. Lisboa 1927.1927. – Rosa, M. S., Steele, E.J. "O Mistério Colombo Revelado". Esquilo. 2006

[86] Cortesão. Op. Cit. p.27. In descrevendo o modus operandi de António de Noli em ganhar sua liberdade da prisão em Espanha; o autor descreve-o como um soldado genovês de fortuna atuando em praticamente da mesma forma que Colombo.

feitas por "blogueiros" que não têm uma compreensão completa e real dos problemas e não podem ser considerados como fontes confiáveis. Felizmente, ele foi capaz de responder à minha pergunta principal e enviou-me algumas informações adicionais, para referências, que acabaram por ser uma mina de ouro de informações. Uma das referências chave que me deu, foi suficiente para alterar drasticamente a minha perspetiva sobre a história de António de Noli. Essa referência ajudou-me a ver António de Noli de uma forma que eu nunca tinha visto antes. Pela primeira vez, eu comecei a vê-lo como um espião português e nesta perspetiva, inúmeras coisas começaram a fazer sentido. Agora era capaz de racionalizar as atividades de António como a de um espião mestre. Essas atividades tiveram enormes benefícios para Portugal, apesar da ilusão de ser a favor de Espanha (que também tiveram grande importância no devido momento).

Então, agora, é justo fornecer ao leitor um exemplo claro de tal atividade. Um bom exemplo é o comportamento dele depois de ter sido capturado pelos espanhóis em 1476 como já vimos. Parece que efectivamente foi capaz de negociar a sua libertação da prisão, em 06 de junho de 1477, por ordem do Rei Fernando de Espanha. Já mencionei que ele foi autorizado a regressar a Cabo Verde como o governador sob a proteção do rei. Como poderia ele negociar a sua libertação do cativeiro? O que teria ele que era do interesse do rei? O rei já tinha sido abordado por mercadores genoveses, que estavam dispostos a pagar pela sua libertação, mas recusou a oferta porque aparentemente tinha outras ideias para negociar com António[87]. Então, o que António teria que pudesse ser de interesse para o rei? Como eu

[87] Cortesão. Op Cit. P. 26. "Mercadores genoveses em solidariedade com o seu concidadão tentou obter a sua libertação com 1.000 dobras de ouro, mas o Rei Fernando, graças a uma oferta melhor, ordenou a sua libertação".

tenho dito ao longo deste livro, sabemos muito pouco sobre António de Noli, mas o que sabemos, parece ser muito importante quando analisado em detalhe. Sabemos, por exemplo, que António de Noli era de uma família nobre de Gênova e que foi o descobridor oficial das primeiras cinco ilhas de Cabo Verde[88]. Sabemos também que ele colonizou as ilhas em 1462, teve uma influência muito grande na exploração do Atlântico Sul e foi muito bem informado sobre as várias atividades comerciais de Portugal ao longo da costa ocidental de África. A família Noli também tinha laços antigos com a família Fieschi, uma poderosa família da Ligúria[89]. Como governador de Cabo Verde e como comerciante com laços estreitos com África, ele, sem dúvida, tinha muitas informações que o rei queria, especialmente desde que Portugal negociava ouro ao longo da costa Africana. Além disso, ele conhecia os métodos utilizados para se obter esse ouro. Em outras palavras, de Noli teve acesso a muitos dos segredos vitais de Portugal, os quais lhe levaram a uma punição de pena de morte. Agora, com esta carta de atribuição de poderes (a carta régia de 6 de Junho de 1477), que autorizava de Noli a retornar ao Cabo Verde como governador sob o domínio espanhol, de repente, vemos algumas coisas estranhas acontecerem, revelando-se como o

[88] Carta Régia de 19 de setembro, 1462, esclarece que era António de Noli, que descobriu os primeiros 5 ilhas em Cabo Verde.

[89] "Da Noli a Capo Verde", Astengo, Balla, et al. Marco Sabatelli Editore, 2013 Savona, p. 55. Segundo o Professor Marcello Ferrada de Noli, um descendente direto de Antonio de Noli, a aliança da família Noli com o Fieschi começou em 1261, quando o membro da família Noli primeiro conhecido (sem nome dado) serviu Genoa no Conselho de Anciãos, juntamente com os Fieschis (esta informação foi retirada de um livro de Giovanni Delcazo, "Antonio da Noli", 1943). Mais tarde, em 1382, outro membro da família Noli pelo nome de Giacomo de Noli, atuou no Conselho com os Fieschis.

resultado do trabalho de um espião mestre. Neste contexto, sabemos que o Príncipe João era muito bem visto no comando da Coroa em Portugal, visto o seu pai (D. Afonso V) viver no exílio na França. D. Afonso V não queria voltar a Portugal, como rei, e preferiu delegar no seu filho essa função, abdicando do trono. No entanto, talvez, relutantemente decidiu voltar para Portugal como rei, em resposta aos seus partidários que o queriam como rei. O rei morreu alguns anos mais tarde e o príncipe voltou a ser rei, como D. João II em 1481, após ter sido assinado o Tratado de Alcáçovas. As datas são importantes, porque o Príncipe João (o Príncipe Perfeito[90]), mantinha o total controlo de Portugal entre 1475 e 1478 sendo responsável pelas viagens secretas que aconteceram durante esses anos, incluindo a expedição luso-dinamarquesa para o Canadá, em 1477, em que Colombo teria participado[91]. É comum os historiadores referirem que esta viagem foi organizada pelo Rei Afonso V de Portugal e o Rei Cristiano I da Dinamarca, mas Afonso não reinava neste momento, foi o seu filho João II quem organizou a expedição. D. João estava bem ciente de António de Noli e muito provavelmente conhecia-o pessoalmente.

---

[90] Ele foi chamado o Príncipe Perfeito porque o seu estilo de governar era muito parecido à maneira que Maquiaveli descreveu para que um líder pudesse manter o poder, no seu famoso livro “O Príncipe”, que foi escrito na prisão na Itália e usado por muitos políticos, até hoje, como uma lição sobre como se manter no poder a todo custo.

[91] Colon, Fernando. Historia del Almirante Capítulos III e IV. Fernando é considerado a fonte original da teoria de que Colombo foi a Thule (Islândia) e depois para Groenlândia em Fevereiro de 1477, com base na declaração entre as notas do Almirante em que ele escreve, “eu naveguei em 1477, no mês de Fevereiro, 100 léguas para além da ilha de Thule (Thile) (...)”. Muitos escritores acreditam que Thile e Thule são no mesmo lugar, enquanto outros acreditam que Thile é a Islândia e se calhar Thule è Gronelândia nos anos medievais (Veja anexo 38).

D. João II iria governar Portugal como rei entre 1481 e 1495, mas devia saber de António de Noli há mais de 20 anos, primeiro como príncipe e depois como rei, sendo entretanto difícil de demonstrá-lo porque não existem registros que confirmem esta realidade. Em 1471, com 17 anos, o Príncipe João já tinha sido chamado administrar o comércio e as receitas provenientes da Guiné e em 1474 ele instituiu o "o mare clausum" (a filosofia de manter o Atlântico Sul como o domínio pessoal de Portugal e manter as outras nações afastadas desta área, por outras palavras, o oceano foi fechado e controlado apenas por Portugal com o apoio do Vaticano, que apoiou esta posição nas suas bulas ou acordos que restrinjam a área para uso único de Portugal) na costa da Guiné. Esta prática proibiria qualquer um de velejar ao longo da costa da Guiné, sem a devida permissão os infratores seriam punidos com a pena de morte. Durante este período, há razões para acreditar que de Noli teria feito várias viagens para a Madeira e para a Europa por interesses comerciais. Além disso desenvolveu o comércio com Cabo Verde, razão pela qual teria de ser informado da nova lei sobre a pena de morte, a qual não autorizava a navegação ao longo da costa da Guiné. O Príncipe João pretendia manter esta área como domínio privado e em grande segredo, enquanto se preparava para explorar a rota para a Índia. Naturalmente, ele usava esta área para adquirir ouro para o tesouro nacional, além de outros bens especialmente como pimenta Malagueta. Assim, provavelmente teria tido naturalmente relações com de Noli e tê-lo-ia conhecido durante esses anos, mas como dito anteriormente, esta possibilidade nunca foi confirmada.

Este último comentário precisa de algumas explicações devido a observações realizadas pelo escritor, Pestana Júnior, que escreveu um livro interessante sobre Colombo em 1928, em que diz, que quando Colombo soube da morte de D. João

II, escreveu ele, “catorze anos andei a servir este rei” (Eu servi este rei por 14 anos). Uma vez que, Colombo se acredita ter deixado Portugal em 1484 ou 1485, isso significaria que ele tinha servido D. João II desde 1470 ou 1471. Este foi o momento em que o jovem príncipe adolescente foi encarregado das atividades do Ultramar (no exterior) e neste período Colombo navegava ao longo da costa de África. Note-se que Colombo faz muitas referências a Cabo Verde e à costa da Guiné no diário de bordo da sua primeira viagem. [92][93] Apesar do facto de não termos qualquer prova documentada de que navegou ao longo da costa da Guiné, existem relatos das suas experiências nessas viagens, porém, as mais importantes são as retiradas das suas experiencias de navegador. Então, dadas as circunstâncias, estas revelações devem ser levadas a sério. Uma das considerações que deve ser feita quando se trata de Colombo, tem a ver com o seu caráter ambicioso e temperamento de homem de mar. Os historiadores são obrigados a considerar o que foi escrito no passado sobre ele, por outros ou por ele pessoalmente, a fim de chegar a algum tipo de conclusão sobre a sua vida e viagens. Todas as indicações são de que ele navegava, em alto-mar, durante grande parte do tempo não revelando evidências históricas. Esta possibilidade real, misturada com o seu estilo de vida, leva-nos a não ter alternativas a não ser aceitar essas histórias até que tenhamos uma melhor teoria sobre o seu paradeiro durante este período de tempo. Tentar resolver os mistérios de Colombo e suas viagens é uma tarefa árdua.

---

[92] “The log book of C. Columbus”, Op. Cit.

[93] Rosario. Op. Cit.pp. 201/202 Muitas referências são dadas para suas viagens para a Guiné, muitos dos quais foram escritos em seu diário de bordo na viagem de 1492, mas ainda há várias outras referências dadas.

Um escritor, José Luis Lopez, lembra-nos a declaração de Fernando Colon sobre as viagens de seu pai para a África; "Navegando muchas veces desde Lisboa a Guiné", (ele navegou muitas vezes de Lisboa a Guiné)[94]. Se esta afirmação é verdadeira, então isto sucedeu antes de ele ir para a Espanha em 1484 ou 1485 e, provavelmente, teria sido nos anos de 1470. Eu incluí um mapa com os possíveis locais que Colombo visitou durante a sua estadia em Portugal, entre 1476 e 1484. Este é o único período em que ele poderia ter feito estas viagens, as quais normalmente são baseadas em escritos de las Casas e Fernando, sobre o Almirante. Todavia, Lopez, imediatamente retira essa possibilidade, pois usando a lógica racional, Colombo chega a Portugal em 1476, casa-se em 1479 ou 1480, tenta vender o seu plano a D. João II de Portugal e depois frustrado, em 1484, supostamente busca uma audiência com os Reis Católicos para perseguir o seu sonho de velejar até à Índia. Essa sequência de eventos certamente implica que Colombo não poderia estar constantemente a navegar para o litoral Africano. De alguma forma, ele também deveria despender tempo para estudar navegação, cosmografia, astrologia e vários idiomas durante este período, enquanto ganhava a confiança do rei para poder participar nas futuras viagens secretas. Certamente, não parece que Fernando iria inventar uma história sem qualquer razão.

Então, se podemos tomar as palavras de Colombo e de Fernando, de repente, veremos alguns desenvolvimentos muito interessantes nesta história. Se estamos a assumir que Colombo deixou Portugal e foi para a Espanha em 1484 ou 1485 e serviu D. João II por 14 anos, então, obviamente, isso significa que ele começou o seu serviço em 1470 ou 1471. Durante este

[94] El Tiempo Africano de Cristoforo Columbo, José Luiz Cortes Lopez, p322.

mesmo período, quase não temos registo das atividades de António de Noli. No entanto, algo acontecia ao longo da costa da Guiné, pois Portugal continuava a explorar e negociar esse ouro. Fernão Gomes tinha um contrato para explorar 100 léguas por ano ao longo da costa, enquanto realizava as suas atividades comerciais. Este período marcou o auge da atividade secreta realizada pelos navegadores e comerciantes portugueses ao longo da costa da África Ocidental. O principal objetivo da Portugal tinha sido sempre chegar à Índia, indo ao redor da ponta mais a sul de África. D. João II foi determinado para realizar esta missão em total sigilo. Se não o fizesse desta forma, Portugal ficaria muito vulnerável a ataques de piratas e à inveja das nações mais poderosas. Como uma pequena nação marítima, Portugal simplesmente não tinha a mão-de-obra para competir com as outras nações, assim que a sua força dependia deste secretismo. Este sigilo trouxe a Portugal uma riqueza significativa por muitas décadas, antes que os outros países europeus se apercebessem e começassem a competir uns com os outros para tomar tais riquezas.

Todas as indicações são de que Colombo conhecia os segredos de D. João II e as atividades de exploração da costa ocidental da África e do Atlântico Sul. Não é difícil deduzir que se Colombo tinha de facto servido a D. João II, entre os anos de 1471 e 1485, ele teve de o fazer em segredo, pois não há registro oficial das suas atividades durante este período. As possíveis viagens de Colombo antes de 1492 podem ser vistos no mapa em anexo 11.

Agora, vamos voltar para António de Noli. Onde estava ele durante o tempo em que Colombo foi supostamente servir D. João II? **Ironicamente, por mais estranho que possa parecer, ele também estava a servir D. João II.** Como sabemos isto? Bem, é claro pela evidência documentada de que Cabo Verde foi usado como uma base secreta durante o

período de descoberta. O melhor exemplo dessa evidência é a viagem de Vasco da Gama em 1497. É um facto histórico, bem documentado, que ele não usou a rota tradicional de navegação para sul ao longo da costa da Guiné, mas antes escolheu um caminho único e de extremo risco, navegando quase até a costa da América do Sul depois de chegar a Cabo Verde. Aqui está como um escritor descreve esta fase da viagem:

"A viagem de Vasco da Gama desde Portugal até ao extremo sul-africano foi diferente de qualquer outra anteriormente realizada. Após ter deixado o **Arquipélago** português **de Cabo Verde** (a ênfase é a do autor) e rumado a sul através do Equador, Vasco da Gamo não segiu a linha da costa africana. Tal como já Diogo Cão e Bartolomeu Dias haviam constatado, uma corrente no sentido norte tornava o progresso lento se os barcos se mantivessem perto da linha costeira. Em vez disso, Gama rumou a descoberto no Atlântico Sul, a milhares de quilómetros de África, na mais longa viagem ao largo da costa até então empreendida.

Vasco da Gama foi o primeiro capitão de mar, **de que há relato, a fazer uso dos ventos alísios** vindos de sudeste. Estes ventos fortes e confiáveis permitiam aos barcos navegar para sudoeste através do Atlântico Sul até encontrarem o vento oeste, soprando em direção ao Índico. A Segurança com que Vasco da Gama navegou em de Agosto de 1497, após se reabastecer de água fresca em Cabo Verde, **sugere que fazia uso de conhecimentos adquiridos em anteriores viagens por capitães portugueses desconhecidos**. (a enfâse aqui é minha)."[95]

---

[95] Watts, Franklin. "As Grandes Viagens - Vasco da Gama" pp. 8/9. 2º Edição-Edinter. 1992.

Acredito que era necessário citar estes dois parágrafos devido às revelações de grande valor que eles contêm. Agora, vou resumir estas revelações importantes:

1. A viagem de Vasco da Gama a partir de Portugal para o ponto extremo da África do Sul **era diferente de qualquer outra viagem anterior (feita pelos portugueses).**

2. Depois de deixar o arquipélago de Cabo Verde, ele seguiu para o sul através da linha do Equador. Ele não seguiu a rota ao longo da costa da África, como Diogo Cão e Bartolomeu Dias tinham feito, porque uma corrente de norte teria retardado a progressão dos seus navios.

3**. Ele foi o primeiro capitão do mar a fazer uso dos ventos alísios vindos do sudeste**. Estes ventos permitiam que os navios navegassem para o sudoeste através do Atlântico Sul, até encontrarem os ventos do oeste que sopram na direção do caminho para a Índia.

4. A confiança que Vasco da Gama **exibia após a sua saída de Cabo Verde, sugere que estava a usar conhecimento adquirido em viagens anteriores, por capitães portugueses desconhecidos.**

A última frase é fundamental para obter uma melhor compreensão do papel de António de Noli. Muitos escritores fizeram sugestões em alusão ao conhecimento do Atlântico Sul por parte de António de Noli. Nesta breve análise, podemos ver o impacto desse conhecimento na viagem de Vasco da Gama. Já foi mencionado que houve um grande segredo a envolver a formação de Vasco da Gama ao longo de uma década, entre a viagem de Bartolomeu Dias em 1488 e o regresso a Lisboa, em 1499, depois de mais de dois anos no mar, numa viagem épica para a Índia. Para melhor compreensão da rota de Vasco da Gama veja o anexo 10.

Quem era o governador de Cabo Verde durante esta fase secreta da história de Portugal? António de Noli foi o descobridor oficial e o governador para as ilhas ao longo dos primeiros 37 anos da história de Cabo Verde. Ele descobriu as ilhas em 1460 e em 1497, Vasco da Gama descobriu o caminho para a Índia. Portugal assinou o Tratado de Alcáçovas com Espanha em 1479-1480 e, em 1494, assinaram o Tratado de Tordesilhas. Este último mudou o curso das explorações na terra e iniciava-se uma corrida para repartir este "novo mundo" pelos europeus sendo o resto história. Então, como podemos ver, sem dúvida, muito foi realizado durante o reinado de D. João II e o governo de António de Noli. Eventualmente, o mundo saberá a verdade do que exatamente aconteceu durante esse período de grande secretismo. Eu acredito que isso aconteça, pois vejo cada vez mais e mais pesquisadores à procura de novas informações sobre este período da história. Obviamente, a Internet irá fornecer muita informação para o pesquisador e essa possibilidade não estava disponível há alguns anos atrás. Mais cedo ou mais tarde, haverá mais e mais documentos encontrados e digitalizadas e haverá maior facilidade no acesso a essas novas descobertas. Uma vez que esta consciência se torne uma prática comum no meio académico, haverá novas investigações terminadas e novos factos. Infelizmente, temos confiado ao longo dos séculos em informações e factos tidos como fiáveis e agora estamos a perceber que nos tornamos excessivamente dependentes deles, os quais, percebemos agora, não serem tão confiáveis como o imaginamos.

Agora, o que acontece com os comentários de Fernando, quando diz que o seu pai tinha velejado muitas vezes a partir de Lisboa até à costa de Guiné? Se usarmos a lógica que acabamos de descrever anteriormente, então tudo começa a fazer sentido com uma grande exceção. A maioria dos

escritores ainda está presa ao passado com a forma tradicional de pensar em Colombo e no calendário de eventos e datas que lhe têm sido atribuídos. Assim se mudarmos o modo tradicional de pensar, começamos a entender de que algumas das coisas que Colombo diz são verdades (e nisso incluímos também os seus filhos). Concordo que esta história é bastante complexa e vai ser difícil de compreender, no início, mas isso não deve ser motivo para desanimar neste momento, pois no final vou fazer um breve resumo que deverá facilitar este entendimento e em seguida, o leitor pode voltar e rever os detalhes. O que vem a seguir não é fácil. Estive pessoalmente tentar resolver este mistério durante décadas recorrendo a fontes confiáveis. No entanto, depois de falar com amigos e intelectuais da Jamaica e dos Açores, tudo parece estar muito mais claro.

Ao longo deste livro, verá que António de Noli e Colombo, na verdade, serviram os mesmos reis e rainhas e mesmo assim eles nunca se encontram em qualquer lugar juntos. Esta referência não aparece em qualquer livro de história, que eu conheça, exceto numa observação interessante feita num livro publicado em 1977. O autor, Morais do Rosário escreve em seu livro, "Genoveses na História de Portugal" na página 115, que António de Noli conseguiu ganhar a sua libertação da prisão com a Espanha como "condottiere genovês (como soldado genovês da fortuna) anuncia por vários modos Colombo".

Há, naturalmente, novas investigações em curso, especialmente desde que as comemorações do 500º aniversário da morte de Colombo (1506-2006) em 2006. Um fórum realizado em Turim, em 2006, proporciona-nos uma riqueza de novas informações sobre a vida pessoal de Colombo e as suas relações com a alta nobreza, que sugere claramente que o próprio Colombo estava relacionado com a classe alta de Génova. Em Torino, foi revelado que Colombo havia enviado

uma carta pessoal a Gian Luigi Fieschi e sua esposa Catarina, a poderosa família nobre em Liguria, o que demonstra que ele estava intimamente relacionado com a família Fieschi, entre os quais estavam os condes de Lavagna e a esposa de Gian Luigi, Catarina. Por mais chocante que esta informação seja, torna-se ainda mais surpreendente, quando sabemos que nosso navegador favorito, António de Noli e sua família estavam ligados à família Fieschi e ao seu destino político. Grande parte dessas informações foi discutida, talvez pela primeira vez numa conferência em Junho e outra em Setembro de 2010, durante as comemorações do 550º aniversário da descoberta de Cabo Verde (1460-2010).

Todos os itens acima, no parágrafo anterior, sem dúvida, surgem como informação sensacional sendo revelados pela primeira vez. Mas agora tudo fica ainda melhor. Acredite ou não, de acordo com uma fonte, Fernando Armesto: O próprio Colombo, afirma que ele estava relacionado com a poderosa família Fieschi e cita sua relação com Bartolomeo Fieschi[96]. Primeiro de tudo, deve ser um fato conhecido que Bartolomeo era um capitão de navio que acompanhou Colombo em sua quarta viagem ao Novo Mundo e passou boa parte do tempo com ele. Há muito a dizer sobre este Bartolomeo, mas, por enquanto, deve primeiro ser dito que ele colaborou como testemunha no **testamento final de Colombo,** em 1506, **o único que é considerado válido**, [97][98] onde o mesmo

---

[96] ATTI del II Congresso Internazionale Colombiano Torino 16 e 17 giugno 2006 a cura di Giogio Casatrelli Colombo di Cuccaro, Peter J. Mazzoglio, Gianfranco Ribaldone, Carlo Tibaldeschi. p.595 note 18 F. Fernandez Armesto. Cristoforo Colombo. Bari 1992. Nota 30 al capitol 1. P. 266.

[97] Manuel Rosa, um autor extremamente experiente, que fez estudos aprofundados sobre a vida de Colombo, fez um estudo aprofundado do testamento de 1498 de Colombo e determinou que ele é uma imitação e fornece a evidência na sua página do Web www.1492.us.com. Web. Junho

Bartolomeo é definido como “criado”, que é colaborador do testemento. Armesto recorda que a afirmação de Colombo, “(...) Flisco, (Fieschi) que sale de los principales de su tierra, y tener por tanto **deudo** con migo (sendo um parente próximo do meu) nella lettera del marzo 1504 (na carta de março de 1504), inviata um Nicolo de Oderico (que foi enviado para Nicolás de Ovando)”.[99] Aqui deve-se notar que a palavra “deudo” é traduzida como parente em um dicionário padrão hoje. No entanto, esta palavra deve ser rigorosamente traduzida de acordo com a forma como foi usada anteriormente. Assim, refiro o “Diccionario de la Real Academia Española” (Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), publicado em 1732, que define a palavra “deudo” como **uma relação particularmente estreita**.[100]

---

de 2014. Sua determinação de examinar os fatos difere drasticamente com a maneira pela qual S.E. Morison (que está convencido de que o testamento é autêntico 1498) realiza sua pesquisa. Veja Ch. 7 e a nota 147.

[98] ATTI del II Congresso Internazionale Colombiano Torino 16 e 17 giugno 2006 a cura di Giorgio Casartelli Colombo di Cuccaro, Peter J. Mazzoglio, Gianfranco Ribaldone, Carlo Tibaldeschi. P. 597 note 19 V. DE CONTI. Dissertazione storico – critica – letteraria sul grande Ammiraglio Cristoforo Colombo, Allesandria 1847. P. 284.

[99] ATTI Ibid. P. 597 note 20 C. Varela. Cristobal Colón. Textos y documentos completes. Madrid 1984. P. 332. Libro edito anche in Italia: C.Colombo. Gli scritti, a cura di C. Varela. Torino 1992. P 351.

[100] ATTI del II Congresso Internazionale Colombiano Torino 16 e 17 giugno 2006 a cura di Giorgio Casatrelli Colombo di Cuccaro, Peter J. Mazzoglio, Gianfranco Ribaldone, Carlo Tibaldeschi. P. 597 note 21-Diccionário de Autoridades. Ed. 1732. Pp. 247-248 “DEUDO. DA f. m. yf.” “Lo mismo que pariente. Llarmase assi por la especial obligacion que tienen los parientes de amarse y favorecerse riciprocamente. En lo antíguo se decia Debdo.”

Então agora vou discutir uma das questões que podem mostrar o trabalho de influência de António de Noli numa operação muito sensível. Todas as indicações são de que a Espanha aprendeu os detalhes da operação de comércio de ouro, com São Jorge da Mina, em 1477 (o ano em que António de Noli foi libertado da prisão) e os Reis Católicos deram a ordem para Francisco Bonaguisa, um florentino, e Berenguel Graner a partir de Barcelona, para armar barcas e caravelas, com o objetivo de negociar na Guiné e Mina de Ouro. As instruções dadas pela rainha aos seus capitães de navio revelaram um profundo conhecimento da mecânica dos métodos de fazer negócios em Mina e como se fazia o comércio de escravos com o ouro. Os Reis Católicos sabiam tudo sobre este sistema em Abril de 1478. Demorou cerca de um ano para se preparar esta expedição, porque foi difícil de organizar. De acordo com Morais do Rosário, em seu livro "Os genoveses na História de Portugal", o autor refere-se a Jaime Cortesão[101], dizendo que está convencido de que "este importante conhecimento dos domínios ultramarinos das rotas marítimas portuguesas e os métodos de negociação eram vulneráveis a Portugal e foram revelados por António de Noli, em troca de sua liberdade". É importante notar, contudo, que o autor continua esta história e acrescenta que "esta expedição partiu a meio de 1478 para Mina e no meio do Golfo da Guiné, duas frotas portuguesas comandadas por Jorge Correia e Mem Palha capturaram a expedição espanhola inteira (navios, carga e tripulação, depois de terem completado as suas transações comerciais) e trouxeram-nos a Lisboa, onde, como resultado do Tratado de Alcáçovas (1479) retornaram finalmente à

[101] Nas páginas 114-117 de seu livro, "Genoveses na Historia de Portugal", Rosario reproduz páginas 26-29 do livro de Cortesão "A Política de Sigilo Nos Descobrimentos".

Espanha."[102] Apesar de o resultado da expedição, parece que Cortesão ficou convencido de que António de Noli, expos segredos comerciais importantes de Portugal para a Espanha e que "nas Cortes (Tribunal), de Portugal, em 1481, em que D. João II abriu seu reinado como o novo rei de Portugal (após a morte de seu pai, o Rei D. Afonso V); numa das sessões com o povo, foi pedido que os estrangeiros deixassem de ter autorização para se estabelecerem no reino, e enfatizaram os florentinos e genoveses como aqueles que nunca apresentaram quaisquer benefícios, exceto "os de roubar o nosso ouro e prata e revelar os segredos de São Jorge da Mina". Esta acusação, entende-se plenamente, hoje, como sendo a deserção de António de Noli e a intervenção do florentino na organização da frota dos Reis Católicos que foram enviados para o Golfo da Guiné durante a Guerra da Sucessão de Castela".[103] Cortesão também sugere que D. João II e os seus promotores estavam bem cientes da traição de António de Noli e por isso enviou o promotor Pedro Lourenço a Cabo Verde para processar os crimes e abolir os privilégios que foram concedidos ao genovês (António de Noli).

Há uma outra versão desta história que é descrita por Pestanha júnior em 1928 e que parece ser uma descrição do mesmo incidente, mas com um ano de diferença. Neste caso, Pestanha diz-nos que em 1480, o Rei D. Afonso V e o Príncipe (Perfeito) tinham ordenado Jorge Correia e Mem Palho para a costa da Guiné, cada um na sua capitania, juntos, na área da Mina. Deveriam capturar 35 navios espanhóis, comandados por Pedro de Covides, a quem foi ordenado pelo Rei Fernando e a rainha Isabel ir para essa zona durante o tempo de guerra para

---

[102] Rosario. "Genoveses na História de Portugal" Lisbon 1977. Pp- 115/116.

[103] Cortesão.Ibid. p. 28/29.

comercializar bens (trocar escravos por ouro)[104]. Aparentemente, a pessoa mais provável que poderia ter fornecido esta informação seria de Noli. Esta versão dos acontecimentos dá-nos outra perspectiva que não é mencionada na primeira versão tornando-se um factor muito importante nesta discussão. Neste caso, podemos ver que foram o rei e o príncipe (o futuro Rei D. João II), que enviaram os dois capitães para o Golfo da Guiné com a finalidade de capturar a frota espanhola. Em outras palavras, o Príncipe João já tinha sido informado sobre a da frota espanhola e a situação na Mina.

No entanto, uma coisa estranha acontece nesta aventura. Os Portugueses são capazes de capturar os navios, enquanto eles ainda estão no meio do Golfo da Guiné, totalmente carregados com os produtos e abundância de ouro. Esta operação foi realizada com sucesso pelo capitão Jorge Correia e Capitão Mem Palha. É de interesse extraordinário que um certo Capitão Jorge Correia de Sousa viria a tornar-se como o genro no futuro de António de Noli. Em relação ao Jorge Correia de Sousa, foi recomendado para casar com a filha de Antono de Noli como está afirmado no decreto real de 8 de abril de 1497; Coronel Ribeira Villas escreve: "Nada é relatado na história dos serviços prestados pelo marido selecionado, mas ele poderia ter sido assistente do falecido (António de Noli)."[105] No entanto, neste momento não tenho certeza se este é o mesmo Jorge Correia que comandava a armada portuguesa contra a frota espanhola, pois parece existir duas famílias diferentes, com nomes semelhantes e diferentes brasões. Então,

[104] Pestanha, Junior. Cristovão Colombo ou Symam Palha. Imprensa Lucas & Cª. Lisboa 1928 pp. 106/107

[105] **Villas,** Ribeiro, "História Colonial" Vol. I Grandes Atelieres Gráficos Minerva DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO, VILA NOVA de FAMALICÃO. 1937. P. 216. Biblioteca Municipal de Loulé. No. 65281.

penso que é necessário realizar mais pesquisas para verificar estes dados. Poderiam ter existido dois homens diferentes, com o mesmo nome. Um Jorge Correia referido como da Casa de Faralaes, e o outro Jorge Correia (de Sousa) descrito como um fidalgo da Casa Real, filho de João Correia, um membro da Ordem de Santiago. Este é um problema comum ao trabalhar com nomes quase iguais mas que podem ser de pessoas diferentes. Isto pode trazer resultados desastrosos e representa um fardo para o escritor, pois obriga-o a fazer as devidas diligências para relatar as suas descobertas com precisão. Mas, no exemplo acima, é extremamente difícil verificar a veracidade das informações, pois uma fonte diz que os navios espanhóis foram capturados em 1478 e outra diz-nos que foi em 1480. Eu estou inclinado a acreditar que aconteceu em 1478, por causa da guerra entre Portugal e Espanha, a qual tinha cessado em 1479 e os marinheiros capturados que foram feitos prisioneiros teriam sido libertados em 1480, após a ratificação do tratado por parte da Espanha. Também é possível que Pestanha Júnior, por lapso, escrevesse 1480 em vez de 1478, na sua versão da história.

Parece que D. Branca de Aguiar, pode ser da família relacionada com a família Perestrello de Porto Santo. Este também é um cenário interessante, porque há um Pedro Correia que é o genro de Bartolomeu Perestrello, o Capitão do Porto Santo, que morreu em 1457. Ele é bem conhecido na história como o pai de Filipa Moniz (esposa do Colombo) e sua viúva, Isabel Moniz Perestrello disse ter dado a Colombo muitos dos seus livros e cartas de navegação. Pedro casou com Izeu Perestrello, filha de Bartolomeu. O seu nome também cria confusão, pois ele também pode aparecer como Pedro Correia da Cunha ou Pero Correia. Se isso for verdade, então, obviamente, ele seria o cunhado da esposa de Colombo. Pedro Correia também comprou a capitania de Porto Santo em 1458 e

que manteve até 1473. Nesse momento, Bartolomeu II voltou à Madeira, depois de ter servido nas guerras na África e exigiu que a capitania fosse transferida para ele, visto ser o legítimo herdeiro[106]. Este pedido foi honrado e o seu tio Pedro Correia abandonou a propriedade e o título de capitão. Dois anos depois Pedro Correia tornou-se capitão na Graciosa, nos Açores, e manteve essa capitania até à sua morte, que se acredita ter sido em 1499.

Eu acredito que esta informação é muito importante porque António de Noli tinha feito negócios na Madeira em 1471[107] (e muito provavelmente antes dessa data), de modo que seria praticamente impossível, na minha opinião, para os dois governadores, nunca se encontraram durante as visitas realizadas à Madeira por António de Noli. Ainda assim, mais tarde, quando o governo da ilha foi dado a Barolomeu II, (cunhado de Colombo e o irmão de Filipa), é possível que António de Noli fizesse visitas às ilhas da Madeira e Porto Santo, sendo o irmão de Filipa o governador. Isto significa que António de Noli muito provavelmente conheceu Bartolomeu II, irmão de Filipa e o cunhado de Colombo.

Agora, pela primeira vez, eu vejo estas relações de um modo bastante interessante, pois não acredito que elas já tenham sido examinadas antes. Pedro Correia da Cunha era um guarda real, juntamente com Afonso de Alburquerque, o segundo governador da Índia. O seu filho, D. Afonso de Alburqueque iria comprar a capitania da filha de António de Noli, em Cabo Verde, em 1524[108]. De repente, eu começo a ver relações entre ambos, Colombo e António de Noli, mas, tanto quanto sei, não

---

[106] Veja o parágrafo 5 das páginas 67 e 68.

[107] Hall. Op. Cit p. 91.

[108] Hall. Op. Cit p. 95.

há ninguém que tenha sugerido a existência de tal relação. Esta parece ser uma questão muito complexa, pois, não há qualquer documentação para mostrar que os dois navegadores se conheceram, apesar do facto de ambos serem capitães de mar, misteriosos, que receberam um tratamento muito especial por parte de ambas as famílias Reais, Portuguesa e Espanhola.

Também é interessante notar que muitos Portugueses começavam a fazer denúncias contra os genoveses e florentinos, que residiam em Portugal e beneficiavam de muitas atividades comerciais a nível internacional. Esses comerciantes viviam em Portugal há décadas e, geralmente eram tratados como cidadãos portugueses típicos, contudo muitas pessoas acreditavam que eles não eram de confiança e, de facto, foram revelando segredos portugueses para os seus inimigos, apesar dos seus juramentos de sigilo. É muito possível que algum destes comerciantes tenha vendido segredos, uma vez que vinham para Portugal e voltavam para a Itália. Em Novembro de 1481, na cidade de Évora, decorreu uma audiência para tomar medidas sobre as queixas contra os genoveses e florentinos. No entanto, é importante notar que o Rei D. João II decidiu investigar o assunto que envolveu António de Noli e a capitania de Cabo Verde, **depois** de ter sido ordenado rei. O nome de António de Noli nunca é mencionado na carta do rei ao seu representante que foi enviado para Cabo Verde, com a função de investigar quaisquer delinquências que envolvessem as capitanias de Cabo Verde **e quaisquer capitães ou funcionários** que fossem considerados delinquentes seriam processados de acordo com a lei. Ao representante, Pedro Lourenço, um escriba da Casa Real foi dado o poder necessário para tomar as medidas que considerasse adequadas. Esta carta de instrução é bastante implícita na medida em que não faz referência a António de Noli pelo nome e, de facto, é uma reminiscência da carta de

1472, quando Fernão Gomes apresentou uma queixa contra o governador de Cabo Verde por atividades comerciais ilegais na sua área de África. Nesta reclamação, o nome de António de Noli nunca é mencionado, embora seja claro a partir do contexto da carta que se poderia estar a referir a um homem só que seria António de Noli.[109]

Mais uma vez, estamos a tentar resolver os mistérios de António de Noli. Qual foi o resultado da investigação? A partir deste momento, eu não tenho nenhuma informação disponível para responder a esta interessante pergunta. No entanto, alguns escritores têm acusado a Rainha Isabel de Espanha de ter oferecido recompensas substanciais aos marinheiros portugueses que estivessem dispostos a divulgar segredos marítimos Portugueses, relacionados com a costa da Guiné. Devemos estar cientes de que havia muitos espiões em Portugal e Espanha. Estas duas superpotências simplesmente não confiam uma na outra e espiavam-se mutuamente, algo muito parecido às duas superpotências do século XX. Embora, possa parecer que fosse António de Noli a trair Portugal, não há evidências documentadas para sustentar esta suspeita. Todas as opiniões são baseadas apenas em boatos. Mas a informação que tenho é muito relevante e proporciona-nos um claro corte com as explicações dadas e aceites até este momento.

Na Carta Régia de 08 de abril de 1497, o novo Rei D. Manuel I, deixou muito claro que uma exceção à lei, criada pela Lei Mental, seria exercida na herança da propriedade de António de Noli, que incluiu o título de governador a ilha. Esta exceção significava que a filha de António de Noli poderia herdar o governo da ilha, ao casar-se com um marido escolhido por ele. De acordo com a Lei Mental, a propriedade ia para um

---

[109] Hall. Ibid. p.82.

herdeiro do sexo masculino e a carta diz claramente que não havia herdeiros masculinos elegíveis para herdar a propriedade, de modo que este exceção deveria ser feita. Agora, para fazer esta história mais interessante, o rei escolhe um capitão da Casa Real, D. Jorge Correia de Sousa para se casar com a filha de António de Noli, D. Branca de Aguiar. Quem foi Jorge Correia da Sousa? Na verdade, eu não sei nada sobre esse nobre. Há um Jorge Correia, capitão de uma armada, que juntamente com outro capitão, Mem Palha, foi enviado para a Costa da Guiné em 1480 (?). Estes dois capitães conseguiram capturar 35 navios espanhóis comandados pelo Capitão Pedro de Covides de Castela.[110] Este episódio foi mencionado anteriormente. No entanto, neste momento, é prematuro sugerir que esta é a mesma pessoa, embora seja certamente possível.

A fim de tornar a história mais interessante, temos de perceber que há um vazio de informações entre os anos de 1477 e 1497 no que diz respeito ao paradeiro de António de Noli, até que se presume estar morto e a sua filha herda a sua propriedade, como mencionado, em 1497. Apesar desta falta de informação, já vimos, que, sem dúvida, a Antonio de Noi foi dado um tratamento especial pelo Rei D. João II na investigação de 1481. Esta investigação decorreu já com o rei no trono e, visto que provavelmente o conhecia pessoalmente (ou tinha de saber muito sobre ele), esta tinha que ser uma decisão importante para esclarecer quaisquer dúvidas aos membros políticos de elite Portuguesa.

Há um outro fator que não deve ser esquecido. Uma vez que o Tratado de Alcáçovas foi ratificado pela Espanha em 1480, Portugal conseguiu exatamente o que queria nas negociações

---

[110] Pestana, Junior. "D. Cristobal Colom ou Symam Palha". Pp. 106/7. 1928. Imprensa Lucas & C.ª Lisboa.

com o país rival Espanha. O principal objetivo do Portugal no tratado era manter os navios espanhóis fora de águas controladas pelos portugueses, assim como Portugal tinha conseguido antes da guerra ter eclodido. Portugal concedeu à Espanha o direito de conquistar as Ilhas Canárias, que ainda estavam a ser contestadas pelos nativos das ilhas e Cabo Verde foi devolvido ao governo Português. Também a rota do sul ao longo da costa ocidental da África, para lá das Ilhas Canárias tornaram-se do domínio oficial de Portugal. Então, agora, a Espanha não podia mais (legalmente) interferir nas explorações de Portugal, principalmente na rota marítima para a Índia, explorada com grande segredo pelos portugueses. Então, onde está António de Noli durante estas negociações e desenvolvimentos que ocorreram durante e depois do tratado de 1480? Bem, se ler-mos a carta do rei que permitiu ao representante escolhido, Pedro Lourenço, tomar medidas contra quaisquer capitães e ou oficiais[111] que não cumprissem os deveres de lealdade a Portugal durante a ocupação das ilhas por Espanha, deve ser razoável presumir que Antonio de Noi ainda estava a servir como governador em Cabo Verde. Caso contrário, a carta teria sido diferente. Na carta régia de 08 Abril de 1497, isto torna-se evidente, pois de Noli é considerado como o governador até à sua presumida morte em 1496 ou 1497.

Também deve-se notar, que **de acordo com a Lei Mental, se de Noli não possuísse herdeiros masculinos elegíveis para a sua propriedade, tudo seria automaticamente revertido a favor da coroa.**[112][113] Esta é uma observação, muito

---

[111] Silva Marques Op. Cit. pp. 243-245. Royal letters of 30 Sep 1481.

[112] Rosario. Op. Cit. p.121.

[113] Lei Mental-Wikipedia, a enciclopédia livre Web.26 Feb 2014.

importante, pois há escritores a argumentar que o principal motivo dessa exceção era garantir que um estrangeiro não assumisse o controlo de uma parte tão valiosa do território português, algo prejudicial aos interesses de Portugal. A verdade da questão é que, embora António de Noli fosse considerado um estrangeiro, ele foi sempre tratado pelos reis de Portugal como um estrangeiro muito especial, instalado como governador de Portugal numa capitania (concessão de terras e subdivisão territorial política). Sabemos também que ele era um nobre e tratado com um alto grau de respeito, pois ele era conhecido como Mjcer Antonio nos documentos portugueses oficiais emanados do rei.[114] O título de Micer era um termo reservado para os nobres de alta posição social, durante este período em Portugal.[115] Esta é também uma observação importante e, além disso, ele conseguiu sobreviver a várias controvérsias (mesmo depois da sua suposta morte - este assunto será tratado com mais detalhes no capítulo 10 como temos visto e documentado ao longo desta análise. Mais uma vez, as aventuras de António de Noli são vistas como bastante incomuns e têm todas as marcas de um espião mestre, na minha opinião).

Há outros relatos da família de Noli que mostram sinais claros de um tratamento favorável aos descendentes na linhagem da família. Por exemplo, há o caso de D. João de Noli de Cabo Verde, que foi nomeado cavaleiro da Ordem de Santiago em 1514, no entanto, não existem quaisquer documentos para explicar as razões da sua nomeação. Normalmente, é dada uma explicação de suas conquistas e os nomes dos membros de sua família, como pai, mãe, avós, etc,

---

[114] Royal letter 8 Apr 1497 Op. Cit.

[115] Vocabulariio Portuguez & Latino Op. Cit.

mas no seu caso tal não sucedeu. No entanto, é importante mencionar que foi condecorado por D. Jorge de Lencastre, filho ilegítimo de D. João II, que era o mestre da Ordem de Santiago. Este é um forte indício de que, quaisquer segredos que envolveram António de Noli e o Rei D. João II, foram bem conhecidos por D. Jorge de Lencastre, uma vez que é óbvio que eles ainda estavam em torno da mística de António de Noli, mesmo muito tempo após a sua morte. É também de salientar que isto aconteceu no tempo em que D. Jorge de Lencastre se preparava para ser o próximo rei, mas por causa de “pontos de vista” de sua esposa (a rainha Leonor), o Rei D. João II concordou e permitiu que fosse o cunhado a ascender ao trono quando morreu. Aparentemente, ele não desejava que se iniciasse uma luta para aceder ao trono, entre a família, após a sua morte. Nestas circunstâncias, parece muito provável que alguém teria de guardar estes segredos e seu filho ilegítimo seria um dos mais prováveis candidatos para preencher esse papel. O filho legítimo do rei e único herdeiro era o Príncipe D. Afonso, que morreu num acidente misterioso de equitação em Setúbal, em julho 1491, ficando sem quaisquer outros herdeiros elegíveis.[116] Após a morte do príncipe, o rei nomeou o seu primo e cunhado, o duque de Beja, como seu sucessor e qual viria a reinar como D. Manuel I de Portugal.

Algumas coisas que devem ser lembradas neste capítulo:

1. Porque diz o filho de Colombo que seu pai navegou muitas vezes a partir de Lisboa para a costa da Guiné (tendo em mente que isso foi muito depois do seu pai ter morrido)?

2. Porque diz Colombo que serviu ao Rei D. João II, durante 14 anos (isso implica que deveria tê-lo servido entre 1470 e

---

[116] “Afonso, Principe de Portugal (1475-1491).” Wikipedia. Web. 3 Jun 2014.

1484 e todos este serviços foram prestados em segredo, pois não há registo público de tal)?

3. Porque Jaime Cortesão implica António de Noli como traidor, enquanto Morais do Rosário contradiz essas conclusões usando a mesma base para seus argumentos, sendo essa a carta régia (30 de setembro de 1481) dada ao promotor Pedro Lourenço para investigar a situação em Cabo Verde.

4. Por que a família Noli continuou a receber benefícios Reais mesmo depois da morte de António de Noli?

5. Embora não haja resultados oficiais da investigação ordenada pelo rei, não são as circunstâncias seguintes à investigação bastante claras na absolvição de qualquer atitude errada de António de Noli?

CAPÍTULO 6

Alguns comentários estranhos de historiadores confiáveis

Segundo Fray Bartolomeu de Las Casas, **Colombo pode ter navegado na viagem da descoberta de Cabo Verde**.[117] Obviamente, essa é uma afirmação fantástica, pois o seu nome nunca é mencionado na descrição dessas viagens e foram descritas várias vezes por diferentes historiadores. Sabemos que de las Casas, conhecia pessoalmente o Almirante. Pai e tio de Las Casas, também conheceram e acompanharam Colombo ao Novo Mundo. Por que razão iria ele fazer uma declaração tão incrível se não tivesse um motivo? O sacerdote teve uma vida longa e teria conhecido muitas pessoas que navegaram com Colombo. É possível que algumas dessas pessoas tenham navegado com ele em algumas das viagens secretas, que foram descritas anteriormente, durante os 14 anos que ele navegou e serviu D. João II. Que sabem essas pessoas sobre Colombo e as suas viagens antes de ir para a Espanha? Pelo menos um escritor faz um esforço para identificar certos indivíduos que mostram ter conhecimento da verdadeira missão de Colombo e explica com detalhe a assistência que eles lhe prestaram. Então, mesmo que pareça absurdo que de las Casas faça tal declaração, com o fim de analisar esta situação, creio que faz sentido considerar a possibilidade e dar ao leitor a oportunidade de fazer o seu próprio juízo em última análise.

Vamos observar com maior atenção a declaração feita por Las Casas, a respeito de Colombo quando viaja para a África:

1. «Y asi navegó algunas veces aquel camino en compañía de los portugueses, **como persona ya vecino y cuasi natural**.

[117] Las Casas. Op. Cit. Lib. I. Cap. CXXX.

2. Y no fue chico saber que en sus dias se habian descubierto las **islas de Cabo Verde** y de las Azores y tan grande parte de Africa y Etiopa **y que en él habia sido en alguns viajes dellos.**

3. En estos viajes y descobrimentos, o en algunos dellos, se halló el Almirante…»

Vamos examinar estes comentários em detalhe:

1. "**Ele estava a viajar com os portugueses, como se fosse um cidadão Português natural**". Aqui podemos ver a sua estreita associação com os navegadores portugueses que estavam mais propensos a velejar em missões secretas, neste momento.

2. "Não era insignificante para aprender sobre a descoberta de Cabo Verde e dos Açores, bem como uma grande parte da África e da Etiópia, e que **ele tinha navegado em algumas delas (as viagens)**". Esta é uma declaração muito curiosa que parece estranha à primeira vista. Mas espere um minuto, ele disse que navegou em algumas delas e não, em todas elas. "Uma grande parte da África e da Etiópia", em linguagem contemporânea normalmente significaria a Costa da Guiné. Os Açores tinham sido descobertos antes de Colombo nascer, para que possamos eliminar essa possibilidade. Agora, esta declaração parece mais realista se considerarmos que ele poderia ter navegado na viagem de descoberta para Cabo Verde e também em algumas viagens à Guiné. Cabo Verde como sabemos foi descoberto em 1460 e de acordo com os meus cálculos e de vários outros, Colombo teria nessa época pouco mais de 20 anos (ver anexo 31).[118] Um interessante artigo de

[118] Muitos escritores e outros autores utilizaram o 1435 como o ano de nascimento de Colombo. Um busto de Cristóvão Colombo foi esculpido por Augusto Rivalto com a inscrição: Christopher Columbus - Um grande filho

Boston College, em relação à idade de Colombo foi escrito em 1892 e dizia:

"**A data de nascimento de Colombo**

Qualquer coisa relacionada com o grande descobridor Católico, com a comemoração do seu quarto centenário neste ano, tem um interesse especial; portanto, o papel do Padre Dutto no mundo católico, onde sabiamente examina os diversos relatos do ano do nascimento de Colombo" é bem digno de nota. **O erudito clérigo de Mississippi é da opinião de que Irving está certo ao afirmar que a data de nascimento do famoso navegador foi em 1435, dando-lhe 70 anos de idade no momento da sua morte**. Ele acredita que as contas que colocam o ano do seu nascimento em 1446 ou 1447 estão erradas, **pois existem várias provas a indicar que Colombo tinha 70 anos no momento da sua morte, e deve, portanto, ter nascido na terceira década do século XV**, uma vez que todos os estudiosos de maior autoridade indicam a data da sua morte em 1506. Há muitas citações de escritos do próprio Colombo, o seu diário e cartas, usados na fundamentação do ano atrás citado, e conclui-se que "o futuro biógrafo de Cristóvão Colombo pode começar com toda a certeza o seu trabalho assim: **O descobridor da América nasceu em Génova, não antes de 1435 nem depois de 1436.**"[119]

---

da Itália – Nasceu 1435 - Morreu 1506 – Descobriu a América em Outubro 12, 1492. Este monumento é dedicado à sua honra pelos italianos de Detroit Outubro 12, 1910 (Veja anexo 31).

[119] "The Sacred Heart Review" (Boston College) Vol. 7. Number 16. 19 Mar 1892 "The Date of Columbus' Birth". www.newspapers.bc.edu/cgi-bin/bostonsh?a=d&d. Web. 16 Jun 2014.

3. “Nestas viagens e descobertas, ou em algumas delas, esteve o Almirante...”. Esta declaração reforça o ponto anterior, o número 2.

Las Casas era sacerdote e dedicado à sua profissão, então porque iria inventar histórias dessa natureza? Em sua longa vida e muitas viagens em dois continentes, ele deve ter aprendido muito e de muita gente. Obviamente, tinha estreitas ligações com a classe alta e as famílias Colombo durante a sua vida, além de ser bem ciente dos escritos de Fernando Colon, filho ilegítimo de Colombo. Esta informação é de conhecimento comum entre os historiadores. Assim, as declarações acima fornecem ao investigador sério com uma riqueza de informações muito importantes, **às quais é necessário dar a devida atenção, a qual tem sido seriamente deficiente no passado.** Não é coerente, na minha opinião, ignorar estas declarações por considerá-las sem fundamento. Gradualmente, veremos a importância de tudo o que Las Casas disse nesta análise particular.

Há muitos episódios interessantes para esta história incomum. É um facto conhecido que Colombo recrutou dois capitães genoveses para velejar com ele depois de ter descoberto o Novo Mundo. Estes eram membros de famílias nobres genoveses.[120] Como foi possível, se ele era um simples tecelão de lã em Génova? Simplesmente o facto de eles terem navegado com ele, como capitães do mar, dá a impressão imediata que Colombo deve ter conhecido esses homens quando morava em Génova. O problema de isto é claro, é o seu relacionamento com a nobreza antes de se tornar um almirante famoso por suas façanhas marítimas, depois de descobrir o

[120] Miguel Cuneo de Savona navegou na segunda viagem e Bartolomeo Fieschi da poderosa família nobre Fieschi navegou na quarta viagem.

Novo Mundo. Também indica que se tivesse amigos, qualificados como capitães, dos seus tempos de juventude em Génova, quando teve conhecimentos do mar teria navegado com eles, e deveria ter-lhes proposto navegar a um novo mundo em águas inexploradas. Eles, obviamente, teriam muita confiança nele e nas suas habilidades.

Agora, se podemos imaginar que de las Casas ou seu pai e tio, provavelmente, falaram com estes nobres durante as suas viagens com Colombo, é muito possível que eles possam ter revelado algumas histórias sobre Colombo, que nunca chegaram ao público. É natural que essas pessoas teriam conhecido e falado em algum momento durante as viagens ou depois de chegarem a terra. Nestas circunstâncias, parece-me que não teria havido muitas oportunidades para conversas informais com os seus companheiros de viagem e ou aventureiros, além disso, estas pessoas tinham de planear e organizar a preparação para as viagens com antecedência. Deveriam conhecer os tripulantes e transmitir-lhes as suas responsabilidades durante e depois das viagens. Eles, sem dúvida, tinham que aprender alguma coisa com os seus novos amigos e, claro, a maior parte dessas conversas nunca seria registada. Assim, com base nisto, suspeito fortemente que de las Casas tinha uma boa razão para fazer tal sugestão, sem fazer uma afirmação de que Colombo de facto velejou na viagem mas somente sugeriu que ele poderia ter velejado na viagem da descoberta de Cabo Verde.

Há também a possibilidade de que Colombo quisesse deixar algumas pistas, para que futuras gerações desvendassem esses mistérios que, por alguma estranha razão, claramente criou. Talvez, por lealdade a certas pessoas, ele manteve essa atitude até a morte. No momento em que chegar ao final deste livro, espero fornecer evidências muito fortes para mostrar que de las Casas pode ter tido razão.

Agora eu gostaria de discutir um outro comentário estranho que vem de outro historiador importante. Este comentário vem de um historiador contemporâneo que também conhecia pessoalmente o almirante e **foi encomendado pela Real Coroa de Espanha a escrever a história oficial da Espanha no Novo Mundo**. Este escritor, cujo nome é Fernando Gonzalo Oviedo, era um rival de De las Casas. Ele escreveu: “General y Natural Historia de las Indias”, em 1526.

Oviedo como de las Casas também faz uma declaração empolgante sobre o almirante; De acordo com José Luis Lopez, que discute a história do “piloto secreto” - no livro de Oviedo “General y Natural Historia das Índias” - que forneceu a Colombo informações valiosas sobre o que se acredita ser um local misterioso na região do Caribe. Ao voltar de sua aventura ele fez uma parada de emergência numa ilha onde Colombo foi residente e faz a seguinte afirmação: **“pues, se equivoca a nuestro juicio al fijar la possível residencia del Almirante en Cabo Verde cuando fue visitado por el Piloto Misterioso.”**

“É um erro em nosso julgamento a sugerir que a possível residência do almirante estava em Cabo Verde, quando ele (Colombo) recebeu a visita do misterioso piloto.”

Esta história é bastante interessante, porque várias histórias foram escritas sobre este “misterioso piloto”, que voltou; depois de uma viagem secreta para o Ocidente; para um local em algum lugar do Atlântico para uma ilha onde Colombo foi supostamente residir na época. Os tripulantes sobreviventes chegaram à ilha todos eles fracos e doentes. Os poucos sobreviventes, diz-se terem morrido pouco depois de sua chegada, mas o piloto sobreviveu e foi ajudado por Colombo, tornando-se seu amigo íntimo. Este misterioso piloto, então, diz-se ter revelado detalhes de sua viagem secreta para

Colombo e, em seguida, morreu na sua casa. Esta história lendária implica o seguinte:

1. Que Colombo obteve informação secreta, a qual lhe deu confiança ao projeto de velejar para o oeste.

2. Implica também que as viagens secretas podem ter sido feitas no Atlântico ocidental.

3. Isso mostra que Colombo foi provavelmente residente numa ilha, mas que o nome da ilha provavelmente não era conhecido.

4. Alguns detalhes indicam que poderia ter sido uma viagem secreta, feita por Portugal, pois tais viagens estavam a ser realizadas a partir de Cabo Verde, não seria incomum esperar que a ilha sem nome pudesse muito bem ser Cabo Verde.

5. Alguns dizem que o piloto era de Huelva (Andaluzia).

Agora quando se olha com mais atenção para os argumentos de Lopez nos quais ele se refere a erros que eram feitos sobre as opiniões de Oviedo, isto exige um olhar atento para o conteúdo dos comentários de Oviedo. Oviedo escreve no livro II, Capítulo II, na página 13; “Algumas pessoas disseram que uma caravela da Espanha foi para a Inglaterra carregada com mercadorias e suprimentos, tais como vinho e outras mercadorias que estavam sendo transportadas para a ilha (para suprir as suas necessidades). Acontece que eles tiveram que superar uma furiosa tempestade e ventos contra, pelo que foram forçados a navegar para o oeste por muitos dias e reconheceram uma ou mais ilhas nestas zonas como as Índias e aí desembarcaram e viram pessoas nuas e então tomaram água e madeira para retornar à sua rota. Então, dizem ainda, que a maior parte da carga desses navios eram suprimentos, comida e vinho que lhes permitiu sustentar uma longa viagem e, mais

tarde, quando o clima era mais favorável para a sua finalidade, começaram a voltar e a navegação era tão favorável que eles conseguiram voltar para a Europa e foi para Portugal. Mas porque a viagem era longa e incómoda, especialmente devido ao perigo de navegar à vela, em mar aberto, durante quatro ou cinco meses, ou até mais, nestas condições. Durante este tempo a maioria da tripulação morreu e apenas sobreviveram o piloto e cerca de 3 ou 4 marinheiros ou alguns mais, estando todos doentes e em poucos dias, depois da chegada, todos faleceram (exceto o piloto).

Devo dizer também que este piloto era um amigo íntimo de Colombo, que tinha alguns conhecimentos sobre as latitudes e marcou a terra que foi encontrando, dando uma parte dela a Colombo em grande segredo. Colombo solicitou que ele fizesse um mapa a mostrar o local que tinha visto. Diz-se que o acomodou na sua casa, como amigo, e tratou da sua saúde, porque ele estava muito doente. Todavia ele também morreu como os outros e foi assim que Colombo conseguiu obter a informação sobre a terra e navegação nessas zonas, e o segredo permaneceu apenas com ele.”

Alguns dizem que este piloto era Andaluz[121], outros dizem que era Português, outros dizem Viscaino. Alguns dizem que

[121] “Cristóbal Colón”. Grandes Biografias pp.39 / 40 EDIMAT LIBROS, SA, Madrid, Direccion de la Obra: Francisco Luis Cardona Castro, Doctor en Historia por la Universidad de Barcelona y catedrático. Neste livro, o piloto foi identificado como Alonso Sánchez, que nasceu na cidade de Huelva, no condado de Niebla segundo assentos da rainha Isabel I de Castela. **Gonzalo Fernández** de **Oviedo** y Valdés. “Historia General y Natural de Indias.” Madrid 1535.

Colombo estava na Madeira, outros querem dizer que ele estava a viver em **Cabo Verde**[122], sendo aqui que chegaram as caravelas que mencionei, e desta terra recebeu a notícia. Será que esta "história" aconteceu desta maneira? Ninguém pode confirmar a verdade**, mas esta história tem percorrido o mundo, entre pessoas comuns, na forma como está dita**. Na minha opinião, não considero que isso seja verdade e, como diz Agostinho: "É melhor duvidar de que nós não sabemos, que acreditar no que não está determinado" Augustino: Melias est dubitare de ocultis, quam litigare de incertis (Versão em latim da declaração de Santo Agostinho).

É claro que não sabemos o quanto dessa história é verdade, todavia não deixa de ser muito importante. Acredito vários aspetos interessantes desta história, merecem ser analisados:

1. O autor sugere que o piloto poderia ter sido Português.

2. Ele diz que o navio regressou a Portugal.

3. O navio tinha suprimentos alimentares suficientes para fazer um longo percurso.

4. Colombo levou o piloto para sua casa a fim de curá-lo.

5. O navio ancorou no porto da cidade, onde Colombo aparentemente vivia.

6. Alguns dizem que Colombo, nesta altura, morava na Madeira, enquanto outros dizem que ele morava em Cabo Verde, onde o navio ancorou.

7. Finalmente, Oviedo diz-nos que certamente **(na sua opinão)** a história é falsa. No entanto, apesar desta afirmação, a

---

[122] Gonzalo Fernandez Oviedo y Valdez. Historia General y Natural de las Indias. Madrid 1535. Lib. II Cap. II p.13.

história foi certamente de interesse para ele, caso contrário não teria escrito sobre o assunto. Portanto, a próxima pergunta é: faz (a história) sentido?

Agora vamos ver alguns desenvolvimentos muito incomuns na vida de Colombo começando a tomar forma, se assumirmos que a história é verdadeira, por exemplo:

1. Era o piloto Português? Bem, se ele o fosse, então provavelmente estava a navegar numa missão secreta (mas é claro que esta sugestão nunca foi mencionado).

2. Será que o retorno do navio foi para Portugal? Se sim, então onde em Portugal? Portugal já (por esta altura) estava estabelecido nos Açores, Madeira e Cabo Verde. Então, esta história poderia ter ocorrido numa dessas ilhas.

3. Suprimentos alimentares para uma longa viagem. Isto seria consistente com o "modus operandi" das viagens secretas portuguesas durante este período.

4. Colombo levou-o para sua casa a fim de o curar. Este é um item de grande interesse, pois **Colombo nunca teve casa própria**, o que pode ser verificado pelos historiadores. Ele vivia sempre com outra pessoa, como um convidado[123].

5. O navio ficou ancorado no porto, onde Colombo vivia. Esta é uma extensão do comentário anterior, mas com outro ponto de vista. Esta é uma forte indicação de que era mais

---

[123] Acho que este é um artigo fascinante, porque, como a maioria das pessoas sabe, Colombo nunca teve uma casa que pudesse chamar sua em Portugal ou Espanha, mas, **pelo contrário, as pessoas falam de António de Noli como tendo a sua própria casa, em Cabo Verde (ver nota de rodapé 285 no fim da Conclusão).** Esta observação torna a história mais fascinante, porque António de Noli foi o governador de Cabo Verde e as ilhas foram controladas por sua família, assim, qualquer incidente desta natureza teria chegado ao seu conhecimento sem hesitação.

provável uma ilha, porque, se fosse no continente Português, em seguida, ficaríamos a saber que ele tinha uma casa em algum lugar. Este é mais um segredo misterioso que os historiadores nunca resolveram.

6. Alguns dizem que ele morava na Madeira e outros em Cabo Verde. **Estes comentários são de interesse extraordinário, pois sabemos que Colombo esteve na Madeira e também em Cabo Verde,** mas ninguém pode autenticar a sua residência em qualquer uma destas duas ilhas. Ninguém pode dizer exatamente quando esteve em cada ilha, exceto quando partiu na sua terceira viagem para o Novo Mundo, onde foi recebido na Madeira por D. João Zarco da Camara, num espírito festivo[124] e quando ancorou na Ilha do Sal Rei e na Ilha de Boa Vista em 27 de Junho de 1498, em Cabo Verde[125]. Aí se reuniu com Rodrigo Afonso, capitão da ilha. O Professor Alberto Viera, do Centro dos Estudos de História do Atlântico, Funchal, Madeira, numa tradução por James Lanham descreve a gratidão de Colombo para o povo da Madeira, quando ele fez o seu regresso ao arquipélago em 1498 na sua terceira viagem: "(...), no dia 10 de Junho, chegou ao Funchal por ocasião de uma grande festa, como narrado por Fray Bartolmeo de las Casas, o que prova mais uma vez a sua popularidade entre essas pessoas e a esperança que depositaram nesse projeto; o cronista termina por descrever o ambiente festivo que cercou Colombo: "Ele foi muito bem-vindo com um grande banquete, porque era muito conhecido e tinha vivido aí algum tempo"[126].

---

[124] Las Casas. "Historia de las Indias" Vol. P. 497.

[125] Balla."The 'Other 'Americans". Pp. 18 & 21.

[126] «aviera_columbus_madeira» p. 7. Web. 11-04-2014.

Quando falamos de Cabo Verde, por várias razões, a história é ainda mais interessante. Muitas pessoas acreditam que ele passou tempo em ambos os locais, Madeira e Cabo Verde, mas não há nenhum registo para apoiar estas insinuações. Como exceção temos as palavras de Colombo expressas no seu diário de bordo e outros documentos[127].

Outra forte consideração na tentativa de analisar esta história é a maneira como é narrada. Se o navio tinha ido para Portugal, tal não seria mais um segredo. Se isto aconteceu na Madeira, teria sido difícil mantê-lo em segredo, porque, apesar de Colombo ter sido bem conhecido lá, ele não tinha o controlo das ilhas e as pessoas falariam. Mas se imaginarmos a história como ocorrida em Cabo Verde, então tudo muda drasticamente. Especialmente quando foi sugerido que ele poderia ter lá vivido como, aparentemente, algumas pessoas acreditam. Na página 201 de "Genoveses na História de Portugal", de Morais do Rosário, o autor refere-se a Fernando e às referências que seu pai faz sobre África, que se expressa por uma profunda convicção de que só poderiam ser adquiridas por alguém que viveu a experiência em África[128]. Estas descrições mostram muitas referências à África por alguém que deve ter residido numa área que tinha fácil acesso ao continente e porque essas viagens foram provavelmente feitas em segredo, o melhor lugar para estar a residir nesse momento seria provavelmente Cabo Verde.

Neste caso, como já vimos, o governador de Cabo Verde foi outro genovês de Ligúria o qual controlava as ilhas. Seu irmão foi acusado de assassinato e isso foi relatado ao Vaticano, mas não há registo de quaisquer acusações de assassinato contra ele.

---

[127] Rosario. Op. Cit p. 202.

[128] Rosario. Ibid. pp.201-203.

Nada é registado sobre o acontecimento, exceto o que está disponível no Vaticano. Então, se fosse uma operação secreta de Portugal, o lugar lógico para retornar de tal missão seria Cabo Verde (que é conhecida por operações secretas)[129]. Se o piloto conseguiu colocar a sua localização num mapa depois de chegar a Cabo Verde, indica que ele era conhecedor de cartografia e conhecia a localização de Cabo Verde. Esta história também sugere que, se isto aconteceu em Cabo Verde, consequentemente, isto poderia significar que Colombo tinha uma influência poderosa em Cabo Verde. Este facto também sugere que poderia ter sido um "proprietário" quando recebeu o infeliz convidado. Podemos dizer claramente que nunca foi sugerido que Colombo tivesse casa própria e isso certamente é uma observação chave nesta história misteriosa. Se ele tinha a sua própria casa, em Cabo Verde, ele deve ter vivido lá por algum tempo. Já foi mencionado várias vezes que Colombo tinha viajado muitas vezes para a costa da Guiné[130]. Uma vez que temos uma boa razão para supor que ele passou muito tempo na Guiné, é bastante razoável supor que durante muito tempo ele viajou diretamente desde Cabo Verde, especialmente quando ele fala sobre o seu tempo em Cabo Verde no diário de bordo de 29 de Setembro de 1492. Este registo dá a impressão de esteve em Cabo Verde muitas vezes. Há outra razão que é muito mais relevante para este assunto e é a impraticabilidade de se fazer negócios na Guiné e não ter uma base permanente para apoiar essas missões, que, neste caso, naturalmente seria Cabo Verde. Esta realidade foi confirmada pelo Commodore

[129] Lopez faz uma observação na página 315 de seu livro "El Tiempo Africano de Cristobal Colon", que D. João II enviou uma expedição secreta para Cabo Verde, na tentativa de verificar a proposta de que Colombo apresentava ao rei em 1484.

[130] "El Tiempo Africano de Cristoforo Colombo" J. Lopez. P. 322 "(…) navegando muchas veces desde Lisboa a Guiné."

Perry no século XIX, quando lhe foi dada a missão de reprimir o tráfico de escravos sendo o comandante do Esquadrão Africano, com o objetivo de fazer cumprir tal missão. Ele também foi responsável para segurar que os afro-americanos que voltavam para a África, desde a América em meados do século XIX seriam autorizados a ir para a Libéria e estabelecer um assentamento permanente num ambiente seguro. A sua armada ficou estacionada em Cabo Verde, desde onde foi capaz de estabelecer estruturas de apoio para cumprir a sua missão na costa de África. Havia alguns americanos que achavam que Commodore Perry e o Esquadrão Africano, sob seu comando, perdiam tempo em Cabo Verde e deveriam ter ido para o continente africano se quisessem acabar com o comércio de escravos. No entanto, Samuel E.Morison, diz-nos que Perry recebeu críticas injustas por passar tempo em Cabo Verde, **pois a realidade é que eles foram obrigados a fazê-lo**[131]. Não havia outros portos, ao longo da costa Africana, que fossem considerados "saudáveis" e seguros para a frota norte-americana. Commodore Perry explicou muito bem quando disse: "entre o rio Gâmbia e o Equador não se consegue estabelecer uma base naval, e qualquer tentativa de fazê-lo, poderia resultar em consequências muito graves para a vida humana sem qualquer benefício para a Libéria. Isto poderia causar um enorme ressentimento ao voltar para os Estados Unidos, pois seria um revés para os esforços de colonização"[132].

Perry continua a dizer-nos que, para vestir e alimentar mil marinheiros durante dois meses era necessário um armazenamento substancial de alimentos e outros produtos. Ele

[131] Morison, Samuel E. "Old Bruin.Commodore Perry. P.67.

[132] Ibid.

ressaltou o facto de que, "sem dúvida alguma, Cabo Verde era a base mais segura para realizar esta missão", cujo objetivo era fazer um assentamento na Libéria, de colonos afro-americanos, que pretendiam retornar para África. Além disso, o litoral Africano sempre foi considerado muito perigoso para as pessoas brancas que não estavam acostumadas a viver neste clima tropical[133].

Embora a missão do Commodore Perry tivesse lugar no século XIX, a situação era bastante semelhante à do século XV. Antoniotto Uso di Mare, numa carta que foi escrita em 12 de Dezembro de 1455, queixou-se que não podia passar mais tempo no Rio Gâmbia (durante uma expedição na África), porque estava a ficar sem suprimentos de comida e não havia condições para que os homens brancos pudessem viver com a comida local, pois corriam o risco de ficar doentes e morrer[134].

Outra observação importante, sobre a necessidade de usar Cabo Verde para atividades na Guiné, é expressa por Jill Dickens Schina, num artigo interessante sobre a história e a cultura de Cabo Verde: «(...) mas o objetivo principal na resolução das ilhas foi estabelecer uma base para operações na costa da África Ocidental. **Montando acampamento "lá", na Guiné, teria sido arriscado porque os próprios anfitriões facilmente se tornam hostis. E subjugar uma nação inteira não era, na época, considerado viável ou que valesse a pena**. Assim, as ilhas que Noli e os outros navegadores encontraram foram uma grande descoberta.»[135]

---

[133] Ibid.

[134] Rosario. Op. Cit. P.145.

[135] "Cape Verde Islands – History and Culture" Jill Dickens Schinas. Web. 20 May 2014.

Então, parece ser evidente que havia uma necessidade estratégica de utilizar Cabo Verde como base logística para todas as aventuras em África durante o século XV, especialmente para os marinheiros que viajavam em navios Portugueses, que era, obviamente, o caso de Colombo durante seu mandato em Portugal. Deste modo, o ponto de partida aqui é: se ele fez as viagens para a Guiné como declarou em diversas ocasiões, então, há uma probabilidade relativamente elevada de ter ancorado em Cabo Verde em grande parte de tais viagens (Veja o anexo 40 #10).

Consequentemente, na minha opinião, se levarmos em conta algumas das possibilidades que mencionei aqui, provavelmente começamos a ver alguns desenvolvimentos interessantes que se desenrolam na vida de nosso misterioso navegador.

Há ainda mais alguns detalhes desta história que devem ser considerados. De acordo com Lopez, na página 320, “Gomara admite a possibilidade de que o casamento de Colombo teve lugar na ilha de Porto Santo e é aí que ele tinha a sua residência quando o piloto o visitou (o piloto que lhe mostrou as informações sobre a existência de terras a oeste). Outros, como o Angleria ou Villagutierre contam a mesma história, enquanto Oviedo sugere que, ainda assim, poderia ser Cabo Verde”[136] .

Existem outras teorias, um pouco ambíguas que têm sugerido que Colombo poderia ter passado um determinado período de tempo nos Açores, onde, Fernando diz que o almirante esteve:

---

[136] «(…) otros dicen que Colom estaba en la isla de la Madeira, e otros quieren decir que en las de Cabo Verde, y que alli aporto la caravela que he dicho (…)» (Fernando Oviedo: «General y Natural de las Indias» Lib.II Cap. II).

«Favalas y novellas que oia contar a diversas personas y a marineros que traficaban en las islas y los mares occidentales de los Azores e de la Madeira»[137].

Note-se que a rota típica portuguesa para a Guiné normalmente exigia que os navios navegassem para os Açores, na rota de regresso a Portugal, para aproveitar os ventos alísios, quando partiam da costa da Guiné.

Esta manobra, criada pelos Portugueses foi chamada de "Volta do largo" e trouxe a navegação dos navios no Atlântico para a região noroeste.[138] Isto dá-nos a impressão de que se Colombo estava a navegar com os Portugueses, na costa da Guiné, é muito possível que nessas viagens de regresso a Portugal, navegassem para os Açores, utilizando estes procedimentos.

O próprio Colombo diz-nos no seu diário de bordo de 02 de Setembro de 1492, "(...) as pessoas nos Açores dizem que vêem a terra para o Ocidente a cada ano". Esta declaração dá ao leitor a impressão de que ele estava nos Açores e conversando com tais pessoas. Há ainda uma outra possível razão para ter interesse em ir para os Açores: o Capitão da Graciosa era seu cunhado, Pedro Correia da Cunha, mas, claro, isso teria sido depois de 1475 ou 1476. No entanto, Pedro segurou a Capitania do Porto Santo entre 1458 e 1473, como já foi mencionado anteriormente e alguns historiadores acreditam que Colombo esteve na Madeira bem antes de 1476. Esses autores baseiam as suas afirmações na declaração citada anteriormente, atribuída a Colombo, que tinha servido o Rei João II de Portugal há 14 anos. Ele fugiu para Huelva -

---

[137] "El Tiempo African de Cristoforo Columbo" José Luis Cortes Lopez. p. 322 «archive.org» Web. 5 Feb 2013.

[138] "Da Noli a Capo Verde" Professor C. Astengo. P. 23.

Espanha e morava em La Rábida, desde 20 de Janeiro de 1485. Então deduzimos 14 anos de ambos os anos, 1485 ou 1484, e temos 1470 ou 1471 como o seu ano de chegada a Portugal.[139]

[139] Asensio, Jose Maria. "Cristóbal Colón" voli. I p. 46. "En nuestro concepto, y continuando el orden de los datos históricos que venimos siguiendo, Cristótbal Colón debio llegar á Portugal entre los años de 1470 y 1471."

CAPÍTULO 7

Mistérios não resolvidos

Agora vou tentar responder aos comentários sobre os mistérios de Colombo e António de Noli. Aqui vou fazer o meu melhor para garantir que os documentos revelados são os adequados e que comprovam as minhas opiniões e conclusões. Compreendo perfeitamente que houve muitas opiniões e muitas conclusões que pretendem acabar com todos os argumentos de uma vez por todas sobre a vida misteriosa de Colombo. No livro “Ilha do Antonio” que eu tinha com direitos autorais na Biblioteca do Congresso, em 2002, na página 24, depois de analisar algumas das semelhanças entre Colombo e de Noli, fiz a seguinte declaração: “**O facto é que, se pudesse provar a ligação direta entre António da Noli e Colombo, provavelmente poderia resolver muitos dos mistérios sobre a vida de Colombo, que já dura há mais de cinco séculos**”. Na página 114 do mesmo livro, eu mostro um mapa da cidade Noli e explico como a cidade tem uma rua chamada “via Anton da Noli” e outra “via Colombo”, na parte central da cidade, com a declaração: “É também interessante que, a via “Anton da Noli” está perto da via “Colombo”, mas não se tocam. Este parece ser quase simbólico para os dois navegadores: seguindo os caminhos de ambos, parece que terminam sempre muito perto um do outro”. Finalmente, depois de muitos anos de pesquisa desde que essas declarações foram feitas, eu encontrei uma riqueza de informações para apoiar essa curiosidade. Quero mostrar neste capítulo como muitos dos mistérios que cercam Colombo e António de Noli passaram despercebidos, ignorados ou ainda estão por resolver. Agora, com o esclarecimento, vou abordar alguns dos mistérios não

resolvidos relativos a Colombo que têm intrigado os pesquisadores ao longo dos séculos:

1. **Eu não sou o primeiro almirante da minha família** (a famosa citação feita por Colombo). Este comentário é bem conhecido pelos pesquisadores de Colombo e têm havido algumas opiniões interessantes sobre esse misterioso comentário. O primeiro problema é tentar imaginar como um tecelão de lã, de uma família de plebeus, poderia realmente fazer uma declaração ousada. Felizmente uma página da Enciclopédia Britânica na Internet (05-03-2014), sob o título; Fieschi Família (família genovesa), afirma o seguinte: “Fieschi família: uma família nobre genovesa, cujos membros desempenharam um papel importante na Guelfa (partido papal) na política da Itália medieval. O Fieschi aliado dos Angevin reis da Sicília e mais tarde com os reis da França; a família produziu dois papas, 72 cardeais e muitos generais, almirantes e embaixadores. No capítulo 5, discuti alguns dos detalhes mais finos sobre a relação entre a família Fieschi e Colombo com excelentes referências, por isso é muito possível que esta famosa declaração poderia ser uma referência à família Fieschi, embora eu sou o primeiro a admitir a necessidade de realizar mais pesquisas e eu estou a trabalhar neste assunto.

2. **Sua esposa era de uma família nobre, sem dinheiro**. D. Fernando, Colon e Bartolomeu de las Casas deram-nos fortes indícios de que D. Filipa Moniz veio de uma família com laços estreitos à Casa Real, e viveu no convento “Mosteiros de Todos os Santos”, onde ela era um membro muito influente da Ordem de Santiago e uma das 12 Comendadoras, que era um conselho de 12 mulheres de elite que representavam governo do convento. O convento foi fundado por membros da Ordem de Santiago, os quais eram viúvas ou mulheres solteiras e outras famílias cujos cônjuges estavam ausentes devido a necessidades militares ou outras razões políticas e era

totalmente financiado pela coroa. Assim, a ideia de que ela era pobre e a família estava feliz por ter alguém para assumir a responsabilidade de a apoiar é um absurdo. Além disso, como poderia um pobre tecelão de lã apoiá-la?

3. **Colombo era de uma família de tecelões de lã**. Este comentário é absolutamente infundado. As principais razões desta afirmação são baseadas em informações frívolas de que seu nome é Colombo e que o nome evoluiu de uma família do mesmo nome que existiu em Génova, liderado por Domenico e Susana Fontanarossa Colombo. Colombo nunca usou o nome de Colombo e na verdade era um nome que lhe foi atribuído por escritores que queriam provar que ele era de Génova. Segundo Fernando Colon, na biografia de seu pai, ele diz que Guistianini (um bispo que escreveu sobre Colombo) era um mentiroso quando ele descreveu o seu pai como sendo um tecelão de lã. Fernando diz explicitamente que seu pai nunca trabalhou em qualquer dos ofícios mecânicos. Ele ainda menciona que a família descendia de uma classe alta, que sofria de guerras e turbulência política[140]. Os historiadores mais sérios têm a certeza de que ele veio de uma família nobre e que teve ligação com as altas Cortes da Europa; agora há informação disponível e suficiente para resolver este problema definitivamente.

4. **Ele chegou a Portugal em 1476 depois de uma batalha naval ao largo da costa de S. Vicente**. Este é outro comentário que se baseia em falsas premissas. O principal

---

[140] Turbulência política era um termo popular usado na Itália para expressar o desencanto com as famílias rivais por cerca de um período de 200 anos entre os séculos 14 e 16 no norte da Itália. As fortunas de poder e riqueza poderiam subir e descer em um período muito curto de tempo. Assim, o agravo de Fernando seria compreensível na tentativa de explicar esse dilema.

pressuposto é a crença de que ele naufragou e nadou 6-8 milhas para Portugal depois de uma batalha naval perto de S. Vicente, em 1476. Algumas pessoas dizem que a batalha teve lugar em 1485 e não 1476[141]. Jose Maria Asensio, no seu livro "Cristobal Colón Su Vida, sus viajes, sus descubrimientos", explica este acontecimento de forma compreensível. A lendária batalha do mar que supostamente trouxe Colombo para Portugal em 1476 não teve lugar em 1476, mas em agosto 1485, quando Colombo já morava em Espanha[142]. Outros dizem que houve, de fato, duas batalhas, uma em 1485 e outra em 1476. Se a batalha teve lugar num ano ou outro não importa, porque as provas de que ele estava em Portugal muito antes de 1476 são contundentes. Na verdade, se as minhas suspeitas estão corretas, vou colocá-lo em Portugal, usando escritos do Bartolmeo de las Casas que sugerem que Colombo poderia estado na viagem de descoberta de Cabo Verde (1460)[143]. Qual a razão para las Casas ousar escrever uma declaração deste tipo num livro tão importante? Na minha

---

[141] Gomes Pedrosa, "Christovão Colombo em Portugal (1469-1485), Anais do Clube Militar Naval, vol. CXVII, Out-Dez. 1987, pg. 645-694. Na página 657, o autor diz-nos que a informação utilizada para a batalha de 1485 corresponde à batalha de 1476 onde os piratas atacavam navios mercantes genoveses, algo que Colombo nunca faria. O autor, então, explica nas páginas 659 e 660, que até meados do século XIX, todos aceitaram a história que Colombo começou a vida de marinheiro com uma idade adiantada e era um pirata veterano, mas a versão oficial, moderna, nega essa história. A história é centrada sobre os apelidos de "Colombo o Velho" e "Colombo o Novo" que eram piratas franceses e não genoveses e, portanto, eles não foram parentes de Colombo como muitos escritores têm especulado.

[142] Asensio. "Cristobal Colon: Su vida, sus viajes, sus descobrimentos" EDICION MONUMENTAL Barcelona 1891 Tomo I. Pp. 45/46 Web. 18 May 2014.

[143] Las Casas. "Historia de las Indias" Lib. I Cap.CXXX.

opinião, Las Casas, que era um amigo íntimo da família Colombo e navegou com Colombo na sua terceira viagem, assim como seu pai, que também navegou com Colombo, provavelmente tinha informações privilegiadas que não queria reconhecer abertamente durante o tempo de vida dos filhos de Colombo ou por outros motivos pessoais. De las Casas poderia ter falado com Bartolmeo Fieschi que chegou na quarta viagem. Era um amigo próximo de Colombo, de Génova, e foi o capitão de um dos navios (Vizcaino), logo naturalmente deve ter conhecido muito bem Colombo pois foi considerado um "deudo" (parente próximo) do almirante (esta definição foi explicada no capítulo 5). Assim sendo, certamente, de las Casas teve muitas oportunidades de aprender sobre a verdadeira vida de Colombo, o que foi impossível para outros escritores durante a sua vida, talvez com a exceção de Oviedo. No entanto, parece que las Casas fez várias observações que passaram despercebidas, ou totalmente ignoradas, pois não pareciam fazer qualquer sentido para um pesquisador tradicional. No entanto, tenho razões para acreditar que ele estava tentando deixar algumas pistas para que, eventualmente, os mistérios sobre Colombo pudessem ser resolvidos. Na verdade, eu também acredito que Colombo, ele mesmo, deixou pistas, mas por razões muito lógicas, ele não poderia expor esta informação durante a sua vida, pois os resultados teriam efeitos desastrosos sobre muitas pessoas próximas dele.

5. **A sua esposa supostamente morreu pouco depois do nascimento do seu filho Diogo.** Esta é outra afirmação que nunca teve qualquer evidência de apoio. Uma nova pesquisa, mostra que é possível que a mulher ainda estivesse viva quando ele fugiu para Portugal, em 1484 ou 1485. No passado, alguns

escritores fizeram alusão a essa possibilidade, mas sem qualquer prova concreta.[144]

6. **Quase toda a gente parece acreditar que ele tinha apenas um filho, Diogo, de seu casamento, em Portugal e, mais tarde, nasceu um segundo filho, Fernando, em Espanha**. Mais uma vez, de acordo com o testemunho escrito de próprio Colombo, existiam “outros filhos” concebidos os quais deixou para trás em Portugal. Numa carta à rainha Isabel, em 4 de Março de 1493, ele declarou enfaticamente (quando se discute seus sacrifícios) que: «Agora, os soberanos mais serenos, lembrem-se que eu deixei “minha esposa e filhos” para trás e vim da minha terra natal para servir-vos (...)[145]». Esta declaração terá um valor incrível como será visto mais adiante. A mesma também apoia o ponto 5 anterior, pois ele não só deixou os seus filhos para trás, como também deixou a sua “esposa”. Assim, parece que ela ainda estaria viva quando ele partiu.

7. **O filho de Colombo, Fernando, diz-nos que o seu pai era de “Terrarubia”**. Infelizmente, ninguém foi capaz de encontrar esse lugar, apesar de muitos esforços por parte pesquisadores sérios. Algumas pessoas descobriram uma aldeia que dá pelo nome de Terrarossa, a cerca de 40 quilômetros a noroeste de Genova, no município de Mocanesi onde a aldeia principal é Ferrada di Mocanesi e dista cerca de 1 km do povoado de Terrarossa. Os moradores locais aparentemente acreditam que Colombo nasceu lá. De acordo com uma fonte,

---

[144] “Columbus Reaches the Americas-Christopher Columbus” by McGraw Hill Companies. http://www.holyspirit-al.com/ourpages/.../**columbus**.pdf - Web 10 de Janeiro, 2014 - p. 5 de 6. Carta aos soberanos de 04 de março 1493 “Agora soberanos mais serenos, lembrem-se que eu deixei minha esposa e filhos para trás e vim da minha terra natal para servir-vos.”

[145] Ibid.

“(...) os territórios reais de Ferrada di Mocanesi e vizinhanças eram propriedade **da família Fieschi de Lavagna** antes de se tornarem propriedade da República de Gênova, em 1147”.[146] Teoricamente essa suposição é possível, no entanto, eu acredito que há uma opção melhor, e depois de uma recente viagem para a Itália e uma investigação mais aprofundada eu acredito existir outro local que poderia ser uma escolha melhor. Discuti esta opção com as pessoas locais na Itália e eles acreditam que a minha teoria é plausível. Esta teoria será explicada numa outra parte (veja a nota 167). Infelizmente, é praticamente impossível realizar uma investigação completa sobre a vida de Colombo, trabalhando a partir da Internet. Quando penso que encontrei uma solução, fico surpreendido ao saber que existem outros impedimentos para a investigação prosseguir, o que vai custar mais tempo e mais dinheiro e, claro, sem resultados garantidos.

8. “**Eu nasci em Génova e de ahí eu vim (...)**” Muitas pessoas não acreditam que ele era de Génova, apesar da sua própria declaração escrita em seu “mayorazgo” em 1498. Eu acredito que ele era de Génova e tenho dados muito fiáveis para apoiar essa afirmação. De acordo com S. E. Morison em “A descoberta europeia da América - The European Discovery of America: The Southern Voyages - 1492 a 1616”, Oxford University Press. 1974, na página 24, ele escreve: “(...) enquanto o “*mayorazg*o” ou vínculo de 1498, em que Colombo expressa sua lealdade ao Genoa e deixa vários legados lá, é genuíno”. Então passa a explicar que um pesquisador de Boston, Alice Gould, encontrou o “*mayorazgo*” original, que comprova a sua autenticidade. Infelizmente, Manuel Rosa contestou esta afirmação, mostrando o que acreditava ser a prova de que o documento “*mayorazgo*” de 1498 era uma

[146] http://wikicontents.altervista.org/?q=moconesi Web. 31 Jan 2015.

farsa.[147] Devo acrescentar, que Manuel Rosa é um dos poucos historiadores que faz um esforço extraordinário para comprovar a validade das suas pesquisas.

9. **Ele diz que estava no castelo de São Jorge da Mina**. O problema que os pesquisadores encontram com esta declaração é a dificuldade em localizar o navegador em diferentes lugares durante determinados períodos de tempo. Obviamente, não pode estar em todos os lugares que as pessoas suspeitam. Infelizmente, muitos escritores, seguem argumentos considerados e aceites por outros, sem fazer as devidas diligências. Primeiro de tudo, é um facto conhecido que D. João II construiu o forte depois de ascender trono. Este evento teve lugar perto do fim de 1481 e imediatamente começou a erguer o forte em Mina. A ideia de construir um forte nessa zona nasceu quando o Tratado de Alcáçovas foi ratificado pela Espanha, em 1480. Mina produzia ouro para Portugal desde 1470 e existiam outros países que tentavam estabelecer-se nessa área, especialmente Castela, de modo que o rei decidiu proteger os seus interesses com um forte militar na área, uma vez que não podia confiar apenas no tratado para proteger os seus interesses. O tratado deu a Portugal a costa da Guiné, com domínio privado, mas D. João II não confiava em Espanha ou qualquer outra nação, pelo que sabiamente construiu a fortaleza a fim de proteger os seus interesses. Esta situação ajuda a explicar por que é difícil de acreditar que Colombo poderia ter estado em Mina, num momento em que foi supostamente tentar vender os seus planos para o rei de Portugal e pouco tempo depois estava a caminho de Espanha, como um fugitivo. Tudo

[147] http://1492.us.blogspot.pt/2012/12falsedocuments Web. 18 de Maio 2014 M. Rosa. Documentos falsos da história de Cristóvão Colombo. Segundo o autor Manuel Rosa, ele garante a 100% que o testamento de 1498 é uma falsificação.

isto supostamente ocorre pouco depois de seu casamento (muitos historiadores calculam que isto aconteceu por volta de 1480), depois do nascimento do seu filho (alguns historiadores calculam este período cerca de 1481) e depois da morte da sua esposa (muitos historiadores calculam este período cerca de 1483 ou 84). Por todas estas razões, isto não faz muito sentido para um investigador. No entanto, há vários relatos que mostram que ele estava realmente em Mina. Um tal relato é encontrado no relatório dos 400 Anos, que foi escrito pela Comissão Portugueza em 1892. No Capítulo II, p.22, afirma-se que, "Colombo fez várias viagens ao longo das costas de Portugal e Espanha que se estendem por todo o caminho para Guiné e Costa da Mina". Esta é a versão oficial Portuguesa das atividades de comemoração em 1892. A maioria dos historiadores não concordam com esta afirmação, porque a construção da fortaleza começou em 1482 e ele não teria feito qualquer viagem ao longo da costa da Guiné após o seu casamento. Além disso, ele tentava vender o plano de descoberta para o Rei D. João II e partiu para Espanha no final de 1484 ou início de 1485. Entretanto, deve ser lembrado que a construção do forte em Mina era uma operação secreta. No entanto, vou mostrar que é muito possível que estivesse de facto em Mina, como referiu.

10. **Pedro Correia (da Cunha). Casou-se com Iseu Perestrello, uma meia-irmã de Filipa Moniz, e disse ter mostrado a Colombo evidência de madeira e outros itens vindos do outro lado do Atlântico como prova de que existia uma outra civilização, em algum lugar do outro lado do oceano, que era desconhecida para os europeus** [148][149].

---

[148] Asensio. Op Cit.p. 207.

[149] Branco. Op. Cit. P. 45.

Este nobre era um cavaleiro da Ordem de Santiago e um guarda-costas pessoal do rei. Casou-se com Iseu Perestrello, a meia-irmã de Isabel Moniz. Ele recebeu autorização especial para arrendar a capitania do seu sogro Bartolomeu Perestrello I, que morreu em 1457. A propriedade deveria ter ido para Bartolomeu II, mas nesse momento ele tinha apenas cerca de 8 anos, então, sua mãe, a futura sogra de Colombo, teve permissão para vender a propriedade como já foi mencionado anteriormente. Ele permaneceu como governador durante 15 anos. Esta teria sido uma posição privilegiada para lidar com António de Noli durante o processo de colonização de Cabo Verde. Este governador de Porto Santo viria a mudar-se para a Ilha Graciosa, nos Açores, em 1475 e tornou-se aí governador. Ironicamente acredita-se que Colombo navegou para os Açores numa das suas viagens. Se isto for verdade, então provavelmente é explicada a sua relação anterior com seu cunhado Pedro Correia da Cunha que nunca foi totalmente explicada. Porém, por outro lado, ele poderia apenas ter navegado para os Açores quando voltava da Guiné, fazendo a Volta do Largo, como explicado anteriormente. Pedro acredita-se que morreu em 1499 e foi sepultado na capela de São João, no Mosteiro do Carmo em Lisboa, onde Iseu Perestrello (sua esposa) também está enterrada. No momento, eu gostaria que o leitor visse Pedro Correia como uma pessoa de especial interesse para o desenvolvimento da nossa história. Se isso for verdade, vou explicar o significado desta informação mais tarde e vamos ligá-la a António de Noli.

11. **Muito se tem escrito sobre os nomes que Colombo deu às ilhas e regiões do Novo Mundo**. Muitos desses nomes estão em Cabo Verde e esta informação foi reconhecida por

Patrocínio Ribeiro em seu livro, “A Nacionalidade Portuguesa de Cristóvão Colombo”.[150]

12. **O encontro entre D. João II e Colombo, em Março de 1493, após a descoberta do Novo Mundo foi realizado em Vale do Paraíso (Azambuja).** Poucos detalhes são dados sobre esta reunião. Eu acredito que há alguns indícios de que essa reunião possa ter sido planeada antecipadamente neste local, embora a razão que foi dada na época seria que a cidade de Lisboa não era “saudável” para o rei acolher tal reunião. Esta localização a cerca de 40 quilómetros, ao norte de Lisboa, tem sido associada ao Mosteiro de todos os Santos (onde a esposa e os filhos de Colombo podem ter vivido) da Ordem Militar de Santiago, que se acredita ter possuído e gerido várias propriedades nesta localidade, pois como já foi citado anteriormente neste capítulo, há razão para acreditar que sua esposa ainda estivesse viva. Colombo já tinha afirmado em sua carta à rainha que deixou uma esposa e filhos para trás. Mais detalhes serão explicados no Capítulo 13 sobre este assunto. Não se conhece qualquer evidência de que tenha tido a oportunidade de ver novamente a sua família em Portugal. É difícil imaginar que este lugar de encontro fosse casual.

13. **A idade mais apontada, para a morte de Colombo, é por volta dos 55 anos, pois a maioria dos estudiosos acreditam que ele nasceu em 1451 e morreu em 1506**. Bem, para começar esta discussão sobre a sua idade, podemos ir diretamente para o seu amigo íntimo Andres Bernaldez, que escreveu a “Historia de los Reyes Catolicos D. Fernando y D. Isabel” o qual conhecia muito bem e hospedou-o, pelo menos uma vez, em Espanha. Ele alegou que Colombo tinha cerca de

---

[150] Ribeiro, Patrocinio. “The Portuguese Nationality of Colombo” Livraria Renascença-Joaquim Cardoso. Lisboa. 1927. Pp.17-19.

70 anos, mais ou menos. O seu livro não seria publicado até 1856, em Granada[151]. Ele não está sozinho nesse sentido. Historiadores, como Tagliattini faz uma observação interessante que atribui a Henry Vignaud e escreve: “nunca foi relatada corretamente a idade de Colombo (...) tanto seu filho e Las Casas, que têm escrito sobre e sua vida com detalhe, que o conhecia pessoalmente, que tinha tido uma relação mais próxima com todos os membros de sua família e que teve todos os seus documentos nas suas mãos. **Manter em silêncio esta informação é, sem dúvida, notável** (...) quando por quaisquer circunstâncias especiais se pretende conhecer qualquer indivíduo com destaque (...) as primeiras perguntas sobre ele, incidem sobre sua idade e de onde ele vem (...)”[152]. No início do Capítulo II do livro de comemoração 1892 que foi citado anteriormente, está escrito: “Colombo nasceu em Génova no ano de 1437 (...)”. Grande parte dessa informação foi publicada anteriormente, mas por razões que parecem ser mais filosóficas do que científicas[153] têm sido largamente ignoradas. Há também uma pintura que se acredita ser Colombo, pelo artista espanhol Pedro Berruguete, que realmente conheceu Colombo pessoalmente e pintou o seu retrato, com conhecimento apenas do navegador, enquanto ele ainda estava vivo. Acredita-se ter

[151] Tagliattini, Maurizio. “The Discovery of North America” 1998 (English version) Chapter 10 p. 13.

[152] Tagliattini, Ibid. p. 7.

[153] Grande parte da justificativa para as discrepâncias que têm sido inflexivelmente aceites no que diz respeito a vida de Colombo tem sido ligada ao orgulho nacional e do turismo. Muitas estátuas foram construídas e histórias relatadas baseadas na mitologia pura e as pessoas têm medo de perturbar o status quo. Sempre evidência científica é apresentada, há de repente um estranho silêncio. Esta observação baseia-se nos testes de ADN realizados pela Universidade de Granada, que mostrou que 477 de Colombo não estavam ligadas por ADN para o Almirante.

sido pintado por volta de 1500. Esta pintura é claramente de um homem em meados dos seus 60 anos porém os críticos dizem que ele não está certificado como autêntico. Infelizmente, muito do que eu estou a escrever não é certificado, no entanto, um padrão de circunstâncias incríveis demonstram que é hora de fazer um estudo sério e autêntico desta história, de modo a terminar com qualquer dúvida na mente do público. Neste capítulo, estas circunstâncias tornar-se-ão evidentes. Se pararmos e pensarmos sobre isso, até mesmo o nome de Cristóvão Colombo não é certificado como autêntico, mas toda a gente insiste em usar este nome "corrompido"[154]. Por exemplo, Tagliattini refere-se a este enigma e escreve: "Com exceção da documentação notarial, não há registos históricos de que ele chamou "Cristoforo Colombo", ou o equivalente em latim de Columbus". Às vezes é difícil mudar velhos hábitos.

14. **Colombo disse que serviu D.João 14 anos**. Considero esta declaração uma grande revelação na história de Colombo, a qual nunca foi totalmente investigada de forma correta. Esta pode ser a primeira vez que uma explicação clara é dada, e é praticamente irrefutável. Uma vez que é aceitável acreditar que Colombo chegou à Espanha em 1485, isso significa que ele serviu o rei desde 1471 antes de ir para Espanha.[155] Isto coincide com o momento em que o príncipe adolescente

[154] Tagliattini, Ibid. p.8.

[155] Alguns historiadores estão a calcular 14 anos entre 1471 e 1485, quando o rei D. João II ainda era um jovem príncipe e que mais tarde se tornaria o rei. Embora, alguns outros historiadores querem contar os 14 anos desde o tempo em que se tornou rei até à sua morte (1481-1495). Eu estou contra esta avaliação porque na realidade há uma forte probabilidade de que Colombo tenha servido o Príncipe João, no seu início, como príncipe e além disso Colombo estava a viver em Espanha entre 1485 e 1495 supostamente servindo os monarcas espanhóis e não o rei de Portugal.

começou a administrar as receitas oriundas da costa da Guiné e sobre o tempo em que o ouro foi descoberto e extraído da Mina. Isto também pode ajudar a explicar a sua presença em Mina, que parece ser outro mistério sem solução. É também uma indicação de que ele já tinha ido para Portugal muito antes de 1476 (se ele serviu D. João II 14 anos, desde 1470, isso é uma indicação que já estava em Portugal para servi-lo antes de 1476). Todos estes mistérios, não resolvidos, serão explicados antes do final deste livro.

15. **Colombo navegou muitas vezes desde Lisboa para a costa da Guiné.** Fernando e Las Casas dizem-nos que Colombo navegou muitas vezes para a Costa da Guiné. O próprio Colombo diz-nos que foi para a Guiné algumas vezes[156]. Franklin Watts, diz-nos que em 1477 Colombo está em Lisboa e que, no ano seguinte, encontramo-lo na Madeira a comprar cana-de-açúcar. Imediatamente depois disso, ele instala-se em Portugal e trabalha para uma família poderosa de banqueiros genoveses que negoceiam com o Oriente. Ele casa-se com uma mulher rica na Madeira e regularmente viaja para os Açores, costa de Guiné Portuguesa e Cabo Verde[157]. Tenho poucas dúvidas sobre estas afirmações, porque tudo parece seguir um padrão lógico e coincide com muitos outros eventos que cercam os mistérios de Colombo. Há, porém, um pequeno problema que precisa ser enfatizado e poucas pessoas se percebem. O problema é que não há testemunhas oculares que documentem estas viagens. Na verdade, a única testemunha ocular é Colombo, se estamos dispostos a aceitar o relato dos seus próprios eventos. Veja também o anexo 40 paragrafo 2.

---

[156] Rosario. Op. Cit 201/201.

[157] “As Grandes Viagens-Cristóvão Colombo” Op. Cit. P.6.

16. **As cartas misteriosas que Colombo tinha enviado para Nicolo Oderico, o embaixador de Génova na corte de Espanha.** Muitas pessoas provavelmente nunca ouviam falar de Bartolomeo Fieschi, um capitão de mar genovês que navegou com Colombo na sua última viagem ao Novo Mundo. Ele também foi testemunha do testamento final de Colombo, que se acredita ser a única considerada válida, escrita em 1506, pouco antes de morrer. Fieschi foi descrito por Colombo numa carta a Nicolas Ovando em Março 1504 como um "deudo", um parente próximo (ver capítulo 5). Em Abril 1501 o embaixador genovês Nicolo Oderico, referiu-se a Colombo no tribunal de Espanha como "Colombo nosso concidadão"[158]. Assim, ele poderia ter sido da família Fieschi, o que insinuou quando fez a sua famosa declaração, referida anteriormente no ponto 1. Então, por agora, tente manter o foco nas relações de família Fieschi com Colombo. Este nome aparecerá algumas vezes neste livro. Estas revelações surpreendentes deram origem a pouca discussão.

17. **Refere que estava em Thule (Islândia), em Fevereiro de 1477.** Ele teria entrado em Portugal em 1476 e, em seguida, encontrou a comunidade de genoveses em Lisboa a qual o ajudou a entrar num barco para Bristol, na Inglaterra. De lá conseguiu apanhar um barco para Thule durante o inverno de 1477. Desde que a sua história é contada por Fernando e ele fala sobre os comerciantes de Bristol que carregaram a mercadoria em navios para o comércio com Thule, parece que

---

[158] Taviani, Paolo Emilio. Quinhentos Revista Out / Nov 1989 Vol. 1 No. 2 "Nicolo Oderico, embaixador da República de Génova ao tribunal da Espanha, fez um discurso aos monarcas espanhóis, em Abril de 1501, elogiando-os por ter descoberto lugares escondidos e inacessíveis, sob o comando de Colombo, "o nosso concidadão, cosmógrafo ilustre e líder firme" Christopher Columbus Institute for Discovery and Exploration. Web 22 de Junho de 2014.

tinha conhecimento de Bristol que era desconhecido até o momento. Portanto, a lógica é que ele deve ter estado em Bristol e no barco de Thule, como ele disse, apesar de alguns erros técnicos na sua descrição da viagem. Este é mais um mistério que confunde os pesquisadores, mas agora novas informações estão disponíveis para examinar esta história com maior detalhe. Há novos dados que mostram que ele tinha espiões em Bristol, os quais lhe deram informações sobre as atividades marítimas naquela cidade.[159] Com base nesta nova informação, é razoável presumir que ele sabia muito à cerca dos marinheiros de Bristol e viagens de John Cabot para a América do Norte. Deve-se lembrar aqui que esta informação só é conhecida recentemente, no século XX e foi descoberta por Alwyn Ruddock, na Inglaterra. Estas informações nunca chegaram a ser publicadas. O autor morreu apenas há alguns anos, aos 89 anos. Felizmente, um jovem professor universitário, Dr. Evans Jones, soube desta situação através de

---

[159] "Reescrever a história: Alwyn Ruddock e John Cabot". www.douglashunter.ca Web. 02 de junho 2014. Ele fez uma esplêndida estreia pública sobre Cabot, bolsa naquele ano, com um artigo no Jornal geográfico sobre John Day, um inglês que escreveu uma carta sem data em algum momento antes de 1498, a viagem de Cabot, que forneceu detalhes inéditos sobre a viagem de1497. É destinatário na Espanha, embora não identificado positivamente, é geralmente aceite que não era outro senão Christopher Columbus". "Em 1955, o estudioso Lous-André Vigneras descobriu a carta nos arquivos espanhóis em Simancas. A descoberta de Vigneras foi saudada como a descoberta relacionada com Cabot mais importante num século, mas ninguém conseguia descobrir quem era John Day. Ruddock provou que "John Day" foi o nome falso de um importante mercador de Londres chamado Hugh Say utilizado nas atividades de Bristol. Suas perspicácias mostraram que Colombo tinha uma rede de inteligência estreita com a comunidade comerciante circundante de Cabot, em Bristol, e que Colombo estava ciente da descoberta de Cabot de uma terra firme, significativa, para o norte do Caribe antes de embarcar em sua terceira viagem de 1498 e avistar a América do Sul pela primeira vez".

um obituário e tem vindo a prosseguir este assunto com intenso interesse e iniciou o “The John Cabot Project”. Basicamente foram feitas reivindicações apontando banqueiros italianos envolvidos em muitos dos projetos de descoberta realizados por John Cabot, Vasco da Gama e Colombo, entre outros. O fascínio com esta história é que ela mostra que houve uma forte ligação entre os banqueiros italianos e as viagens de descoberta, e que os italianos como Colombo e John Cabot teriam fortes ligações com estes banqueiros. Isto também mostra que Colombo tinha uma rede de espiões que lhe dava acesso a (e nesta situação particular, de facto forneceu-lhe) informações confidenciais, as quais usaria para dar a impressão de ter feito uma viagem que nunca fez, como a viagem a Thule em 1477. Se usarmos as informações aqui descritas, é possível ter informações privilegiadas sobre uma viagem a Thule e dar a impressão de ter navegado em tal viagem, quando na verdade nunca o fez. O estudo sobre “John Cabo Project” poderia revelar-se bastante revelador. Nós poderíamos conhecer, por exemplo, os nomes dos banqueiros que estavam apoiando Colombo e talvez até mesmo António de Noli. Há ainda outra grande curiosidade e fascínio que tenho com esta história em particular, sobre Thule. Não acredito que alguém tenha feito esta observação particular, mas eu gostaria de esclarecer uma questão fundamental sobre esta expedição e Colombo. É de conhecimento comum entre os historiadores que Colombo escondeu o seu passado e, normalmente, não refere momentos específicos, quando estava num determinado lugar fazendo simplesmente declarações gerais, como por exemplo: “Eu estava em Cabo Verde” ou “Eu viajei para a Guiné muitas vezes”, mas nunca nos diz exatamente, “quando”. No entanto, quando se fala sobre a expedição de Thule, ele é muito mais específico e diz que foi em Fevereiro de 1477. Esta é uma

observação muito importante a qual irei discutir na “Conclusão” deste livro.

Agora vou voltar a minha atenção para António de Noli e os muitos mistérios que envolvem a sua carreira. Ao contrário de Colombo, não temos a menor ideia do que ele disse. Não existem documentos escritos por sua mão para nos dar uma ideia de seus pensamentos sobre qualquer assunto. Não tem um filho para escrever sobre ele, como aconteceu com Colombo, ou um Bartolomeo de las Casas para escrever a sua história. Apesar deste problema, alguns escritores conseguiram encontrar alguns documentos que de facto comprovam a sua presença na história. Temos a sorte de ter esses documentos e apesar de serem poucos, a partir deles vou construir a sua história de uma forma que nunca, provavelmente, foi concebida antes. Felizmente, por coincidência, esta análise baseia-se em dois pesquisadores que se concentram na vida de António de Noli, por razões muito diferentes, e as suas conclusões têm sido muito diferentes também. No entanto, quando todas as coisas foram levadas em consideração e devidamente analisadas, há uma riqueza de informações que lança luz sobre dados extraordinários, que geralmente não eram percetíveis para o historiador comum. Agora tudo isto mudou, porque eu tenho sido capaz de ver a vida de Noli a partir de uma perspetiva muito incomum, a qual nunca tinha visto antes da fusão dos relatórios que foram realizadas por estas pesquisas independentes, trazendo este projeto para um novo começo. No passado, eu estive errado durante muitos anos até que fui “acordado” pelo Professor Hall da Jamaica. Certa vez ele orientou-me para a direção certa e, de repente, tudo começou a fazer sentido. Eu começava a perceber a vida real do navegador, a qual não estava registada nos livros de história. As razões para este enigma serão óbvias até ao final deste capítulo.

Agora vou listar os comentários misteriosos ou perceções em torno António de Noli:

1. **Numa carta régia de Abril de 1497, presume-se que António de Noli morre e sua filha D. Branca de Aguiar herda a sua propriedade.** Esta carta é uma das mais famosas de sempre escritas em Portugal. Ela é cheia de mistério e intriga. De repente, caído do céu azul claro, ficamos a saber que António de Noli tinha uma filha. A próxima revelação é que esta herança foi uma exceção, pois a prática padrão, era a aplicação da Lei Mental, a qual obrigava que fosse um herdeiro do sexo masculino a herdar essa propriedade. Nenhuma data é dada para a sua morte e nunca é mencionado o local do enterro. A sua filha também é de sangue real, pois o seu nome é sempre precedido da abreviatura "D.", o que mostra que ela detém o título de Dona. Não há qualquer menção do nome da sua mãe e desconhece-se se é filha legítima ou ilegítima. Esta observação por si só é uma forte evidência de que o legado de António de Noli em Portugal está envolvido em secretismo. Este é um mistério muito difícil de resolver, mas depois de muitos anos de pesquisa, encontrei informações interessantes, que podem determinar o nome da sua mãe. Também é muito possível que tenha havido um herdeiro do sexo masculino, elegível, que deveria ter herdado a propriedade, mas por motivos políticos não recebeu tal herança. Podemos até saber onde os seus pais estão enterrados.

2**. O rei iria escolher o seu marido como condição para aceitar a exceção à herança, conforme exigido pela Lei Mental.** Jorge Correia, membro da Casa Real, é escolhido como o marido. Não é dito muito sobre ele na carta, mas ele era, obviamente, selecionado pelo rei por um algum motivo importante. Se nos lembrarmos que, em 1497, Vasco da Gama estava a preparar-se para ir para a Índia, em Junho daquele ano, podemos começar a perceber a razão pela qual o rei iria querer

escolher o marido. Acredito que ainda existam outras razões pelas quais o rei estava envolvido nesta decisão.

3. **Em 1476 António de Noli foi capturado, tomado prisioneiro pelos espanhóis e levado para Espanha**. Porém em Junho de 1477, foi liberado pelo Rei Fernando e presume-se ter retornado para Cabo Verde, como o governador para a Espanha. Um tratado que termina hostilidades entre os países ibéricos é assinado por Portugal em 1479 e em 1480 é ratificado pela Espanha. Neste momento, António de Noli é visto pela maioria dos historiadores como sendo um traidor de Portugal, pelas suas relações com Espanha. Na verdade, o Rei D. João II ordenou Pedro Lourenço, um escriba da Casa Real, a realizar um inquérito sobre o assunto em Setembro 1481 e surpreendentemente ele é autorizado a continuar como governador de Cabo Verde, agora ao serviço de Portugal. A verdadeira importância de António de Noli foi eloquentemente expressa por Manuel Murias em "CaboVerde-Memória Breve", 1939 na página 28: **"(…) Cabo Verde encontrava-se envolvido nos mais importantes acontecimentos históricos do tempo, (…) precisamente naqueles que iriam transformar a face da terra."**

4. **Entre 1458 e 1473, Pedro Coreia era o capitão de Porto Santo e António de Noli foi referido como tendo estado na Madeira em 1471**. Na verdade, António de Noli deve ter estado na Madeira várias vezes durante o período em que Porto Santo foi regido por Pedro Correia. Especialmente porque é um facto conhecido que ele teve negocios na Madeira e São Jorge da Mina, em 1471[160]. Este é um forte indício de que fez aqui comércio em mais de uma ocasião. Na verdade, o contrato com a Coroa em 1466 deu vantagens consideráveis

[160] Hall. Op. Cit. P. 82.

aos Cabo-verdianos para o comércio com a Madeira, a fim de incentivar a imigração para Cabo Verde a partir do continente. Cabo Verde esteve isenta de impostos nas suas atividades comerciais com a Madeira, importações ou exportações, tudo era livre de impostos. É natural, então, que António de Noli tenha feito muitas viagens para a Madeira para tirar o máximo proveito deste atraente benefício. Depois de uma queixa oficial do Fernão Gomes em 08 de fevereiro de 1472, o rei tomou medidas e eliminou muitos dos benefícios anteriores para Cabo Verde[161]. Aqui o leitor deve ficar focado em Pedro Correia que é o cunhado de Filipa Moniz. António de Noli inicia a produção do açúcar em Cabo Verde, indústria que foi trazida da Madeira numa altura em que Pedro Correia era o capitão do Porto Santo. É natural que António de Noli conhecesse Pedro Correia e, provavelmente, bastante bem. No entanto, nada é dito sobre esta relação. Por agora simplesmente quero que o leitor tome nota de algumas das principais personalidades que, nessa época, giravam em torno da vida de Colombo e de Noli.

5. **Não se sabe exatamente onde ele nasceu. Ninguém tem alguma ideia de onde António de Noli nasceu**. Como Colombo, desconhece-se onde nasceu. Felizmente, quase todos concordam que ele é de Génova e, provavelmente, com raízes familiares em Noli. Felizmente, um escritor tem encontrado uma grande população de membros da família Noli, na cidade de Serra Ricco apenas a alguns quilómetros de Génova. Assim, a família tem fortes laços com a Serra Ricco e Génova. O escritor, que descobriu esta informação também acredita que António de Noli era de um lugar chamado Teggia. Esta é uma teoria muito interessante e na minha opinião merece muita

[161] Verlinden, Charles. “Antonio de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde” pp. 35-37. 1963 Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, Lda» Largo de S. Salvador, 1 a 5 – COIMBRA.

atenção. De acordo com o professor Marcello Ferrada de Noli, um descendente direto de António de Noli, existe um documento na biblioteca de Cesena, na Itália, que mostra que Simone de António de Noli Biondi foi membro do Conselho Municipal de Cesena, em 1505, e que esse membro da família Noli foi identificado como sendo de um lugar chamado Treggia. Embora a pesquisa da área de Cesena não permitisse determinar a localização de Treggia, houve uma localidade que acabou por ser encontrada com o nome de Teggia, em Serra Ricco, uma pequena cidade na província de Génova. Esta poderia ser uma descoberta muito importante, se for determinado que este local está ligado às raízes da família Noli[162].

---

[162] Ref. Da Noli a Capo Verde, Astengo, Balla, et al, Marco Sabatelli Editore, Savona, 2013 p. 51, fig. 5, há um manuscrito da Biblioteca Malestiana (Biblioteca Malestiana) que enumera uma Simone de Antonio Noli Biondi como sendo um membro da Câmara Municipal de Cesena, enquanto na página 52, fig. 6, há um documento “Manoscritto Selva “De Memórias”, que se refere à compra de um assento no Conselho Municipal de Cesena por Antonio de Noli de Treggia, com 150 escudos d’oro” (ouro). Na fig. 7 na mesma página há um mapa antigo do século XVIII que foi encontrado na prefeitura de Serra Ricco, que mostra uma vila com o nome Teggia, que tem o significado de Teglia no dialeto da Ligúria local. Assim está documentado que, em 1551, um membro da família Noli com o nome, Antonio de Noli de Treggia tornou-se um membro do conselho da cidade de Cesena, pagando 150 moedas de ouro (escudos d'oro). De acordo com o professor M. Noli, este Antonio de Noli corresponde ao mesmo Simone de Antonio Noli Biondi, já citado, que era um membro do conselho da cidade em uma geração anterior. Apesar da pequena diferença ortográfica entre as duas palavras Treggia e Teggia, é muito importante notar que a vila de Teggia é apenas 1 quilómetro de Serra Ricco, onde existem muitos membros da família Noli, vivendo hoje, e fica a cerca de 3 quilómetros de uma aldeola que era anteriormente conhecida como “Noli”. Numa pesquisa recente do Internet, este povoado de Noli agora é mostrado no mapa como “via Noli” (a rua de Noli) e na minha investigação, um amigo disse-me que conhece várias famílias com esse sobrenome que atualmente vivem nesta

6. **Evidência sólida de que ele era genovês pode ser encontrada em documentos relativos a membros da sua família e à sua associação com outras famílias nobres, em Génova**. A maioria das referências a António de Noli, consideram-no como sendo genovês, por exemplo, João de Barros, cartas régias em Portugal, e até Colombo, no mapa da cidade conhecida como Mappa Mundi ou o Mapa de Colombo. Um escritor na Internet tem uma página onde diz que António de Noli nasceu em Voltri (uma pequena cidade entre Gênova e Savona), de uma família (originalmente) de Noli, mas ele não oferece nenhuma evidência para apoiar a sua afirmação. No entanto, eu acho interessante encontrar uma rua chamada Noli (via fratelli) em um livro de nomes de ruas (Dizionario delle Stade: Genova) para a cidade de Genova, Volume IV, 2a

---

aldeia. Ele mesmo telefonou a um deles para perguntar sobre alguma recordação ou facto relacionado com a vila de Teggia. Infelizmente a família não tinha conhecimento deste nome. No entanto, apesar de tudo, é claro que os nomes de lugares podem ter mudado ao longo dos anos, como foi mostrado com o povoado de Noli. Um exemplo clássico de como um nome de um local pode mudar, pode ser o nome de costa del Veglio que agora é conhecido como Treviglio (também Teviggio). Ao falar com um amigo meu, na Ligúria, que está ciente das mudanças de nome e as dificuldades de referências cruzadas entre o italiano e o antigo dialeto genovês, na Itália, ele deu-me uma opinião interessante. Como ele tem alguma familiaridade com o velho genovês, ele acredita que a palavra Teggia provavelmente poderia ter sido Teglia ou Taglia, com base na evidência das palavras Treviglio e Teviggio, que representam a mesma palavra como verificado no livro, “I Fieschi tra Papato ed Impero” (Os Fieschi entre o papado e o império), Lavagna, 1997 p.63. Então é certamente possível que Treggia e Teggia possam representar a mesma palavra. Também é de extraordinário interesse notar que as palavras Teglia, Taglia e Teggia são palavras que significam “terracota” no antigo idioma de Romagnol (antigo idioma genovês). Assim, a palavra de terracota é um prato de barro marrom avermelhado usado para cozimento. Esta palavra será importante mais tarde.

edição, Tolozzi 1973, Bianca Maria. Neste livro, na página 1053, a rua foi nomeada para os irmãos Noli, Antonio e Bartolmeo, que junto com seu sobrinho Raffaele, descobriram as Ilhas de Cabo Verde ao serviço dos reis de Portugal. Parece-me que algumas pessoas poderiam suspeitar que isto poderia significar que eles foram, provavelmente, naturais de Voltri, mas, infelizmente, há muitas cidades com o nome de António de Noli, nas suas ruas, em Portugal e na Itália.

7. **Acredita-se que a idade de António de Noli, no momento final da sua vida estaria entre os 78 e 80 anos.** Por muitos anos eu acreditei nesse mito. A Enciclopédia Portuguesa Brasileira diz-nos que ele nasceu em 1419. Infelizmente, este artigo, refere-se a Antioniotto Uso di Mare e de acordo com a enciclopédia, "o seu verdadeiro nome era Antonioitto Uso di Mare". Isto, obviamente, não era verdade. Quando comecei a examinar os detalhes deste artigo tornou-se bastante claro que quase tudo estava relacionado com Uso di Mare e NÃO António de Noli. Em seguida, depois de analisar muitos artigos mais antigos sobre António de Noli, tornou-se óbvio para mim que os historiadores estavam simplesmente a escrever sobre os dois navegadores como sendo a mesma pessoa, dando o ano de nascimento, geralmente, entre 1415 e 1420 para António de Noli. Estas datas estão mais em linha com o Antoniotto Uso di Mare, que morreu em 1462. Isso indica que provavelmente era muito mais velho do que de Noli. Assim, finalmente, eu também percebi que de Noli não teve um filho com ele na Gâmbia, esta informação também foi afirmada no artigo[163]. Ainda encontrei um outro artigo na Internet:

[163] Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira Ed. 1945 Vol XVIII. P. 836 "(...) e como achassem em seguida o Gâmbia, subiram por ele e travaram com os **Negros um combate em que muito se distinguiu um filho de António de Noli**". Contudo, o mesmo artigo refere-se também a uma carta escrita por ele mesmo. "(António de Noli escreveu uma relação desta

www.treccani.it, L'Encicopedia Italiana Antonio da Noli Dizionario degli Italiani Biografico, Volume 3 (1961) di Geo Pistarino com a seguinte entrada: "Antonio da Noli – Nacque a Genova da famiglia di origine nolese la data é ignota, ma deve presumibilmente collocarsi intorno al terzo decennio del secolo XV" (Ele nasceu em Génova numa família com raízes em Noli, **a data é desconhecida, mas presume-se que seja na terceira década do século XV).** Então, para mim, para o meu propósito, decidi usar 70 anos como a idade aceitável para a sua morte. Mais tarde irei justificar esta sugestão. O ponto-chave aqui é que sendo eu era capaz de desligar António de Noli das sombras de Antoniotto Uso di Mare, a minha investigação tomou uma nova vida e muitas coisas que eram totalmente confusas, no passado, de repente tornaram-se muito mais claras.

8. **Viagens de António de Noli para a costa da Guiné**. Nunca saberemos exatamente quantas vezes ele foi para a Costa da Guiné, mas pelo menos temos testemunhas oculares que diziam que ele viajou para a Costa da Guiné em 1471 e temos boas razões para acreditar que ele partiu para a Guiné muitas vezes antes de 1471, como resultado direto do acordo com D. Fernando em 1466, o qual deu aos cabo-verdianos muitos privilégios especiais. Ironicamente, António de Noli, nunca nos diz que realmente viajou para a costa da Guiné. No entanto, foi considerado que ele tinha na sua posse o ouro e prata apreendidos pelos espanhóis quando Cabo Verde foi

---

expedição, mas só chegou até nós um fragmento publicado por Groeberg Hemsoe no seu Annali di geografia e di statistica)". Infelizmente, este relatório é uma carta escrita pelo Uso di Mare e não tem absolutamente nada a ver com António de Noli. Portanto, neste caso, Uso di Mare estava a referir-se a uma batalha que decorreu com pescadores locais e consideravam-nos como inimigos, foram atacados com flechas venenosas e tiveram de voltar para trás.

invadido em 1476. Isto está descrito num documento do tribunal de Sevilha, de 31 de Julho de 1477, com explicação no Capítulo 2. Na verdade os historiadores não encontraram nada escrito por ele acerca da sua vida.

9. **As relações de António de Noli com a família poderosa de Fieschi**. Acredita-se que a família de António de Noli tinha laços com a família Fieschi, conforme documentado no livro "Da Noli a Capo Verde", op. Cit.

10. **António de Noli serviu o Rei D. João II, durante muitos anos.** Todas as indicações apontam a que António de Noli serviu o Rei João II durante mais de duas décadas, entre 1471 e 1495. Ele, obviamente, foi considerado o governador oficial, sem qualquer menção de ter sido oficialmente substituído dessa posição quando a sua filha herdou a sua propriedade e títulos, em 1497. Nestas circunstâncias, ele foi o único governador oficial para a Capitania de Ribeira Grande, desde a descoberta de Cabo Verde, com a única exceção do tempo em que seu irmão Bartolomeu foi reconhecido como sendo o governador em exercício em 1466, como foi anteriormente mencionado.

11**. Muitos dos nomes de lugares em Cabo Verde são muito semelhantes aos da Madeira**. Os nomes de ruas e igrejas em Cabo Verde podem muitas vezes ser encontrados em Madeira. Por exemplo, a primeira igreja em Cabo Verde foi Nossa Senhora da Conceição e esta foi também uma das primeiras igrejas construídas em Câmara de Lobos, na Ilha da Madeira. Provavelmente não é coincidência, pois esta é também a cidade onde Diogo Afonso se casou e provavelmente viveu lá por um período de tempo. Então, podemos encontrar muitos nomes, como São Vicente, São Martinho, Ponta do Sol, Paul, Ribeira Brava, Ribeira Grande, Santa Catarina, São Tiago, Santo Antonio, Calheta e muitos mais nomes que são

semelhantes aos da Madeira. Estas semelhanças sugerem que os primeiros colonos em Cabo Verde foram influenciados pelos nomes de lugares de Madeira. Eventualmente, muitos desses nomes seriam dados para as novas terras, no Novo Mundo, por Colombo.

12. **António de Noli era claramente de uma família nobre e há muitas referências à sua nobreza**. No entanto, parece haver alguns escritores que a questionaram sem fornecer uma explicação.[164][165] Essas acusações são facilmente refutadas pelo livro "Da Noli a Capo Verde" Op. Cit., que fornece a documentação completa para provar que a família é de origem nobre.

13. **A família Noli teria perdido privilégios da nobreza**. Muitos autores têm escrito que ele deixou Génova por causa da agitação política, num momento em que a família Fieschi e a família Noli provavelmente tinham perdido muitos de seus privilégios nobres tradicionais. Não há qualquer explicação dada para descrever o significado da frase "agitação política". No entanto, todas as indicações são de que as famílias Noli e Fieschi, foram autorizadas a retornar a Génova após 17 de Março de 1576, quando a Constituição de Amnistia foi declarada. Nos anos seguintes, parece que as famílias Noli e Fieschi foram atraídas para Cesena. Os registos de Cesena mostram que a família Noli extinguiu-se em 1574, o que sugere

[164] Airaldi, Gabriela. "Iberia: Quatrocentos / Quinhentos" p, 219 O autor descreve Antonio de Noli como sendo o irmão "lamentável" (paupérrimo) de Agostino da Noli (...).

[165] Rosario. Op. Cit. p.146. O autor afirma: "apesar de João de Barros os indicar como nobres, os noli eram plebeus".

que esta é, provavelmente, a data em que eles voltaram para Génova[166].

Agora, eu quero dizer mais algumas palavras sobre a carta régia que foi mencionado no ponto 1. Nesta carta, ficamos a saber que teve uma filha. Esta é a primeira e única vez na vida de António de Noli que alguma coisa é mencionada sobre ele e sobre a sua família direta, além de nomear o seu irmão Bartolomeu e o sobrinho Rafael, pouco mais foi escrito sobre eles. Então, quem é D. Branca de Aguiar? Os historiadores não têm a menor ideia. Eles só sabem que ela é nobre e filha de António. Presume-se que António está morto, mas não há nenhuma menção de, quando ou como, morreu e ou onde está enterrado. Na verdade, a carta original não chega a dizer que ele está morto, mas efetivamente tentar dar a impressão de que ele está morto[167]. Existem, obviamente, muitos problemas relacionados com esta carta, que está cheia de mistérios não resolvidos. Uma das poucas pistas que temos em relação a D. Branca é o seu nome de família de Aguiar. Isso indica que sua mãe era, de alguma forma, da família Aguiar. Então, como e onde António de Noli encontrou uma mulher da família Aguiar? Bem, acontece que havia pelo menos dois membros da família Aguiar residentes em Cabo Verde, antes de sua aparição surpresa, na carta régia de 1497. O primeiro é Diogo Afonso que descobriu o segundo grupo de ilhas em 1461 ou 1462. A outra é seu sobrinho Rodrigo Afonso, que se tornou o

---

[166] "Da Noli a Capo Verde" Op. Cit. P.16.

[167] A carta original pode ser vista no anexo 7. A carta original usa as palavras ***por parte*** (em nome de…) **de myce amtoneo capitam da ilha de Santiago e logo foi mudado para ler *por morte* (por causa de sua morte).** Em nome de Myce Antonio o genovese capitão de Santiago (foi mudado para ler): por morte do Myce Antonio, o capitão genovese de ilha de Santiago.

capitão de sua propriedade, oficialmente, em 1485. Infelizmente, o seu nome (Diogo) é geralmente escrito em Cabo Verde como Diogo Afonso e não Diogo Afonso de Aguiar. Ele foi um dos quatro cavaleiros da Casa Real que o rei mandou a Madeira (era originalmente de Évora) para se casar com uma filha de João Gonçalves Zarco, descobridor e primeiro governador da Madeira. D. Diogo Afonso de Aguiar casou-se com Izabel Gonçalves da Camara Zarco (c.1450?) em Câmara de Lobos, Madeira. Eles tiveram vários filhos, três filhos e duas filhas, uma das quais casou e a outra filha nunca se casou[168].

Diogo Afonso era o capitão de Alcatraz, na metade norte de Santiago, enquanto António de Noli foi o capitão da Ribeira Grande, na metade sul da ilha. A família Aguiar na Madeira foi muito rica e influente. Todas as indicações são de que eles controlavam a indústria do açúcar. Esta indústria, diz-se ter sido trazida para Cabo Verde por António de Noli no início da colonização das ilhas[169]. Agora parece lógico sugerir que os dois capitães da ilha de Santiago, naturalmente, teriam colaborado na realização de negócios e na colonização da ilha. É natural, portanto, supor que António de Noli esteve na Madeira com Diogo Afonso de Aguiar, do qual aprendeu sobre a indústria do açúcar e através do qual conheceu toda a classe nobre das ilhas da Madeira e Porto Santo. Aqui, devemos entender que estamos a falar de nobres que fizeram juramentos para apoiar o rei, o que significa que deve ter havido planos para desenvolver a colonização das Ilhas de Cabo Verde e o rei teria ordenado aos governadores da Madeira cooperar e ajudar

---

[168] "Nobilario de Henrique Henriques de Noronha p. 109" published under the title; "Bibliioteca Genealogia Latina" by Salvador de Moya in 1947.

[169] Birmingham D. Op. Cit (veja capitulo 2 nota 43.)

os novos governadores de Cabo Verde neste processo de desenvolvimento.

Na realidade, o mero fato de que Diogo Afonso fosse escolhido pelo rei e fosse enviado para Cabo Verde para descobrir as outras ilhas e acompanhar António de Noli, como donatários, na Ilha de Santiago é a prova irrefutável de que o rei fez a sua escolha com muito cuidado e que Diogo Afonso era um servo de confiança da Casa Real. Diogo Afonso também foi um dos mais influentes membros da aristocracia, na Ilha da Madeira.[170]

Nunca devemos perder de vista o fato de que Portugal desenvolveu as ilhas recém-descobertas em sigilo total, a fim de evitar reclamações, posteriores, de outras nações. Isso exigiria total comprometimento da Madeira para prestar todo o apoio para a nova colónia de Cabo Verde. Certamente seria uma prioridade nacional, mandatada pelo rei, com riscos muito altos.

Durante este tempo, os planos serão elaborados e as ideias discutidas sobre como avançar. A exploração da Madeira foi iniciada em 1425[171], agora em 1461 ou 62, a experiência adquirida nesta ilha teria muito a oferecer a Cabo Verde nos primeiros estágios de desenvolvimento. É natural esperar que se desenvolvesse um relacionamento próximo entre os

---

[170] Revista Islenha. N° 03 de julho - DEZ 1988 Direcção: Nelson Veríssimo. P.54. Diogo Afonso foi identificado por Ernesto Gonçalves nos anos 1471 e 1472 como sendo um dos sete homens mais influentes na ilha da Madeira (ver anexo 23).

[171] "Madeira" Casa Editrice Bonechi, Diretor Florence.Editorial, Giovanna Magi s / d p.3 "Os Navegadores portugueses começaram por desembarcar em Porto Santo, a ilha dourada, em 1418. No ano seguinte rumaram para a Madeira (...). A Cidade do Funchal, a capital do arquipélago foi povoada a partir de 1425 (...)".

governadores da Madeira e os novos governadores de Cabo Verde, especialmente porque Diogo Afonso que já vivia na Madeira e, como nobre e governador, conheceria bem o sistema local de governo e de economia.

Obviamente teria havido muitas oportunidades para Antonio fazer conhecimento com uma das mulheres nobres da ilha. Visto não ser mencionada qualquer idade para D. Branca de Aguiar, torna-se um pouco mais difícil sugerir quando ela poderia ter nascido. No entanto, com base num raciocínio lógico, acredito que há varias possibilidades que poderiam ajudar a ultrapassar este dilema. É muito possível que uma das filhas de Diogo pudesse ter dado à luz a D. Branca de Aguiar, no fim dos anos 1460 ou no início dos anos 1470. Visto que uma filha, Constança, nunca se casou, parece que ela poderia ter sido a mãe de D. Branca de Aguiar. Segundo algumas fontes acredita-se que viveu num convento a maior parte da sua vida. Há ainda uma outra possibilidade que poderia levar a Pedro Correia da Cunha, mas neste momento é difícil encontrar os detalhes sobre a sua árvore genealógica. Há alguma razão remota para acreditar que ela poderia ter tido uma filha com o nome de Branca Afonso da Cunha (neste momento não há nenhuma ligação com ele). Essa suspeita baseia-se numa certa Branca Afonso da Cunha, que se casou com João Escórcio Drummond (um nobre na Madeira), também conhecido como João Escoto. Também há razões para acreditar em ligações entre o nome da família de Aguiar com o nome Correia, pois eu encontrei uma árvore genealógica que faz uma ligação com a família Correia. Neste esquema, no anexo 26, uma Doria Pires de Aguiar é nomeada como a mãe de D. Pero Paio Peres Correia e uma Maria Pires de Aguiar como sua Irmã no fim do Século XIII. Entendo as dificuldades que se pode ter numa tentativa de formar uma ligação entre Pedro Correia da Cunha, Branca Afonso da Cunha e Branca de Aguiar, mas nesta

situação é apenas uma suposição devido à falta de informações concretas. Creio que temos de começar esta busca por algum lado para tentar identificar Branca de Aguiar. Pedro Correia da Cunha parece ter desempenhado um papel importante na história da Madeira, mesmo sem outra razão que não seja a que o ligue ao casamento de Colombo.

Então, neste momento, parece-me que os principais suspeitos seriam Pedro (Pero) Correia da Cunha e Diogo Afonso de Aguiar. No entanto, com base nas informações acima, parece que agora há perspectivas definitivamente legítimas para acreditar que um dos dois deve ter sido o pai da mãe de D. Branca de Aguiar. Todas as indicações sugerem que Branca nasceu na Madeira, onde António de Noli teria estado fortemente envolvido durante o período de colonização de Cabo Verde. Esta pode ser uma conclusão com base na carta régia que diz explicitamente que António de Noli foi o primeiro a povoar as ilhas[172]. Também é uma clara indicação de que ele era o líder dos assentamentos. Torna-se evidente que ele teve que desenvolver laços estreitos com a Madeira, devido à localização da Madeira e à experiência recente que os madeirenses possuíam em colonizar e civilizar aquele arquipélago particular.

Algumas pessoas sugeriram que D. Fernando possa ter atrasado o desenvolvimento de Cabo Verde, devido à morte de seu tio D. Henrique, em Novembro de 1460 (D. Fernando herdou as ilhas de seu tio em 1460). Na minha opinião, isto pode ou não ser verdade. Uma questão que surge imediatamente na minha mente é o facto de não haver qualquer discussão nos livros de história portuguesa de António de Noli durante o prelúdio para os novos assentamentos no arquipélago

[172] Royal letter of 8 Apr 1497 Op. Cit.

de Cabo Verde. A melhor resposta que encontrei foi uma teoria que de Noli e Diogo Afonso possam ter coordenado, os dois, as atividades de levantamento das necessidades e coordenação das ilhas, a partir da Madeira. Também a partir daqui prestavam o apoio logístico nos estágios iniciais de planificação e desenvolvimento de uma nova colónia que era desabitada.

Christiano José Sena Barcelos oferece-nos uma hipótese interessante em seu livro "Subsídios Para a História de Cabo Verde e Guiné" e explica que é certo que Portugal iria exigir que um estrangeiro fosse acompanhado por um Português durante os assentamentos e desenvolvimento das ilhas e nesta situação Diogo Afonso seria a pessoa para acompanhar António de Noli nessa empreitada[173]. A seleção de Diogo Afonso é bastante interessante, pois ele era um nobre muito importante e escriba de confiança na Madeira.

Barcelos, que era um oficial naval distinguido de Cabo Verde e muito respeitado na comunidade científica fez algumas observações muito interessantes sobre as possíveis relações entre António de Noli e Diogo Afonso. O segundo grupo de ilhas em Cabo Verde foi descoberto por Diogo Afonso e oficialmente documentado como tendo sido descoberto numa carta de Setembro 1462. Logo cerca de seis semanas mais tarde, em Outubro de 1462[174], o nome do descobridor é

---

[173] Barcelos. C. J. Sena. "Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné" Lisboa 1890. P.18.

[174] Ref. ANTT. Chanc. D. Afonso V L. 1 Fl 61, Misticos D. 1 L. 2 Fl 152-152 v (Publicado em documentos. Alguns fazem ANTT. Pp. 31-32 Carta Real de 19 de Setembro de 1462.Doação ao Infante D. Fernando de todas as ilhas de Cabo Verde. Este documento deixa claro que todas as ilhas do arquipélago já tinham sido descobertas e que o nome do descobridor das primeiras cinco ilhas, quase dois anos antes, foi o de Antonio de Noli, mas o nome do descobridor dos últimos sete ilhas não é mencionado neste documento. Algumas semanas mais tarde em 29 de Outubro de 1462 uma

relatado como sendo Diogo Afonso. Então, uma pergunta vem imediatamente à mente é: “O que foi Diogo a fazer a Cabo Verde depois de António de Noli ter descoberto as ilhas?” Barcelos sugere que o rei mandou os dois navegadores em conjunto para colonizar as ilhas e trazê-las para o controlo dos portugueses logo que possível. Diogo estava a viver na Madeira, nesse momento, e o paradeiro de António de Noli é desconhecido depois que ele descobre as ilhas. Mas em algum momento, antes de 3 de Dezembro de 1460 (altura em que D. Fernando tomou posse das ilhas depois de seu tio D. Henrique ter morrido) e 19 de Setembro 1462, as últimas sete ilhas foram descobertas por Diogo Afonso. Barcelos salienta o facto de que um representante de Portugal ter de acompanhar António de Noli, que era um estrangeiro, para colonizar as ilhas, pois era a política imposta nessa altura (estrangeiros seriam acompanhados por representantes portugueses). Ele acredita que poderiam ter navegado até à costa da Guiné, mais além do arquipélago de Cabo Verde, para comprar escravos e iniciar o desenvolvimento das ilhas. Assim, quando eles voltavam de África para Cabo Verde, velejando contra os ventos de NE, que os obrigou a navegar para longe da costa do continente Africano na direção W, poderiam ter sido levados para a região sudoeste da Ilha do Fogo, onde Diogo poderia ter avistado Brava, que não havia sido registada entre as primeiras cinco ilhas descobertas em 1460 por António de Noli. Então, a partir da Brava, poderia ter avistado a ilha de São Nicolau, se o tempo estivesse limpo. Depois de navegar para São Nicolau, ele teria visto as outras cinco Ilhas, num total de sete ilhas, recém-descobertas, registadas em seu nome, em 1462. Barcelos

---

nova carta nomea Diogo Afonso como o descobridor das últimas sete ilhas. Ref. ANTT. Misticos vol 2º, fl 155.

acredita que Diogo Afonso teria retornado a Portugal, enquanto António de Noli começou a colonizar as ilhas.

Estes eventos provavelmente ocorriam em 1461, mas poderiam ter ocorrido em 1462 e certamente antes 19 de Setembro de 1462. Charles Verlinden oferece outra explicação para a viagem da descoberta de Diogo. Ele escreve: “Naqueles tempos, Fontoura da Costa, acredita que em 1460 António de Noli tornou-se o capitão da parte sul de Santiago, enquanto Diogo Afonso teria recebido a capitania para a parte norte em 1462. Há muitas razões para considerar que António de Noli tinha sido enviado pelo infante D. Henrique para tomar posse das ilhas em seu nome. Obviamente, ele só o poderia fazer como o representante do Infante, ou seja, como o capitão, o título que foi dado aos “empresários” da colonização, utilizado pelo Infante D. Henrique. Devido à sua morte, em 13 de Novembro de 1460, o genovês encontrou-se nesta situação, sem um título. Sem dúvida, deve-o ter recebido pouco tempo depois, por parte de D. Fernando, herdeiro do Navegador (D. Enrique). Estou inclinado a pensar que, nesta nova expedição, Diogo Afonso, o escrivão do Infante, também participou junto com ele. Foi, sem dúvida, durante este tempo que Diogo Afonso descobriu as sete ilhas que não foram vistos por António de Noli durante a sua viagem anterior. Os genoveses não teriam tido a missão de descobrir, mas sim de consolidar a ocupação e continuar a colonização. O Português (Diogo), em compensação, teria retornado a Portugal fornecendo as informações que teriam permitido a publicação em 1462 do édito real. Estas ocorrências podem-se confirmar pelo documento de 1466, para a empresa de colonização do Infante Fernando, na Ilha de Santiago. Demorou quatro anos. Agora Diogo Afonso teve de regressar a Portugal no Outono de 1462, talvez até à data de 19 de Setembro, a data da carta que menciona a descoberta das sete ilhas cabo-verdianas “pelo

Infante D. Fernando". A data da outra carta que descreve esta descoberta, feita pelo escriba Diogo Afonso[175], é do dia 28 de Outubro desse ano."

Suspeito que os dois navegadores passaram a maior parte de 1461 na Madeira preparando-se para a colonização de Cabo Verde. Nesse local, a família Aguiar, provavelmente terá hospedado António de Noli. António de Noli teria aí observado a forma como os escravos trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar e outras indústrias, tais como algodão e milho. Ele teria aprendido sobre os produtos que eram produzidos na Madeira e como eles os comercializavam com África. Obviamente tinha muito a aprender sobre a colonização das ilhas desabitadas, a qual iria depender fortemente do comércio de escravos e da experiência que adquirisse nessa ilha.

Também deve ser lembrado que este processo foi feito com máximo de sigilo. Foi tão secreto o desenvolvimento deste arquipélago que eu lembro-me de estudantes universitários me pedirem para lhes mostrar a localização exata do arquipélago num mapa, pois não tinham ideia da sua localização. Isto foi na década de 1990. Agora, estamos no século XXI e, apesar dos avanços da tecnologia e da educação, eu ainda não acredito que a maioria das pessoas com uma cultura média saiba alguma coisa sobre Cabo Verde, incluindo aquelas que têm raízes em Cabo Verde. Um amigo meu, realizou uma palestra num bairro cabo-verdiano, no sudeste de Massachusetts em 2014, sobre Cabo Verde e pediu ao seu público, se alguém já tinha ouvido falar de António de Noli. Nem uma única pessoa na plateia, de cerca de 50 existentes, respondeu afirmativamente. Esta é uma indicação clara de como o segredo da missão de Cabo Verde

---

[175] Verlinden, Charles "Antonio de Noli and the the Colonization of the Cape Verde Islands" Coimbra 1963 BNL - H. G. 23319 Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa III série, nº 7, 1963 p.38.

foi tão secreto, que nem mesmo os descendentes de Cabo Verde têm ideia de quem descobriu as ilhas e do verdadeiro significado deste arquipélago, mais de 550 anos depois.

Anteriormente tinha mencionado que em 1466, Bartolmeu de Noli foi o governador de Cabo Verde, durante um período que deu a entender que António estava ausente, embora sem alguma razão que justifique a sua ausência. No entanto, eu tenho uma teoria a respeito de sua ausência em 1466. Acredita-se que Diogo Afonso de Aguiar casou por volta de 1450, em Câmara de Lobos (Madeira) e teve duas filhas. É possível que António de Noli se envolvesse com uma das suas filhas, em 1466, na Madeira. Nesta altura elas poderiam ter por volta de 14 ou 15 anos e António de Noli talvez tivesse cerca de 30 anos. Essa situação provavelmente teria sido considerada normal nesse momento em Portugal. Até mesmo o Rei, D. Afonso V, casou com uma menina de 13 anos, em 1475, sendo ela também era sua sobrinha. Eu sei de um facto, como exemplo, que um dos meus bisavôs tinha 29 anos quando se casou com uma das minhas bisavós que tinha apenas 13 anos de idade na época do casamento. Esse casamento ocorreu no início do século XIX em Portugal. Esta situação não era incomum. Histórias desta natureza eram comuns no início do século XX em Portugal.

António poderia ter tido um relacionamento no final dos anos 60 ou início dos anos 70 com uma dessas filhas que se tornaria a mãe de D. Branca de Aguiar. Nós já sabemos que Bartolomeu de Noli estava a viver em Cabo Verde com uma mulher da Europa, em 1466, como resultado do documento do Vaticano que o referiu como o governador contratou assassinos para matar o sacerdote que estava a incentivar a sua amante da Europa a abandoná-lo. Eu suspeito que ela também fosse da Madeira. Nada é mencionado sobre a vida amorosa de António ou qualquer outra pessoa durante este período.

É também interessante notar que, acredita-se que os dois padres que fundaram a igreja em Cabo Verde vieram diretamente da Madeira[176]. Portanto, esta observação dá a impressão de que havia um grande intercâmbio de pessoas e atividades entre Cabo Verde e Madeira, durante a fase inicial de colonização e desenvolvimento. Esta é uma boa razão para acreditar que António de Noli teria feito várias viagens à Madeira para realizar planos estratégicos com este arquipélago, nos estágios iniciais de colonização em Cabo Verde. O facto de que dois padres viessem de Cabo Verde, significa que António de Noli, como o principal negociador provavelmente teria coordenado um acordo entre o rei de Portugal e o governador da Madeira. A decisão de transferir dois sacerdotes da Madeira para Cabo Verde só poderia acontecer com autorização do Vaticano e a aprovação do rei, tudo isto coordenado com os governadores das ilhas. Em conversas pessoais com um padre na Madeira, foi-me dito que o Arcebispo de Madeira também esteve diretamente envolvido nas negociações, pois ele teria sido o arcebispo de Cabo Verde e da Madeira neste momento.

Há ainda uma outra teoria sobre a misteriosa mãe de Branca Aguiar. De acordo com Trevor Hall existem dois nomes iguais como Dona Branca de Aguiar, de duas famílias nobres e diferentes nos registos genealógicos portugueses. Uma dessas pessoas era a bisneta do primeiro governador da ilha da Madeira, o grande Dom João Gonçalo Zarco[177].

Assim, com base nessa informação, na minha opinião, existem muitas possibilidades de que a mãe de Dona Branca de Aguiar fosse provavelmente da Madeira. Infelizmente, é praticamente impossível confirmar todos os dados sobre D.

[176] Villas, R. Op. Cit. p. 215.

[177] Hall. Op. Cit. P. 91.

Branca de Aguiar, pois não há registos de nascimento ou quaisquer outros registos disponíveis na Madeira durante o período anterior a 1570. Mas, pelo menos por agora, acredito que temos um bom ponto de partida para começar a nossa busca. Em resumo, isto significa que nos devemos concentrar:

a) Nas famílias de Aguiar de João Afonso de Aguiar e Diogo Afonso de Aguiar

b) Nas famílias de Aguiar de Pero Paio Correia

c) Na bisneta de D. João Gonçalves Zarco, D. Branca de Aguiar

d) Na outra D. Branca de Aguiar que é mencionada por Trevor Hall, no parágrafo anterior.

A suspeita mais importante deve ser a família de Diogo Afonso de Aguiar, pois ele foi o primeiro membro da família Aguiar instalado na Madeira, como foi referido anteriormente. António de Noli teria coordenado as atividades com Diogo Afonso desde o início do processo da colonização de Cabo Verde e teria realizado várias viagens à Madeira.

Também é de notar as enormes possibilidades de a mãe de D. Branca de Aguiar estar relacionada com D. João Gonçalves de Zarco. Neste cenário, descobrimos que Diogo Afonso de Aguiar foi enviado pelo rei para ir à Madeira com a finalidade de se casar com uma das quatro filhas do Zarco. Então, parece que estamos no caminho certo, focando Diogo Afonso como o candidato principal para ser o avô de D. Branca de Aguiar. Já está documentado que Diogo Afonso de Aguiar foi enviado pelo rei para se casar com uma das filhas do Zarco, depois de

Zarco fazer um pedido ao rei requerendo a intervenção para resolver a crise das suas quatro filhas solteiras[178].

Já disse que Diogo Afonso teve pelo menos duas filhas, uma das quais nunca foi casada (Constança). Neste cenário, torna-se uma excelente candidata para ser a mãe de D. Branca de Aguiar, resultado de uma combinação fácil e perfeita. Assim, o próximo passo, é encontrar os nomes dos seus pais. Desde que Hall faz a afirmação de que uma revisão dos registos genealógicos na Madeira lista uma D. Branca de Aguiar como uma bisneta do grande Dom João Gonçalves Zarco, então torna-se algo plausível, pois se Diogo Afonso é seu avô, então sua avó é, provavelmente, Isabel Gonçalves Zarco (filha de D. João Gonçalves Zarco e esposa de Diogo Afonso de Aguiar) e sua mãe é provavelmente Constança, a filha que nunca se casou e, provavelmente, viveu num convento com a sua filha. Acho que as observações de Hall são bastante interessantes, porque cruzam-se com as minhas próprias observações. Embora eu admita que tinha estado ciente dos comentários de Hall, sobre as duas linhas de famílias nobres Aguiar, na Madeira, pareceu-me ser bastante vago no início da minha investigação. Eu nunca tinha feito a ligação com a família Zarco porque nunca tive qualquer justificação para a fazer. Só fui capaz de fazer a ligação depois de saber que o nome completo de Diogo Afonso era “Diogo Afonso de Aguiar” (Tradicionalmente, o seu nome é escrito como Diogo Afonso) e que ele era um dos quatro cavaleiros ordenados pelo rei para se casar com uma das filhas de Zarco. Só após um exame

[178] Crónica das Origens da Família. Biographies. 1584976. João Gonçalves Zarco. “Já velho, pediu ao rei que enviasse fidalgos para casar suas filhas. Em resposta, de Portugal vieram Diogo Cabral, Diogo Afonso de Aguiar, Martim Mendes de Vasconcelos e Garcia Homem de Souza.” Web. 29 Mar. 2014.

rigoroso, eu fui capaz de perceber que Diogo Afonso e Diogo Afonso de Aguiar eram a mesma pessoa, a qual se casou com Isabel, a filha de Zarco. Era comum, no passado, não escrever os nomes completos, mesmo em documentos oficiais. Após esta descoberta, eu decidi olhar de outra forma para os comentários de Hall e pela primeira vez notei que D. João Gonçalves Zarco tinha uma neta chamada D. Branca de Aguiar e isso significava que o pai deve ser Diogo Afonso de Aguiar, porque ele era o único Aguiar casado com as filhas do Zarco.

Então era uma questão de bom senso para descobrir o resto da história. Simplesmente foquei-me em Diogo Afonso de Aguiar, na sua família e nas suas atividades na Madeira.

Nos livros tradicionais da história, o investigador sempre foi desviado pela descrição feita de Diogo Afonso. Normalmente, ele é descrito como um escriba da casa do rei, que descobriu as últimas sete ilhas de Cabo Verde e, em seguida, é nomeado como capitão da capitania de Alcatraz, na metade norte da Ilha de Santiago. Praticamente nada mais é dito sobre ele, exceto que geralmente delegava a autoridade da sua capitania e não passava lá muito tempo, como fez António de Noli. Por fim, é relatado que se acredita que ele tenha morrido por cerca de 1473, pois esse é o ano em que seu sobrinho Rodrigo Afonso se tornou o novo capitão. Nesta fase, ele simplesmente desaparece dos livros da história. Na verdade, quando seu sobrinho, Rodrigo Afonso se tornou o novo capitão de Alcatraz, em 1473, nada é mencionado sobre a situação de Diogo Afonso[179]. Então, realmente não sabemos se ele estava vivo ou morto neste momento. Eu, pessoalmente, suspeito que ele ainda estava vivo e não queria ser incomodado com a colonização de Cabo Verde, pois teve três filhos que estiveram

[179] Royal letter 9 Apr 1473. A facsimile of the letter is included as annex 8.

fortemente envolvidos na produção da cana-de-açúcar na Madeira.

Recentemente fiz uma viagem de investigação à Madeira para saber mais sobre Diogo Afonso de Aguiar e fiquei bastante impressionado com o que eu aprendi. Primeiro de tudo, há uma localidade chamada “Lombo dos Aguiares” no topo das colinas, na freguesia de Santo Antonio a cerca de meia hora do Funchal. Esta localidade recebeu a nome da família Aguiar. Diogo Afonso de Aguiar era dono de muitas terras neste local, as quais eram cultivadas para produzir cana-de-açúcar. Ele também foi o primeiro colono neste local e seus filhos eram muito ativos na produção da cana-de-açúcar. A família era dona da terra que produzia cana-de-açúcar na Calheta, que é outra localidade ao longo da costa sudoeste da Madeira e aproximadamente a duas horas de carro da cidade capital, o Funchal.

Também é muito interessante saber que não há qualquer documentação conhecida para verificar quem são os pais de Diogo. H.H. Noronha parece acreditar que ele era o filho de João Afonso de Aguiar (ele foi o primeiro tesoureiro de Portugal) e que sua mãe era Maria Esteves (a filha de um bispo em Évora), mas admite que outros acreditem que Pedro de Aguiar era seu pai. De acordo com Manuel José da Costa Figueiras Gaio (1750 -1831), em seu livro “Nobilário das Famílias de Portugal Vol. I”, a esposa de Pedro Afonso (Mecia de Sequeira) criou a rainha, D. Isabel, esposa do Rei D. Afonso V. O autor optou por seguir a genealogia de Diogo Afonso de Aguiar com seus pais como sendo Pedro Afonso de Aguiar e Mecia de Sequeira, por isso os resultados de genealogia são um pouco diferentes dos de Noronha.

Ao longo dos anos, eu sempre acreditei que Diogo Afonso era de Portugal continental. Embora isto seja verdade, eu

desconhecia o mandato emitido pelo rei para enviá-lo a partir de Évora, para a Madeira, a fim de se casar com uma das filhas do Zarco com a qual teve duas filhas como resultado deste casamento. Por fim, aprendi que a sua família estava diretamente envolvida na produção do açúcar e que António de Noli teve credito para introduzir esta indústria em Cabo Verde. Felizmente, Cabo Verde continua a produzir cana-de-açúcar e eu suspeito que é tecnicamente possível fazer uma comparação genética entre a cana-de-açúcar de Cabo Verde e a que existe nas antigas fazendas de Diogo Afonso de Aguiar em Lombo dos Aguiares ou Calheta, na Madeira. Na verdade, atualmente, existem poucas usinas de açúcar na Madeira de modo que pode ser complicado encontrar uma correspondência com a cana-de-açúcar da propriedade de Diogo.

Agora só precisamos de alguns documentos, para verificar tudo, como uma certidão de nascimento ou um registo de batismo e o registo de casamento de Diogo Afonso para mostrar que ele era casado com a filha de Zarco e alguma documentação que mostre que ele tinha uma neta chamada D. Branca de Aguiar. Se Constança deu à luz a D. Branca de Aguiar e nunca foi casada, então é evidente que a criança nasceu fora do casamento e o nome do pai não está presente na certidão de nascimento. Apesar de todos os problemas ela ainda seria uma nobre, pois a sua mãe era uma mulher nobre e, além disso, o rei confirmou que ela era uma mulher nobre na carta de 08 de Abril 1497. Agora podemos estimar que a sua idade poderia estar entre os 25 e os 30 anos, isto no tempo da carta régia de Abril 1497 (assumindo que ela nasceu entre 1466 e 1472). Se esta informação pudesse ser confirmada, resolvia-se um dos maiores mistérios da história de Cabo Verde.

A relação entre os dois capitães-governadores de Cabo Verde torna-se uma discussão interessante, pois não há quaisquer documentos que mostram uma relação direta entre os

dois capitães em Cabo Verde. Mas agora, como vamos construir o perfil dos dois navegadores, nós começamos a ver algumas circunstâncias interessantes que nos levam a juntar os dois em rotinas regulares de cooperação para construir uma nova civilização nas ilhas desabitadas. Há também um outro aspeto dessa relação que não deve ser esquecido: em Portugal, tradicionalmente, seria necessário que um nobre Português acompanhasse qualquer estrangeiro numa situação como esta, desta forma, Cabo Verde não podia ser governado por um estrangeiro sem um representante Português do rei nas proximidades.

Esta relação é semelhante à relação entre António de Noli e Colombo. Por mais esforço que se faça, não existem quaisquer documentos conhecidos para reunir e apresentar em qualquer evento. Neste caso, ainda é mais curioso, porque eles são ambos capitães na mesma ilha. Todas as indicações são de que António de Noli era realmente o capitão mais importante á revelia, pois Diogo Afonso teria delegado a sua autoridade para os outros, enquanto António de Noli exerceu sempre a sua autoridade plena. Também é possível que ele possa ter designado o controlo em seu irmão Bartolomeu, em 1466, apesar do facto, que é de se supor, que tal imposição viesse provavelmente do rei, ou do seu irmão, que era o donatário das ilhas. De qualquer modo, parece que há sempre regras especiais para António de Noli, mesmo quando a violação destas regras é ameaçada pela pena de morte.

Também é fundamental que encontremos a mãe de D. Branca de Aguiar, filha de António de Noli. Os resultados desta investigação podem ser extremamente valiosos para resolver outro grande mistério no final deste livro.

Neste capítulo encontramos muitos relatos históricos incomuns, sobre a vida de Colombo, que raramente são

discutidos e que serão motivo para uma conclusão incomum no final deste livro. Vimos que:

1. Colombo poderia ter vivido na Madeira ou em Cabo Verde.

2. De acordo com Las Casas, conheceu Pedro Correia, o cunhado da sua esposa e governador do Porto Santo e que o governador lhe mostrou objetos estranhos vindos de terras distantes do Ocidente, durante uma visita à Ilha de Porto Santo.

3. Ele poderia ter passado tempo nos Açores.

4. Ele poderia ter tido a informação secreta que mesmo os portugueses não tinham.

5. Ele poderia ter tido a sua própria casa numa ilha no Atlântico.

6. Ele poderia ter servido o Rei D. João II como um espião.

7. Ele tinha viajado frequentemente para a costa da Guiné.

8. Ele teria navegado em navios portugueses e foi tratado como um cidadão Português.

9. Muitas pessoas conheciam as descobertas de Cabo Verde, Açores e outras terras e Colombo esteve presente em algumas dessas viagens de descoberta.

Ele parece ter recebido um tratamento especial, mas nenhuma explicação é dada sobre isto.

Nós também aprendemos algumas coisas sobre António de Noli, por exemplo:

1. Ele foi o descobridor oficial de Cabo Verde.

2. Ele plantou cana-de-açúcar em Cabo Verde a qual veio da Madeira.

3. Ele navegou para a costa da Guiné, isto é comprovado por testemunhas oculares que afirmavam que ele tinha negociado na Madeira (enquanto Pedro Correia foi o governador de Porto Santo) e em São Jorge da Mina (em um documento oficial).

4. Ele aparentemente tinha informações secretas sobre o comércio de ouro na Costa D'Ouro.

5. Ele explorou o Atlântico Sul muito mais que qualquer pessoa na história da navegação.

6. Numa carta régia foi mencionado pelo título de Micer, que é reservado para pessoas de alta posição social.

7. Ele foi considerado um soldado genovês afortunado, muito parecido com Colombo.

8. Ele foi tratado como um cidadão português, embora ele fosse um estrangeiro.

9. Ele poderia ter vindo trabalhar para o Rei D. João II como um espião.

10. Ele também recebeu um tratamento especial, e privilégios, durante sua vida e mesmo depois da sua morte. Nenhuma explicação oficial é dada para este tratamento.

11. Ele foi claramente o primeiro cabo-verdiano residente em Cabo Verde e, obviamente, terá ido à Madeira várias vezes (Nota: É bastante interessante que alguns acreditassem que Colombo viveu na Madeira ou Cabo Verde, de acordo com Oviedo a quem foi encomendado, pela Coroa Real, ecrever a história oficial da Espanha do Novo Mundo. Ele também foi um contemporâneo de Colombo e conheceu-o pessoalmente – ve # 122 no Capítulo 6).

CAPÍTULO 8

Colombo, Diogo Afonso e António de Noli

Ligações incomuns entre Colombo e Diogo Afonso

Hoje há muitas histórias na Internet que relacionam Colombo com Diogo Afonso e a sua esposa Isabel Gonçalves Zarco da Camara. Existe, sem dúvida, uma lista crescente de escritores e críticos que estão a dar mais atenção às relações dos personagens principais causando alguma sensação na tentativa de identificar o verdadeiro Colombo. A teoria baseia-se em que Colombo é suposto ser o filho ilegítimo de D. Fernando, o primeiro Duque de Beja e o segundo duque de Viseu, bem como o governador da Ordem de Cristo. Além desses títulos ilustres, ele também era o filho do rei Duarte. Colombo, de acordo com estes escritores nasceu em Cuba, uma pequena localidade perto de Évora e a sua mãe era Isabel Gonçalves Zarco da Camara. No entanto, acredito que existem vários problemas sobre esta teoria interessante. Mas primeiro, vamos olhar para a filosofia geral que está a ser avançada por estes escritores. Dom Fernando supostamente teve um caso de amor aos 15 anos com Isabel, filha de João Gonçalves Zarco da Camara, que resultou no nascimento de Colombo cujo nome verdadeiro seria Salvadore Fernando Zarco. Neste caso, ele tornou-se o primeiro primo de D. João II, meio-irmão da Rainha D. Leonor, o meio-irmão de D. Manuel I e sobrinho-neto do Infante D. Henrique, o Navegador.[180]

O que torna esta história tão notável é o fato de que a mãe Isabel é da Madeira sendo filha do primeiro Capitão-Donatário

[180] https://pt.wikipedia.org/wiki/Teorias_sobre_a_origem_de_Cristóvão_Colombo Web. 3 Feb. 2017.

que descobriu as Ilhas da Madeira, em 1419, e as colonizou em 1425. Ele deveria ter vivido na Madeira e não no Alentejo. No entanto, a história continua e Isabel com o filho deslocam-se para a Madeira quando o menino tem cerca de 6 anos de idade. Neste momento a instituição do casamento é feita pelo rei para que se casasse com D. Diogo Afonso na Madeira. Alguns relatos desta história dão a entender que o rei pretendia esse casamento para evitar constrangimentos à família Real, pois existiria um membro da família envolvido. Algumas histórias dizem que o governador da Madeira, João Zarco fez um pedido ao rei para encontrar quatro maridos adequados para as suas quatro filhas e o rei ordenou a quatro cavaleiros de sua casa que fossem para à Madeira e se casassem com as filhas. De acordo com Salvadore de Moya em seu livro 1948 "Biblioteca Genealogia Latina", Noronha deixa claro que o Rei D. Afonso V ordenou quatro cavaleiros para casar as filhas de João Zarco, em conformidade com o pedido dele ao rei, Diogo Afonso casou com Isabel Zarco como um resultado desse pedido. Ver Anexo 13 (1/2).

A ordem do rei para os quatro cavaleiros se casarem com as filhas de João Zarco é interessante pois eu não acredito que ninguém realmente saiba como as noivas foram escolhidas pelos nobres ou se essa determinação foi feita por outra pessoa. Mas, sim, parece que eles se casaram por ordem do rei.

Esta história tem enorme importância na história do Colombo, independentemente de existir ou não é verdadeiro ou falso. A importância desta história é estabelecer a ligação entre Colombo, Isabel Zarco e Diogo Afonso. Eu acho bastante incomum que Diogo Afonso seja relacionado diretamente a Colombo na mais invulgar das circunstâncias: o padrasto do menino Colombo. O pensamento geral desta teoria é que Colombo nasceu em 1448. Esta data cria um outro problema, porque há muitas datas hipotéticas assumidas para representar

o nascimento de Colombo e de acordo com os meus cálculos, 1448 é uma data fora do aceitável, como veremos no resumo final. Outra observação incomum que eu acho bastante interessante é a relação existente com Diogo Afonso e a indústria açucareira. Há inúmeros relatos da sua família estar fortemente envolvida no negócio da cana-de-açúcar na Calheta e Ponta do Sol, na ilha da Madeira. Estou certo de que a maioria de nós está bem ciente de que Colombo tem sido associado à indústria do açúcar. Há muitas informações sobre o envolvimento direto, na indústria do açúcar, dos filhos de Diogo Afonso no Livros de Contas (1504-1537), que lista os nomes de muitos dos produtores de açúcar e as operações que eram feitas na alfândega. Assim, a participação da família de Diogo na indústria açucareira é indiscutível. Infelizmente, é difícil encontrar mais dados sobre estas operações antes de 1504 na Madeira. Eu estou à espera que esses dados possam ser descobertos, pois se isso for possível, então nós saberíamos quem exportou o açúcar para Cabo Verde e como foram negociadas essas operações. O período de interesse, para mim seria, principalmente entre 1461 e 1475 mas acredito que, por razões de segurança nacional, tais registos foram provavelmente destruídos a fim de manter o sigilo sobre a colonização de Cabo Verde e o envolvimento da Madeira.

Outro fator que deve ser levado em consideração quando se discute Colombo é sua, presumida, residência na Madeira antes da descoberta do Novo Mundo, em 1492. De acordo com o padre, Las Casas, D. João Zarco II (1435-1501), o segundo capitão da Madeira, congratulou-se com o almirante de Espanha em 1498, lançando-lhe um grande banquete na cidade (Funchal) "**porque o Almirante Colón era lá muito bem conhecido e residia lá como residente**."[181]

---

[181] Las Casas. Historia de las Indias, Vol. II- pp.221/222.

LIGAÇÕES INCOMUNS ENTRE ANTÓNIO DE NOLI E DIOGO AFONSO

Agora, eu gostaria de rever algumas das ligações inusitadas entre António de Noli e o mesmo Diogo Afonso que é considerado por vários escritores como o padrasto de Colombo. De acordo com a minha investigação, Diogo Afonso é mais provável ser o avô da D. Branca, a filha de António de Noli. Então, se nós neste momento assumimos que Diogo é o padrasto de Colombo e que ele também é o avô da filha de Antonio, em seguida, Colombo é o tio da filha de António. Isso soa como uma situação ridícula que só poderia ser criada por Walt Disney. Infelizmente, é muito mais grave do que isso. Em nenhum lugar encontramos, qualquer contacto direto, em qualquer livro de história ou qualquer outro texto ou documento, entre Colombo e António de Noli. Então, como seria possível sugerir que António de Noli, que foi certamente um dos navegadores mais importantes da história antes da descoberta do Novo Mundo, em 1492, jamais se reunisse com Colombo nas suas viagens, apesar do fato de ambos navegarem nas mesmas rotas, fazerem negócios nos setores do açúcar e do algodão na Ilha da Madeira e ainda estarem relacionados com a mesma família de Diogo Afonso? Esta questão deve ser levada muito a sério se quisermos resolver o maior mistério da história do Colombo.

Vamos dar um outro olhar para a última pergunta. Assumindo por um momento que Diogo foi o anfitrião de António de Noli, quando este visitou a Madeira, e que ele provavelmente aí teria estado presente, como nunca se encontraram os dois famosos navegadores? Se Colombo nasceu em 1448, teria cerca de 12 anos de idade em 1460, quando António de Noli descobriu Cabo Verde. Então, em 1461, Diogo Afonso e António de Noli teriam trabalhado em conjunto para colonizar Cabo Verde. Durante esse tempo, ele

teria passado um tempo valioso na Madeira conhecendo a nobreza e preparando o apoio logístico para Cabo Verde. Neste período, o pressuposto lógico é que teria desenvolvido laços estreitos com o seu anfitrião, Diogo Afonso, que era um dos empresários ricos da ilha. Ele, provavelmente, teria ficado na sua casa, na Ilha da Madeira.

Agora, se assumirmos que António de Noli ficava na casa de Diogo Afonso, onde um Colombo de 13 anos vivia com vários outros filhos de Diogo e Isabel Zarco, é natural supor que Colombo teria tido muito interesse nas atividades de António de Noli e na colonização de Cabo Verde. Poucos anos depois, as filhas de Diogo atingiram a idade fértil e uma delas tem um filho com António. De acordo com minhas informações, este evento provavelmente teria ocorrido em meados de 1460 ou no fim dessa década. Se isto fosse verdade, também seria possível que o caso acabasse em casamento e, neste caso, Colombo teria sido o cunhado de António de Noli. Mas mesmo que fosse um nascimento fora do casamento, Colombo teria sido o tio da criança da sua cunhada. E para tornar as coisas mais bizarras, toda esta gente poderia ter vivido na mesma casa e ainda teríamos Colombo e António sem se conhecerem um ao outro?!

Tenho um grande respeito por aqueles escritores que sugerem que Colombo era Português porque há muito tempo atrás eu também acreditei nesta teoria. Mas sugerir que sua mãe era Isabel Zarco e depois dizer que ele nasceu em 1448 e mais tarde se mudou para a Madeira para viver com a sua mãe e padrasto Diogo Afonso, literalmente, leva-nos para a zona de penumbra. O problema aqui é a associação de António de Noli com Diogo Afonso.

Esta associação nunca é levada em consideração quando se discute a teoria portuguesa de Colombo como sendo o filho de

Isabel Zarco e D. Fernando. Esse fator altera essa teoria de forma dramática. Infelizmente, na minha opinião, a evidência do envolvimento de António de Noli com Diogo Afonso é enorme e não pode ser ignorada por mais tempo. Basta imaginar uma pequena ilha desabitada a ser colonizada de um lado por Diogo Afonso e por outro lado por António de Noli e, então, sugerir que eles nunca se encontraram. Isto seria ridículo, principalmente quando um dos colonizadores estava a plantar a cana-de-açúcar e o outro tinha propriedades de plantações de açúcar na Madeira, de onde o açúcar era exportado para o plantio em Cabo Verde, por António de Noli.

Embora muitas pessoas subescrevam a teoria de D. Fernando como sendo o pai de um Colombo ilegítimo, em 1448 com Isabel Zarco da Madeira, esta história sofre uma reviravolta interessante, como resultado de estudos recentes de ADN que foram retirados de descendentes de D. Fernando e D. João Zarco. Os resultados deste estudo foram inconclusivos e a crença agora é que D. Fernando não é o pai de Colombo. No entanto, a busca pela verdadeira identidade continua com intensidade entusiasta, pois alguns estudiosos acreditam que eles estão a ficar cada vez mais perto da resposta. Talvez, a única resposta aceitável irá basear-se num teste de ADN positivo, o que não é um processo simples.

Apesar de tudo, eu ainda vejo um lado positivo na pesquisa sobre D. Fernando e uma das filhas de D. João Zarco. Faço esta declaração, porque, como disse anteriormente, vejo uma forte ligação entre António de Noli e a mesma mulher (Isabel Zarco) que se casou com Diogo Afonso. Se a minha teoria estiver correta e ela acaba por ser a avó da filha de Antonio, então teremos feito uma descoberta muito importante que pode levar à verdadeira identidade de Colombo. Então, a forma como este nobre esteve conectado a Colombo e António de Noli é certamente um mistério que precisa de ser resolvido. Na

verdade, a curiosidade desta teoria é que nem D. Diogo Afonso, nem D. Isabel Zarco atraía muita atenção na história de Portugal. Muito pouco foi escrito sobre qualquer um deles. Assim, fico com a sensação de que alguém fez uma pesquisa detalhada e encontrou algumas pistas que levaram a este casal (Diogo e Isabel), que se for verdade seria muito interessante, porque dá a impressão de que existe um mistério que se relaciona com esta família e Colombo. Eu suspeito que uma das pistas pode estar diretamente conectada a uma associação entre António de Noli, a família de D. Diogo e D. Isabel. Talvez até mesmo um caso com uma de suas filhas, enquanto ele residia temporariamente em sua casa na Madeira. Também é muito fácil confundir as identidades das pessoas e combiná-los com o tempo, eventos e pessoas erradas e teremos uma análise totalmente incoerente de eventos, nomes e lugares. Como diz o velho ditado, “entrada de lixo; saída de lixo”. Infelizmente, este é um problema comum que leva a muitas investigações falsas pois o autor não consegue fazer a devida diligência, mas por causa da sua reputação, influencia as obras de outros escritores que lhe fazem referência. Este problema verificou-se com a confusão de identidades entre António de Noli e Antoniotto Uso di Mari. Os historiadores identificaram por engano Antoniotto Uso di Mare como António de Noli e muito do perfil de Antoniotto tem sido atribuído a Antonio de Noli o que tem causado confusão até ao presente século.

Alguns detalhes interessantes sobre Diogo Afonso

Além de ser um dos quatro cavaleiros que o rei mandou casar com as filhas de D. João Zarco, em meados do século XV, ele é considerado o primeiro residente na Madeira a “levar” o nome da família de Aguiar e acredita-se ter nascido por volta de 1430. Estes detalhes são considerados importantes porque fortalecem a teoria de que António de Noli teve um caso com uma da suas filhas e não outra pessoa com o nome de

Aguiar, na Ilha da Madeira. Tendo, provavelmente, António de Noli aí residido temporariamente numa altura em que a família de Diogo era mais provável a única família Aguiar que lá residia (veja anexo 13 (1/2).

Na paróquia de Santo António, existe um nome geográfico dado a uma área montanhosa que em tempos pertenceu a Diogo e que é chamado de "Lombo dos Aguiares" (o nome original da localidade era Lombada dos Aguiares de acordo com um dos historiadores da Madeira (Emanuel James), porque ele possuía terras no local. Ele também nos diz que a terra era boa para o cultivo de trigo e açúcar de cana.[182] A população nesta localidade, em 1920, tinha 444 pessoas e foi a maior aldeia da freguesia de St. António.[183]

Acredita-se ainda que se instalaram em Camara de Lobos, onde se casou na igreja de São Sebastião. Na minha visita à Madeira, falei com as pessoas locais para determinar a data em que a igreja foi erguida em Câmara de Lobos. Alguns moradores locais vieram até mim e disseram-me que a igreja foi construída em 1430. Mais tarde, falei com o pároco, Padre Neves e qual me disse que a paróquia foi iniciada em 1430, mas a igreja foi terminada provavelmente tempo depois. A data exata não é conhecida. Felizmente para mim, ele estava muito interessado na história e levou-me à sua residência e fez-me uma cópia da página do livro, "Elucidários Madeirenses", onde está escrito que a paróquia de São Sebastião começou em 1430, mas a data do fim da construção da igreja não era conhecida. Pelo menos agora, tinha algumas informações escritas num

---

[182] Ref: Diário da Madeira, 18 Maio de 2008, "Funchal 500 Anos (veja anexo 39)."

[183] Published on the Internet under the title "Paróquia de Santo António da Ilha da Madeira (XV)" 11 Dec 2006 by Aro Pereira. Web 29 Mar 2014.

livro que muitas pessoas usam como referência para os dados históricos sobre a história da Ilha da Madeira. A poucos minutos da falar com o padre, durante cerca de uma hora, por mera coincidência, encontrei um dos membros do grupo o qual me disse que a igreja tinha sido construída em 1430 e eu disse-lhe que o padre tinha referido essa data como sendo o início da paróquia mas que a igreja foi construída mais tarde, em data desconhecida. O meu novo amigo disse-me que a igreja foi construída em 1430 e que tinha uma fotografia do chão, onde essa data estava escrita como 1430 antes da última renovação da igreja. Referiu-me que essa data original já não é visível. Infelizmente não pedi o seu nome porque o padre estava à minha espera e eu tive que sair à pressa. No entanto, dei-lhe o meu cartão de contacto antes de correr para encontrar-me com o sacerdote, e pedi-lhe para contactar-me se alguma vez ele encontrasse tal a fotografia. Felizmente, para minha surpresa, recebi um telefonema um mês depois de Câmara de Lobos desse novo amigo, o qual estava radiante e disse-me que tinha encontrado a fotografia do chão com a data de 1430 (ver anexo 24). Desta vez apontei o nome e número de telefone e, em poucos dias, recebi a foto da Madeira. Devo acrescentar que várias pessoas estavam entusiasmadas com a minha investigação e recomendaram-me alguns livros para referência, que foram bastante úteis. Tanto a Madeira como Cabo Verde, têm uma história incrível sobre o período da descoberta, mas eles pareciam estar muito mais conscientes da importância da sua história.

Camara de Lobos é uma cidade de tamanho médio, que hoje tem cerca de 12.000 habitantes, localizada a cerca de 5 km da capital Funchal. Lombo dos Aguiares tem apenas algumas centenas de moradores, mas tem um enorme valor histórico, porque poderia ajudar a determinar onde foram localizadas algumas das propriedades do Diogo Afonso de Aguiar.

Pouco antes da descoberta de Cabo Verde em 1460, os Portugueses estiveram fortemente envolvidos em guerras no norte da África e muitos nobres travavam batalhas em Marrocos. Um desses nobres foi D. Diogo Afonso de Aguiar. Ele está descrito como estando envolvido na conquista de Alcácer Ceguer e servido lá até ao segundo cerco. Segundo o coronel Ribeira Villas, o Infante D. Fernando conferiu-lhe o título de "Mestre da Ordem de Cristo" (da Ordem Militar de Cristo), logo após a sua participação na guerra em Marrocos. Também é muito possível que o seu sobrinho, Rodrigo Afonso, tenha servido na mesma guerra. Rodrigo foi o sobrinho nomeado como Capitão de uma metade da Ilha de Santiago numa carta régia de 09 de Abril de 1473.[184] Há um Afonso Rodrigo descrito como escriba para o Rei Alfonso V na campanha em Marrocos cuja descrição se encaixa no perfil do sobrinho de Diogo, que recebeu o seu espólio.[185]

Menciono as guerras no Norte da África, porque elas também se relacionam com Cabo Verde. Foi escrito algumas vezes que os prisioneiros capturados nas guerras do Norte Africano foram trazidos para Cabo Verde como escravos, durante o início da colonização.[186] Eu nunca vi nenhuma documentação para verificar esta suposição, mas certamente tem sentido. Se levarmos em consideração que as guerras foram realizadas no final da década de 1450 e Cabo Verde estava a ser colonizada em 1461, o envio de prisioneiros

---

[184] Marques, João Martins da Silva. "Descobrimentos Portugueses". Cartas Regia 9 Apr 1473 Vol.I Lisboa. 1944 pp.127/128.

[185] "A Nobreza Portuguesa em Marrocos no Seculo XV 1415 -1464" Cruz, Abel dos Santos. Dissertação apresentada a Faculdade das Letras da Universidade do Porto numera 44,268. 16- 01- 96. P. 203 Web. 29 Mar 2014.

[186] Villas, R. Op. Cit. p. 213.

cativos como escravos para colonizar as ilhas faria todo o sentido económico. Em comparação com a compra de escravos em África, seria mais barato usar prisioneiros de guerra como escravos pois o seu custo de aquisição era inferior ao dos escravos. Nesse tempo, os Portugueses, geralmente negociavam cavalos em troca de escravos na África. O valor comum era de um cavalo por 12 escravos, no início do comércio. Mais tarde, como o comércio aumentou, os africanos exigiam um cavalo por 7 escravos. Mas, naturalmente, este é apenas um dos factores a considerar e que certamente não impediu os moradores de Cabo Verde de comprar escravos em África.

Estes factos também nos ajudam a ter uma melhor compreensão da sociedade que se criou e desenvolveu em Cabo Verde. Nobres como Diogo Afonso e o seu sobrinho Rodrigo eram representativos de uma classe de guerreiros mercantis da sociedade madeirense. Não sabemos nada sobre Rodrigo antes de ele ser nomeado Capitão da Ilha de Santiago em 1473, mas acredita-se que tenha falado com Colombo em Sal Rei, na Ilha de Boa Vista, quando Colombo fez a sua terceira viagem ao Novo Mundo, em 1498. Será que Rodrigo acompanhou Diogo na sua viagem de descoberta de Cabo Verde, em 1461 ou 1462? Realmente não se sabe. Também não se conhece os nomes dos outros marinheiros que navegaram com Diogo. Não temos nenhum registo escrito para demonstrar quem foram os membros da tripulação dos navios que descobriram Cabo Verde. Há, no entanto, alguns registos que nos ajudam a determinar o tipo de sociedade que aí se implantou, mas existe muito pouca informação sobre os primeiros 50 anos.

Acho que também é muito interessante o silêncio sobre a família de Diogo e a transferência da sua propriedade para o seu sobrinho Rodrigo. Isto é estranho, porque agora parece que

Diogo tinha uma família de cinco filhos, duas filhas e três filhos, na Ilha da Madeira. Isto faz-nos pensar sobre os assuntos pessoais da família. Como conseguiu gerar esses filhos? Acredita-se que ele casou em 1450, na Madeira[187]. Esta data não é confiável, pois num livro a data do seu casamento[188] é 1459 e noutro é 1439. Tenho a impressão que a sua família provavelmente permaneceu na Madeira e que ele passou pouco tempo em Cabo Verde, tendo delegado a maioria das suas responsabilidades noutra pessoa.[189] Talvez Rodrigo Afonso tinha sido designado para assumir a maior parte das responsabilidades do seu tio Diogo, durante este tempo.

Há também um outro mistério que envolve Diogo que é o momento da sua morte. Muitos escritores assumem que ele morre quando seu sobrinho foi nomeado **Capitão da metade da Ilha de Santiago, na carta régia de 09 de Abril 1473.** De acordo com o coronel Villas, Diogo Afonso morre e a sua capitania passou para o seu sobrinho Rodrigo Afonso, como doação em 1485. Contudo, de acordo com os registros, ele foi nomeado capitão a 9 de Abril de 1473 e publicado por João

---

[187] Biblioteca Genealogia Latina, Tomo I directed by Salvador de Moya, recopied directly from the original by Noronha H. H. (1700)in the Biblioteca Municipal de Funchal (Municipal Library of Funchal) 1947. P. 7.

[188] Elucidários Madeirenses. Op. Cit. p.32 “foi terceira Filha do Descobridor, Isabel Gonçalves da Camara, que contraiu matrimonio com Diogo Afonso de Aguiar, dizendo Henriques de Noronha« que o dote que eu vi foi feito no ano de 1439 »” (Foi a terceira filha do descobridor, Isabel Gonçalves da Camara que se casou com Diogo Afonso de Aguiar, de acordo com Henrique de Noronha. Outra versão escrito à mão e atribuída a Henrique de Noronha, que eu encontrei em Arquivo Regional da Madeira, em Abril de 2014, mostra a data do dote como 1459 (Feito no ano de 1459). Embora esta data é escrito à mão, é perfeitamente legível (ver anexos 12 e 13).

[189] Villas, R. Op. Cit. p. 213.

Martins da Silva Marques, em “Descobrimentos Portugueses” de 1944, e não foi feita qualquer menção à morte de Diogo Afonso. Acho a observação do coronel Villas bastante curiosa, pois **ele considera 1485 como o ano em que Rodrigo Afonso foi outorgado com a concessão e, a seguir, diz que isto foi confirmado pelo Rei D. Manuel em 1496.** O ano de 1485 também é mencionado por Fontoura da Costa, “no entanto, Rodrigo **só recebe a sua carta de doação em 1485**. Sabemo-lo por uma confirmação de D. Manuel, de 29 de Outubro de 1496”.[190] Se é verdade que Rodrigo foi nomeado como o capitão da metade da Ilha de Santiago em 1473, mas só tomou posse de sua capitania em 1485, então isso pode significar que alguém estava a gerir os assuntos de Cabo Verde, sem a necessidade de ter um capitão a tempo inteiro na parte norte da ilha. No entanto, parece que **tal condição hipotética poderia ter mudado em 1485 e houve neste momento uma necessidade urgente de preencher a capitania em Cabo Verde**. É possível que António de Noli, que era o capitão oficial para a zona sul (Ribeira Grande) da ilha já não estaria disponível para cumprir as suas funções nesse momento e surgiu a necessidade de ter um capitão a tempo inteiro na ilha. Porque se tornou isto, neste momento, uma prioridade do rei? **Existem várias discussões interessantes, em curso, sobre esta carta de 9 de Abril de 1473:**

1. Rodrigo Afonso é apontado como o capitão **da metade** da Ilha de Santiago.

2. A carta não especifica **que metade**.

---

[190] A. Fontoura da Costa. “Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes. 1506- 1508 Lisboa, 1939 p. 49. Cited by Verlinden Op. Cit. p 39.

3. Isto dá a impressão de que ele poderia ser indicado para qualquer uma das metades da ilha, dependendo do que a situação ditasse, de acordo com as necessidades, num dado momento.

4. Pode-se, portanto, supor que Diogo Afonso ainda está vivo e, portanto, não há qualquer necessidade de mencionar o seu estado pois ele ainda é “oficialmente” o capitão da parte norte da ilha. Então, aqui, fico com a impressão de que por esta altura, após uma dúzia de anos de colonização das ilhas, Diogo Afonso já não é uma peça chave na dinâmica de desenvolvimento da ilha, devido a outros interesses. Provavelmente Rodrigo foi nomeado porque nesta altura tinha mais actividade na ilha.

5. Com base no exposto, parece que a carta acima foi escrita com um viés político, forte, protegendo uma agenda política que não se consegue perceber.

6. Agora, com o aparecimento da carta de 1496, confirma-se que foi em 1485 que a capitania foi herdada do seu tio. Há provavelmente duas razões para entender isto:

a) Diogo Afonso morreu provavelmente neste momento, pois a declaração de acordo com a Universidade da Madeira diz: “A Doação da **parte norte** da Ilha de Santiago correspondente a **Alcatrazes**, foi confirmada, em 1485, a Rodrigo Afonso, sobrinho do referido Diogo Afonso referindo-se que a receberia “**assim a da guisa que a teve Diogo Afonso**”[191]. “Portanto, da forma que Diogo Afonso tinha”. Em outras palavras, Rodrigo herdaria a propriedade sob as mesmas condições que o seu tio teve. Esta declaração usa a palavra “**teve**”**,** que é o tempo passado da palavra “ter”, que significa

[191] “Descobrimento e Povoamento de Cabo Verde” Universidade da Madeira. Bidigital.unipiaget.cv Web. 9 Jun. 2014.

“ter ou possuir”. Isto dá a impressão de que seu tio Diogo estaria morto o que poderia explicar as palavras do coronel Villas: “**ele morreu em 1485**”. Nesta ocasião, em 1485, torna-se bastante claro que ele herdou imóveis e títulos do seu tio, enquanto na carta de 1473 não há qualquer menção a esta transferência, embora ele receba o título de capitão. Esta atribuição de título não significa que ele seja o mesmo atribuído pelo seu tio pois tal não aconteceu até 1485, sendo confirmado pelo decreto real de 1496. É também importante notar que, neste momento, a carta especifica que a sua herança é na parte norte da ilha (Alcatrazes), que era a capitania que pertencia ao seu tio Diogo Afonso.

b) **É muito possível que António de Noli estivesse temporariamente indisponível nesse momento**, por um período prolongado de ausência inexplicada, assim como o seu irmão Bartolomeu. Então, agora, a ilha tinha um governador oficial e todos ficariam felizes.

CAPÍTULO 9

A família Fieschi em Génova

Esta é uma família que ocupou altos cargos em Génova, durante cerca de 500 anos, até 1547. Existem muitos nomes famosos listados desta família, incluindo papas, cardeais, generais, almirantes e embaixadores. Em 1306, o conde Ottobuono Fieschi de Lavagna (uma cidade na parte leste da Ligúria) assumiu o controlo dos Cavaleiros Templários, com a ajuda dos franceses. Um filho de Isabel Fieschi casou com a filha de "Simon Boccanegra" que tomou o poder em Génova e tinha-se declarado "Doge". Os genoveses de então tinham estabelecido "casas" as quais eram geridas por famílias nobres genovesas em locais chave ao redor do mundo.[192] Estas casas estavam localizadas em cidades como Barcelona, Sevilha e Lisboa. Lavagna tornou-se o domínio da poderosa família nobre Fieschi. Muitos membros da família Fieschi detinham o título de Conde de Lavagna, no século XIII.

Algumas das principais famílias nobres de Lavagna (Génova) foram: Guistianni, Pessagno e Fieschi. Fernando Colombo escreve sobre o Arcebispo Agostino Guistianni, considerando-o mentiroso. Estava zangado, com raiva, porque Guistianni tinha escrito que Colombo era um plebeu, que trabalhava como tecelão de lã e Fernando insistiu que isso era uma mentira e que seu pai nunca tinha exercido qualquer ofício mecânico[193]. De acordo com Aldo Agosto, a hipótese mais provável era que o pai de Fernando fosse de uma família

[192] "one-heaven.org/canons/sovereign_law/" paragraph. iv. Web. 5 June 2014.

[193] Agosto, Aldo "La Nobile Ascendenza di Cristoforo Colombo" (The Noble Ascendancy of Christopher Columbus) Web. 4 Mar 2014.

distinta, mas por causa de guerras e de favoritismos na Lombardia, no norte da Itália, caíram em dificuldades económicas.[194] Isto teria sido bastante comum durante as lutas para o controlo das cidades-estado da Itália.

Outra grande família foi a de Pessagnos. Foi a partir de Lavagna, em 1317, que o rei Português, D. Dinis, recrutou Manuel Pessagno para construir a Marinha Portuguesa. Com esta finalidade foi contratado para se tornar almirante da Marinha Portuguesa. Ficou famoso em Portugal por ajudar o país a se tornar numa grande potência marítima. No momento da sua nomeação, Génova ficou conhecida por os seus marinheiros estarem entre os melhores do mundo. Esta relação com Portugal foi fundamental para atrair marinheiros qualificados e empresários de Génova, os quais deram grandes contribuições para a economia portuguesa e a defesa militar.

A primeira vez que eu tomei conhecimento da família Fieschi, foi em 2010, quando um escritor falou sobre a ligação de António de Noli e a família Fieschi numa conferência na Itália, onde se comemorava a vida de António de Noli e a descoberta de Cabo Verde[195]. Neste momento, lembro-me que o orador salientou o fato de que a família Fieschi e a família Noli sofreram infortúnios nas guerras entre os Guelfi e as facções políticas Ghibelini. Os Guelfi representaram o partido papal e os Ghibelini representaram o partido político da época [196]. No entanto, a lembrança mais importante que tenho desta conferência foi que, três membros da família Noli partiram para Portugal, cada um na sua própria caravela e que deixaram

---

[194] Ibid.

[195] This conference became the basis for the book, “Da Noli a Capo Verde” Op. Cit. published by Marco Sabatelli Editore. Savona, Italy in 2013.

[196] “Guelfs and Ghibellines” Wikipedia.org Web. 5 Jun 2014.

Génova devido à turbulência política. Pouco depois da sua chegada a Portugal, António de Noli descobriu Cabo Verde, em 1460.

Ao viajar para Portugal, por Espanha, através do mar e parando em Sevilha antes de ir para Lisboa, seria natural supor que António de Noli teria tido excelentes conexões em ambos os locais, Sevilha e Lisboa. Isto como resultado direto dos laços antigos com a família Fieschi, a qual tinha estabelecido as “Casas” para atividades de negócios havia já mais de 100 anos. É muito possível que alguns membros da família Noli pudessem ter estado diretamente envolvidos na criação das mesmas, ou pelo menos teriam tido um papel influente em algum lugar ao longo desta linha. Infelizmente, eu não posso encontrar os nomes de qualquer membro da família Noli, presentes em qualquer das comunidades genoveses em Lisboa ou Sevilha. No entanto, há uma abundância de famílias nobres listados como os Spinola, os Doria, os Uso-di Mare e os Grimaldi.

António de Noli deve ter tido razões muito fortes para partir da sua terra natal e procurar sorte em Portugal. Ele também precisou de algum tempo para preparar esta sua viagem a Sevilha e Portugal. Esta aventura provavelmente necessitava de apoio logístico, sabedoria e alguns patrocinadores poderosos. Eu suspeito que se ele tinha laços estreitos com a família Fieschi, sendo esta a conexão que precisava para organizar e equipar três navios com tripulações qualificadas e buscar uma nova vida em um país estrangeiro. Também deve ter estado muito bem ligado à aristocracia em Ligúria e, provavelmente, ter-lhe-ia sido dada alguma carta oficial de apresentação para se reunir com as famílias reais de Portugal. Há uma boa razão para acreditar que tal carta de apresentação teria vindo da família Fieschi. António de Noli foi reconhecido como o descobridor de Cabo Verde, por D. Afonso V, apesar das

reivindicações feitas por Diogo Gomes, um nobre do rei com um currículo impressionante. Esta história, que foi mencionado no Capítulo 2 mostra que o rei tinha plena confiança em António, embora ele fosse um estrangeiro recém-chegado ao reino. Aparentemente, já se tinha reunido com o rei e seu tio D. Henrique, o "Navegador", pouco antes da descoberta. Muito provavelmente tinha uma mensagem importante para entregar à Casa Real de Portugal. Eventos circunstanciais subsequentes e os resultados que se seguiram da mesma, levam-me a crer que, desde o início de suas aventuras em Portugal, lhe foi dado um tratamento especial e eu estou inclinado a acreditar que é possível que a família Fieschi tenha desempenhado um papel importante nesse mistério. Vou explicar os meus pensamentos sobre este tema na conclusão.

Deve ser de extraordinário interesse para os historiadores, o facto de que Colombo tenha enviado uma carta para Gian Luigi Fieschi (1440-1510?). Este talvez fosse o governante de Génova, neste momento ou, pelo menos, um poderoso político (liderou uma rebelião abortada em 1497)[197]. A carta foi enviada após a sua quarta viagem, isto indica que foi depois de Gian Luigi conduzir essa insurreição em 1497. Então a sua quarta viagem foi entre 1502 e 1504. Em 1502, Fieschi hospedou Luís XII da França, então eles teriam sido uma poderosa família quando Colombo enviou a sua carta.

Aparentemente, duas cartas foram enviadas do embaixador genovês para o Tribunal espanhol. A primeira foi datada de 21 de Março de 1502, de Sevilha. Isto teria sido pouco antes de ele partir para a sua quarta viagem ao Novo Mundo. Nesta carta, ele diz ao embaixador da República Genovesa, Nicolo Oderico, que: "Estou escrevendo para meu Senhor Gian Luigi e à

[197] Prof. Noli."Da Noli a Capo Verde" p.49 Op.Cit.

Senhora Madonna Catarina (...)". Ele refere-se à carta que está com selo distinto. Esta carta é um forte indício de que ele era genovês, pelo modo de se referir à poderosa família Fieschi, como meu Senhor e Senhora. Isto também indica uma relação entre ele e os Fieschi muito pessoal (considerado por alguns escritores como indício de uma relação de parentesco), como também fala de alguns "outros assuntos" que eram de interesse para a família Fieschi.[198] Outra carta foi escrita em 27 de Dezembro de 1504 depois de ter voltado para Espanha, na sua viagem final, onde reclamou por não receber uma resposta da carta anterior.

Pelo menos um escritor tem-se concentrado em Colombo e na família Fieschi, num esforço para demonstrar que eles estão relacionados. O escritor, Aldo Agosto fornece aos seus leitores algumas informações muito interessantes, mas recua em alguns pontos importantes. Ele parece convencido de que Colombo nasceu em Génova em 1451. Isso simplesmente não é verdade. Vários escritores têm usado datas de meados dos anos 1430, como o ano de nascimento e essas datas têm sido registadas em documentos oficiais que comemoram a história do Almirante.[199] Também não há qualquer registo conhecido,

---

[198] ATTI del II Congresso Internazionale Colombiano - Nuovo Ricerche e documenti inediti -Torino 16 e 17 giugno 2006 -Associazione Centro Studi Colombiani Monferrini CESCO.M. p.597. Esta foi uma conferência em 2006, que comemorou o 500º aniversário da morte de Colombo (1506-2006), em Torino, Itália. Foi feita referência a cartas escritas por Colombo e enviados para Oderico, os genoveses embaixadores na Corte espanhola. Uma carta aborda a poderosa família Fieschi (Gian Luigi Fieschi e Caterina como "Meu Senhor e Senhora" Também é feita referência a Aldo Agosto e seu livro, "Colombo e i Fieschi", Sestier I di Lavagna 1992. p.34.

[199] Centenário do Descobrimento da América-; Memorias da Comissão Portugueza – Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias-1892 Parte II p. 21 "Christovam Colombo nasceu em Génova no ano de **1437** (…)". Esta publicação foi baseada num pedido oficial e usada para

onde ele assinou o seu nome como Colombo. Além disso, até mesmo o seu filho Fernando nunca aceitou o nome de Colombo.[200] Considero bastante curioso que Aldo Agosto tenha escrito um livro sobre Colombo e a família Fieschi. Ele argumenta que estavam relacionados. O autor parece ter um bom argumento baseado em premissas falsas. Há muitas pessoas em Génova com o sobrenome de Colombo. Foi realizado recentemente um teste de ADN, por cientistas das Universidades de Granada, e de acordo com o autor bem conhecido, Manuel Rosa, numa entrevista recente, ele afirma que: "Estudos do Professor José Lorentes, de ADN, provam que o ADN do descobridor Cristóbal Colón não se encontrou nas 477 famílias Colombo da área de Génova. Trata-se de 477 provas de que Colón não era um Colombo"[201]. Então, o autor está a usar a família errada (Colombo) para mostrar que a família Colombo está relacionado com a família Fieschi. Esta é uma conclusão precipitada e com erros. Isto é como dizer que Obama está relacionado com Osama, porque a ortografia é semelhante. Além disso, eu pretendo provar que Columbus, Colon, Colom e Colombo ou os vários nomes utilizados pela

---

comemorar os 400 anos do Descobrimento da América. Esta publicação está arquivada na Sociedade de Geografia de Lisboa.

[200] "O Falso Cristóvão Colombo a partir de 1485 até hoje" http://www.1492.us.com Direitos de autor Manuel Rosa 1991-2009. Neste site; a culpa pela confusão dos historiadores modernos (a respeito do nome e ortografia do almirante e sua família) é parcialmente devido ao tradutor de Hernando Colón em "Historia del Almirante". Tendo sido traduzida em italiano na Itália a partir do seu original em espanhol, o tradutor, intencionalmente ou por engano, o chamou Fernando Colombo, filho de Cristoforo Colombo. Chamaram Cristoval Colon pelo nome errado (...), agora eles mudaram Hernando Colon como Fernando Colombo.

[201] "Christopher Columbus's True Idenity Unmasked (…)" by Jon Platakis 16 Mar 2013. Web 12 Jun 2014.

maioria dos escritores para identificarem o Almirante do Mar-Oceano são nomes historicamente falsos usados para identificar o navegador.

Ironicamente, outro escritor escreveu sobre António de Noli e as suas relações com a família Fieschi, bem como sobre o fato de que eles eram antigos aliados em Génova, durante a época medieval na Itália[202].

Agora, para avançar com a investigação sobre o estudo de António de Noli e as suas relações com a família Fieschi, acredito que há várias considerações a fazer:

1. Tente encontrar os nomes dos almirantes e capitães de mar (oficiais navais) que foram para Portugal apoiar o Governo Português para melhorar a capacidade de defesa militar e proteger o comércio marítimo internacional do país. Este trabalho foi autorizado pelo contrato de 01 de Fevereiro de 1317 entre o Rei Dinis I e o almirante Manuel Pessagno, o qual permitiu a Pessagno manter um total de 20 capitães de Itália, qualificados, na modernização da Marinha Portuguesa.

2. Tente encontrar os nomes dos italianos que mantiveram a sua residência em Portugal, sobretudo em Lisboa e Madeira, (mas também em Sevilha e Barcelona) e que estavam ligados às "casas" que foram estabelecidas pela família Fieschi no início do século XIV com a finalidade de organizar e controlar o comércio internacional.

3. Vá para Génova e procure documentos e livros relacionados com a família Fieschi, que mostrem os nomes dos seus aliados e os papéis desempenhados por eles nos seus relacionamentos estratégicos. Tente determinar se algumas dessas alianças estão ligadas à família nobre de Noli.

[202] Noli. Op. Cit. P.49.

4. Tente determinar, se possível, o sistema educacional que foi usado pela família Fieschi, ao oferecer educação de qualidade para a família e aliados. Tente ficar bem atento às pistas que o possam levar ao sistema de ensino que foi usado por António de Noli.

5. Vá para Lavagna onde La Basillica dei Fieschi está localizada e veja se há algum indício na Basílica que leve a uma possível ligação com os Cavaleiros Templários. Tente aprender o máximo possível sobre a filosofia da Basílica e a da família Fieschi.

6. Tente fazer uma árvore genealógica da família Fieschi para determinar se a família Noli estaria em algum lugar na linhagem.

7. Se possível, tente determinar que acontecimentos políticos ocorreram no final dos anos 1450 em Génova e como esses eventos tiveram influência nas famílias Fieschi e Noli.

Viagem para Génova

Em Abril de 2014, eu decidi fazer uma curta viagem a Génova e procurar qualquer possibilidade de saber mais sobre António de Noli e a família Fieschi. A minha primeira paragem foi na cidade de Génova, onde eu fiz alguma pesquisa na biblioteca e encontrei algumas informações sobre a família Noli e a família Fieschi. Revi o manuscrito de Agostino della Cella[203]. Este manuscrito contém dados sobre todas as antigas famílias nobres de Génova. Aqui encontrei muitas informações sobre a família Fieschi e soube que a sua origem veio da Baviera, no século X. Existem aí cerca de 60 páginas de informações sobre esta família. Esta é uma grande base de

[203] “Famiglie di Genova, Antiche, e moderne, estinte, e viventi, nobili, e populari”. Microfilm, pp.1126 & 1127. Biblioteca Civica Bera, Genova.

dados em comparação com outras famílias. Tal era de se esperar já que muitos dos Fieschis foram condes, embaixadores, almirantes e cardeais, além de um par de papas. Infelizmente, eu não encontrei nada a respeito de sua relação com a família nobre de Noli. Na verdade, a única vez que eu vi o nome Noli, foi uma referência a um dos membros da família Fieschi que estava prisioneira no castelo de Noli.

Também encontrei algumas informações sobre a família nobre de Noli, mas não havia muita informação sobre esta família. O texto sobre a família Noli foi ligeiramente menor do que uma página e tinha a esperança de encontrar muito mais do que isso. Apesar da pouca informação encontrada, no entanto, era importante. A família Noli foi descrita como sendo uma família nobre genovesa, com origens históricas na pequena cidade ou castelo de Noli (dalla piccolo citta o castello di Noli). O termo “castelo de Noli” é dado para representar a cidade de Noli, que fica a cerca de 10-15 minutos de viagem de carro a oeste de Savona, na costa Ligúria. Ainda há um muro antigo existente no topo da colina, na cidade de Noli, que cercava a cidade antiga e o castelo de Noli. Hoje, a antiga muralha é simplesmente uma atracão turística.

Outra informação importante foi a revelação de que em 1382, um membro da família Noli pelo nome de Giacomo de Noli, fazia parte de um conselho de 12 membros idosos que ocupavam lugares no Ducado do Duque de, Nicola de Guarco. Havia também informações sobre António de Noli, descrito como um capitão de mar especialista, que foi o primeiro a descobrir Cabo Verde.

Segundo o professor Noli no livro, “Da Capo Verde a Noli” op. Cit. pp.15 e 55, a família Noli tornou-se aliada da família Fieschi quando participaram juntos no governo do Duque, Nicola de Guarco no final do século XIV, quando Giacomo de

Noli se tornou membro dos 12 anciãos no município sob a autoridade do duque.

Durante esta visita, devido às limitações de tempo, eu fui incapaz de fazer contacto com qualquer pessoa familiarizada com as relações históricas relativas a Noli, às famílias Fieschi e Pessagno, no entanto, eu fui capaz de encontrar um par de pessoas que sabiam da existência de intelectuais na área local, que são especialistas em famílias nobres de Noli, Fieschi e Pessagno e estarão dispostos a ajudar-me a desenvolver esses contactos no futuro. Nesse pouco tempo, eu encontrei algumas informações que incidiram sobre a família Noli, os Fieschis e os Pessagnos, escritos por autores contemporâneos.

CAPÍTULO 10

A misteriosa morte de António de Noli

De acordo com a carta régia de 8 de Abril de 1497 António de Noli já estaria morto, mas o dia e local de sua morte não era conhecido nem tão pouco o local onde foi enterrado. Ele não é o primeiro governador, em Portugal, que morre sem um obituário oficial que registe o facto. Este também parece ser o caso de João Gonçalves Zarco da Camara, o primeiro governador da Madeira e, embora parece haver incerteza sobre o ano em que ele morreu, pelo menos conhece-se o lugar onde foi enterrado, o Convento de Santa Clara no Funchal.[204]

Mencionei vários problemas com esta carta ao longo deste livro, agora eu vou tentar esclarecer alguns desses problemas em detalhe:

1. Diz a carta: "Dom manuell etc A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que **por morte** de mice amtonyo genoees capitão-da ylha de ssamtiguo (...)" Esta versão está impressa no livro "Descobrimentos Portugueses", Lisboa 1944 Vol III p.477 por João Martins da Silva Marques. Na parte inferior da página existe uma nota de rodapé que diz; "O escriba na primeira vez escreveu por parte, **logo, corrigiu-o** para por morte". Uma vez que, o livro de Silva Marques é geralmente considerado o "ouro" das referências sobre cartas régias em Portugal, é natural que os historiadores reconhecem este documento como sendo uma certidão de óbito não oficial para António de Noli. O documento original tem as contraditórias palavras "por <u>*parte*</u>" sublinhadas. Esta frase

---

[204] "Revista Islenha" Direcção: Nelson Verissimo. No. 3 Jul-Dez 1988. P. 37.

muda o sentido drasticamente: por exemplo “por parte de” (em nome de) myce Amtoneo genoês, enquanto “por morte de” **(por causa da morte de)** myce Amtoneo genoês. Numa tradução simples significa que na primeira instância, não se sabe se ele está vivo ou morto, ou simplesmente não está presente. [(…) por parte de myce Amtoneo genoês há dita capitania ficou vaga (…) enquanto no segundo caso o siginificado é claro, o homen está morte. O documento original do Torre do Tombe (ANTT-Lisboa) está no anexo 7 deste livro, bem como uma reprodução do *facsimile* do livro do Marques. Uma palavra de cautela aqui: de acordo com Marques, “O escriba no primeiro escreveu ‘por parte’ e, em seguida, alterou-o para ‘por morte’ ”. Marques, em seguida, transcreve a frase como “por morte” porque ele acredita que esta é a frase corrigida e deve ser transcrita como tal. A versão que eu tenho incluída no anexo, que é retirada diretamente dos arquivos em Lisboa (ANTT) não mostra as palavras escritas “por morte”, (como Marques afirma na sua publicação), mas apenas “por parte”. Como se explica esta discrepância? Felizmente, há um outro documento nos arquivos de Lisboa que nos fornece a resposta para o problema. Segundo o professor Hall da Jamaica o documento original está escrito exatamente como afirma Marques, com as palavras por parte sublinhadas e, em seguida, a palavra morte é escrita após a correcção deste documento é referida noutra referência: ANTT Chancelaria de D. Manuel Livro 30, fol. 62 (8 de Abril de 1497). Aparentemente, o Professor Hall, num momento determinado descobre que muitos documentos originais tinham sido copiados do livro original e transcritos para um novo livro para o público e produz esta cópia especial com o apêndice 1 na página 109 do livro, “Da Noli a Capo Verde”, mencionado anteriormente.

2. D. Branca de Aguiar aparece de repente na história de Portugal e Cabo Verde. Nenhuma menção é feita à mãe da sua filha. Esta é uma omissão muito estranha. No entanto, é claro que ela é a filha de António.

3. Não há nenhuma indicação quanto à possibilidade de António ser ou não casado com a sua mãe. A filha era legítima ou ilegítima? Normalmente, os escribas são bastante precisos sobre esta questão, especialmente com as famílias nobres. No entanto, de acordo com o édito real, ela é tratada como Dona, o que esclarece a sua condição de ser reconhecida como uma mulher de alta posição social e, portanto, deveria ser uma herdeira legítima, sendo tal reconhecido pelo rei.

4. A carta também afirma que não houve qualquer herdeiro do sexo masculino elegível para herdar a propriedade (e títulos), assim: uma exceção foi feita para a Lei Mental (a lei que regia a herança em Portugal na época). Atualmente temos boas razões para acreditar que António de Noli terá tido herdeiros do sexo masculino.[205]

5. Normalmente, em cartas régias, quando alguém se refere a uma pessoa falecida de importância, a frase, "***que Deus aja***" (ele pode estar com Deus) segue o nome do falecido. Isso também é uma estranha omissão neste caso.

6. E, apesar de todas essas estranhas omissões e confusões, é bastante claro que António de Noli realizou alguns serviços incomuns para a Coroa. É óbvio que o rei sabia quem era a mãe pois a filha foi tratada como "Dona", o que significa que ela era de uma família nobre. Algumas pessoas pensaram que António de Noli era um traidor quando serviu o rei de Espanha, em 1477, mas um inquérito oficial provou que ele era inocente.

[205] Noli, M. "Da Noli a Capo Verde" Op. Cit. p.49 Figura 4.

Membros da família Noli ainda residiam em Cabo Verde e desempenhavam funções em posições oficiais no conselho da cidade, em 1512.[206] Muitas dessas questões foram discutidas ao longo deste livro e aqui eu só queria salientar alguns detalhes adicionais sobre esta carta incomum de 08 de Abril de 1497.

Neste momento, em 1497, nós ainda não temos uma pista sobre o que realmente lhe aconteceu. Há muito pouca informação que mencione o seu nome depois de 06 de Junho de 1477, quando foi libertado da prisão em Espanha. Todos os documentos oficiais indicam fortemente que voltou para Cabo Verde em 1477, como governador para a Espanha e, em seguida, após o Tratado de Alcáçovas, assinado em 1479 e ratificado em 1480, volta à sua posição de governador para Portugal. Como não há qualquer documento conhecido que o nomeia especificamente ou o dispense das suas funções de governador e o facto de sua filha herdar a sua propriedade em Abril 1497 por não ter um herdeiro do sexo masculino, devem ser consideradas evidências sólidas de que ele ainda era reconhecido como governador oficial de Cabo Verde neste momento. Se alguém o substituiu durante o período em questão então isso deve ter sido envolto em mistério tendo por base um acordo oral, pelo qual alguém como seu irmão Bartolomeu ou seu sobrinho Rafael possam ter desempenhado esse papel. Mas parece que, como mencionado anteriormente, havia de facto vários membros da família Noli ainda residentes em Cabo Verde e que prestavam serviço no conselho da cidade em 1512. Assim sendo, devem ter havido outros membros da família que ainda lá vivessem durante este período de silêncio. É muito possível que ele tenha estado envolvido na preparação do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama, em total

[206] Hall. Op. Cit. p.113.

sigilo. Já foi sugerido que Vasco da Gama adquiriu o seu conhecimento de viagens anteriores com capitães portugueses desconhecidos. Com base na minha pesquisa pessoal, é muito claro para mim que António de Noli é considerado o capitão mais conhecedor do mar do Atlântico Sul. Infelizmente, exatamente o que ele tinha descoberto nunca foi completamente especificado, embora seja verdade que Rosario explica isso: "(António) da Noli era um comerciante, um navegador e um cartógrafo que tinha 12 anos de experiência (isto na altura da sua prisão em Espanha 1476/1477) numa rota de navegação melhorada onde se refere o seu conhecimento de todo o sistema comercial com a Guiné, incluindo Mina do Ouro"[207]. Talvez o melhor artigo que eu já vi em relação a este período de sigilo foi quando António de Noli era governador em Cabo Verde, onde se pode encontrar um artigo "Brazil and Africa-The Pre-discovery of Brazil from the Portuguese Cape Verde Islands, 1481-1500, Issue 640".

http://pambazuka.org/en/category/features/88385, Web. 13 Jun 2014.

Mais uma vez, no entanto, quando examinamos os factos que cercam determinados eventos durante determinados períodos de tempo, de alguma forma encontramos informação relacionada a António de Noli. Por exemplo, entre 1488 e 1499 (o ano em que Vasco da Gama regressou a Lisboa da Índia), pouco ou nada sabemos sobre o Vasco da Gama e como que por uma estranha coincidência, este é também um período em que não sabemos absolutamente nada de António de Noli. Não existem explicações para os benefícios que lhe foram concedidos, porém os benefícios concedidos a Vasco da Gama são auto-explicativos.

[207] Rosario. Op. Cit. p.115.

Agora, parece que temos provas razoáveis para acreditar que de Noli esteve envolvido na missão secreta que preparou o caminho para a Índia, simplesmente porque ele seria uma escolha lógica com base nas circunstâncias conhecidas, considerando o seu conhecimento de Cabo Verde e do Atlântico Sul.

Existem alguns outros fatores que raramente são analisados quando se discute o paradeiro de António de Noli e que é o paradeiro do seu irmão e do seu sobrinho. Também não sabemos os nomes dos tripulantes que navegaram a partir de Génova, na viagem da descoberta. A última vez que ouvimos algo sobre Bartolomeu de Noli é em 1466, depois de ele ser citado por ter assassinado o padre na Ribeira Grande. Rafael nunca é mencionado depois da sua saída de Itália. De fato, há muito pouca informação sobre os primeiros assentamentos em Cabo Verde e as atividades dos colonos. Sabemos que era uma sociedade de trabalho escravo, intensivo, que exigia escravos para as indústrias de açúcar e algodão. O que ele fez depois de ser libertado pelos espanhóis em Junho 1477? Infelizmente os historiadores especulam sobre esta questão crucial, pois precisam de mais documentação para oferecer uma discussão razoável. Se quisesse especular sobre as suas atividades com base nas informações e circunstâncias incomuns contidas neste livro, eu provavelmente diria o seguinte:

1. Em primeiro lugar temos de assumir que ele resolveu os problemas com o processo em Sevilha, contra Juan de la Cueva e foi devidamente compensado pela perda que poderia ter sido considerável. O documento do tribunal foi explícito ao dizer que ele seria pago sem atrasos desnecessários. Uma cópia desta carta pode ser vista no anexo 3.

2. A famosa história dos cronistas Valera e Palencia, na qual contam que lhe deram roupa decente e cavalos, e foi enviado

para Portugal após a sua libertação da prisão, desafia toda a lógica, a não ser é claro, que tenha sido intencionalmente planeada para confundir os historiadores e aí a teoria certamente tem mérito.[208]

3. Provavelmente voltou para Cabo Verde e avaliou a situação dos seus bens e dos seus familiares.

4. Provavelmente queria ir para a Madeira e Lisboa, para tratar de assuntos pessoais. No entanto, depois das suas experiências recentes na prisão espanhola, a apreensão dos seus bens pelos reis de Espanha, a negociação da sua libertação da prisão com o rei espanhol Fernando, uma ação judicial para ter os seus bens, apreendidos, de volta após a sua libertação da prisão (ao ser compensado em maravedies em lugar do ouro e da prata apreendidos a partir da sua propriedade em Cabo Verde) e ser considerado um traidor pelos procuradores do povo português numa sessão com o Rei D. João II, nas Cortes (Corte) em 1481, numa situação destas, tão pouco propícia, eu suspeito que durante esta fase da sua vida ele deve ter vivido um período altamente emocional e traumático, ele deve ter-se sentido como um homem sem pátria, e muito provavelmente possa ter concebido o plano de assumir uma novo identidade, talvez até mesmo com a aprovação do rei. O estranho deste período é que coincide com o período em que Colombo entra em cena e agora, nesse momento, os historiadores são incapazes de explicar o paradeiro de qualquer um dos navegadores.

---

[208] Com base nas discussões e conduta entre os grandes (nobres) de Andaluzia durante a guerra, há boas razões para suspeitar que certas figuras-chave foram simpáticos a Portugal e à situação de António de Noli e esta teria sido uma excelente oportunidade de tê-lo convenientemente desaparecer da história, a fim de servir a um propósito mais elevado, por razões estratégicas.

CAPÍTULO 11

A estranha proposta de Colombo a D. João II

A história de proposta de Colombo a D. João II é lendária. O rei recusou mas havia rumores de que tentou obter o máximo de informação possível de Colombo e, em seguida, tentou realizar o feito por conta própria, porém devido a uma tempestade, o navio teve que voltar e a expedição fracassou. Na verdade, existem pelo menos duas versões diferentes da história. De acordo com uma outra versão, "O rei enviou três caravelas de Cabo Verde para a rota que Colombo tinha previsto, mas os navios retornaram após uma viagem de vários dias para o oeste".[209] Os historiadores que acreditam que Colombo era um espião de D. João II, podem não acreditar nessa história.

Com base na evidência histórica este cenário mostra-se plausível, todavia há algo mais nesta história, na minha opinião. De acordo com relatos escritos desta história famosa, o Rei João II mandou uma caravela a Cabo Verde, sob o pretexto de que o navio estava a fornecer aos cabo-verdianos suprimentos e recursos necessários, para que tudo parecesse normal. Assim a tripulação navegava de acordo com a rota que acreditavam ser a proposta por Colombo, navegando para oeste de Cabo Verde. Pouco depois, supostamente, encontraram uma tempestade (segundo uma versão) e foram obrigados a voltar para trás. Esta teoria é baseada no livro de Asensio.[210] "Nós não daríamos crédito a esta história ou citaríamos este lugar se

---

[209] Elton, Charles Isaac "The Career of Christoher Columbus" Forgotten Books p. 203 Originally published 1892. Published by Forgotten Books 2013. www.forgottenbooks.com Web. 27 May 2014.

[210] Asensio.Op. Cit. P. 72.

não fosse pelo testemunho de historiadores contemporâneos e apoiada por dados que descrevem a viagem com todos os detalhes e, em seguida, revela a base de muitos eventos que ocorreram depois". Ele, então, continua a dizer "o (bem) conhecido escritor Português, Ignacio de Vilhena Barbosa escreve o seguinte: A caravela partiu do (rio) Tejo, por ordem do Rei D. João II com instruções secretas para seguir o curso colocado para fora por Colombo, para as comissões, com o objetivo de roubar a glória e aproveitando a descoberta de que ele (Colombo) teve a intenção de fazer" e acrescenta "devido a tempestades o plano falhou".[211] Isso tudo pode ser verdade, mas o que nunca é dito pelos historiadores é a seguinte:

1. **Porque enviou o rei a caravela a Cabo Verde?**

Parece que essa decisão tinha de ser com base nas informações fornecidas por Colombo ao rei nesse momento. Mas …

2. **O que Colombo sabia sobre Cabo Verde neste momento (1484)?**

Provavelmente sabia muito. Especialmente, como muitos escritores acreditam, ele conseguiu enganar o rei, fazendo os ajustes necessários aos seus planos originais de modo que ninguém poderia seguir o percurso planejado com precisão. No entanto, o elemento surpreendente desta história é o uso de Cabo Verde como a pedra angular deste esforço. Este incidente é dito ter ocorrido em 1484[212].

3. O que sabemos sobre 1484 e Cabo Verde?

---

[211] Ibid.

[212] Ibid.

Sabemos que António de Noli foi oficialmente referido como o seu governador, isto foi mencionado anteriormente. Sabemos que Colombo fugiu para Espanha a partir de Portugal numa operação clandestina, no final de 1484 ou início de 1485. Os historiadores costumam dizer que Filipa Moniz (esposa de Colombo) tinha morrido, um ou dois anos antes, e que Colombo ficou responsável por cuidar de Diego que teria cerca de 5-8 anos de idade. Embora não possamos associar Colombo com Cabo Verde em 1484, sabe-se que de acordo com o seu diário de bordo, em 29 de Setembro de 1492, ele comenta que viu pássaros, fragatas, e que já antes tinha visto muitos em Cabo Verde, mas não diz quando lá esteve. Ele também menciona a Guiné algumas vezes neste livro de bordo, mas como de costume, não diz quando. Por isso, é razoável supor que ele poderia ter estado em Cabo Verde nos anos de 1483/1484 ou até mesmo antes.

4. Será que Colombo sabia mais sobre o Atlântico Sul que António de Noli?

Com base nas informações anteriores, parece que Colombo deveria saber muito sobre o Atlântico Sul, pois ele terá sido capaz de convencer o rei com o seu conhecimento sobre o Atlântico. Além disso, foi o próprio Colombo, que disse que o Rei D. João II "entendeu a exploração (dos mares) melhor do que ninguém"[213]. Supomos estar a falar de um tecelão de lã sem-abrigo, que estaria a aprender a arte de velejar em navios portugueses durante de 7 anos. Compará-lo a um experiente capitão de mar, nobre, governador, comerciante e cartógrafo com mais de 20 anos de experiência no Atlântico e com

[213] Garcia, José Manuel. "D. João II vs. Colombo" Quidnovi QN Edição e Conteudos. S.A. 2012 p.11.

residência em Cabo Verde, eu teria de dar a vantagem a António de Noli, especialmente no ano de 1484.

5. Porque é importante entender tudo isto?

Talvez o maior mistério seja porque Colombo escolheu Cabo Verde para esta expedição? Tinha havido rumores no passado que ele teria preferido navegar a partir de Cabo Verde na sua primeira viagem, mas o clima político entre Portugal e Espanha não era propício para tal empreendimento, todavia com o Tratado de Tordesilhas assinado em 1494 isto daria a Colombo a oportunidade de beneficiar da uma nova atmosfera política nas suas explorações do Atlântico. "As suas preocupações irritantes nas duas primeiras viagens desapareceram. Naquela altura, os navios espanhóis não poderiam colocar-se na Madeira, Porto Santo, ou as Ilhas de Cabo Verde. Para a terceira viagem o acordo (Tratado de Tordesilhas) disponibilizou estas ilhas como estações para descanso e reabastecimento".[214] Há muitos historiadores que afirmam que Colombo testou as teorias de D. João II, pois os cabo-verdianos relataram ter visto barcos, com mercadoria, à vela de África para uma ilha desconhecida, a oeste de Cabo Verde.[215] Na verdade, seria nesta viagem, em 1498, que Colombo finalmente conseguiu chegar ao continente sul-americano, quando ele foi para Trinidad e Venezuela após a partida de Cabo Verde. Esta é realmente uma das razões que leva muitos historiadores a verem Colombo como um espião para Portugal. Talvez a principal razão, a mais importante, é a impressão de que Colombo sabia muito mais sobre o Atlântico Sul e Cabo Verde, do que é reconhecido pelos historiadores.

---

[214] Taviani, Paolo Emilio. "The Great Adventure". New York. 1991. P.189.

[215] Balla. "The 'Other' Americans" Maverick Publications, Bend Oregon 1990 p.18.

6. Porque não foi ele visitar o governador em Cabo Verde durante a sua paragem nas ilhas, em 1498?

Não teria sido o protocolo adequado para o Almirante do Oceano Atlântico que descobriu a América? Afinal não foi visitar D. João Zarco da Camara II, na Madeira, apenas duas semanas anteriores? Quem foi D. João Zarco da Camara? Ele era o filho do descobridor e primeiro governador da Madeira, D. João Zarco da Camara I já tinha falecido. Quem governou Cabo Verde neste momento? D. Branca de Aguiar e seu marido, D. Jorge Correia de Sousa. Quem foi D. Branca de Aguiar? Ela era filha de António de Noli, o descobridor de Cabo Verde e o primeiro governador. Agora ela era a governanta e seu marido era o governador. D. João Zarco da Camara II herdou imóveis e títulos de seu pai na Madeira, assim como D. Branca de Aguiar, em Cabo Verde. Portanto, temos aqui duas situações praticamente idênticas entre si, incluindo o facto de que Colombo tinha estado em ambos, Madeira e Cabo Verde, de acordo com informações confiáveis. As informações sobre a sua terceira viagem chegam até nós pelos escritos de Las Casas e seu filho Fernando, com base no que Colombo disse ou escreveu nos rodapés das suas notas. Agora, nesta viagem, parece que ele é um estranho para Cabo Verde, apesar do facto de que no seu diário de bordo dá a impressão de que tinha lá estado muitas vezes no passado. Ele visita o governador da Madeira e despreza o governador de Cabo Verde. Com base nas informações citadas neste parágrafo, acho o seu comportamento muito incomum nesta visita a Cabo Verde em 1498.

Neste capítulo, tentei mostrar que **Cabo Verde** teve um papel crucial no pensamento de Colombo e no seu projeto de descoberta desde o início. Lembremo-nos da história do misterioso piloto. Devemos recordar que alguns autores acreditam que o incidente ocorreu em Cabo Verde. Uma vez

que o piloto desenhou tal mapa, estando na ilha e na casa de Colombo, por tal parece ser natural que ele tenha feito o mapa usando esse local como ponto de referência. Então, se ele estivesse em Cabo Verde, nesse momento, seria lógico que o ponto de partida da aventura começaria em Cabo Verde. Este cenário dá a sensação de que **Colombo teria planeado a sua viagem a partir de Cabo Verde porque aí recebeu o mapa que lhe foi deixado pelo infeliz piloto.** Agora, a história do Rei João II de enviar uma caravela a Cabo Verde, numa operação secreta para testar a teoria de Colombo faz sentido, pois ela estaria ligada à história do piloto misterioso, Colombo e Cabo Verde.

Eu também quero salientar a forma como um escritor enfatizou o facto de Colombo ter ficado mais entusiasmado com a ideia da descoberta ao saber que a sua sogra tinha novas informações que o poderiam ajudar.

Uma vez que é sabido que outros historiadores têm sugerido que Colombo quis navegar a partir de Cabo Verde na sua primeira viagem, por causa de seu conhecimento dos ventos alísios, então esta informação neste capítulo iria fortalecer esta teoria.[216] Agora, se tudo isto pudesse ser considerado razoavelmente preciso, com base nas informações disponíveis e anteriormente citadas, poderíamos dizer com certeza que **a ideia da descoberta foi concebida por Colombo quando ele vivia em Cabo Verde.**

Eu também acredito que é importante fazer a pergunta - **"Porque Colombo não se anunciou ao governador de Cabo**

---

[216] Taviani. Op. Cit. P. 46/47. "In the Cape Verde Islands Columbus increased his knowledge of the trade winds, of their role in the routes taken by the Portuguese and therefore their possible role for going farther west in those latitudes."

Verde quando chegou à Ilha de Santiago em 5 de Julho de 1498? **” ou “Porque nunca mencionou qualquer facto sobre o seu conhecimento prévio de Cabo Verde? ”**

CAPÍTULO 12

Comentários interessantes sobre Colombo

Será que Colombo levou a cana de açucar para o Novo Mundo a partir de Cabo Verde?

Recentemente encontrei um artigo na Web que me chamou a atenção sobre as atividades de Colombo e as suas contribuições para o Novo Mundo. Uma exposição estava a ser promovida por um professor aposentado da Universidade Brown, onde era feita uma reivindicação de que Colombo teria trazido cana-de-açúcar das Ilhas de Cabo Verde para o Caribe na sua segunda viagem em 1493. O título do artigo é "Sugar and the Visual Imagination in the Atlantic World, circa 1600-1860". Agora, no segundo parágrafo deste artigo, encontramos a seguinte afirmação: "No século XIV, os Espanhóis e os Portugueses começaram a produção de açúcar em larga escala nas Ilhas da Madeira, Canárias e Cabo Verde. Colombo trouxe cana das Ilhas de Cabo Verde para as Américas na sua segunda viagem, em 1493; foi cultivado pela primeira vez em Santo Domingo e as primeiras exportações americanas de açúcar para a Europa começaram por volta de 1516.

Esta exposição esteve disponível na Sala de Leitura da Biblioteca John Carter Brown, de Setembro a Dezembro de 2013 (Box 1864 Brown University, and Providence, RI 02912).

Eu gostaria de a ter visto, pois foram feitas duas afirmações incríveis. Número um, a Ilha da Madeira e as Ilhas de Cabo Verde foram descobertas no século XV e não do século XIV. Portugal e Espanha contestaram as Ilhas Canárias até que o Tratado de Alcáçovas as destinou à Espanha em 1479. Espanha ratificou o mesmo em 1480. Em primeiro lugar, eu acho que a

maioria das pessoas admite que isto foi simplesmente um erro, em que o autor da declaração teria digitado XIV, em vez de XV. No entanto, parece que o autor faz uma declaração muito mais dramática na frase seguinte, quando ele diz que Colombo trouxe a cana-de-açúcar das Ilhas de Cabo Verde para as Américas na sua segunda viagem em 1493. Esta é uma declaração muito perigosa feita numa zona também ela muito perigosa.

1) O problema aqui é que está a falar de uma universidade de prestígio, que faz uma declaração tão ousada na coração da comunidade cabo-verdiana na América. Em outras palavras, se a Universidade Brown fez a declaração, então deve ser verdade e é muito possível que os jovens cabo-verdianos possam facilmente acreditar nesta afirmação como algo confiável. Colombo não foi para as Ilhas de Cabo Verde até à sua terceira viagem, em 1498, e não há qualquer menção que ele comprasse cana-de-açúcar em Cabo Verde. A cana-de-açúcar foi sendo cultivada nas Ilhas Canárias, nesse momento, e muitos autores já disseram que foi levada para as Américas a partir das Ilhas Canárias, na segunda viagem em 1493[217]. A atmosfera política em 1493 não permitiria Colombo navegar para Cabo Verde, devido as restrições impostas pelo Tratado de Alcáçovas em 1479/1480. Seria apenas mais tarde, na sua terceira viagem após a assinatura do Tratado de Tordesilhas, 1494, que ele teria permissão para navegar para Cabo Verde.

Será que Colombo realmente acreditou que navegava para a Índia?

Muito se tem escrito sobre Colombo e a sua crença de que ele tinha viajado até a Índia, mas os fatos sustentam esse

[217] “National Geographic.com/2013/08/sugar/cohen-text” Web. 21 May 2014.

argumento? Para começar esta discussão, é preciso primeiro lembrar que quando as pessoas falavam da Índia, que geralmente impunha algum respeito por ser uma economia de comércio altamente desenvolvida, certamente, eles não a associam a uma sociedade primitiva. Morison dá o exemplo do que Colombo aprendeu com os portugueses; "Christovão Colom, como era chamado pelos portugueses aprendia muitas coisas úteis a partir de seus companheiros portugueses, os melhores navegadores do mundo daquela época: (...), que tipo de provimentos deveria comprar para enfrentar uma longa viagem no mar, como armazenar os mesmos, e que tipo de bens para troca e negociação eram procurados por os povos primitivos (...)."[218]

Morison diz também que no seu diário de bordo, da sua primeira viagem à América, ele frequentemente compara as pessoas das Índias com os da Guiné (...).[219]

Outro escritor interessante é Mariano F. Urresti, autor de "Colon - El Almirante Sin Rostro" (Colombo – O Almirante Sem Rosto). Ele faz a pergunta: "Como supo que podia cambiar baratijas para oro? (Como sabia que poderia trocar bugigangas por ouro)[220]. Na verdade, ele responde a esta pergunta no livro. Ele fala sobre as suas viagens à Guiné, onde aprendeu a negociar com os povos primitivos com quinquilharias em troca de ouro. **Ele não carregou os navios para negociar com os comerciantes na Índia, mas os navios foram carregados de quinquilharias para explorar os povos indígenas da América.**

---

[218] Morison. Op. Cit. P. 17.

[219] Ibid.

[220] Urresti. "Colon-El Almirante sin rostro" EDAF Madrid. 2006. P. 404.

Na carta que Colombo escreveu depois de voltar para a Europa, a partir da sua primeira viagem ao Novo Mundo, em 1493, ele teria descrito os habitantes nativos como "bastante generosos e ingénuos, dispostos a trocar quantidades significativas de ouro valioso e algodão pelo vidro inútil, quinquilharias, louças quebradas e até mesmo pontas de cordões (shoelace tips)".[221]

Esta interessante análise atrai a minha atenção, pois alude à negociação de Colombo em África, com ouro, porém não há qualquer evidência documentada sobre esta interessante análise. A única suspeita existente é que, de acordo com seus próprios escritos, navegou para a Guiné. Ele nunca explica exatamente o que lá fez. A maioria das pessoas simplesmente disse que ele estava a aprender a velejar com os portugueses e realmente nunca foi mencionado muito mais do que isso. No entanto, a minha curiosidade recorda-me que já temos provas documentais de que António de Noli foi negociador de ouro na Guiné, durante o mesmo período de tempo em que Colombo lá teria ido fazer negócios.[222]

Então, parece que algumas pessoas estão a começar a fazer algumas perguntas interessantes sobre Colombo. Mas até que façam a conexão entre ele e António de Noli, acredito que essas perguntas não serão respondidas. É por esta razão que acredito fortemente que um estudo detalhado deve ser feito para ligar os dois navegadores da história, uma vez que só seria natural que as perguntas surgissem quando se relacionassem os dois navegadores com os mesmos eventos e na mesma data na história. Sem qualquer dúvida, nessa altura, irão ver algum

---

[221] "Columbus Letter on the First Voyage" From Wikipedia, the free encyclopedia. Web. 22 May 2014.

[222] Hall. Op. Cit.

relacionamento incomum que jamais se imaginou. Por exemplo, todos dizem que Colombo não poderia ter ido para a Mina por não existir qualquer prova e, além disso, estaria ocupado com outras atividades no momento. No entanto, já sabemos que António de Noli foi para Mina e temos o ouro para o provar. Também temos uma testemunha num documento oficial, escrito por Fernão Gomes.[223]

Será que Colombo navegou para o Novo Mundo antes de 1492?

Esta é uma pergunta interessante. Algumas pessoas têm razão para acreditar que ele o fez. Urresti, mencionado anteriormente cita “Capitulação”, o famoso acordo feito entre os Reis Católicos e Colombo, em 1492. Ele decidiu ir para o Archivo Geral de la Corona de Aragon para lê-lo com os seus próprios olhos e surpreendeu-se com o que leu. A primeira surpresa da “Capitulação” é o título: “Las cosas suplicadas e que a Vuestras Altezas dan e ortogan a don Christóval de Colón en alguna satisfaccion *de* ***lo que ha descobierto*** en las Mares Océanos.”[224] O problema aqui é o uso do pretérito, onde é atribuída satisfação a Colombo pelo que tinha descoberto no Mar Oceano. Esta frase, no passado, obviamente perturba o autor porque o acordo está a ser escrito em Abril 1492, vários meses antes de sua partida para o Novo Mundo. Então como é que é possível falar de um futuro desconhecido, no passado, a menos que esse evento já tivesse realizado? Esta curiosidade levou o autor a suspeitar de que Colombo já tinha viajado ao Novo Mundo, suspeita esta que outros também sugeriram.

Eu teria que concordar que esta, sem dúvida, é uma suposição interessante pois coincide com outro mistério sobre

---

[223] Ibid.

[224] Urresti. Op. Cit. P. 207-209.

António de Noli. Neste caso, Leo Magnino, op. Cit., sugere que António de Noli poderia já ter navegado à América do Sul, justificando assim todos os privilégios dados a ele e sua família. Na minha opinião, há também um outro problema com este título e que é o título de "don" foi usado para tratar Colombo antes da descoberta do Novo Mundo. Até este momento ele nada tinha feito e, de repente, ele está a ser chamado de "don" ?! Como poderia um tecelão de lã, sem abrigo, ser chamado de "don" pelos reis, antes de cumprir as promessas do seu contrato?

Uma análise mais detalhada do "misterioso piloto"

Já falamos sobre o misterioso piloto que deu informações a Colombo sobre uma viagem secreta e o conhecimento de novas terras para o Ocidente. Houve várias opiniões diferentes sobre esta história, então aqui vou analisá-la com base em algumas dessas opiniões. Um escritor que se refere a Oviedo, diz: "(...) Onde Colombo o encontrou (o misterioso piloto)? De acordo com alguns ele era de Andaluzia e Colombo cruzou-se com ele na Madeira; Outros dizem que ele era de Vizcaya e o futuro Almirante encontrou-o a morrer em Cabo Verde ou no Porto Santo".[225]

O autor fala de vários autores que escrevem sobre o piloto desconhecido, como Fernando Gonzalez de Oviedo, Francisco Lopez de Gomara, Bartolomeo de Las Casas e Juan Manzano. Ele também menciona Fernando Colon, mas aqui ele opina que Fernando estava a ser vago sobre o assunto, pela forma como faz alusão a algumas pessoas que deram informações ao seu pai, sobre terras desconhecidas para o Ocidente, mas não oferece detalhes para apoiar a história do "misterioso piloto." No entanto, Fernando, descreve o seu avô, Bartolomeo

[225] Ibid. P. 220.

Perestrello como tendo sido um grande marinheiro (uma afirmação que muitos historiadores colocam em dúvida devido à falta de provas credíveis) e que estava acompanhado por dois (outros) capitães que tinham descoberto as Ilhas da Madeira e Porto Santo, tendo o governo dividido essa zona em três capitanias. Dado que a Madeira era muito maior do que o Porto Santo, foi dividida em duas capitanias e a seu avô, pela sorte do sorteio foi dada a capitania de Porto Santo como seu domínio. Foi por esta razão que mais tarde, Colombo, iria para lá morar com a sua esposa e a sogra. Em seguida, ele cita Fernando como dizendo: “Sua sogra, vendo que ele gostava de aprender sobre essas navegações e histórias, deu-lhe os escritos e mapas do mar que o marido lhe tinha deixado. Com estas (informações), o almirante tornou-se mais entusiasmado e ela informou-o de outras viagens e navegações realizadas pelo Portugueses para Mina e costa da Guiné (...)”.[226]

O autor destaca aqui a frase “mais entusiasmado”, porque, na sua opinião, se Colombo, como sugere Manzano, desenvolveu a sua ideia de descoberta baseada unicamente na conversa com o piloto desconhecido, então a declaração de Fernando teria sido impossível. A lógica aqui é muito simples; Colombo já tinha mostrado entusiasmo e interesse em navegar na descoberta de novas terras e, quando soube da informação que a sua sogra tinha, deixada do seu falecido marido, o seu entusiasmo cresceu ainda mais.

Sobre o tema do misterioso piloto que morreu na sua casa, ele tem a dizer: “Se os narradores históricos estão certos e por sugestão de Juan Manzano está correta, devemos perguntar-nos: Onde e quando este encontro ocorreu? Foi em Porto Santo? Foi nos Açores? Foi na Madeira?”

---

[226] Ibid. P. 224.

“Não existe qualquer acordo entre aqueles que citam o incidente. Oviedo escreve que alguns dizem que Colombo estava na Ilha da Madeira e outros querem dizer que foi em Cabo Verde, e foi lá que a caravela de que falei tinha ancorado. Gomara prefere ver o encontro em Cabo Verde, entretanto Bartolomeo de Las Casas, sustenta que foi na Madeira, onde ele já tinha escrito que Colombo residiu por algum tempo. E é lá onde Manzano acredita que o incidente decisivo ocorreu com os marinheiros e o futuro descobridor da América. Por isso, não estaria em Porto Santo”.[227]

Então aqui vemos que alguns acreditam que isso aconteceu na Madeira e outros acreditam que aconteceu em Cabo Verde. Agora, a pergunta é: “quando é que aconteceu”? De acordo com Urresti, Manzano tende a acreditar que ocorreu por volta do ano 1478.[228]

Agora, Urresti cita Las Casas; “[Los Indios] tenian récente memoria de haber llegado a esta isla Espaniola otros hombres y blancos barbados como nosotros, antes que nosotros no muchos años.” [229]

Esta é uma descrição interessante de homens brancos barbudos que supostamente chegaram à Ilha de Hispaniola não há muitos anos. Então isso dá a impressão de que estes homens eram membros da tripulação do infeliz piloto misterioso, que Colombo conheceu alguns anos antes. Para aqueles leitores que têm vindo a seguir o enigma sobre Colombo e o misterioso piloto, provavelmente lembram-se que o piloto desenhou um mapa para Colombo, o qual, supostamente, mostrava a

---

[227] Ibid. Pp. 225/226.

[228] Ibid. P. 226.

[229] Ibid. P. 227.

localização da ilha. Portanto, podemos imaginar que Colombo tinha a grelha de coordenadas do local e que esta pode ser a razão de ele ter tanta certeza de que a terra seria encontrada nesta área. Assim é que, quando Las Casas utiliza o termo, "no muchos años", que significa, não há muitos anos atrás (quando esses homens brancos barbudos tinham chegado na ilha) ou, mais precisamente no tempo do encontro entre Colombo e o misterioso piloto. Há também uma outra observação importante nesta declaração por Las Casas, quando escreve: "homens brancos barbudos como nós".

Isto dá a impressão de que Colombo provavelmente tinha barba, embora isso normalmente não se comprove em qualquer dos seus retratos, mas há uma boa razão para acreditar que ele poderia ter uma barba.[230] De acordo com esta referência a barba e os cabelos eram loiros quando ele era jovem e rapidamente se tornaram cinza, como resultado do seu trabalho. Decidi citar esta descrição de Colombo como podendo ter uma barba em algum momento, porque esta aparência tem sido ignorada em pinturas e geralmente nunca citada na literatura. Estes detalhes aparentemente pequenos podem ter implicações significativas na tentativa de determinar a verdadeira identidade do famoso navegador.

Há outros escritores que parecem acreditar que Colombo começou a pensar nos seus planos de descoberta, nas viagens

---

[230] Guerra F., Tellez, M. C. "Las enfermidades de Colon" p. 19 Qunito Centenario, 11. Universidad Complutense de Madrid, 1986. Web. 22 May 2014 Os autores deste artigo referem-se a Las Casas (Lib. I, cap. II) para descrever a aparência fisica do Almirante (Colombo) como sendo "(…) la barba y cabello, cuando era mozo, rubios, puesto que muy presto con los trabajos se le tornaron canos" ("sua barba e cabelo eram loiro, quando ele era jovem e, em seguida, rapidamente viram cinza, como resultado dos seus trabalhos").

realizadas pelas ilhas portuguesas no Atlântico. Um tal escritor é Jack Altman no livro, “Berlitz Italy Blueprint” 1989 - Berlitz Guides, uma divisão da Macmillan S.A. Ele escreve um artigo curto, mas curioso sobre Colombo, “Na verdade, após uma travessia do Mediterrâneo, aos seus vinte anos, ele naufragou ao largo da costa portuguesa em 1476 e assumiu um trabalho como comerciante de açúcar navegando para a Madeira, Cabo Verde e Açores onde ouviu os primeiros relatos sobre terras ainda mais para o oeste”. Na Madeira o escritor está a referir-se, provavelmente, a Pedro Correia e os seus relatos de objetos estranhos que foram encontrados em Porto Santo, os quais teriam sido levados para a ilha por tempestades vindas do oeste. Nos Açores, havia contos de dois corpos estranhos descobertos perto da Ilha das Flores, que não eram da raça europeia, mas de uma raça estranha desconhecida.[231] Finalmente, no que diz respeito à sua menção sobre Cabo Verde, talvez tenha sido baseada no misterioso piloto. Infelizmente, o autor não cita as referências, mas deve ter tido alguma fonte, a fim de poder escrever uma declaração tão curiosa.

[231] Centenario. Op.Cit. “Os Navios de Vasco da Gama” por João Braz d’Oliveira, Capitão-tenente da Armada. P. 12.

CAPÍTULO 13

Juntando tudo

Resolvendo alguns dos muitos mistérios de Colombo e António de Noli

1. Quando Colombo concebeu a ideia da descoberta? Provavelmente teve a ideia em 1484 ou um pouco antes.

2. Que tal a ideia de que ele se comunicava diretamente com o lendário Toscanelli, baseado em cartas escritas em 1474, que o convenceu de que o mundo era redondo e que ele poderia navegar para a Índia indo para o oeste? Parece haver alguma confusão sobre o conhecimento exato que Colombo tinha sobre a terra, antes da sua viagem ao Novo Mundo. No entanto, deve ser seguro dizer que ele possuía livros muito valiosos sobre a geografia e astrologia, incluíndo as obras de Ptolomeu. Assim, acredito que é bastante seguro dizer que ele sabia que a terra era redonda, e que talvez os mapas do Toscaneli reforçassem a seu conhecimento. Também deve ser dito que, contrariamente à forma como muitos de nós fomos ensinados na escola, com a ideia de que a terra era considerada plana na idade média, é provável ser mais um mito que uma realidade. Estudiosos e governos estavam bem cientes de que as obras de Ptolomeu representaram uma terra esférica numa superfície plana. O problema foi tentar determinar a circunferência da terra. Ptolomeu foi um greco-egípcio, astrólogo-geógrafo do segundo século cujas obras eram conhecidos desde meados do século II, por isso a maioria dos estudiosos do mundo cristão e do mundo muçulmano estavam cientes desse conhecimento. Talvez alguns dos principais motivos de a ideia de um conceito de Terra plana sobrevivesse até os dias de hoje são baseados no livro de Washington Irving,

“The Life and Voyages of Christopher Columbus”, que é considerado em grande parte um livro ficção de uma viagem que foi apresentado como fato e um segundo livro do monge egípcio, Cosmas, “Topografia cristã”, escrito no século VI e publicado em Londres em 1897. Há muitos problemas com essa questão. As letras de Toscanelli são muito suspeitas. Miles Davidson discute as cartas (três delas), em seu livro, “Columbus Then and Now: A Life Reexamined”. De acordo com Davidson, “O primeiro estudo destas três cartas foi realizado em 1902 por Vignaud. Ele concluiu que todas elas eram apócrifas. (...) N. Sumien, um intérprete do tribunal e estudioso bem conhecido em Paris discordou dele e em 1927 (após Vignaud morrer) publicou a sua própria opinião dizendo que a primeira carta era de fato autêntica, embora ele considerasse as outras como falsas”. Parece que nas suas críticas se basearam no facto de que alguns dos textos eram em latim pobre, escrito com a letra de Colombo. Este foi um idioma em que Toscanelli foi considerado ser fluente.[232]

3. Onde ele estava a viver na época de sua premonição? Provavelmente viveu em Cabo Verde.

4. Onde vivia António de Noli neste momento e o que estava ele a fazer? Ele foi o governador de Cabo Verde e teve a sua casa lá.

5. Onde estava Colombo durante a viagem da descoberta de Cabo Verde? Estou de acordo com Las Casas. Ele esteve, provavelmente, na viagem da descoberta de Cabo Verde.

6. Como sabemos que António de Noli tinha muito ouro? Isto foi confirmado pela carta da sentença em Sevilha, em 31 Julho de 1477.

---

[232] Davidson, M. “Columbus Then and Now: A life Reexamined”. University of Oklahoma Press. Norman. 1997 pp. 49-52 Web. 28 Jun 2014.

7. Será que António de Noli conheceu Pedro Correia da Cunha, o cunhado de Filipa Moniz, no tempo em que era capitão de Porto Santo? Todas as indicações sugerem que ele deve tê-lo conhecido muito bem.

8. Será que Colombo tem outros filhos deixados para trás na Madeira ou em Lisboa? De acordo com seu próprio testemunho para a rainha da Espanha, ele teve filhos que deixou para trás para poder servir a rainha.

9. Estava Filipa ainda viva quando Colombo descobriu a América? De acordo com novos dados, ela pode ter vivido até 1497, no Mosteiro de Todos os Santos, não muito longe do local onde Colombo se reuniu com o Rei D. João II, em 1493, após o regresso da sua primeira viagem da descoberta. Além disso, Colombo também afirmou que deixou para trás sua esposa (além das crianças referidas no paragrafo anterior). Segundo um estudo realizado em 1991 por um investigador em Portugal, Felipa Moniz entrou para o mosteiro em 4 de janeiro de 1465 e partiu 20 de janeiro de 1479. Esta partida coincide com o tempo em que ela provavelmente se casou com Colombo. Posteriormente, em 16 de Sep 1490 há uma entrada de uma D. Filipa no mosteiro e a entrada definitiva no registo após o seu nome é em 29 de julho de 1497)[233]. Isto dá a impressão que uma certa D. Filipa entrou ou provavelmente reentrou no mosteiro em 1490 e que morreu ou saiu de lá cerca de sete anos mais tarde, em 1497. Infelizmente, para os investigadores, não há registo do nome da família reportado, mas é muito possível que Filipa Moniz retornasse ao mosteiro

---

[233] Mata, Joe Silva Ferreira. Op. Cit. Dissertação de Mestrado em História Mediável apresentada á Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1991. P. 255. ANTT, Mosteiro de Santos cx 6 m. u. nº 22; ANTT Mosteiro de Santos c x 19. m. 3. N º 10; ANTT, Mosteiro de Santos, cx 10, m.4. nº6 e ANTT Mosteiro de Santos, cx 19, d.d., nº19.

em 1490, todavia existiam outras mulheres, nobres, no mosteiro com o nome Filipa. Assim, obviamente, devem ser feitas mais pesquisas sobre esta importante revelação.

10. **Quantos anos tinha Colombo quando morreu?** Muito provavelmente cerca de 70, mais ou menos. Aqui, eu gostaria de remeter o leitor de volta para o Capítulo 7 e reveja as informações no ponto 13 em relação à idade de Colombo. Embora a informação seja antiga e conhecida há muitos anos, a importância desta afirmação nunca foi totalmente valorizada pelos historiadores. A questão aqui é: **“Por que ele escondeu a sua idade da sua família e dos amigos íntimos?”** Aqui eu vou dar uma única resposta a esta questão crítica. Se eu soubesse a verdadeira idade de Colombo, acredito que poderia ter estado perto de resolver este problema de identidade há muitos anos. Pessoalmente, estou convencido de que se ele revelasse a sua idade, teria tido um impacto dramático na revelação da sua verdadeira identidade e irei revelar estas minhas suspeitas na conclusão.

11. Quantos anos tinha António de Noli quando morreu? Muito provavelmente cerca de 70. mais ou menos. Eu discuti esse problema no capítulo 7, no ponto 6, em relação à idade de António de Noli. As implicações desse mistério serão bastante claras na conclusão.

12. Quem trouxe o açúcar para Cabo Verde? António de Noli logo após o descobrimento das ilhas.

13. Quem trouxe o açúcar para o Novo Mundo? Colombo na sua segunda viagem, em 1493.

14. Foi Colombo bem conhecido na Madeira? Sim. De acordo com Alberto Viera, ele foi bem recebido na Madeira em 1498 por D. João Gonçalves Zarco da Camara II, pois era bem conhecido lá.

15. Foi António de Noli bem conhecido na Madeira? Ele teve que ser bem conhecido na Madeira porque teve de organizar os assentamentos e o plano logístico para Cabo Verde, com o apoio da Madeira e da aristocracia local, que incluiu Diogo Afonso de Aguiar, genro do governador João Gonçalves Zarco da Camara e todos estavam a servir a coroa portuguesa em operações secretas. Pedro Correia da Cunha também era capitão do Porto Santo nesse momento. Nesta situação, António de Noli teve que atender e lidar com toda a nobreza das ilhas pois isto seria vital para a sua missão logística. Este apoio da aristocracia teria sido ordenado pelo rei, para apoiá-lo, e em alguns casos ele teria sido obrigado a trabalhar em estreita colaboração com o bispo e o governador, por apoio religioso. Deve-se lembrar que os dois primeiros sacerdotes que serviram em Cabo Verde, segundo se crê, foram enviados da Madeira para prestar apoio religioso à nova colónia.

16. Existem relatos dos dois navegadores já reunidos um ao outro? Não, mas de acordo com Las Casas, Colombo poderia ter navegado na viagem da descoberta de 1460[234], quando António de Noli descobriu as ilhas. Esta declaração de las Casas é extraordinária, porque ele navegou com o Almirante e conhecia-o pessoalmente, bem como o seu pai. Assim é bastante seguro dizer que, nessa situação, ele sabia muito bem que Colombo teria nascido nos anos 1430 (além de seu pai e seu tio que também conheceram o almirante, ele teria tido certamente muitas fontes para obter esta informação). Las Casas poderia ter falado com Bartolomeo Fieschi (ele era o capitão do Vizcaino e um nobre que era um amigo próximo de Colombo de Génova e possivelmente até mesmo um parente).

[234] Las Casas. Op. Cit. Lib. I Cap. CXXX

Eu suspeito que eles podem ter tido algumas conversas interessantes sobre o Almirante.

17. Será que António de Noli não conheceu nenhuma das personalidades que cercaram a vida de Colombo? Em circunstâncias normais, ele tinha que conhecer alguns e provavelmente muitos deles. Por exemplo, a tia de Diego Colon, Iseu era casada com Pedro Correia da Cunha (tio de Diego) e António de Noli tinha que estar em contacto com Pedro, pois ele esteve na Madeira quando Pedro foi o capitão do Porto Santo sendo ambos os homens nobres. Além disso, acredita-se que Colombo estava intimamente relacionado com a família Fieschi em Liguria, na Itália, a mesma família poderosa que tinha laços antigos com a família Noli. As possibilidades de que António de Noli conhecesse o irmão de Filipa Bartolomeu Perestrello II, que substituiu Pedro Correia como capitão do Porto Santo em 1473, são altíssimas porque o mais provável era que António continuasse a fazer viagens para a Madeira nesse momento. Há também vários relatos de que os dois homens estavam diretamente ligados a dois dos homens mais poderosos da Espanha, que efectivamente lhes teriam dado abrigo a ambos. Isto será explicado antes do fim deste capítulo.

18. Será que Colombo e António de Noli serviram D. João II no mesmo período? Absolutamente. No entanto, não há qualquer documentação escrita para mostrar que o rei menciona António de Noli pelo nome, referindo-se sempre a ele em documentos oficiais como o capitão (ou governador) de Cabo Verde, sem mencionar o seu nome. Nas relações com Colombo, ele menciona-o sempre pelo nome, mas não o nome que é usado pelos historiadores. Ao abordar Colombo numa carta oficial em Março 1488, o rei dirigiu-se a ele como Cristovam Colon e não Colombo ou Columbus. Se considerarmos que Cabo Verde estava a ser usada como uma

base secreta do rei, não deveria ser surpresa que o rei omitisse o seu nome na correspondência oficial para António de Noli, especialmente se de Noli também fosse um espião ao serviço do rei. Ele também chama a Colombo um “amigo especial”, em Espanha, dando a impressão a muitos escritores que ele era um espião Português[235].

19. Colombo esteve envolvido no negócio de açúcar em Cabo Verde? De acordo com alguns relatos, ele realmente terá comprado açúcar em Cabo Verde[236].

20 Quem foi o responsável pela indústria de açúcar em Cabo Verde? António de Noli. Então, se o ponto 19 é verdadeiro, Colombo deve ter comprado açúcar a António de Noli.

Vimos as relações extraordinárias entre Colombo e António de Noli ao longo deste livro. Vimos uma forte ligação entre as famílias nobres da Madeira e as famílias de Colombo e de Noli nas ilhas de ambos, Madeira e Porto Santo. Vimos também diversos relatos de diferentes escritores e as suas perspectivas que colocam Colombo em Cabo Verde durante os eventos-chave. Um grande evento foi certamente a história do misterioso piloto que desenhou um mapa para Colombo, enquanto estava em sua casa, numa ilha em algum lugar, que se

---

[235] Esta é a carta de D. João II datado 20 de marco de 1488, que lhe prometeu uma passagem segura de ir para Lisboa (da Espanha). Vários autores têm utilizado o conteúdo desta carta para justificar suas afirmações de que Colombo era um espião para Portugal.

[236] Cristóvão Colombo Explorador do Novo Mundo Documento 1, “ele foi contratado como um comprador de açúcar nas ilhas portuguesas ao largo da África (os Açores, Cabo Verde e Madeira) por uma empresa genovesa mercantil”. Fonte: http: //www.history. com / minisite.do? content_type = mini_home & mini_id = 1044 Web. Junho 2014. (**Nota: não estou de acordo com isso).**

acredita ser no Atlântico. Alguns dizem que aconteceu na Madeira e outros em Cabo Verde. Las Casas acredita que Colombo esteve na viagem da descoberta de Cabo Verde. Esta é uma declaração muito interessante porque esta é, talvez, a primeira vez que Colombo e António de Noli estariam na mesma viagem, e, neste caso, seria impossível para eles não se encontrarem.

Acho bastante estranho que eu por vezes crie uma nova perspectiva dos eventos, depois de ler alguns dos meus antigos escritos. Recentemente estava a ler uma velha história que escrevi há muitos anos e, de repente, comecei a ver as coisas muito mais claras, porque tinha adquirido uma grande quantidade de novas informações ao longo destes anos. Nesta ocasião específica, percebi pela primeira vez que Colombo deve ter concebido a ideia da descoberta enquanto estava em Cabo Verde, muitos anos antes de 1492. Neste livro em particular, “The ‘Other’ Americans” (Os ‘Outros’ Americanos), eu tinha escrito que depois de Colombo propor o seu plano de descoberta ao Rei D. João II de Portugal, alguns autores acreditavam que o rei teria feito uma tentativa secreta para tentar usar essas informações e encontrar as novas terras sem ter de pagar a Colombo a sua quota parte. A expedição foi enviada para Cabo Verde, na tentativa de navegar para o oeste em busca de novas terras, mas, em seguida, a caravela foi obrigado a voltar atrás por causa de uma forte tempestade. Não pensava muito naquela declaração, porque, no momento da publicação daquele livro, isto parecia-me ser uma observação menor, especialmente pelo fracasso da expedição. No entanto, tudo isso agora mudou, já que tenho muitas informações que demonstram claramente o verdadeiro significado daquele lapso aparente.

Com base nesse detalhe particular que tem sido historicamente considerado como muito credível, agora vejo

uma ligação distinta entre Cabo Verde e Colombo no empreendimento árduo e longo de navegar vela para o novo mundo.[237] A questão básica era muito simples: "Porque queria o rei partir de Cabo Verde, na sua tentativa de verificar a proposta de Colombo?" Então percebi que a resposta era óbvia. Colombo deve ter proposto Cabo Verde como o ponto de partida com base no seu conhecimento dos ventos alísios que tinha estudado e conhecia, enquanto esteve em Cabo Verde. Esta última afirmação é do conhecimento comum e aceite por praticamente qualquer pessoa que tenha estudado Colombo. Isto não pode ser considerado estranho, dira antes que é de senso comum. Esta questão foi discutida anteriormente. Mas a história não termina aí, torna-se um pouco mais interessante. De repente, lembrei-me da história do misterioso piloto e estava curioso por saber qual a razão de alguns escritores acreditarem que foi em Cabo Verde que Colombo teve uma casa e hospedou o marinheiro infeliz. De repente, eu lembrei-me que ele desenhou o mapa na casa de Colombo, estando em Cabo Verde. Isto significaria que seria lógico que o mapa foi orientado para mostrar a localização da nova terra que o piloto tinha visitado a partir de posição onde estava, Cabo Verde. Isso para mim foi uma vitória. Em outras palavras, este é o lugar onde a ideia da descoberta nasceu, como foi explicado por Urresti quando se referiu ao livro de Fernando e o entusiasmo do Almirante quando soube que a sua sogra tinha mapas e escritos relacionados com a sua grande ideia. Este foi um momento emocionante, pois foi ensinado à maioria das crianças e jovens que Colombo supostamente recebeu informações da sua sogra, as quais o inspiraram na sua grande viagem da descoberta. É claro que nada foi dito à cerca Cabo

---

[237] Asensio. Op. Cit. p.72 The author also cites Herrera and his works Dec. 1 Cap.VII Lib. I Ca. XVIII.

Verde, mas depois de olhar para todas as provas circunstanciais tal deverá ser acrescentado e fará grande sentido.

Agora, se seguirmos as observações feitas por Las Casas quando coloca Colombo na viagem da descoberta de Cabo Verde, em 1460, e lembre-se que ele fez muitas referências à Guiné, então começamos a ver uma imagem do Almirante que nunca foi projetada em qualquer uma das lendas tradicionais que lhe estão associadas. Usando a técnica de pergunta "e...se" (what if), podemos experimentar e ver o que acontece com base em nossa nova perspectiva. Então, vamos começar: E se:

1. Colombo era de Génova?

2. Colombo navegou na viagem da descoberta de Cabo Verde?

3. Colombo foi a Madeira muito mais cedo do que se pensava?

4. Colombo navegou para Guiné muitas vezes?

5. Colombo estava em São Jorge da Mina?

6. Colombo aprendeu a trocar produtos baratos da Madeira por ouro na Guiné?

7. Colombo tinha fortes ligações com a aristocracia de Génova?

8. Colombo tinha fortes ligações com a aristocracia na Madeira?

9. Colombo teve outros filhos além de Diego e Fernando?

10. Colombo realmente nasceu nos meados dos anos 1430, como muitos escritores têm sugerido, em vez das datas tradicionais de 1451 ou 52 que foram usadas em muitos países?

11. Colombo era de Terrarubia como Fernando disse na sua biografia do almirante?

12. Colombo era um espião de D. João II, de Portugal, como muitos historiadores têm sugerido?

13. Colombo tinha uma rede própria de espiões no exterior?

14. Colombo tinha um irmão mais novo chamado Bartolomeu hábil em cosmografia e navegação?

15. O Irmão de Colombo, Bartolomeu, tinha viajado até a África do Sul com Bartolomeu Dias, no final de 1480?

16. Colombo não era um pobre tecelão de lã, mas sim um aristocrata rico e independente.

17. Colombo navegou em viagens secretas para Portugal?

Com base nas perguntas anteriores, vamos ver como elas se aplicam a António de Noli se as reformularmos e perguntarmos: "Há provas substanciais para apoiar a possibilidade de que ele poderia ter realizado muitas das coisas que algumas pessoas têm atribuído a Colombo?". Vamos então utilizar essa técnica. Será que ele poderia:

1. Vir de Génova?

2. Ter navegado na viagem da descoberta de Cabo Verde?

3. Ter navegado na Madeira antes de 1476 (o ano em que Colombo chegou a Portugal, segundo a lenda).

4. Ter navegado para a Guiné muitas vezes?

5. Ter ido a São Jorge da Mina?

6. Saber como trocar produtos baratos na Madeira por ouro na Guiné?

7. Possuir fortes ligações com a aristocracia, em Génova?

8. Possuir fortes ligações com a aristocracia na Madeira?

9. Ter filhos não conhecidos pelos historiadores?

10. Ter nascido nos meados dos anos 1430? (Vou explicar isso com mais detalhes na conclusão)

11. Ter vindo da Terrarubia?

12. Ter trabalhado como espião para o Rei D. João II?

13. Ter uma rede de espiões no exterior?

14 Ter um irmão mais novo chamado Bartolomeu hábil em cosmografia e navegação?

15. É possível que o seu irmão Bartolomeu possa ter navegado com Bartolomeu Dias para a África do Sul no final da década de 1480?

16. Ter riqueza própria?

17. Ter navegado em viagens secretas em nome Portugal?

As respostas a estas perguntas provavelmente vão surpreendê-lo, especialmente, se não tomar o tempo para ler todo o texto com antecedência. Então, vamos tentar responder a essas perguntas:

1. Sim

2. Sim

3. Sim

4. Sim

5. Sim

6. Sim

7. Sim

8. Sim

9. Sim

10. Não determinado, mas com base nas evidências disponíveis, a resposta poderia muito bem ser um sim.

11. Não determinado, mas com base nas evidências disponíveis, a resposta poderia muito bem ser um sim.

12. Com base nas evidências disponíveis, a resposta parece ser sim.

13. Com base nas evidências disponíveis, a resposta parece ser sim. Uma consideração importante deve ser feita aqui. Muitos autores têm escrito que Colombo ficou furioso ao saber que o Rei João II teve a coragem de fazer uma tentativa secreta de navegar para o Novo Mundo, com base na apresentação que lhe fez, em 1484, que o levou Colombo a decidiu ir imediatamente para a Espanha e procurar ajuda para o seu projeto. Deveria ser óbvio que, se o rei fez uma tentativa secreta e Columbo soube dela, então provavelmente tinha espiões para informá-lo desta viagem. Sabendo que revelar segredos de Estado estava sujeito à pena de morte, isto significa que ele teria pago bem aos seus espiões.

14. Sim. Absolutamente.

15. Sim [238]

16. Sim

17. Sim

---

[238] "Bartomeu Colom" Viquipèdia. Esta é uma página de Catalão, que afirma que Bartolomeu Colombo participou na viagem de Bartolmeu Dias ao Cabo da Boa Esperança entre agosto 1486 e dezembro de 1487. Não sabe realmente onde Bartolomeu de Noli foi nessa época, mas ele poderia facilmente ter participado em tal viagem.

Agora que nós analisamos algumas dessas informações que certamente podem ser classificados como circunstanciais ou casuais quando vistas isoladamente, quando as consideramos num contexto geral, os desenvolvimentos emergentes criam um dilema muito interessante aos historiadores para tentar identificar o lendário Colombo. É extremamente lamentável para os pesquisadores mas as fontes mais confiáveis não podem ser validadas com um grau de 100% de certeza. No entanto, apesar das muitas dificuldades na tentativa de encontrar informações verdadeiras sobre a vida de António de Noli ou Colombo, os poucos documentos disponíveis fornecem-nos uma grande riqueza de informações. Nós também podemos ver algumas tendências, especialmente em Portugal, a fazer um esforço especial para esconder informações importantes do público. Simplesmente aplicando o senso comum, sabemos que é praticamente impossível para uma nação com a sofisticação alcançada por Portugal durante a Era dos Descobrimentos, ignorar os feitos de António de Noli. Também é muito interessante apreciar que Colombo fez grandes esforços para esconder a sua verdadeira identidade até mesmo a de seus próprios filhos, e, ao mesmo tempo, a Coroa Portuguesa fez grandes esforços para esconder qualquer informação sobre António de Noli. Algumas pessoas podem argumentar que grande parte dos arquivos em Portugal foi destruída pelo terramoto de 1755 que destruiu muito de Lisboa. Isso pode ser verdade até certo ponto, mas eles devem ser capazes de explicar: “Porquê o terramoto se focou em António de Noli”?

Muitos eventos descritos mostram uma clara semelhança entre os dois grandes navegadores, mas que sabemos sobre as contradições? Como devemos lidar com as contradições que constituem a base das várias teorias que aludem à verdadeira identidade de Colombo? Posso encontrar certos argumentos

que outros têm escrito que poderiam atrapalhar as minhas teorias expressas neste livro? Absolutamente, estou ciente de que muitos dos argumentos que têm sido utilizados para identificar um tecelão de lã genovês. Por exemplo, sabe-se bem que muitos historiadores se apegam à teoria sobre o tecelão de lã genovês, incluindo Samuel Eliot Morison e a crença de que ele nasceu em 1451. Há muitas maneiras de explicar esta contradição. Primeiro de tudo, com certeza, as duas ideias estão ligadas entre si por necessidade. Há documentos que provam que um Cristoforo Colombo viveu em Gênova, que era um tecelão de lã e que provavelmente nasceu por volta de 1451. Agora temos o documento de 25 de Agosto de 1479 e a declaração de Colombo no tribunal em Génova, onde ele diz que tinha residido em Portugal até há um ano e pretendia voltar para lá. Supostamente também testemunhou que teria 27 anos de idade. Agora estas informações implicam que estava em Portugal desde 1478, o que contraria automaticamente a teoria de que ele chegou em 1476 como resultado da famosa batalha naval e subsequente naufrágio do navio.[239] Agora, temos de lidar com o problema da teoria da sua Nova Idade, o famoso ano de 1451, data teórica do seu nascimento. Porque iria ele percorrer todo o caminho até Génova para uma audiência no tribunal se estava a viver em Portugal? Teria uma boa razão para fazê-lo? Uma razão óbvia para fazer uma visita tão especial seria criar a documentação necessária para apoiar uma nova identidade. Um documento do tribunal iria servir esse propósito. Então, se nós assumimos que nesse momento ele tinha laços estreitos com as poderosas famílias genoveses, não seria tão difícil de encontrar o nome de alguém que pudesse ter morrido ou simplesmente desaparecido e o nome Colombo era considerado comum na área. O roubo de identidade não é algo

[239] Asensio. Op. Cit. p. 46.

comum apenas para o século XXI, isto já aconteceu antes e ao longo da história. Esta teria sido uma operação bastante fácil de realizar por Colombo, porque ele era, provavelmente, na realidade, um homem muito rico, se levarmos tudo em consideração. Devo avisar os leitores deste livro que existem aqueles escritores que consideram o documento de 25 de Agosto de 1479 suspeito e como de costume, há muitas boas razões para suspeitar do documento. No entanto, nesta secção eu simplesmente quis dar uma explicação plausível para demonstrar que com um pouco de esforço uma determinada pessoa poderia falsificar a sua identidade, especialmente se ele tivesse as conexões certas e neste caso Columbo certamente tinha essas ligações se precisasse delas.

Agora poderemos querer saber mais sobre o último testamento de 1498 e a testamento de 1506. Apesar das garantias de que o de 1498 seria suposto ser o autêntico, essa certeza está a perder-se devido às informações do site www.1492.com, com convincentes provas a mostrar que se trata de uma imitação fraudulenta. O testamento de 1506 ainda é geralmente aceite como autêntico e aceite pelos tribunais espanhóis,[240] mas isso não quer dizer que não venha a ser contestado no futuro. Alguns dos nomes no documento de 1506 são curiosos. Este documento dá a impressão de que ele não se esqueceu de algumas de suas dívidas antigas de há muitos anos em Génova e pode ser comprovada por documentos judiciais. Num caso, ele quer pagar uma divida velha ordenada pelo tribunal a seu pai a um certo Gerolamo del Porto em Savona em 1470.[241] Esse nome também foi escrito como Geronimo

---

[240] ATTI Op. Cit. (veja capitulo 5 notas 97 & 98).

[241] Tagliattini, Maurizio. “A Descoberta da América do Norte” 1998 Capítulo 10 (Versão em Inglês) p. 21 Colombo faz um codicilo ao testamento de 1506 e acrescenta os nomes de algumas dívidas que devem

del Puerto (mais confusão). Para mim, este atestado demonstra que ele estava determinado a levar a sua identidade secreta para o túmulo.

Já foi demonstrado com um alto grau de certeza de que Colombo tinha espiões que trabalham para ele na Inglaterra, como referiu Alywn Ruddock na sua pesquisa. Esta também demonstrou que houve novos documentos que envolveram Colombo e John Cabot os quais eram desconhecidos há séculos e ajudaram os investigadores a esclarecer alguns mistérios importantes do passado, como o desaparecimento de John Cabot depois de sua última viagem da descoberta. Essa pesquisa forneceu provas de que realmente ele viveu e voltou para a Inglaterra onde morreu pouco tempo depois. Esta nova informação convence-me de que nada é tão sólido como parece ser, especialmente quando estamos a descrever eventos históricos. Então, se voltarmos ao espectáculo de Colombo a escrever o seu testamento de 1506, é muito possível que a sua rede de espionagem lhe proporcionasse alguns nomes a serem incluídos no testamento. É muito possível que, por exemplo, Bartolmeu Fieschi, que era descendente de uma das famílias mais poderosas da Itália, poderia ter-lhe fornecido as informações necessárias sobre os documentos do tribunal que mostravam a existência de uma dívida não paga, a qual envolvia a família Colombo.

O que sabemos sobre a riqueza de Colombo? Ele supostamente trouxe de volta um pouco de ouro da sua última viagem desde o Caribe. Já sabemos que António de Noli foi

---

ser pagas, incluindo o que é suposto ser um tribunal ordenou dia em que seu pai deveria pagar (20 ducados). Tagliattini refere-se a um certo Geronimo del Puerto de Benito del Puerto chanceler em Génova. 22 Setembro 1470 Notário Giacomo Calvi, escritores Genoa. Outros tinham escrito o nome de Gerolamo del Porto.

bastante rico. Temos os documentos como prova de que ele tinha ouro, apesar de não saber exatamente quanto, mas deve ter sido substancial. O processo judicial anteriormente citado de 31 de Julho de 1477, em Sevilha, é uma evidência de que os espanhóis apanharam ouro e outros objetos de valor da sua casa em Cabo Verde. Colombo, entretanto, deve ter tido uma riqueza substancial porque reclamou na sua carta de 4 Março de 1493, à rainha Isabel, que tinha gastado todo o seu dinheiro em fazer sacrifícios para os soberanos ("Eu deixei minha esposa e filhos para trás e deixei o que eu tinha"). Se não fosse significativo, ele não teria mencionado.

Estou certo de que muitos leitores poderão facilmente imaginar as inúmeras possibilidades que podem ser equacionadas para criar uma nova identidade, se considerarem a hipótese de trabalhar para uma agência de espionagem ou assistir a um bom filme de James Bond. Então, se temos o conhecimento de que Colombo estava a trabalhar continuamente em segredo e com espiões, não deve ser muito difícil imaginar as possibilidades e a extensão de seus esforços para levar a cabo a sua missão messiânica.

Há muitos factos curiosos, onde parece existir a mão invisível de um qualquer Colombo ou António de Noli, envolvidos no resultado de alguns eventos muito importantes. Por exemplo, há informações que sugiram onde o Duque de Medina Sidonia era simpático para o rei de Portugal, durante a Guerra da Sucessão de Castela. Como é que Portugal conseguiu derrotar os 35 navios espanhóis carregados de ouro em São Jorge da Mina durante a guerra, numa época em que António de Noli era suposto estar a trabalhar para a Espanha como o governador de Cabo Verde? Deve ser de grande interesse notar que após a guerra em Espanha, Colombo consegue ter um encontro com o Duque de Medina Sidonia, bem como com o Duque de Medinaceli, dois dos Duques mais

ricos e mais importantes da Espanha. Na verdade Colombo residiu na casa do Duque de Medinaceli durante os 2 anos antes de sua viagem da descoberta. Depois de cuidadosa investigação agora parece que António de Noli também tem uma ligação estreita com ambos os duques. Na verdade, a última pessoa conhecida a estar na companhia de António de Noli é o duque de Medina Sidonia, que o tinha libertado a partir de (sua) custódia por ordem do rei. Refere que nesse momento António de Noli foi até ao rei para lhe agradecer a sua libertação, mas não há registo de tal reunião.[242][243] Esta última referência é bastante confusa e precisa de mais pesquisa para ser esclarecida. Segundo Davidson, "arquivos Ducal mostram que ao mesmo tempo Briolanja Muniz Muliart (a cunhada de Colombo) arrendou uma propriedade do Duque de Medina-Sidonia, em cujo castelo, Colombo, possivelmente viveu por algum tempo antes de ir ao Tribunal espanhol com a sua proposta".[244] Diego Colon disse ter transferido os restos mortais de seu pai, o almirante, para o Mosteiro de la Cartuja, provavelmente, porque ele tinha um carinho especial por este lugar. Os restos mortais foram entregues (de Valladolid) ao mosteiro em 11 de Abril de 1509.[245] Segundo Fiona Watson,

---

[242] Blake, John W. "Europeans in West Africa 1450-1560" Internet Archive Texts. (The Hakluyt Society Second series. Nº LXXXVI) London. 1942. p. 226.

[243] Russell, P. Op. Cit. P. 20. Note (33) "Segundo Diego de Valera (Cronica, p. 82), Dom Fernando deu a António da Noli roupa e cavalos «y enviólo a Portugal» --o que parece contradizer os factos contidos na carta de Dom Fernando. Trata-se dum erro («Portugal» em vez de «Santiago»)? Pode pensar-se, também, na volta a Portugal de António da Noli depois de os castelhanos terem evacuado a ilha."

[244] Davidson. Op. Cit. P. 49.

[245] "Cartuja de Sevilla." www.es.wikipedia.org/wiki/Cartuja_de_Sevilla

Web. 30 Jun 2014.

La Cartuja é onde Colombo viveu durante a planificação da sua segunda viagem. Esta foi uma das razões que a Ilha de Cartuja foi escolhida para Expo de Sevilha 92. Os restos de Colombo foram enterrados na igreja durante 30 anos.[246] Em 1490, Enriquez de Guzman, o duque de Medina Sidonia e sua esposa Leanor de Mendoza compraram o mosteiro de Cartuja por 360 mil maravedies (veja anexo 29). Talvez até mesmo o duque pode estar lá enterrado. Agora parece que ambos, Colombo e António, foram residentes em imóveis de propriedade do duque de Medina Sidonia.

FATOS CURIOSOS ENVOLVENDO COLOMBO E ANTÓNIO DE NOLI

Talvez um dos eventos mais curiosos que parece ter as marcas invisíveis de António de Noli e Colombo deve ser a derrota da frota espanhola de 35 navios, na área de São Jorge da Mina, no final da Guerra da Sucessão de Castela. A ironia desse evento é que António de Noli é visto pelos historiadores como um traidor de Portugal que revelou os segredos do comércio de escravos de Benin por ouro, em São Jorge da Mina. De alguma forma, apesar da possibilidade de poder ter sido António de Noli, que revelou os segredos nacionais de Portugal, todos os navios espanhóis foram surpreendidos pelos Portugueses depois do Rei Afonso V e o Príncipe João ordenarem que as frotas portuguesas comandadas por Jorge Correia e Mem Palha fossem para o Golfo da Guiné. Esta ordem dá a impressão de que alguém tinha informado o Coroa Portuguesa das atividades que estavam a ser realizadas pela frota espanhola, em St George da Mina e este informador poderia ter sido António de Noli.

---

[246] Seville City-Monasterio de la Cartuja. By Fiona Flores Watson www.andalucia.com/cities/.../monasterio-la-cartuja.ht... Web. 22 Feb 2015.

Agora, no entanto, vemos um outro factor que deve ser considerado para podermos avaliar o incidente. O Duque de Medina Sidonia, o Marquês de Cadiz e o Conde de Miranda mostravam simpatia para Portugal e sabotaram os planos de guerra dos Reis Católicos durante a Guerra da Sucessão de Castela. Eles estavam secretamente alinhados com Portugal e recusaram cumprir as ordens da rainha Isabel para preparar a frota de guerra ao longo da costa Africana. O Marquês de Cadiz teria alertado o capitão português Fernão Gomes da preparação para a guerra e chegou mesmo o enviar dois navios para ajudá-lo, caso fosse necessário. [247][248]

O leitor deve estar ciente de que, muitas vezes, existem várias versões para o mesmo acontecimento na história e nesta história há uma outra versão que adiciona ainda mais intriga e o mistério ao resultado final. De acordo com Malyn Newitt, "O direito de comandar a expedição castelhana foi disputada entre o duque de Medina Sidonia e o marquês de Cádiz. O marquês não só tentou evitar que o duque de Medina Sidonia saísse mas chegou mesmo enviar navios para avisar os portugueses".[249] Mas a intriga continua e fica ainda mais interessante. O duque de Medina Sidonia já tinha solicitado ao rei que caso o ataque em Cabo Verde fosse bem-sucedido, então seria ele o Senhor das ilhas e o rei concordou com isso. A razão para este pedido foi a incapacidade do duque de persuadir o rei para evitar uma frota de atacar Cabo Verde, de modo que, "**ele mandou**

---

[247] Congresso Internacional Bartolomeu Dias em sua época: Actas Vol. III "D. João II e a Politica Quatrocentista" publicado pelo Universidade do Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto 1989 p.79.

[248] Blake. 1942. Op. Cit. pp. 223 – 226.

[249] Newitt, Marilyn. "The History of Portuguese Expansion 1400 -1668." 2004. P. 39 Print.

mensageiros ao rei e à rainha, pedindo-lhes para lhe darem o governo da Ilha de António (Cabo Verde ou Ilha de António)". "O rei (...), não tinha nenhuma objeção a conceder-lho"[250]. Então, as ilhas foram invadidas pelos espanhóis, "o duque de Medina Sidonia, com o pretexto de ser o Senhor da Ilha de Antonio recentemente obtido do Rei D. Fernando, insistentemente exigia a rendição do António de Carlos de Valera (o comandante da frota que invadiu as ilhas), juntamente com o saque apreendido na ilha".[251]

Assim, parece que se esta versão dos acontecimentos é correto, então, António de Noli foi entregue ao Duque de Medina Sidonia que agora era o senhor de Cabo Verde. Esta história, em seguida, continua; "Por ordem de D. Fernando, o Duque libertou Antonio (da Noli)."[252]

Agora, depois de todos estes desenvolvimentos misteriosos acontecerem e um tratado assinado entre Espanha e Portugal (1479/1480), vemos alguns anos mais tarde, em 1484, que Colombo foge de Portugal secretamente e vai para a Andaluzia, onde ele se encontra com o Duque de Medinaceli e o duque de Medina Sidonia (um simpatizante Português durante a guerra). É outra coincidência extraordinária que tanto António de Noli como Colombo estejam envolvidos em eventos misteriosos, com pessoas misteriosas, e em circunstâncias misteriosas? Não há fim à vista para a intriga que envolve a imaginação, relacionando António de Noli, os duques de elite da Espanha, Colombo e uma série de outros personagens. Foi escrito, por exemplo, na enciclopédia Católica on-line sobre o filho de Colombo: "(...) Diego é autoridade para a declaração de que os

---

[250] Blake. 1942. Op. Cit. p. 223(Veja também o anexo 41).

[251] Ibid. P. 225.

[252] Ibid.

seus restos mortais foram enterrados no Convento dos Cartuxos de Las Cuevas, em Sevilha, no prazo de três anos após a sua morte”.[253] Eu também acredito que este convento pode ser rastreado até ao duque de Medina Sidonia.

Certamente será preciso iniciar um novo projeto, específico, para examinar esta questão em maior detalhe. O projeto deve-se concentrar nas atividades do Duque de Medinaceli, o Duque de Medina Sidonia, o Marquês de Cadiz e quaisquer relações percebidas com António de Noli, Colombo e qualquer um de seus contactos do círculo íntimo que poderiam estar ligados às famílias reais de Espanha e Portugal. Duas questões-chave que precisam de um exame mais detalhado são:

1. Por que foi Colombo considerado um “amigo especial” na carta de 20 de Março de 1488 enviado para ele por D. João II?

2. Por que foi António de Noli considerado o governador oficial de Cabo Verde (de forma ininterrupta) na carta régia de 08 de Abril de 1497, apesar do facto de que seu nome não se encontrado em nenhum dos documentos portugueses por mais de 20 anos? Este é um período que concentrou a atenção considerável em Cabo Verde, com Tratado de Alcáçovas em 1479/1480 e mais tarde no Tratado de Tordesilhas em 1494. Foi também um período em que se estima que navegadores como Diogo Cão e Bartolomeu Dias teriam parado em Cabo Verde durante as suas viagens de exploração na década de 1480, e estou certo de que havia muitos outros.

De alguma forma, tenho a estranha sensação de **que deve haver uma ligação:** entre a misteriosa ausência de António de Noli de arquivos históricos em Portugal; o ataque militar à

---

[253] Bandelier, Adolph Francis. “Christopher Columbus”. The Catholic Encyclopedia. Vol. 4: Robert Appleton Company, 1908.

frota espanhola em São Jorge da Mina; e as visitas de Colombo ao Duque de Medinaceli e o duque de Medina Sidonia.

CAPÍTULO 14

Considerações finais para o livro

Colombo o cartógrafo:

Existem algumas notas sobre Colombo, que devem ser consideradas sérias, quando se fala dele e António de Noli. Como vimos neste livro, António de Noli, alegadamente, teria tido um irmão Agostino, que em 1438 era o único cartógrafo licenciado em Génova. A este irmão foi dado uma isenção fiscal de 10 anos, com a exigência de que ele instruísse António na arte da cartografia. Se esta informação for verdadeira, então explicaria algo sobre a vida de Antonio e ajudava-nos a compreender melhor quem foi o jovem António.

Algumas considerações a serem feitas neste cenário: António seria muito jovem em 1438, provavelmente não tinha mais do que 3 ou 4 anos de idade ou pouco mais. Colombo teria tido aproximadamente a mesma idade. Onde é que ele ou seu irmão aprenderam cartografia, especialmente se Agostino foi o único instrutor qualificado em cartografia em Génova?[254] Esta questão, é bastante curioso, quando consideramos que uma outra observação semelhante foi feita por Tagliattini referindo-se a Colombo. Tagliattini escreve o seguinte: “(...) Em Lisboa, Colombo conheceu seu irmão mais novo Bartolome´ Colón que, como Christopher, teve uma grande inclinação para a cartografia. Como toda a gente parece concordar, foi o estudo desta forma de arte que ajudou os dois irmãos a construir a sua vida em Portugal. **Onde aprenderam**

[254] Airaldi. Op. Cit.

e como o praticavam com grande talento ainda é um dos muitos mistérios da literatura sobre Colombo.”[255]

Muito tem sido escrito sobre o sogro de Colombo e os seus mapas e documentos importantes, a respeito do seu conhecimento marítimo. Diversos historiadores repetem a história que Isabel Moniz, viúva e a sogra de Colombo, lhe deu todos os documentos marítimos importantes que pertenciam ao seu falecido marido, o primeiro capitão-governador da Ilha do Porto Santo. Dentro das informações que conheço, não há nenhuma evidência documentada de que Perestrello fosse um capitão de mar, como muitas pessoas têm sugerido, porém nunca foi mais do que um passageiro comum a bordo de um navio. A justificação para a posse desses papéis, pelo genro, foi o seu profundo interesse em aprender mais sobre o mar. Há também informações sobre a correspondência escrita com Toscanelli de Roma e os seus pontos de vista da geografia mundial. Outros escritores falam sobre o encontro de Colombo com o seu irmão Bartolomeu, em Lisboa, que foi contratado como um cartógrafo, quando Colombo chegou à cena em Portugal em 1476. A história lendária diz que Colombo tinha aprendido a arte da cartografia com o seu irmão Bartolomeu nesse momento.

Esta última história fica um pouco pegajosa, neste ponto, pois Colombo tinha acabado de sobreviver a uma batalha naval horrenda, no Atlântico ao largo da costa de S. Vicente e nadou 6-8 milhas até chegar na terra. Esta batalha supostamente ocorreu em agosto (alguns dizem que em dezembro) de 1476. Contudo, em Fevereiro de 1477, Colombo já estava a navegar (supostamente) nas águas da Canada ou numa expedição Luso-Danesa a partir de Bristol, Inglaterra. Durante esta operação,

[255] Tagliattini. Op.Cit. (p.11).

ele deveria estar a bordo de um navio carregado com a mercadoria para entregar em Bristol. Esta carga teve de ser descarregada no momento da chegada a Bristol e a uma nova carga foi colocada no navio depois de comprada no local. Em seguida, de alguma forma, no meio do inverno, ele torna-se membro de uma tripulação que navega para Thule (e Gronelandia).

Agora, com as informações acima escritas, temos uma boa descrição de fundo sobre um jovem Colombo, que está apenas a começar a sua experiência no mar depois da sua chegada a Portugal. Devemos também lembrar, que de acordo com a famosa frase, “eu comecei a vida no mar numa idade precoce”, mas ainda assim o tecelão de lã Cristoforo Colombo ainda estava a trabalhar como um tecelão de lã aos 21 anos em Génova. Obviamente, existem algumas contradições aqui que precisam de ser esclarecidas. No entanto, ainda temos algumas perguntas importantes a fazer do nosso misterioso marinheiro.

Segundo a lenda, ele estava muito interessado em aprender sobre o mar, mapas e tinha um grande interesse na coleção de Perestrelo de livros e mapas. Supostamente correspondia-se com Toscanelli. Além disso, ainda temos de considerar a história de seu intenso interesse no mapa do misterioso piloto (ver Cap. 12). Durante o século XV era do conhecimento comum que António de Noli vivia em Cabo Verde e teve uma tremenda influência nesta área geográfica, na costa da Guiné e no Atlântico Sul. Colombo também dá a entender que Noli estava várias vezes em Cabo Verde[256], **Por que é que ele**

[256] Fuson, Robert. “O Log de Christopher Columbus” Marine Camden International, ME.1992. P.69 “Esta manhã eu vi um pássaro fragata (...) e nunca é encontrado mais de 60 milhas da costa. Eu tenho visto muitos deles nas Ilhas de Cabo Verde”. Nota: Este livro foi traduzido por Robert H. Fuson e na minha opinião o uso da palavra “muitos” nesta frase especial dá

nunca parece ter qualquer interesse em conhecer António de Noli? Ele era, afinal de contas, uma figura lendária durante esse período histórico e as ilhas eram conhecidas como ilha de António e descritas como tal em vários mapas, alguns deles, feitos por pelo menos um membro da tripulação de Colombo (Juan de la Cosa c. 1500) e supostamente reconhecido pelo próprio Colombo no seu mapa do mundo (*mapa mundo*). Claramente, de Noli era um cartógrafo, comerciante e de acordo com os documentos de Della Cella (uma lista de famílias genoveses nobres) na Biblioteca Civica Berio em Génova, ele é descrito como um perito capitão de mar. Foi também relatado como o explorador mais experiente do Atlântico sul.[257] **Por que não foram feitos mais estudos sobre Colombo na África?**

Acredito que é um desserviço para o mundo académico se os historiadores não fizerem uma tentativa honesta de responder a essas perguntas essenciais sobre as façanhas de Colombo.

Esta última questão levanta uma outra questão que foi apontada pelo autor Jose Luis Cortez Lopez, que se considera um africanista, ou alguém que estuda a história dos africanos em África e da sua geografia. Ele fez algumas pesquisas sobre Colombo em África na sua obra, “El Tiempo Africano de Cristobal Colon” Op. Cit. Neste trabalho, ele expressa a sua profunda decepção com a falta de estudos sobre a presença de

---

a impressão de que ele tinha ido a Cabo Verde muitas vezes, a fim de ter visto muitos deles.

[257] Villas, Ribeira. “Op. Cit. P.216. “Seus (António de Noli) serviços mais notáveis foram para transformar Santiago em uma base naval, enquanto o alargamento do âmbito de seus esforços de navegação e investigando o Atlântico Sul a um grau maior do que qualquer um na história da navegação”.

Colombo em África. Ele reclama que os historiadores espanhóis olharam para essa fase da história, com curtos comentários, do mesmo modo, a maioria dos estudos sobre o Colombo faz praticamente o mesmo. Ele diz que Portugal deve ter mais informações para investigar o período das descobertas relativamente a África. Ele pode estar certo das suas considerações, mas, infelizmente, quando o assunto é Colombo, a situação fica realmente tenebrosa pois todas as indicações são bastante claras, para o pesquisador estudioso, que Portugal tem feito um enorme esforço para esconder informações sobre Colombo, quando ele estava em Portugal e navegou em missões secretas para a África e em outros lugares.

Lopez aponta que esta é a fase importante, pois é a fase que precede o período das descobertas de Colombo. Nisso eu concordo cem por cento. Os historiadores não podem passar por cima da história do Colombo em África e esperar definir o seu verdadeiro legado. Ele fez muitas referências a África na sua chegada ao Novo Mundo e esta informação tem sido constantemente ignorada. Ele geralmente faz comentários e compara o povo do Novo Mundo e seus costumes com os de África. Ele obviamente tinha muita experiência na costa da Guiné o que se reflete em sua escrita, especialmente no seu diário de bordo da viagem de descoberta. Esta informação também é confirmada por Fernando Colon e Bartolomeu de las Casas nos seus escritos.[258]

Infelizmente, Lopez levanta algumas observações muito importantes, feitas por vários historiadores que expressam uma forte presença do almirante na África, mas, em seguida, por

[258] Las Casas, Historia de las Indias Libro I-Capitulo III. “En otras partes de sus escritos afirma haber muchas veces navegado de Lisbona a Guinea (…)”. “Em outras partes de seus escritos, afirma que navega muitas vezes de Lisboa para a Guiné (…)”.

razões que parecem ser bastante típicas da grande maioria dos historiadores, considera estes comentários absolutamente fora de uso, inúteis, para avaliar os eventos de Colombo em África. Na sua opinião, esses eventos nunca aconteceram, pelo menos do modo como se têm descrito por alguns historiadores proeminentes. Ele, aparentemente, toma esta posição, porque nunca realizou um estudo completo do Almirante e da história de Portugal em África. Na verdade, é difícil culpá-lo por essa deficiência, porque é necessário tempo para perceber como ligar a história de Colombo com a África, Portugal e o Novo Mundo. Neste ponto, devo acrescentar que Cabo Verde está nesta equação, porque sem entender a verdadeira história de Cabo Verde e da influência de D. João II, será impossível compreender totalmente Colombo. Devemos lembrar que, ao saber da morte de D. João II, Colombo comentou: "Eu servi o rei por 14 anos". Todas as indicações são de que Colombo foi leal ao Rei D. João II até o fim. Este é um grande ponto de discórdia que eu acredito que deve ser totalmente pesquisado se pretendemos resolver os mistérios do Colombo.

António de Noli

Até agora, eu não disse muito sobre António de Noli, mas ele também é uma peça chave nesta discussão. A influência de António de Noli no Atlântico Sul é inegável e tem sido verificada por uma comissão de investigação internacional durante as atividades de comemoração 550 anos da descoberta de Cabo Verde na Itália, em 2010, e em várias exposições e conferências que foram realizadas nos EUA, Portugal, Cabo Verde e Itália. Há quinze anos atrás havia pouca informação disponível sobre António de Noli na Internet, mas hoje tudo isso mudou. O interesse por António de Noli está a ganhar cada dia mais força e muitos historiadores estão a começar a ter consciência do papel deste navegador famoso e as

contribuições que ele deu para a história do mundo e da civilização ocidental.

Como Colombo, ele também tem um passado misterioso; No entanto, ele nunca fez as primeiras páginas da forma que o fez Colombo. **É curioso que Lopez menciona a fase Africana de Colombo que antecede a descoberta da América e que tanta coisa falta nessa fase da história. Ironicamente, foi o papel de António de Noli em Cabo Verde que dá o impulso de partida para a descoberta do Novo Mundo** e esta informação foi publicada no livro “Da Noli a Capo Verde” Op. Cit. Toda esta informação mostra claramente o papel de António de Noli como sendo o precursor para o período de descoberta e o início das descobertas do Novo Mundo. Muito mais informação pode ser encontrada na Internet, sobre esta fase da história, vital para os estudantes que estão em busca de saber mais sobre o expansionismo europeu após a descoberta do Novo Mundo, em 1492. A Sociedade Hakluyt fornece um excelente material nos Arquivos de texto da Internet (Internet Archives Text) sobre “os europeus na África Ocidental. (Europeans in West Africa)”. Nestes arquivos, haverá uma grande quantidade de informações sobre António de Noli, Cabo Verde e as conexões com a Europa e África, que têm tido uma relevância negligenciada na história mundial.

Eu acredito que é essencial compreender que Cabo Verde foi o início do Novo Mundo, eloquentemente expresso pelo renomado Professor Corradino Astengo, da Universidade de Gênova (agora aposentado), que afirmou no livro, “Da Noli a Capo Verde”, página 27, “Con l'Eta delle Grandi Scoperte, l'arcipelago (Cabo Verde) non era soltanto un'importante base sulle rotte per le Indie Orientali e Occidentali, ma era diventato il punto da cui si prendevano le misure della terra : era il centro del Mondo”.

“Com a era das grandes descobertas, o arquipélago (Cabo Verde) não era apenas uma base importante para a rota das Índias do leste e para as Índias Ocidentais, mas também tornou-se o ponto a partir do qual o mundo seria medido: **era o centro do mundo**”. Esta é uma declaração impressionante, porque é um fato conhecido que a Ilha de Santiago (Cabo Verde) era conhecida como Ilha de António ao longo dos séculos 15 e 16. Na verdade, até mesmo o rei de Espanha referiu a Cabo Verde como a “Ilha de António” num documento datado de 31 de Julho de 1477.[259] Então, aqui fica bem claro que, se Cabo Verde era o centro do mundo e António de Noli foi o governador de Cabo Verde e reconhecido como tal pelo Rei Fernando de Espanha, bem como D. João II de Portugal (os dois superpoderosos do século XV), devemos entender que, António de Noli deve ter sido uma figura muito importante no início da Era dos Descobrimentos.[260] Por mais estranho que possa parecer, grande parte desta história estava a ocorrer no momento em que Colombo estava a fazer a sua entrada triunfal em Portugal, onde as viagens se faziam em

[259] Carta Real de Espanha código de referência: ES. 47.161 AGS / 2.2.11.7 // RGS, LEG, 147.707. 328-Esta é uma ação feita por Antonio de Noli e Fernando Gonzalez contra Juan de la Cueva e outros de Sevilha. “Rainha Isabel a Católica ordenou a Almirante Mayor e as autoridades responsáveis pela aplicação da lei de Sevilha para executar a sentença dada por Diego de Mesa, o deputado do Almirante, em favor de Antonio de Noli e Fernando Gonzalez por certa mercadorias que foram apreendidos da Ilha do Antonio”.

[260] Aqui é preciso lembrar que António de Noli sempre foi reconhecido como o governador de Cabo Verde pela Coroa Portuguesa mesmo depois de ser capturado pela Espanha em 1476 e depois nomeado como governador para a Espanha. Eventualmente, a Espanha e Portugal terminaram hostilidades e Cabo Verde foi retornado por Portugal e António de Noli foi integralmente reconhecido como governador de Cabo Verde por Portugal como evidenciado pela carta régia de 08 de Abril de 1497 (a cópia da carta pode ser vista no anexo 7).

navios portugueses, através de propostas de descobertas para o Rei D. João II, casar, ser pai, trabalhar na indústria do açúcar, alegadamente assistir a processos judiciais em Génova (segundo o documento famoso de Assereto, considerado falso por alguns historiadores), fugir para a Espanha, etc (para não mencionar, aprender várias línguas, cartografia, astrologia, matemática, etc).

Agora, quando levamos em conta as palavras do Professor D. W. Meinig, no seu livro "The Shaping of America", ele faz uma mudança radical na aprendizagem do Período do Descobrimento na história. Ele diz-nos que, "a Madeira, os Açores e Cabo Verde foram todos colonizados no século XV. Na história da descoberta e exploração europeia é comum reconhecer essas pequenas ilhas atlânticas como trampolins através do oceano, mas eles eram muito mais do que as estações na rota para o Novo Mundo; eles próprios eram um Novo Mundo e fundamentos importantes para os novos sistemas de navegação e de plantio, como Boxer observa: A possessão dessas ilhas desabitadas, iniciou os portugueses na prática da colonização no exterior e os seus colonos tornaram-se literalmente os pioneiros do novo mundo". [261]

Agora podemos acrescentar uma declaração feita por Jill Dickens Schinas no seu artigo "Cabo Verde - Cultura e História", Op. Cit. Quando se refere às Ilhas de Cabo Verde, ela diz isto: "**Este é o lugar onde a conquista ocidental do mundo começou."** [262]

Ainda existe outra declaração muito importante feita pelo prefeito da "Ancient Maritime Republic of Noli", Itália, no

---

[261] "The Shaping of America: Atlantic America", 1492 – 1800. D. W. Meinig 1996.

[262] Schinas, Jill Dickins. Op.Cit.

prefácio do livro, “Da Noli a Capo Verde”, op. Cit.: “Em 2010, um painel de peritos internacionais comemorou o 550º aniversário da descoberta de Cabo Verde pelo navegador italiano, António de Noli. Um congresso internacional foi convocado em 18 Setembro de 2010 aqui, na antiga república marítima de Noli, Itália, momento em que determinamos que António de Noli foi o descobridor oficial de Cabo Verde em 1460 e em 1462 tornou-se o primeiro colono cabo-verdiano, que estabeleceu e governou a primeira cidade europeia nos trópicos. **Estes eventos históricos marcam o início do período geralmente conhecido como “Era dos Descobrimentos”**.[263]

Assim, creio ser justo dizer que, com base nas informações anteriores, é razoável referir que, sendo Cabo Verde o último dos três arquipélagos desabitados, descoberto e nomeado pelo professor Meinig como sendo parte de um mundo novo, e levando em consideração as palavras do Professor Astengo que, “com a era das grandes descobertas do arquipélago (Cabo Verde) (...): era o centro do mundo;”. Estas declarações demonstram que Cabo Verde era claramente um local de desenvolvimento na vanguarda do período das descobertas do Novo Mundo, que representou o início dos Descobrimentos como foi esclarecido no parágrafo anterior pelo prefeito de Noli. Também é razoável avaliar o ponto de vista apresentado por José Luis Cortez Lopez, quando fala sobre **a falta de interesse na África e no seu papel no prelúdio do Descobrimento da América.** Esta situação leva-nos a reavaliar a necessidade de aprender mais sobre a África no prelúdio do Descobrimento da América e do Novo Mundo. Tenho certeza de que os historiadores irão encontrar uma necessidade de investigar a vida de Colombo e António de Noli, a fim de lidar

---

[263] “Da Noli a Capo Verde.” Op. Cit. Prefácio.

com esta fase da história com mais intensidade e precisão. Esta nova área de história irá surpreender investigadores pela forma como eles irão olhar para estes aspectos que nunca foram considerados no passado e, ironicamente, como ele teria sorte, eles tropeçarão na verdadeira identidade de Cristóvão Colombo.

Agora, com estas revelações sobre António, é o momento de começarmos a fazer a conexão entre ele e Colombo, na nossa busca da verdade que nunca foi diagnosticada no passado. Neste cenário, vamos fazer perguntas condicionais "e se". Acredito que se vai surpreender com as respostas possíveis, se estamos dispostos a fazer alguns trabalhos de casa extra. Outro fator que deve ser considerado nessa história é a relação entre António de Noli e a Ilha da Madeira, bem como a relação entre Colombo e da Ilha da Madeira. Como vimos ao longo deste livro, os dois navegadores têm uma história extraordinária na Madeira. Ambos os navegadores estiveram envolvidos na indústria do açúcar e ambos tiveram relações estreitas com a nobreza da Madeira. Há fortes indícios que mostram que ambos homens podem ter estado envolvidos diretamente com as famílias de D. João Zarco da Câmara e D. Diogo Afonso de Aguiar. Todas as indicações são de que as suas famílias estão relacionadas uma à outra na Madeira e que ambos os navegadores tiveram de ser bem conhecidos na Madeira. De alguma forma, parece que eles nunca se encontraram um outro e nada é mencionado sobre essa estranha anomalia.

As histórias de António de Noli e Colombo são muito parecidas com as fábulas de Superman e do Clark Kent. No momento que vemos Clark Kent então, de repente ele desaparece, e vemos Superman aparecer; Então, num dado momento vemos António de Noli desaparecer e de repente vemos Colombo aparecer, mas nunca conseguimos ver os dois navegadores juntos.

Terceira viagem de Colombo.

Em 1498, Colombo vai para Cabo Verde e reúne-se com o capitão da Boa Vista, D. Rodrigo Afonso, sendo muito pouco dito sobre este encontro em Cabo Verde. Se uma discussão completa fosse feita sobre esta reunião, seria muito provável revelar o seguinte:

1. Rodrigo Afonso era sobrinho de Diogo Afonso, que foi o primeiro capitão do setor norte da Ilha de Santiago, quando António de Noli tornou-se o primeiro capitão do setor sul.

2. Não só foi Rodrigo Afonso sobrinho de Diogo Afonso, mas há fortes indícios de que ele também pode ter sido o neto de D. João Zarco da Câmara, o primeiro capitão da ilha da Madeira.

3. Muitos escritores têm sugerido que Diogo Afonso era o padrasto de Colombo. Uma vez que existem muitas histórias que fazem essa implicação, deve haver alguma base para seus argumentos que fazem esta conexão histórica.

4. Diogo Afonso era casado com uma filha de D. João Zarco da Camara e este casamento foi arranjado pelo rei de Portugal, em resposta a um pedido pessoal feito por D. João Zarco da Camara.

5. A filha, Isabel, é considerada por muitos como a verdadeira mãe de Colombo, que se acreditava ter nascido fora do casamento. [264][265]

---

[264] Augusto Mascarenhas Barreto. Wikipedia. “Cristovão Colombo cujo nome verdadeiro seria Salvador Fernandes Zarco (…) era filho de D. Fernando duque de Beja e de Viseu e de Isabel Gonçalves Zarco e neto do rei de Portugal.”, pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Mascarenhas_Barreto Web. 7 Jun. 2014.

6. O casamento supostamente ocorreu na Madeira por volta de 1450, na igreja de São Sebastião, na cidade de Câmara de Lobos.

7. Se é verdade que o Rodrigo é o sobrinho de Diogo, então as possibilidades de ele ser um neto de D. João Zarco da Camara são excelentes, pois Diogo era originalmente de Évora quando se mudou para a Madeira por ordem do rei. Ele também foi o primeiro membro da família Aguiar a residir na Madeira e não há dúvidas que se casou com uma filha de D. João Zarco.

8. Havia também três outros nobres que receberam ordens para se casar com as filhas de D. João Zarco da Camara. D. João Zarco da Camara tinha um total de quatro filhas para casar. Isto dá a impressão de que Rodrigo pode ter sido o filho de um desses casamentos e, portanto, o sobrinho de Diogo. Mas D. João Zarco da Camara também tinha dois filhos e um deles poderia ter sido o pai de Rodrigo. No entanto, eu sugiro que o sobrinho Rodrigo, provavelmente, foi gerado a partir de uma família da Madeira porque Diogo não residia em Cabo Verde em tempo integral e, aparentemente, passou a maior parte de seu tempo na Madeira, onde poderia ter desenvolvido uma estreita relação com o seu sobrinho Rodrigo. Também é possível que eles possam ter servido juntos nas guerras do Norte de África durante o final de década de 1450.

9. É muito possível que Colombo conhecesse Rodrigo na Madeira ou, pelo menos, provavelmente conhecesse os seus pais na Madeira e, certamente, teria conhecido os membros da família Zarco. O facto de Diogo Afonso, ser o tio deste

---

[265] Enciclopédia Verbo. Luso-Brasileira de Cultura. Edição Seculo XXI. 1998. Pp. 465-468. Foi filho ilegítimo de D. Fernando e Isabel Gonçalves Zarco.

Rodrigo e também o genro de D. João Gonçalves Zarco da Câmara não pode ser um descuido aceite pelos historiadores, se pretendem que as suas pesquisas sobre o legado de Colombo sejam de confiança.

10. Nada é mencionado sobre António de Noli durante esta visita de Colombo em 1498. Neste momento, é presume-se que António esteja morto, mas sua filha é a governanta da Ilha de Santiago e o seu marido é o governador, porém nada é mencionado sobre essa relação, o que me parece ser uma omissão notável, especialmente, se Diogo Afonso é o tio de Rodrigo e o avô de Branca, então ela deveria ser prima em segundo grau de Rodrigo. É praticamente impossível imaginar que Colombo fosse para Cabo Verde cerca de um ano após a morte de António de Noli e não o mencionasse em suas conversas ou escritos, especialmente quando existe documentação que demonstra claramente que os membros da família Noli continuaram a ter muita atividade nas ilhas várias décadas após o falecimento de Colombo e ou António de Noli. A história da sua visita a Cabo Verde contrasta com a da sua visita a Madeira, apenas algumas semanas antes, quando ele visitou o governador daquela ilha.

Bartolomeu Colombo

Este livro não pode terminar sem algumas informações sobre Bartolomeu Colombo. O que sabemos sobre ele? Surpreendentemente, há muito pouca informação disponível sobre ele antes dos preparativos para a primeira viagem de descoberta. Grande parte da informação que faz alusão a ele não está realmente a descrever a pessoa certa, na minha opinião, mas recorre a uma curiosa imaginação que é incompreensível. Algumas das informações são curiosas e até interessantes, enquanto outras são absolutamente ridículas. Aqui estão alguns exemplos:

1. Um site afirma que ele nasceu em 1450 e morreu em 1515. Descreve-o como um cartógrafo, cosmógrafo e navegante e fundador da cidade de Santo Domingo. Ele mudou-se para Lisboa em 1474, onde se tornou cartógrafo. Provavelmente acompanhou Bartolomeu Dias em 1486, na sua viagem de descoberta do Cabo da Boa Esperança (África do Sul). Navegou para Londres em 1488 onde pediu o apoio do Rei Henrique VII para o projeto do irmão. Foi nomeado como "Adelantado" o equivalente a capitão-geral das Índias Ocidentais. Fundou Santo Domingo em 1496 e morre nesta mesma cidade por si fundada[266].

2. Outra é sobre um site Catalão - Viquipèdia e, naturalmente, dá-lhe um nome de Catalão; Bartomeu Colom. Desta vez, nasceu em 1462 e morreu em 1514. Ele é apontado como o primeiro governador da Ilha de Hispaniola. De acordo com este site, ele também participou na viagem para o Cabo da Boa Esperança, com Bartolomeu Dias, entre agosto de 1486 e dezembro 1487.[267]

3. Há ainda uma outra fonte que é bastante interessante e é feita a partir da Enciclopédia Católica. Agora, de repente, Bartolomeu é descrito como o "irmão mais velho de Christopher, nascido possivelmente em 1445 em Génova; morreu em Santo Domingo, Maio, 1515".[268]

---

[266] http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/BartColo.html

Bartolomeu Colombo. (**1450** - **1515**). "Cartógrafo, cosmógrafo e navegante italiano nascido (em) provavelmente em Gênova, irmão de Cristóvão Colombo", Web. 1 Jul. 2014.

[267] "Bartomeu Colom" Viquipèdia. Web. 24 Feb 2015.

[268] Bandelier, Adolph Francis. "Christopher Columbus". The Catholic Encyclopedia. Vol. 4. New York: Robert Appleton Company, 1908.

Há muitos mistérios curiosos a cercar Bartolomeu que parece terem sido mal analisados. É do nosso conhecimento ou já o ouvimos em algum momento, que Bartolomeu foi para a Inglaterra e França vender o famoso projeto de seu irmão para os reis de duas das nações mais poderosas da Europa. Ninguém sabe como ele foi educado como um cartógrafo e ainda é acreditado para dar ao rei da Inglaterra um *planisphere* do mundo que ele fez pessoalmente. Também se acredita ter sido o convidado do rei da França por algum tempo. Ouvimos histórias como: "Ele foi enviado para as cortes reais da Inglaterra e da Espanha à procura de patrocínio para o projeto de seu irmão". Eu posso apenas imaginar um cidadão comum de hoje ir para a Casa Branca e solicitar uma audiência com o presidente, para discutir um determinado projeto que precisa da aprovação da Casa Branca. Isso não acontece a menos que naturalmente tenha conexões extraordinárias. Assim, acredito que Bartolomeu deve ter tido tais conexões. Se Bartolomeu estava a desenhar mapas e a mostrá-los a outras nações (até mesmo nações amigas para Portugal), na tentativa de explicar o projecto de seu irmão, provavelmente teria sido necessário a aprovação prévia da Coroa Portuguesa. Eu suspeito que a grande quantidade de informações que Bartolomeu usou nos seus mapas teria sido o resultado das viagens como navegador que fez, ao serviço da bandeira portuguesa. Nestas circunstâncias, parece que D. João teria tido as suas atividades monitoradas a menos que ele confiasse totalmente nele.

Algumas palavras sobre a sua idade têm de ser explicadas. Já citei autores e motivos suficientes para demonstrar que Colombo tinha cerca de 70 anos de idade. Infelizmente os historiadores têm vindo a utilizar 1451 como o ano do seu nascimento, o que os deixa com um problema para o ano do nascimento de Bartolomeu. Historicamente Colombo é visto como sendo cerca de 2 anos mais velho que Bartolomeu, então

agora eu suspeito que muitos historiadores estão a quebrar a tradição e ajustando a sua idade para poder estar de acordo com novos estudos e, ao mesmo tempo, provavelmente irão ignorar quaisquer ajustes para Bartolomeu, porque neste caso eles terão de encontrar outra família genovesa para corresponder à nova teoria. Parece que neste momento os historiadores terão de criar mais milagres.

Problemas com a genealogia e as Aguiar

Há uma série de problemas na tentativa de determinar os pais de D. Diogo Afonso de Aguiar. Alguns dizem que seu pai é João Afonso de Aguiar que foi o primeiro Tesoureiro de Portugal e outros dizem que ele é o filho de Pedro Afonso de Aguiar, cuja esposa criou e educou a rainha D. Isabel, a primeira esposa de D. Afonso V.

É extremamente importante determinar a diferença entre as duas famílias, porque se ele era o filho de D. João Afonso de Aguiar, então parece que ele se casou com D. Isabel Gonçalves Zarco da Camara em 1439. Nesta situação, ele poderia facilmente ter tido uma filha com idade suficiente para ter um relacionamento com António de Noli em 1460 ou 61, quando se acredita que Antonio terá passado algum tempo significativo na Madeira. Por outro lado, há um problema com as datas de casamento. Uma versão em letra de imprensa mostra 1439, enquanto a versão escrita à mão mostra 1459, por Noronha. Esta discrepância pode fazer uma enorme diferença na análise do resultado deste aspecto importante da relação entre de Noli e uma filha de Diogo.

Tenho vindo a utilizar a genealogia de Noronha para Diogo Afonso de Aguiar e as famílias nobres da Madeira, mas há também um outro escritor, Manuel José da Costa Figueiredo Gaio (1750 -1831), “Nobiliário de Famílias de Portugal” Vol. 1

(1989-1990) que usa Pedro Afonso de Aguiar como o pai de Diogo Afonso de Aguiar.

Infelizmente, devido à falta de dados verificáveis, é praticamente impossível determinar os pais de Rodrigo Afonso, que é conhecido na história como sobrinho e herdeiro de Diogo Afonso e da sua capitania, em Cabo Verde.

CONCLUSÃO

Portugal, Génova e Espanha, de alguma forma conseguiram produzir as forças necessárias para iniciar a era de explorações e descobrimentos. Se estamos a falar de Portugal ou Espanha, encontramos as forças genovesas envolvidas de alguma no processo ou, em alguns casos, os venezianos e florentins. Seja em Espanha ou Portugal, parece que os italianos foram tratados praticamente como cidadãos naturais que conseguiram beneficiar da legislação local, como faria com qualquer cidadão natural desse país. Por incrível que pareça temos famílias aristocráticas da Itália deslocando-se para as grandes cidades da Europa e estabelecendo uma forma de "casa de investimentos" (Investment House) para gerenciar transações comerciais internacionais e investir em indústrias locais. Muitas dessas famílias tornaram-se muito influentes em indústrias-chave tanto em Espanha como em Portugal, especialmente nas indústrias de açúcar, de algodão e de escravos. Eventualmente, o ouro e a pimenta Malagueta seriam indústrias-chaves que atraíram investidores da Itália. Estas indústrias criaram problemas de instabilidade, enquanto uma grande riqueza era acumulada por investidores ganaciosos. Guerras e tumultos políticos foram consequências da ganância e do poder. África foi, então, como é hoje um continente de grande riqueza e essa riqueza foi explorada ao máximo por Portugal e em diferentes épocas por Espanha e Génova. No entanto a maior parte do controlo foi conduzido por Portugal, com o auxílio dos italianos ao seu serviço, mas parece que muitos deles também serviam Espanha, especialmente durante a Guerra da Sucessão de Castela entre Espanha e Portugal.

Portugal foi fundamental para atrair o serviço dos genoveses sob bandeira portuguesa. Deste modo ajudaram a construir uma força naval poderosa para proteger os navios portugueses no

seu comércio com outras nações e para defender Portugal dos seus inimigos, um termo que geralmente se aplicava a Espanha e, talvez, alguns países da África do norte. Durante todo este período, Portugal procurava encontrar uma rota marítima para a Índia, um sonho que foi concebido muito antes da Era da Descoberta, mas extremamente difícil de alcançar. Apesar das dificuldades, o Infante D. Henrique (1394-1460) fez um significativo progresso pela forma como se dedicou à investigação científica dos mares e a construir mapas da geografia do mundo nas suas tentativas de encontrar o caminho para a Índia. Muitos escritores dizem que ele era uma pessoa extremamente religiosa, dedicada a expandir o cristianismo em todo o mundo e a apoiar os ideais dos Cavaleiros Templários, que por esta altura estavam a ser expulsos de seus antigos redutos na Europa, mas acolhidos em Portugal pela Ordem de Cristo. Assim, parece que muita da atração por Portugal seriam os ideais apoiados por esses destemidos marinheiros que acreditavam nesses princípios. Foi também uma época de renascimento na Itália, onde era necessário dinheiro para construir grandes igrejas e muitos governantes poderosos tinham as suas próprias igrejas privadas, dedicadas a apoiar as necessidades religiosas das famílias nobres que provavelmente mantinham forte influência sobre a acumulação de poder e riqueza para os que pertenciam a esse estrato social local.

Durante este período de incerteza algumas famílias nobres perderam poder e prestígio e estavam dispostos a fazer grandes sacrifícios para recuperar o que tinham perdido. Muitos desses homens destemidos foram recebidos por Portugal, bem como a Espanha, mas Portugal procurava de forma ativa estes comerciantes guerreiros e se fossem qualificados, como cartógrafos, então seriam ainda mais valiosos para os serviços procurados, em Portugal, pelo Infante D. Henrique. Portanto, seria nessa atmosfera que homens como os irmãos Pessagno de

Ligúria seriam recrutados por Portugal no início do século XIV para ajudar a construir uma poderosa frota naval com o fim de proteger a indústria de transporte de Portugal dos constantes ataques de piratas em alto mar. Génova parecia ter alguns dos melhores marinheiros do mundo neste momento e Portugal foi capaz de contratar Manuel Pessagno como o almirante da Marinha Portuguesa, com a condição de ele manter 20 capitães qualificados do mar, de Génova, durante o período do seu contrato com o propósito de ensinar os marinheiros portugueses. Mais de 100 anos depois, esse sistema já tinha expirado, mas por esta altura os genoveses e outros italianos eram bem recebidos em Portugal e marinheiros destemidos como António de Noli e Cristóvão Colombo iriam tentar a sorte nesta nação marítima emergente. Os nomes de Manuel Pessagno, António de Noli e Cristóvão Colombo são os três nomes que simbolizam as contribuições dos genoveses na história de Portugal.[269]

Ao longo desta história, parece haver uma forte ligação com a família Fieschi de Génova no desenvolvimento das relações comerciais com os mercados europeus nas principais cidades da Europa. Parece que a nomeação do almirante Manuel Pessagno, como Comandante da Marinha Portuguesa pode ter tido uma forte influência sobre a decisão da família Fieschi iniciar casas de investimento na Península Ibérica e em outras cidades europeias para gerir e investir no comércio exterior. Uma vez que a fortaleza da família Fieschi estava em Lavagna, a uma curta distância da família nobre Pessagno, na Ligúria, parece apropriado acreditar que a nomeação de Pessagno em Portugal, como almirante da Marinha Portuguesa, deve ter tido um profundo impacto e influência sobre a decisão da família Fieschi em iniciar estas novas casas de investimento.

[269] Rosaraio. Op.Cit. p.259.

Aos poucos, Portugal tornou-se uma grande potência marítima, superando até Génova e, certamente, mais avançada do que a Espanha neste momento antes da Era dos Descobrimentos. Espanha ainda lutava contra os mouros, enquanto Portugal foi explorar o alto mar, no Atlântico e ao longo da costa da Guiné. Essa é a atmosfera que prepara o terreno para a chegada a Portugal de António de Noli e Colombo, no século XV.

Agora os historiadores são confrontados com o dilema de tentar determinar, “Quando chegam em Portugal? ” Ninguém parece saber a resposta a esta questão. Ironicamente, há outros problemas estranhos na tentativa de documentar a história desses dois navegadores; por exemplo, Colombo deixou para trás documentos importantes escritos de próprio punho que podem ser estudados, embora não exista um único documento encontrado, que eu tenha conhecimento, que possa ser atribuído a António de Noli. Existe um outro problema curioso associado a estes dois grandes navegadores, há muitas razões para acreditar que Colombo navegou ao longo da costa da Guiné e aprendeu muito sobre os ventos no Atlântico e todas as indicações são de que ele tinha um conhecimento considerável sobre o Oceano Atlântico e África. O problema curioso nesta situação é o facto de que não existem quaisquer testemunhas conhecidas que navegaram com ele, o que conduz à sua misteriosa presença nessas áreas. Mas, por outro lado, há de facto testemunhas oculares que implicam a presença de António de Noli nessas áreas.

Também existe o que parece ser um fluxo interminável de situações hipotéticas, tradicionalmente atribuídas a Colombo que parecem basear-se mais na mitologia do que em factos reais. Parece também que, quando um investigador aplica essas lendas inconclusivas; que são tradicionalmente atribuídas a

Colombo; sobre António de Noli, é capaz de encontrar factos que, invariavelmente, sustentam as suas teorias.

Parece que ambos os navegadores têm um problema histórico com os seus casamentos na Madeira. Colombo diz-se que se teria casado em Lisboa, Madeira e Porto Santo, mas os historiadores não sabem exatamente onde nem quando ele se casou. Algumas pessoas disseram que António de Noli era casado, mas eles não podem nomear a cônjuge. Eles não têm ideia onde ele casou ou se, na verdade, era casado. Colombo nunca nomeou a sua esposa, mas reconheceu que era casado. António de Noli é menos comprometedor, não sabemos se ele era casado ou não, e não temos nenhum registo de qualquer coisa que ele jamais disse ou escreveu. Sabemos que Colombo tinha dois filhos e que António de Noli teve uma filha, mas todas as indicações são de que ambos os navegadores tiveram mais filhos.[270]

Parece que os dois homens tinham uma rede de espiões. Colombo, aparentemente, tinha espiões na Inglaterra que o mantinham informado sobre a evolução da descoberta. António de Noli parece ter tido espiões ou informadores sobre o desenvolvimento das minas de ouro em São Jorge da Mina e tomou conhecimento do forte, logo depois de o mesmo ser construído.

---

[270] De acordo com a carta escrita por Colombo aos soberanos da Espanha em 4 de Março 1493; ele deixou filhos para trás em sua terra natal, a fim de servir a rainha. (Veja capítulo 13). Acredita-se que Antonio de Noli tivesse tido filho(s) em Cabo Verde, pois existiam várias pessoas com o sobrenome de Noli, incluindo o nome de António, mas não há qualquer documentação para confirmar que qualquer uma destas pessoas é seu descendente direto, especialmente, uma vez que seu irmão Bartolomeu e seu sobrinho Rafael poderiam ter descendência. Para mais informações, consulte “Da Noli a Capo Verde” op.Cit.

Os dois homens tiveram problemas tradicionais com a sua idade. Ninguém verificou qualquer documentação real para sustentar um ano razoável de nascimento para qualquer um dos dois navegadores. Tagliattini ficou obviamente frustrado com este dilema e observa, “Não podemos senão preguntar-nos sobre este enigmático Colombo. Porque não era mais sincero e próximo e, **pelo menos, revelou a sua idade para a posteridade**, sabendo que era um homem famoso”.[271] E por que não há registos de António de Noli? Para que não esqueçamos, ele foi muito bem conhecido no início da Era dos Descobrimentos e todos os navegadores experientes conheciam a Ilha de António como sendo a peça central durante esta fase incrível da história. Até mesmo os turcos sabiam sobre António de Noli.[272] A nota de rodapé abaixo destaca duas raras observações, pelos turcos, em relação a António de Noli que estão inscritos no famoso mapa de Pires Reis: (a) Ele é reconhecido como sendo genovês, mas que foi criado em Portugal; (b) Ele achou muito gengibre aqui (Cabo Verde) e foi o primeiro a escrever sobre estas ilhas. Suponho que o primeiro comentário está provavelmente relacionado com a maneira como ele era tratado pelos portugueses, que foi praticamente como um dos seus próprios cidadãos e não como um estrangeiro. O segundo comentário é de interesse porque não existem quaisquer documentos conhecidos, escritos por António de Noli, mas de alguma forma os turcos acreditavam

---

[271] Tagliattini op.Cit.

[272] McIntosh Gregory C., “O mapa de Piris Reis de 1513” Os genoveses são mencionados em algumas das inscrições do mapa 5, 13, 21 e possivelmente 17 e 20 ao lado de uma imagem de um navio com uma vela triangular e as Ilhas de Cabo Verde com a seguinte inscrição: 21 “O mestre desta caravela é chamado Messire Anton genovês, mas ele foi criado em Portugal. Um dia esta caravela encontrou uma tempestade e foi conduzido sobre esta ilha. Ele achou muito gengibre aqui e foi o primeiro a escrever sobre estas ilhas.”

que ele referiu ter encontrado gengibre em Cabo Verde. O autor acredita que o gengibre referido pode ser asarabacca que cresce em Cabo Verde e os primeiros navegantes que chegaram a estas ilhas provavelmente confundiram com gengibre. Talvez a Turquia possa ter mais informações sobre estes escritos atribuídos a António de Noli. Se tal documento fosse localizado seria extremamente valioso para os historiadores, pois neste momento, não há nada encontrado que lhe possa ser atribuído. Então, levanta-se a questão, por que não escrever nada para os historiadores do futuro, ou se ele o fez, então o que aconteceu a isso?

Mencionei anteriormente neste livro, à cerca de Colombo, o a sua viagem a Thule com uma data precisa de Fevereiro de 1477. Como é que ele pode fornecer um mês e ano específico para esta expedição, quando geralmente é inequivocamente vago em tantas outras viagens? Obviamente, isto é um milagre. Apenas há alguns meses atrás, ele era um homem sem dinheiro, sem educação, vagabundo sem-teto, que milagrosamente sobreviveu a um naufrágio e de alguma forma encontrou o caminho para Lisboa, num país cuja língua não falava e, de repente, tornou-se num cartógrafo perito sob a tutela de seu irmão mais novo e, supostamente, ganhava a vida como cartógrafo. Todas essas aventuras ocorreram após o mês de Agosto em 1476 ou mesmo mais tarde. Agora, de repente, alguns meses mais tarde, ele está na Inglaterra a bordo de um navio para a Islândia. Que história?! Ele deve ter aprendido Português, Inglês e cartografia em poucas semanas, a fim de se qualificar para esta viagem. Mas vamos agora voltar para a situação de António de Noli, em Fevereiro de 1477. Que estava ele a fazer durante esse período? Na verdade, ele estava detido numa prisão espanhola tentando negociar a sua liberação com o Rei Fernando. Então, para mim, pessoalmente, acho que esta expedição a Thule é bastante curiosa, porque afinal, eu tenho

tentado fazer a ligação entre António de Noli e Cristóvão Colombo, a fim de resolver os mistérios que cercam o lendário Colombo como afirmei na Introdução. No entanto, um dos obstáculos mais difíceis que enfrentei foi a designação do mês de Fevereiro do ano de 1477. Na maioria das outras aventuras de Colombo eu posso usar o "e se" técnica citada anteriormente, para demonstrar que muitos dos mistérios atribuídos a Colombo não são necessariamente mistérios se os aplicarmos a António de Noli. No entanto, a técnica não funciona quando é aplicada a Colombo na expedição a Thule em 1477, porque António de Noli é suposto estar na prisão, neste momento, por isso não posso, legitimamente, sugerir que ele está em Thule quando eu sei que ele deve estar numa prisão espanhola. Neste caso em particular, eu acredito fortemente que Colombo deu intencionalmente esta informação sobre a expedição a Thule, para ninguém suspeitar jamais do que pretendia ocultar sobre esta delicada questão. Mas, naturalmente, se ele tinha uma rede de espionagem em Bristol, Inglaterra, como foi muito bem documentado num capítulo anterior, então podemos colocar o navegador em dois locais ao mesmo tempo e ninguém saberia qual é o verdadeiro. O espião anteriormente chamado Hugh Say, por Alwyn Ruddock, um proeminente comerciante Inglês que usou o nome de código de John Day, tinha escrito uma carta a Colombo de acordo com Ruddock para informar-lhe da situação em Bristol e das viagens feitas por John Cabot. Portanto, agora é possível, colocar Colombo vicariamente em Bristol e fisicamente numa prisão espanhola. Este parece ser mais um milagre do almirante criativo.

É claro, ainda existem outros problemas para resolver, como os nomes dos membros de sua família e como esta situação se desenvolve nas relações entre a família Colombo e membros da família Noli. Felizmente, para os historiadores, os dois têm um

irmão chamado Bartolmeo com um passado misterioso. Então, aqui, eu não vejo um grande problema. O problema surge quando estamos a falar sobre o irmão mais novo de Colombo, D. Diego. De repente ele aparece na equação e agora temos de lidar com este cenário. Se Colombo tinha dois irmãos e António de Noli só tem um irmão que é conhecido por estar com ele, como é que vamos encontrar um terceiro irmão de Antonio? Acredito que existem várias maneiras de responder a esta pergunta fundamental. Felizmente para o nosso argumento, sabemos que António de Noli supostamente chegou a Portugal com um sobrinho chamado Rafael de Noli, junto com o seu irmão Bartolomeu. Infelizmente, não temos mais informações sobre Rafael depois de sua chegada, mas temos vários cabo-verdianos com o nome de Noli a residir em várias ilhas, por isso há muitas possibilidades a enredar neste mistério. Talvez, Rafael fosse erroneamente identificado como um sobrinho, em vez de um irmão, ou talvez houvesse um outro irmão na viagem de descoberta que nunca foi identificado. Se usarmos a imaginação estou certo de que poderemos pensar em muitas maneiras de encontrar um outro irmão de António.

Embora existam poucas informações sobre António de Noli, em Portugal, estamos muito felizes de ter o que está disponível apesar de ser muito limitado. Há apenas um documento que menciona António de Noli por nome (antes de 08 de Abril de 1497) que é a carta régia de 19 de Setembro de 1462, em que ele é apontado como o descobridor das ilhas em 1460 (cerca de dois anos após a descoberta). Durante o reinado do Príncipe João e mais tarde, com o Rei D. João II, um período de quase 25 anos, não há qualquer menção de António de Noli pelo nome. O primeiro documento que o nomeia depois desse período é a carta régia de 08 de Abril de 1497, quando o novo Rei D. Manuel I autoriza a filha de António de Noli, Branca de

Aguiar, a herdar os seus bens e títulos em Cabo Verde. Esta é uma situação muito curiosa e é muito possível que o rei provavelmente não sabia se António de Noli estava vivo ou morto nesse momento e provavelmente nunca o conheceu. O rei anterior tinha morrido misteriosamente e algumas pessoas acreditam que este acontecimento envolveu algo pouco transparente. Ele tinha apenas 40 anos de idade, na data da sua morte, e pelo menos duas tentativas para assassiná-lo fracassaram no início dos anos da década 1480. Neste cenário de eventos, ele pode ter sido assassinado por envenenamento e todos os segredos a respeito de suas relações com António de Noli podem ter morrido com ele. Certamente seria interessante saber exatamente o que D. Manuel I sabia sobre António de Noli e se de facto ele sabia alguma coisa. A decisão e a preparação da viagem para a Índia, por Vasco da Gama, já tinha sido feita pelo Rei D. João II antes de morrer em 1495. Então, parece que não teria havido atrasos no estabelecimento de uma data para a partida desta famosa viagem de Lisboa, por Vasco da Gama em 1497. Neste momento, parece lógico que o novo rei estaria informado sobre a situação de António de Noli e Cabo Verde, e o apoio necessário para a viagem. Não sabemos exatamente o que D. Manuel I sabia sobre este estado de coisas, mas é claro que ele tinha de agir, e o resultado foi a carta bizarra de 08 de Abril de 1497 foi escrita.

Nada mais está escrito sobre António de Noli em Portugal depois de 1497, embora o nome de outros membros da família apareçam em certos documentos, como foi dito anteriormente. Agora vamos voltar para Colombo e o uso de seu nome em Portugal. Talvez o único documento conhecido sobre o uso do nome de Colombo em Portugal é a carta geralmente chamada carta de “passagem segura”, escrita em 20 de Março de 1488 pelo Rei D. João II para Colombo (em que ele estava a viver na Espanha nesse momento). Nesta carta, Colombo foi referido

pelo rei como “Nosso amigo especial” e, certamente, não tinha o tom de um rei a falar para um plebeu ou um tecelão de lã, mas sim alguém de alto nível social. O facto de Colombo nos deixar sem qualquer documentação, em Portugal, não passou despercebido por outros escritores. Rebecca Katz escreveu: “Não há qualquer documentação existente em Portugal que nos possa dizer algo sobre a vida do navegador antes da sua partida para a Espanha em 1485”, e continua, “Colombo não terá deixado qualquer vestígio sobre si próprio durante os 8 ou 9 anos, que residiu em Portugal.” [273]

A maioria dos registos oficiais escritos sobre qualquer António de Noli ou Colombo, na verdade, vêm de Espanha e não de Portugal. Portugal nem sequer menciona a captura de António de Noli pelos espanhóis em 1476.

Toda esta informação precisa de ser explicada para que o leitor tenha uma melhor compreensão das dificuldades e os desafios que devem ser considerados na avaliação dos méritos deste livro. Houve muitas tentativas e erros na intenção de chegar a uma conclusão satisfatória. Pode haver muitas opiniões sobre os méritos de muitos dos argumentos que tenho usado para basear as minhas conclusões neste trabalho. Afinal, a mitologia de Colombo tem consumido o apetite do público e do mundo académico por mais de 500 anos e ainda estamos à procura de respostas para a sua verdadeira identidade. Estou certo de que haverá fortes argumentos contra as minhas conclusões como muitos historiadores terão uma experiência e conhecimento diferente do que eu possuo. Por mais forte que

---

[273] “Cristovão Colombo na Madeira” Archivo Histórico –Madeira. Rebecca Katz 30 Mar 2009. Web. 13 Jun 2013.

www.arquivohistoicomadeira.blogspot.com/…/cristovao-colombo-na-madeira Web. 13 Jun 2013.

eles possam sentir-se sobre as suas opiniões e recomendações pessoais, estou muito confiante sobre a minha posição na seguinte declaração:

“Até os historiadores decidirem fazer um estudo comparativo detalhado de ambos, António de Noli e Cristóvão Colombo, nunca haverá uma solução aceitável para os problemas misteriosos que envolvem qualquer um deles.”

Gostaria de acrescentar que, na minha opinião Colombo é um clone de António de Noli, quando eu olho para todas as situações que envolvem um ou outro navegador. Embora eu faça uma comparação resumida das semelhanças entre os dois navegadores no meu livro “Ilha do Antonio”, em 2003, eu não tinha ideia de que eu iria chegar às conclusões que tenho alcançado neste trabalho. As minhas opiniões e pontos de vista foram drasticamente alterados por vários escritores que me esclareceram algumas questões-chave e para elas me deram uma nova perspectiva sobre um velho problema que resultou na publicação deste livro. Aqui estão as minhas conclusões básicas:

1. A história de António de Noli está ligada diretamente à de Cristóvão Colombo.

2. Se pudermos resolver os mistérios de um desses navegadores estaremos muito perto de resolver os mistérios do outro.

3. Se alguns pesquisadores dedicados estiverem dispostos a ler este livro e a seguir as sugestões recomendadas, eu acredito fortemente que teremos uma conclusão definitiva e final sobre a identidade de Colombo dentro de dois anos ou, provavelmente, mais cedo.

4. Todas as indicações são de que Colombo passou um tempo valioso em ambos os locais, Madeira e Cabo Verde, apesar da falta de documentação.

5. Sabemos que António de Noli residia em Cabo Verde, porque temos a documentação para verificar essa afirmação, mas com base em provas circunstanciais substanciais eu acredito que é seguro dizer que ele também passou muito tempo na Madeira.

6. Há muitos indícios para demonstrar que a filha de António de Noli está ligada diretamente à família de João Gonçalves Zarco da Camara e que António provavelmente teve outros filhos.

7. Agora acredito, com base na carta escrita por Colombo à Rainha em 04 Março de 1493, que a sua esposa provavelmente ainda estava viva quando deixou Portugal com o seu filho Diego e que outros filhos ficaram para trás com ela.

8. Depois de ter sempre em mente estes três principais fatores; (a) a história do misterioso piloto; (b) o conselho dado por Jaime Ferrer (o famoso cosmógrafo catalan e lapidário de Blanes), em 1495 para Colombo na sua busca por ouro, dizendo-lhe que a maior parte do comércio de ouro vinha de um clima quente;(c) o povo cabo-verdiano e os comentários à cerca de Colombo sobre o seu conhecimento dos africanos que navegavam com a mercadoria para uma ilha a sudoeste de Fogo, e que D. João II estava a fazer planos para descobrir esse caminho, **cheguei à conclusão de que a ideia da descoberta da América nasceu em Cabo Verde.**[274] Há ainda um outro

[274] Esta conclusão é baseada em três fatores citados neste parágrafo. Eu acredito que a história do misterioso piloto ocorreu primeiro e, depois, talvez a história do catalão. De acordo com Beatrice Pastor Bodmer, "A Guarnição da Conquista: Contos espanhóis do Descobrimento da América, 1492-1589" p154, Stanford Imprensa 1992: Em 1495 o cosmógrafo

fator que deve ser mencionado e que é uma declaração escrita por Asensio, "Sem dúvida, a sua (Colombo) primeira ideia (da descoberta) deve-lhe ter ocorrido quando percebeu que uma grande parte do mundo era desconhecido e onde era possível encontrar algumas ilhas, como os Açores, Madeira e Cabo Verde, em diferentes períodos de tempo e que por acaso foram descobertos mais ou menos a meio do oceano."[275]

9. Tenho boas razões para acreditar que a implicação feita por de Las Casas sobre a possibilidade de que Colombo navegou na viagem de descoberta de Cabo Verde é uma proposta muito real.

---

prestigiado Jaime Ferrer escreveu a Colombo dizendo-lhe que a área em torno da linha equinocial era especialmente rica em recursos naturais: "Apenas em torno do equinócio (...) pedras, ouro, especiarias e plantas medicinais preciosas são abundantes e valiosas; e eu posso falar disso, devido ao meu comercio frequente com o Levante, Cairo e Damasco, e porque sou um lapidário e sempre tive interesse em aprender sobre esses lugares (...) a maior parte do ouro vem de um clima muito quente." Eu também acredito que a carta de Ferrer, juntamente com a história sobre os cabo-verdianos e os seus conhecimentos sobre as viagens que estão a ser feitas pelos africanos da costa da Guiné à vela para a América do sudoeste de Fogo. Quando todos esses detalhes foram considerados por Colombo, ele sabia que tinha que partir de Cabo Verde, a fim de encontrar a misteriosa Terra Firma que estava a ser sugerida. Foi nesta terceira viagem que Colombo parou em Cabo Verde e, finalmente, descobriu o continente pela primeira vez quando desembarcou na Venezuela, mas **é preciso lembrar que ele sempre quis partir de Cabo Verde para a sua primeira viagem**, mas foi proibido de o fazer assim, devido ao clima político da época prévio à assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494. O artigo pelo Professor Hall, no Pernambuzka News "Brasil e África - O pré-descobrimento do Brasil, das Ilhas de Cabo Verde Português 1481-1500", datada de 27 de Julho de 2013, fornece-nos provas documentais suficientes para concluir que a ideia da descoberta da América foi concebida pela participação e diálogo do povo cabo-verdiano, o rei João II de Portugal e Colombo.

[275] Asensio. Op.Cit. p. 31.

10. Acredito, ainda, que Colombo esteve em Portugal muitos anos antes de 1476 e que, com base na evidência circunstancial disponível, há uma forte possibilidade de ele ter residido em Cabo Verde.

11. Se os dois parágrafos anteriores se provarem como verdades, então **é evidente que Colombo teria sido um residente Cabo-verdiano**.

12. Eu acredito que é muito possível que António de Noli mantivesse estreitas relações com a família Fieschi que poderia ter-lhe permitido ser bem recebido pela Casa Real de Portugal.

Informações específicas que contribuíram para as minhas conclusões:

1. As semelhanças surpreendentes do seu modus operandi.

2. As relações incomuns com Espanha, Portugal, Madeira, Cabo Verde e a Costa da Guiné.

3. Seu desejo destemido de aventura e sua cobiça pelo ouro.

4. A sua incrível capacidade de negociar produtos sem valor por ouro e outros produtos de valor.

5. Seu envolvimento na indústria do açúcar parece ser muito maior do que se conhecia anteriormente. A Colombo é dado o crédito de introduzir cana-de-açúcar no Novo Mundo na sua segunda viagem, enquanto a António de Noli é dado o crédito de introduzir a cana-de-açúcar em Cabo Verde a partir da Madeira, no entanto, muito poucas pessoas sabem que foi a partir de Cabo Verde que se exportou a industria da cana-de-açúcar para o Brasil, com trabalhadores escravos que aprenderam a trabalhar em Cabo Verde e continuaram no

Brasil[276]. O Brasil tornou-se então o maior exportador de açúcar para o mercado europeu.

6. Ambos foram presos pelos espanhóis, em Espanha, antes de ser liberados.

7. Ambos foram hóspedes dos mesmos duques espanhóis da Andaluzia.

8. Apesar de serem estrangeiros, o Rei Fernando nomeou ambos os homens como governadores de suas conquistas ultramarinas-António de Noli em Cabo Verde em 1477 e Colombo no Caribe em 1493. Parece que os dois homens podem ter tomado a iniciativa e negociaram esta posição com base na sua personalidade de autoconfiança incomum.

9. Ambos os homens estiveram fortemente envolvidos na indústria de escravos - António de Noli na África e Colombo no Novo Mundo.[277]

10. Os dois homens, na minha opinião tinham laços estreitos com a família Zarco da Madeira e a família Perestrello do Porto Santo, bem como com a maioria das famílias da elite que controlava o arquipélago, especialmente Diogo Afonso.

11. Ambos os homens eram de Génova e são referidos por ter estabelecido laços com uma das famílias mais poderosas da Itália do Norte (Fieschi).

---

[276] Pereira, D. Op. Cit. p.24.

[277] Alguns historiadores parecem ignorar o fato de que Colombo introduziu o "ComércioTransatlântico de Escravos" (Transatlantic Slave Trade) enviando índios capturados para a Espanha. A fim de obter uma imagem mais precisa do Colombo e da escravidão no Novo Mundo, eu recomendo a leitura de "The Peoples History of the United States" Capítulo 1, Harper & Row 1980 por Howard Zinn. Para mais detalhes ver anexo 37.

12. A família Fieschi tinha laços estreitos com o Vaticano, que poderia ter sido uma grande influência e poderia ter tido um impacto positivo sobre a Casa Real em Portugal tanto em relação a António de Noli como a Colombo.

13. Ambos tinham um irmão chamado Bartolomeu que foi qualificado como capitão de mar e cartógrafo.

14. Ambos os homens estão listados juntamente com Pessagno como sendo as três famílias genoveses mais notáveis a servir Portugal.

15. Os dois homens pareciam ter tido um forte desejo de ter os seus irmãos a apoiar a prosperidade de Génova[278] (ref: [a] a letra por Colombo ao Banco de St George em 1502 e [b] Simone António de Noli Biondi[279]).

16. Os dois homens tiveram uma posição social em Génova questionada por historiadores.

17. Ambos os homens são retratados em pinturas como sendo altos e com cabelos loiros.

18. Parece que no momento em que o nome de António de Noli desaparece em Portugal, o nome de Colombo, de repente faz uma entrada milagrosa em Lisboa, mas não há qualquer registo oficial para mostrar exatamente como ele fez a sua entrada.

19. Nunca ninguém determinou a idade correta para qualquer um dos dois grandes navegadores.

20. Ambos os navegadores tiveram a particularidade incomum de serem genoveses, mas criados em Portugal.

---

[278] "Origin Theories of Christopher Columbus". Wikipedia.Web. 6 Jun 2014.

[279] Prof. Noli. "Da Noli a Capo Verde". Op. Cit. Pp. 50/51.

Lembro-me de ter lido em algum lugar que Colombo era um filho ilegítimo de D. Fernando, Duque de Beja, e que sua mãe Isabel Gonçalves Zarco da Camara foi secretamente levada para Génova, onde ele nasceu e mais tarde veio para Portugal. O seu nome verdadeiro era Salvador Fernandes Zarco.[280] Entretanto António de Noli foi descrito no mapa de Piri Reis como sendo um genovês criado em Portugal (veja também a nota 272).[281]

21. Por fim, António de Noli tem uma morte misteriosa implícita em 1497; uma figura importante na história da navegação portuguesa e do mundo, porém não teve nem um funeral nem uma lápide, enquanto Colombo morreu na presença de testemunhas e mais de 500 anos depois, ninguém consegue encontrar os seus restos mortais.

22. Todas as informações acima escritas levam-me a concluir que Colombo parece ser um clone de António de Noli e a razão pela qual estava paranóico em não dizer às pessoas a

---

[280] Uma história semelhante tem o "Colombo" ilegítimo de serem enviados para Génova a partir de Madeira para a sua educação e, em seguida, retornar para a Madeira, onde encontrou sua mãe casada com D. Diogo Afonso de Aguiar e uma casa cheia de crianças.
<www.archiver.rootsweb.ancestry.com> 2013-12 Web. 22 de Fevereiro de 2015.

[281] Alguns dos detalhes sobre este mapa pelo turco Almirante Piri Reis são bastante notáveis e foram traduzidos em um livro, "O mapa mais antigo da América", pelo Professor Dr. Afet Inan, Ankara - 1954 Pp. 28-34 (disponível em vários sites. Este mapa foi construído por meio de informações feitas a partir de mapas da Europa que foram confiscados dos capitães de navios portugueses e espanhóis que navegaram no Mediterrâneo, depois de terem estado no Novo Mundo. O mapa foi feito em 1513 e muita da informação parece ter sido informação secreta naquele momento. O fragmento do mapa que sobreviveu representa cerca de 25% do mapa original.

sua idade **é porque temia que o associassem aos feitos de António de Noli e isso iria expor a sua verdadeira identidade**. A maioria dos historiadores considera que Colombo é cerca de 30 anos mais jovem do que António de Noli. Eles também consideram António de Noli morto em 1497, enquanto Colombo ainda está a navegar o azul do oceano. De alguma forma, **os historiadores confundem António de Noli e Antoniotto Usodimare e essa confusão desempenhou um papel importante ao ligar a idade de António e de Usodimare, tendo esse erro levado historiadores a acreditar que António de Noli foi 30 anos mais velho que Colombo**. Este erro foi provavelmente acidental, mas é claro que provavelmente nunca se saberá a verdade. Há, porém, uma avaliação importante da verdadeira idade de Colombo, que foi realizada pelo Padre Dutto, de Mississippi, num artigo que escreveu para o "Catholic World" durante o Centenário dos 400 Anos da descoberta da América. Neste artigo, ele examinou detalhadamente muitos dos problemas relacionados com a idade de Colombo e, finalmente, afirmou que **ele deve ter nascido na terceira década do século XV**, em 1435 ou 1436, sendo bastante específico sobre essas datas. Ironicamente, esta declaração é praticamente idêntica à que foi feita por Geo Pistarino na sua descrição de António de Noli, onde diz: "a data é desconhecida (ano de nascimento), mas **é, presumivelmente, na terceira década do século XV**."[282]

Abaixo, eu gostaria de listar alguns dos obstáculos que encontrei ao tentar encontrar informações sobre António de Noli e Colombo:

---

[282] Dizionario Biografico degli Italiani Op. Cit.

1. Poucos escritores têm escrito extensivamente sobre António de Noli.

2. Muitos escritores confundem António de Noli com Antoniotto Usodimare.

3. Existem muito poucos documentos, disponíveis, que pertençam a António de Noli.

4. Muitos autores têm escrito sobre Colombo e, infelizmente, há muitas contradições.

5. Muitos escritores aceitaram mitos tradicionais sobre Colombo, apesar da falta de documentos comprovativos. Muitos dos documentos usados para documentar a vida de Colombo pertencem a uma outra família também chamada Colombo, mas que tem de ser uma família diferente de acordo com os resultados de ADN da Universidade de Granada.[283]

6. Ambos os navegadores parecem perseguir-se, um ao outro, numa cadeia circular de eventos, mas nunca se apercebem e os historiadores também não.

7. Um grande obstáculo foi o súbito desaparecimento de António de Noli após uma lendária carreira em Portugal e Cabo Verde e, nesse instante, o súbito aparecimento de um tecelão de lã desconhecido, à margem do Portugal sem qualquer explicação lógica.

Com base nas informações que apresentei neste livro, eu gostaria de fazer as seguintes recomendações para resolver o problema da identidade do Colombo de uma vez por todas:

1. Incentivar uma conferência internacional com pelo menos uma dúzia de especialistas qualificados para falar sobre ambos António de Noli e Colombo, com base nas suas publicações.

[283] Platakis, Jon. “Christopher Columbus True Identity Unmasked” Op. Cit.

2. Buscar financiamento de organizações internacionais para apoiar essa conferência e realiza-la numa cidade que se relaciona com ambos os navegadores para facilitar a preparação e identificação local. A primeira cidade que me vem à mente deve ser Génova, mas Lisboa e Madrid também pode ter seus méritos. De fato, uma conferência poderia ser realizada em todas essas três cidades. Outras cidades para apreciação seriam: Funchal, Praia, Barcelona e Sevilha.

3. O patrocínio da conferência deve insistir em focalizar a atenção para o tema da comparação de António de Noli a Colombo. Desta forma, apenas seriam convidadas aquelas pessoas que estão a tentar fazer a conexão entre os dois navegadores. Esta sugestão nunca foi feita antes. Seria absurdo pedir a alguém para colher um alqueire de maçãs num pomar de laranjeiras. A melhor maneira de avançar com esta proposta seria a leitura obrigatória deste livro e a apresentação das respectivas críticas. Aqueles que fizessem as melhores críticas deveriam ser convidados a apresentá-las e defendê-las na conferência.

4. Como sugestão adicional, acredito que seria uma boa ideia reexaminar alguns dos detalhes contenciosos que eu apresentei neste livro, especialmente os dados sobre as verdadeiras idades de ambos, Colombo e de Noli. Determinar a data do ano de nascimento como sendo mais provável em 1435 ou 1436, o mais tardar. Eu acredito que este problema tem sido um grande obstáculo na busca da verdadeira identidade de Colombo.

5. Um teste de ADN deve ser realizado sobre as famílias que estão envolvidas neste mistério. Essas famílias são as seguintes: Aguiar e Correia famílias de Cabo Verde e Portugal, a família Noli de Génova e os descendentes do Duque de Veragua. Veja anexo 40 parágrafo 7.

6. Por fim, um teste de ADN deve ser feito às plantas de cana-de-açúcar, em Cabo Verde, para determinar se elas podem coincidir com as das plantações de Diogo Afonso na Madeira. Um resultado positivo poderia ajudar a fazer a ligação entre António de Noli e da família Aguiar da Madeira.

Desde o 500º aniversário da morte de Colombo (1506 - 2006), houve algumas conferências importantes que tiveram de lidar com o legado do Almirante e parece existir alguns pesquisadores realmente dedicados a resolver o problema de sua identidade. Eu tenho uma abordagem diferente para este dilema, quando comparado com outros pesquisadores tradicionais, porque estou sempre focado em Cabo Verde e António de Noli. Como resultado deste foco, gradualmente, eu notei algumas circunstâncias muito incomuns que se aplicam a ambos os navegadores e que os historiadores nunca pareceram notar ou fazer qualquer referência a tais peculiaridades. Há uma incrível quantidade de informações que devem ser analisadas e que não é justo, na minha opinião, contar com uma ou duas pessoas para resolver um quebra-cabeça tão monumental que perdurou por mais de cinco séculos. Então, neste momento espero que algumas pessoas sérias reconheçam o esforço que tem ido para este livro e tentemos encontrar uma maneira de coordenar esforços e encontrar uma solução legítima para os problemas existentes. Temos de encontrar uma maneira de chegar a um acordo sobre questões fundamentais o que não é uma tarefa fácil, como todos sabemos, mas a última pergunta deveria ser: “**Por que o currículo de António de Noli parece ser quase idêntico ao de Colombo**? ” Também é de extraordinário interesse notar que os dois homens tinham um apetite por ouro, é notório que os dois homens estavam bem conscientes das operações de mineração de ouro na Guiné e ambos sabiam como trocar produtos sem valor por ouro. Então, estamos dispostos a dizer que António de Noli soube

acumular ouro e que Colombo não o fez? Em outras palavras, era António de Noli muito mais inteligente do que Colombo? Acredito que estes são o tipo de perguntas que nos devemos fazer se queremos realmente resolver o problema de identidade de Colombo.

Outra questão fundamental: com base nas novas pesquisas descritas ao longo deste livro, deve-se determinar os movimentos de António de Noli após 1477. Com base na minha investigação, **eu sinto que é seguro dizer que ele não morreu em 1496 ou 1497** como muitas pessoas se têm inclinado a acreditar. Na verdade, as pessoas muitas vezes fazem a pergunta: se não há nenhuma menção de António de Noli por duas décadas, "quem ocupou o cargo de governador de Cabo Verde? " Agora que temos uma visão mais clara das possibilidades que envolvem Diogo Afonso e Rodrigo Afonso, parece que Rodrigo Afonso poderia ter preenchido esse papel. Uma coisa é praticamente certa; era necessário um governador em 1497 por causa da viagem de Vasco da Gama. Também é certo que António de Noli já não estava lá. **Rodrigo Afonso ainda lá permanecia em 1497, e muito provavelmente ele mantinha o seu título para o setor norte, como capitão na Ilha de Santiago**, mas também é interessante notar que, **em Outubro 1497, ele torna-se o capitão da Boa Vista**. Isto acontece apenas alguns meses depois de D. Branca de Aguiar herdar a propriedade de seu pai, em Ribeira Grande. Parece que este foi um período de transição na Ilha de Santiago.

Acredito que alguns pensamentos finais sobre este livro devem ser aqui feitos, os quais não foram discutidos anteriormente. O único navegador a partir de Génova, que foi capaz de transitar entre Castela e Portugal (e a encontrar-se com reis e rainhas) com facilidade, além de Colombo era nem mais nem menos que António de Noli e esta observação não

passou despercebida aos historiadores.[284][285] Esta última referência é uma evidência raramente mencionada quando se discute a personalidade e a influência de António de Noli. Por tal esperemos que sirva para lançar alguma luz sobre o misterioso navegador.

Acredita-se que o Duque de Medina Sidónia tem relação com a esposa de Pedro Correia da Cunha (lembra-se dele?) a qual esteve secretamente alinhada com a causa Portuguesa durante a Guerra da Sucessão de Castela. Então, se isto for verdade, ajuda a explicar por que ele fez tudo o que podia para assumir a custódia de António de Noli depois de ele ser capturado pelos espanhóis. Parece que tinha um interesse especial em proteger António (veja o anexo 40 os pontos 3, 5 e 6). **Agora as relações entre Pedro Correia da Cunha, Colombo e António de Noli assumem um maior significado e podem revelar-se cruciais para a identificação Colombo**.

---

[284] ATTI del II Congresso Internazionale Colombiano "Cristoforo Colombo del Monferrato alla Liguria e alla Penisola Iberica" Torino 16 & 17 giugno 2006. P.46 Web. 4 Jul 2014.

[285] Blake. 1942 Op. Cit. Pp.224-226 Segundo o autor, "**No reinado de D. Afonso de Portugal, chegou a Sevilha com outros comerciantes genoveses, Antonio de Nolli (Noli), e de lá foi para a Lisboa, e, através de longas negociações com Don Alfonso e com seu tio Don Enrique (Infante D. Henrique), ele participou nas expedições dos portugueses para a Guiné,** e em suas transações com os nativos do país. Em uma das viagens, eles chegaram a uma ilha fértil e bem regada, que não foi povoada; e, persuadido pelos genoveses, um homem de grande influência entre eles, resolveram a habitá-lo. Ele conseguiu isso tão bem que, em um curto espaço de tempo, a população atingiu grande prosperidade**; ele próprio construiu uma bela casa na ilha**, e chegou a ser rico por meio tanto dos produtos da agricultura, da qual navegadores que fizeram o seu caminho para a Guiné estavam acostumados a encontrar refresco útil, e dos bens de outros comerciantes trocados por disposições. **Por isso, era que todos deram o nome de ilha António**"**.**

Rodrigo Afonso foi descrito como sendo o capitão da Boa Vista entre 1497-1505, logo, provavelmente morreu em 1505. Além disso, acredito que devemos notar que após a queda de Constantinopla para os turcos, em 1453, houve um esforço determinado para converter mais pessoas ao cristianismo e este esforço tem tido um efeito dramático sobre o mundo, desde o período das descobertas. Tais condições pavimentaram o caminho para homens como o Infante D. Henrique, Os Monarcas Católicos e Colombo. Acredito que agora é a hora de revisitar o passado.

ALGUMAS DEFINIÇÕES USADAS NESTE LIVRO

António de Noli é a grafia preferida do nome do navegador, no entanto, outras grafias são usadas quando se faz referência a um autor específico que tenha digitado o nome de forma diferente. Vários autores têm utilizado a grafia "Antonio da Noli" no título de seus livros e, nesse caso, acho que é necessário cumprir com a grafia do autor ao fazer referência aos seus livros ou artigos.

Cabo Verde ou as Ilhas de Cabo Verde refere-se ao arquipélago de ilhas no Oceano Atlântico a cerca de 500 milhas ao largo da costa ocidental de África. No entanto, deve-se notar que há uma península com o nome de Cabo Verde, na costa da África, em frente ao arquipélago de Cabo Verde.

Capitão é um termo que significa o mesmo que governador para uma divisão administrativa territorial específica ou capitania. As duas palavras têm sido usadas como sinónimos por muitos historiadores. No entanto, também é utilizado para significar a mais alta classificação de um agente de navio.

Governador é um termo que tem sido usado com o mesmo significado que capitão, quando se refere ao comandante de uma divisão de administração específica ou capitania, geralmente nomeado pelo rei.

Capitania: uma divisão administrativa atribuída geralmente pelo rei. No século XV, os Portugueses davam esse título ao comandante de uma ilha ou uma subdivisão da ilha.

Guiné: Este termo geralmente significava toda a costa da África Ocidental, começando logo abaixo das Ilhas Canárias e para o sul para o Cabo da Boa Esperança. Alguns escritores do século XV e início do XVI utilizaram este termo para incluir o arquipélago de Cabo Verde.

Mosteiro de St ª Maria de las Cuevas também é conhecido como Mosteiro La Cartuja. Este é o mosteiro, onde Colombo viveu quando esteva em Sevilha. Está localizado na Isla de la Cartuja, em Sevilha.

BIBLIOGRAFIA

Airaldi, Gabriella. Iberia: “Quatrocentos/Quinhentos. CEPESE/Civilzasão.” Editora 2009.

Agosto, Aldo. “La Nobili Ascendenz di Cristoforo Colombo.” (The Noble Ascendancy of Christopher Columbus). Web 4 Mar 2014.

Armesto, Felipe Fernandez. “Cristóvão Colombo” Editorial Presença, Lisboa 1992.

Asensio, Jose Maria. “Cristóbal Colón: Su vida, sus viajes, sus descubrimientos.” 1891.

Astengo, Balla, et. Al. “Da Noli a Capo Verde.” Sabatelli, Savona 2013.

Americo, C. Araujo. “Little Known.” DAC Publishers, Taunton, MA. 2000.

Balla. “Antonio’s Island.” Braiswick 2003.

Balla. “The ‘Other’ Americans.” Maverick Publications, Bend Oregon 1990.

Barcelos, C. J. Sena. “Subsidios para a História de Cabo Verde and Guiné.” Lisbon 1890.

Birmingham, David. “Trade and Empire in the Atlantic -1400 – 1600.” 2002.

Blake, John W.“ EUROPEANS IN WEST AFRICA 1450-1560.” Vol. 1 SECOND SERIES No. LXXXVI. London 1942.

Blake, John W. “European Beginnings in West Africa.” London. Longman, Green and Co.1937.

Branco, Francisco de Freitas. “Christavão Colombo em Portugal, na Madeira, no Porto Santo.” Ibero-Amerikanisches Archiv N. F. Jg 12 H. 1 1986.

Cappellini, Antonio. “Dizionario biografico di genovesi illustri e notabili,” Genova. 1932.

Castro, Francisco Luis Cardona. “Cristóbal Colón.” Grandes Biografias EDIMAT LIBROS, S. A., Madrid. 2002.

Cortesão, Jaime. “A Politica de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do D. Henrique e do João II.” Lisbon. 1960.

Colon, Fernando. “Historia del Almirante.” Chapters III & IV.

Daneri, Angelo. “Emanuele Pessagno Dalla Val Graveglia a Lisbona.” Gammaro Editori – Sestri Levanti 2008 Libreria Fieschi- Lavagna, Italy.

Della Cella, A. “Famiglie di Genova, Antiche, e moderne, estinte, e viventi, nobili, e populari.” Microfilm, pp.1126 & 1127. Biblioteca Civica Bera, Genova.

Diário da Madeira. 18 Maio de 2008, “Funchal 500 Anos.”

Ferdinand Columbus – Wikipedia 18 May 2014.

Fernandes, Catanho. “Madeira e Porto Santo.” Casa Editrice Bonechi, Florence. 2013.

Fuson, Robert H. “The Log of Christopher Columbus.” First paperback printing. Camden. 1992.

Garcia, José Manuel. “D. João II vs. Colombo.” Quidnovi QN Edição e Conteudos. S.A. 2012.

Gomes Pedrosa, “Christovão Colombo em Portugal (1469-1485).”

Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdez. “Historia General y Natural de Indias.” Madrid 1535.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia, Limitada 40 Volumes. Lisboa – Rio de Janeiro 1945? (A impressão desta obra findou com o mês de janeiro de 1960 e foi realizada em Portugal).

Irving, Washington. “The Life and Voyages of Christopher Columbus.” Vol. II. Project Gutenberg.

Katz, Rebeca. “Cristovão Colombo na Madeira” Archivo Histórico – Madeira. 30 Mar. 2009. Web. 13 Jun. 2013.

Lei Mental-Wikipedia, a enciclopédia livre- Web.26 Feb 2014.

Lopez, J. “El Tiempo Africano de Cristoforo Colombo.”1990.

Marques, João Martins da Silva. “Descobrimentos Portugueses.” Lisboa. 1944.

Meinig, D. W. “The Shaping of America: Atlantic America, 1492 – 1800.” 1986.

Morison, Samuel E. “Old Bruin-Commodore Perry.” 1967.

Moya, Salvador de. “Nobilario de Henrique Henriques de Noronha” published under the title “Bibliioteca Genealogia Latina.” 1947.

Murias, Manuel. “Cabo Verde.” Memoria Breve, Agencia Geral das Colonias, 1939.

National Geographic.com/2013/08/sugar/cohen-text Web. 21 May 2014.

Newitt, Malyn. “The History of Portuguese Expansion 1400 - 1668.” 2004.

Pereira, Daniel. “Das Relações Historicas Cabo Verde/Brasil.” Fundação Alexandre de Gusmão. Brasilia 2011. P.24. Web 16 Jun 2014.

Pereira, Duarte Pacheco. “Esmeraldo de Situ Orbis.” Lisboa. 1892.

Pestanha, Junior. “Cristovão Colombo ou Symam Palha.” Imprensa Lucas & Cª. Lisboa 1928.

Reis, A. Do Carmo. “Navigadores Porugueses-Bartolomeu Dias.” Edições ASA 3º Edição 1988.

Ribeiro, Patricinio.” The Portuguese Nationality of Christopher Columbus.” Livraria Renascenza. Lisboa. 1927.

Rosa, Manuel. “Colón. La historia nunca contada.” Ésquilo, Badajoz. 2010.

Rosa, Manuel. “O Mistério Colombo Revelado.” Ésquilo, Lisboa. 2006.

Schinas, Jill Dickens, “Cape Verde Islands – History and Culture.” Web. 20 May 2014.

Silva, Fernando Agusto da, Carlos Azevedo de Meneses. “Elucidários Madeirenses.” 1921 - 4 volumes. Last updated 1940 Secretatria Regional da Educação e Cultura. Funchal.

Tagliattini, Maurizio. “The Discovery of North America.” 1998 (English version).

Taviani, Paolo Emilio. “The Great Adventure.” New York 1991.

“The Biography of Fernando Colon.” Keith A. Pickering. Web. 20 May 2014. Alfonso de Ulloa translated the text into Italian.

“**The Sacred Heart Review**.” (Boston College) Vol. 7. Number 16 19 Mar 1892 Web 16 Jun 2014.

Urresti.”Colon-El Almirante sin rostro.” EDAF Madrid, 2006.

Villas, Ribeiro, “História Colonial” Vol. I Grandes Atelieres Gráficos Minerva DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO, VILA NOVA de FAMALICÃO. 1937. Biblioteca Municipal de Loulé. No. 65281.

Varela, Consuelo, “Letter to the Sovereigns of 4 March 1493.” UC Press E-Books Collection 1982-2004. Reading Columbus, University of California Press, CDL California Digital Library, “Complete text and documents of Columbus” Web. 9 Jun. 2014.

Verissimo, Nelson. Revista Islenha. No. 3 Jul-Dez 1988.

Verlinden, Charles. “Antonio de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde.” 1963. Composto e Impresso na «Imprensa de Coimbra. Lda» COIMBRA.

Viquipèdia: Bartomeu Colom
http://ca.wikipedia.org/wiki/Bartomeu_Colom

Watts, Franklin "As Grandes Viagens-Cristobal Colombo." 1991 EDINTER Porto and translated by Ana Paula Silva (into Portuguese).

Watts, Franklin "As Grandes Viagens-Vasco da Gama"1992. EDINTER.

ANEXOS

1. Livros com informações importantes sobre António de Noli
2. Carta de Julgamento em favor de António de Noli em Sevilha - 31 Julho 1477 - Original
3. Carta de Julgamento - Transcrição
4. António de Noli - Selo
5. História dos Estados Unidos, Vol. I, pintura de Colombo, com uma barba
6. D. João II edital - poderes reais concedidos a Pedro Lourenço, 30 de Setembro de 1481
7. Carta de 8 de Abril de 1497 em comparação com facsímile "Dos Descobrimentos Portugueses" - Original
8. Carta de 9 de Abril de 1473 - Rodrigo Afonso nomeado como capitão de metade da Ilha de Santiago
9. Estátua de Colombo na Madeira
10. O Mapa das viagens de Vasco da Gama (As Grandes Viagens - Vasco. da Gama) p.30
11. O Mapa das viagens de Colombo antes de 1492 (Voyages of Columbus) p.12
12. Genealogia Aguiar – Noronha
13. Genealogia Aguiar – Moya – Biblioteca Genealogia Latina
14. Carta do Presidente da Câmara da cidade de Noli, Itália
15. Poster comemorativo dos 550 anos da descoberta de Cabo Verde, na cidade Serra Riccó (GE), Itália.

16. Programa da Conferência dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde – Noli, Itália - Set 2010 (frente)
17. Programa da Conferência dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde – Noli, Itália - Set 2010 (verso)
18. Foto da Cerimónia de Comemoração dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde - Junho 2010 - Genova (Serra Riccó)
19. "Congressional Record" reconhecendo a história de Cabo Verde 1991
20. Basílica dei Fieschi – San Salvatore di Cogorno-Lavagna
21. Mapa "Juan de La Cosa" (Ilha de António)
22. Mapa Brava (João da Noli)
23. Nobres mais importantes da Madeira 1471-1472
24. Foto do chão da igreja São Sebastião - Camara de Lobos - Madeira 1430
25. Foto da igreja São Sebastião - Camara de Lobos - Madeira
26. Árvore genealógica de D. Paio Peres Correia
27. Artigo do jornal CVN sobre a palestra e exposição de arte, em 9 de Dezembro de 2009, para comemorar os 550 anos da Descoberta de Cabo Verde
28. Carta do Rei Don Fernando a nomear António de Noli como o governador de Cabo Verde em 06 de Junho de 1477
29. Arquivo ducal de Medina Sidonia. Carta 6 de fevereiro de 1490 - Aquisição de mosteiro por 360 mil "maravedies"

30. Documento 11 Abril 1509 Capela de Santa Ana
31. O busto de Colombo em Detroit mostrando o ano do nascimento como 1435.
32. Columbus 'Part-Time Residence - (Residência Ocasional de Colon)
33. Lei Mental
34. Os túmulos dos Ribeiras
35. Cristovão Colombo e a escravatura
36. Coincidências?!
37. Esclarecimento da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?)
38. Tile e Thule
39. Os Aguiares e o açúcar na Madeira
40. Últimas Notas
41. Carta de “Valladolid Mayo 27, 1476”
42. Os Arqueologos na cidade de Ribeira Grande
43. Naulo-Nauli=Noli

ANEXO 1

Livros com informações importantes sobre António de Noli

Astengo, Balla, et al. "Da Noli a Capo Verde" Marco Sabatelli, Savona 2013.

Barcelos, C. J.Sena. "Subsidios para a História de Cabo Verde e Guiné" Lisboa 1890.

Blake, John W. "EUROPEANS IN WEST AFRICA 1450-1560". Vol.1 SECOND SERIES No. LXXXVI London 1942.

Cortesão, Jaime. "A Politica de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do D. Henrique e do João II" Lisbon. 1960.

Delcalzo, Giovanni. "Antonio da Noli" 1943.

Murias, Manuel. "CABO VERDE – Memoria Breve" Agencia Geral das Colonias 1939.

Rosario, Morais do. "Genoves na Historia de Portugal" Lisboa 1977.

Verlinden, Charles. "António de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde", 1963. Composto e Impresso na «Imprensa de Coimbra. L.da» COIMBRA.

Villas, Ribeiro, "História Colonial" Vol. I Grandes Atelieres Gráficos Minerva DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO, VILA NOVA de FAMALICÃO. 1937. Biblioteca Municipal de Loulé. No. 65281.

ANEXO 2 (1/2)

Carta de Julgamento em favor de António de Noli em Sevilha - 31 Julho 1477 - Original

ANEXO 2 (2/2)

Carta de Julgamento em favor de António de Noli em Sevilha - 31 Julho 1477 - Original

ANEXO 3 (1/2)

Carta de Julgamento – Transcrição

1477, julio, 31. Sevilla.

Isabel la Católica manda al Almirante Mayor y a las justicias de la ciudad de Sevilla que ejecuten la sentencia dada por Diego de Mesa, alcalde lugarteniente del Almirante, en favor de Antonio de Noli y Fernando González por ciertas mercaderías que les fueron tomadas en la isla de Antoni.

B. Archivo General de Simancas, Registro General del Sello, legajo 147707, 328.

DonnaYsabel etc., al mi Almirante Mayor de la mar y a nuestros alcaldes e logarestenientes, e a los alcaldes e otras justiçias qualesquier de la muy noble e muy leal çibdad de Seuilla e de todas las otras çibdades y villas e logares de los mis regnos e señoríos, e de cada vno de vos a quien esta mi carta fuere mostrada o el traslado della signado de escriuano público. Salud y graçia.

Sepades que Antonio de Noli, capitán de la ysla de Antoni, por sy y en nonbre de Fernand Gonçález, por él y en nombre, armador e su conpannero, vezino de la dicha çibdad de Seuilla, me fizo relación por su petición diziendo quel dicho Fernand Gonçález, por él y en nombre del dicho Antonio, trató cierto pleito con Juan Fernández de la Cueva e Ponte, y otros çiertos vezinos de la dicha çibdad de Seuilla, ante Diego de Mesa, logarteniente del dicho mi Almirante, sobre razón de çiertas mercadurías e oro e plata e açucares e esclauos e otras mercadurías que les tomaron en la dicha ysla de Antoni, el qual dicho pleito diz quel dicho Diego de Mesa, alcalde, dio sentençia en su fauor contra el dicho Juan Fernández de la Cueva, en que les condenó a que les diese e pagase çierta quantía de marauedíes, la qual dicha sentençia diz que pasó e es pasada en cosa juzgada[1]. E asy mismo diz que, commo quier quel pleito del dicho Ponçe e de los otros está concluso, para dar en él sentençia mucho tienpo a que fasta aquí con fauorese dilaçiones de maliçia no ha querido ni quiere dar en ello sentençia, en lo qual él diz que sy asy dize a pasar quellos recibirían grand agrauio e danno. E me suplicaron e pidieron por merçed çerca dello con remedio de justiçia les proueyese mandándoles dar mi carta para que la dicha sentençia que en su fauor contra el dicho Juan Ferrández de la Cueva fue dada, en todo fuese executada e para que, //1v. en el dicho proçeso que con el dicho Ponçe e las otras personas tratan, se diese sentencia que se fallase por derecho syn dar logar a dilaçiones o commo la mi merçed fuese. E yo tóuelo por bien.

ANEXO 3 (2/2)

Carta de Julgamento – Transcrição

Porque vos mando a todos y cada vno de vos en vuestros logares e juridiçiones que veades la dicha sentençia que asy diz que en fauor de los dichos Antonio e Ferrand Gonçález fue dada sobre razón de los suso dicho, e sy es tal que pasó e es pasada en cosa juzgada, la executades e cunplades, e fagades cunplir e executar, e traer a deuida esecuçión con efecto en todo e por todo, segund que en ellos se quenta, quanto e commo con fuero e con derecho devades, e que con el tenor e forma della no vayades ni pasades ni consyntades yr ni pasar.

E otrosy, vos mando que sy el dicho pleito, que con el dicho Ponçe e con los otros vecinos de la dicha çibdad de Seuilla tratan, está concluso, sy non que luego lo fagades concluyr, e llamadas e oydas las partes a quien acauan syn dar logar a luenga alguna nin dilaçión de maliçia, dadas en ello sentençia o sentençias las fallaredes por derecho la interlocutoria a seys días e la definitiba a veynte días, segund que la ley real en tal caso quiere, por manera que los dichos Antonio e Ferrand Gonçález ayan e alcançen conplimiento de justiçia e non ayen cabsa nin raçón alguna de se venir nin enbiar a quexar sobre ello ante mí.

E los vnos nin los otros non fagades nin fagan ende al por alguna manera so pena de la mi merçed e de diez mil marauedíes para la mi cámara. E demás mando al omme que vos esta mi carta mostrare que enplaze que parescades ante mí en la mi corte, doquier que yo sea, del día que vos enplazare fasta quinçe días primeros syguientes, so la dicha pena, so la qual mando a cualquier escriuano público que para esto fuere llamado que dé ende al que vos la mostrare testimonio sygnado con su sygno porque yo sepa commo se //2v. cunple mi mando.

Dada en la muy noble çibdad de Seuilla, a treinta e vn días del mes de jullio anno del nasçimiento de nuestro señor Ihesuchristo de mill e quatrozientos e setenta e syete annos.

Episcopus Segouia, Rodericus dotor, Martínez dotor. Yo, Ruyz del Castillo, secretario de la reyna nuestra sennora, la fiz escriuir por su mandado con acuerdo de los del su Consejo, etc.

Registrada, Diego Sánchez (rúbrica).

ANEXO 4

António de Noli - Selo

ANEXO 5

História dos Estados Unidos, Vol. I, pintura de Colombo, com uma barba

A página titulada "História dos Estados Unidos", Vol. I, mostrando Colombo segurando uma espada e uma bandeira, com soldados, um padre e uma mulher indiana ajoelhando-se diante dele.

ANEXO 6

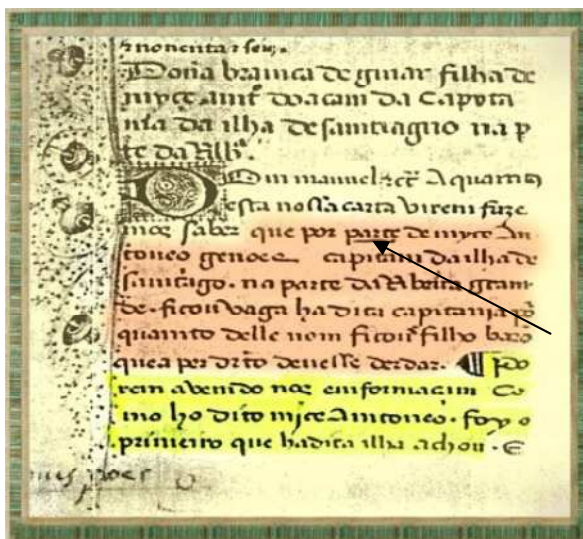
D. João II edital - poderes reais concedidos a Pedro Lourenço 30 de Setembro 1481

160 —— 1481 SETEMBRO 30

Poder concedido a Pedro Lourenço, escudeiro da casa del-Rei, para tomar inteiro conhecimento dos delitos praticados por alguns moradores da ilha de Santiago de Cabo Verde, os quais haviam resgatado mercadorias e coisas defesas, e para julgar sumàriamente os delinquentes e fazer executar as sentenças nas suas pessoas e bens (Carta de).
Publ. em **96**, *p. 39*.
(Chanc. de D. Afonso V, l.º 26, fl. 140 v.º, 4.º dipl.).

Dom Johã etc // a quamtos esta nosa carta virem fazemos ssaber que nos ssomos enformados que allgũus moradores da jlha do cabo verde e outras persoas em ella estantes Emvjarom rresgatar nos nossos rressgates meercadorias e coussas defesas per o Senhor rrey meu padre que deus aJa // pellas quaees encoreram em certas pẽas contheudas nas lex e hordenaçooes que o dito Senhor // ssobre ello fez e por que conpre mujto a nosso serujco as dictas hordenaçõoes e lex sserem muy jnteiramente conpridas e guardadas e os que ateo quy trespassaram e nas dictas pẽas encoreram sserem poujdos e eixecutados pera que outros nõ tomem atreujmento nem ousadia de as majs averem de passar hordenamos ora demviar ha dita Jlha / pedro lourenço escudeiro de nossa cassa // mostrador da pressente pera que aja de tirar Jnquiriçooes e aver verdadera Enformacã de todos os que as dictas hordenacooes trespasaram e nas dictas pẽas encoreram e os aver denxecutar e per elles aveer e rrecadar as dictas pẽas E porem nos por esta nossa carta damos e outorgamos nosa autoridade // e comprido poder e especiall mandado / ao dito pedro Lourenco que elle possa tirar as dictas jnquiriçooes // e fazer e mandar fazer quaees quer outras cousas que a ello pertençerem e que pello que per ellas achar proçeda contra quaees quer que cullpados forem hjndo hordeiramente per os fectos e processos de cada hũu em diante Segundo hordem Judiçiall e o mais ssomarjamente que sser possa // e asy Jullgando e detrimjnando finallmente os ditos fectos como per djreito achar Sem mais apellaçã nem agrauo Saluo que todo nelle faça fim . E que eixecute e mande nos dictos cullpados E em suas fazendas e beens eixecutar as dictas suas detrimjnaçõoes e Sentencas e compra e faça nelles conprir en todo e per todo as dictas lex hordenaçooes // e mandamos aos capitaes e oujdores Juizes e ofiçiaes e tabaliaaes da dicta jlha e a quaees quer outras persoas em ella estantes e moradores que en todo o que nas dictas hordenaçõoes e partes e comprimento dellas pertençer obedeçam ao dito pedro lourenço e compram e façam todo o que lhes elle por nosso *(sic)* e de nossa parte por ello rrequerer e mandar asy e tam compridamente e com tanta obediençia como sse lho nos em persoa mandassemos e nõ comprindo elles nem cada hũu delles o que nõ cremos nem esperamos per esta damos ao dito pedro Lourenço nosso Jnteiro conprido poder // que elle os possa apenar e apene em penas de cadea e degredo e perdimento de capitanjas ofiçios e beens e fazendas e em quaees quer outRas pẽas e enprazamentos que a elle bem pareçer e que por nosso seruiço e boa eixecuçõ e conprimento de todo o que dicto he ssentir e que as eixecute e mande loguo nelles eixecutar e conprir E mandamos a todollos ssobre dictos capitaes e offiçiaes e persoas que per seu mandado do dito pedro Lourenco prendam e ajudam a prender e degradar quaees quer pessoas de quall quer estado e condiçam que ssejam que lhe obedientes nõ forem e assy lhes tomem e mandem tomar suas fazendas e cunpram e ajudem a conprir e eixecutar nelles quaees quer outras pẽas que elle allgũus dos ssobre ditos posser Sendo çertos que quaees quer que assy nõ fezerem antello forem negrijentes nos os mandaremos muy asperamente e ssem rremjsã allgũũa castiguar nos corpos e fazendas como aquelles que nom obedeçem a sseu rrey e Senhor nem a sseus mandados dada em monte moor o novo xxx dias de ssetembro christouã de bairros a ffez ANNo de lxxxj nõ aja duujda na parte rrespançada honde diz e rrecadar as dictas pẽas .

ANEXO 7 (1/2)

Carta de 8 de Abril de 1497 em comparação com facsímile *"Dos Descobrimentos Portugueses"* – Original

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Esta é uma seção do documento original da carta de 08 de abril de 1497 e mostra que a frase "por parte" com a palavra "**parte**" sublinhada. No facsímile na próxima página na nota 1, a correção foi feita ao documento original e as palavras "***por parte***" foram substituídas por "***por morte***". Esta alteração de um documento original só pode ser autorizada pela autoridade máxima, para os pesquisadores que leram muitos documentos originais em Portugal, uma correção de um documento oficial exigiria que todo o documento fosse reescrito com perfeição**. A impressão é que o governo está tentando esconder um segredo muito importante.**

ANEXO 7 (2/2)

Carta de 8 de Abril de 1497 em comparação com facsímile *"Dos Descobrimentos Portugueses"* Original

313 —— 1497 ABRIL 8

Doação régia da capitania da ilha de Santiago de Cabo Verde, na parte da Ribeira Grande, com a jurisdição, rendas e direitos como têm os capitães da ilha da Madeira (Carta de).

Donatários: D. Branca de Aguiar, filha de Micé António (de Nola), « para ser capitão quem com ela casasse », que el-Rei há por bem seja Jorge Correia, fidalgo da casa real, e depois seu filho e netos, maiores, legítimos, para sempre.

Publ. em **96**, *I, p. 51, segundo o texto de* 2).

(*1)* Chanc. de D. Manuel, 1.º 30, fl. 62, 1.º dipl..

2) Em leitura nova: Ilhas, fl. 69, 2.ª col.).

Dom manuell etc A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que por morte *(1)* de miçe amtonyo genoees capitam da ylha de ssamtiaguo na parte da ribeira gramde ficou . vaga . ha dita capitanya por quamto delle nam ficou filho baram que a per direito deuese derdar porem avendo nos comsiraçam como o dito meçe amtonio foy o primeiro que ha dita ylha achou e começou de pouoar nos prouue de fazer merçee da dita capitanya a dona bramqua daguyar 5 sua filha pera ser capitam quem com ella casase o quall casamento ella ha de fazer com aquela pessoa que lhe nos pera yso escolhermos e a dita capitanya lhe demos pera filho e neto baroees lidimos e lhe demos a dita capitanya com haquella Jurdiçam remdas e direitos asy e pella maneira que tem has capitanyas os nosos capitãees da nosa ylha da madeira e auemdo nos aguora Respeito aos seruiços que de jorge corea fidalguo de nosa casa temos Recebidos e ao 10 diamte esperamos Reçeber e asy por symtirmos que ha dita dona bramqua daguyar sera delle muy bem casada nos praz que tamto que ho dicto Jorge corea com ella casar per palauras de presemte e o matrimonyo amtre elles de todo for fecto e acabado daquella ora por diamte o auermos por capitam como de fecto auemos e lhe damos E fazemos merçee da dita capitanya pera elle e filho e neto lidimos per linha direita como dito he com aquellas Remdas e Jurdi- 15 çoees como tem os capitaees da dita nosa ylha da madeira como ha Cima he decrarado e aconteçemdo se que o dicto Jorge corea falleça da ujda deste mundo sem delle e da dita dona bramqua dagyar ficar filho baram da dita capitanya ficar asy mesmo a dita dona bramqua daguyar pera quem coella casar com noso comsymtimento auer de ser capitam na dita na dita *(sic)* ylha na maneira sobre dita outrosy acomtecemdo se da dita dona bramqua fallcer *(sic)* da ujda deste mundo primeiro que ho dito Jorge corea sem delles ficar filho baram que o dito jorge corea aja a dita capitanya pera sy e filho e neto baroees lidimos que delle decemderem e de todo ho que dicto he como se nesta carta comtem fazemos doaçam e merçee aos sobre dictos dona bramqua daguyar e jorge corea e por sua garda e seguramça lhe mandamos dar esta carta asynada por nos e asellada de nosso sello pemdemte dada em a nosa cidade deuora biij dias do mes dabrill lopo mexia a fez anno do nacimemto de nosso Sennhor Jhesuu christo de mill iiijᶜ lRbij annos

(1) O amanuense escrevera *por parte*, e corrigiu *por morte*.

ANEXO 8

Carta de 9 de Abril de 1473 - Rodrigo Afonso nomeado capitão de metade da ilha de Santiago

95 —— 1473 ABRIL 9

Concessão dos privilégios, franquezas e liberdades, outorgadas aos moradores da ilha de Santiago de Cabo Verde, a Rodrigo Afonso, capitão de metade da referida ilha, enquanto nela tivesse um seu feitor (Carta de).

Publ. em **96**, *I, 36.*

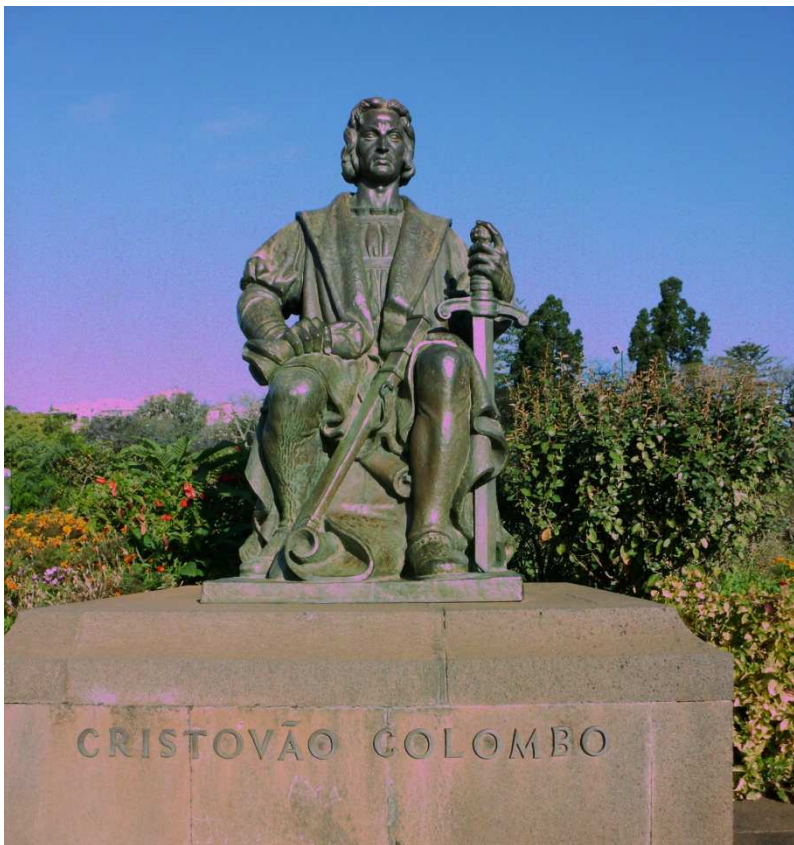
(Chanc. de D. João III, 1.º 51, fl. 132, 3.º dipl..

Inserta na carta de confirmação, ao mesmo Rodrigo Afonso, de 1496, Outubro, 27; esta, na de confirmação a Pero Correia, filho do precedente, de 1505, Janeiro, 3; e esta, na de confirmação ao mesmo, de 1522, Março, 10).

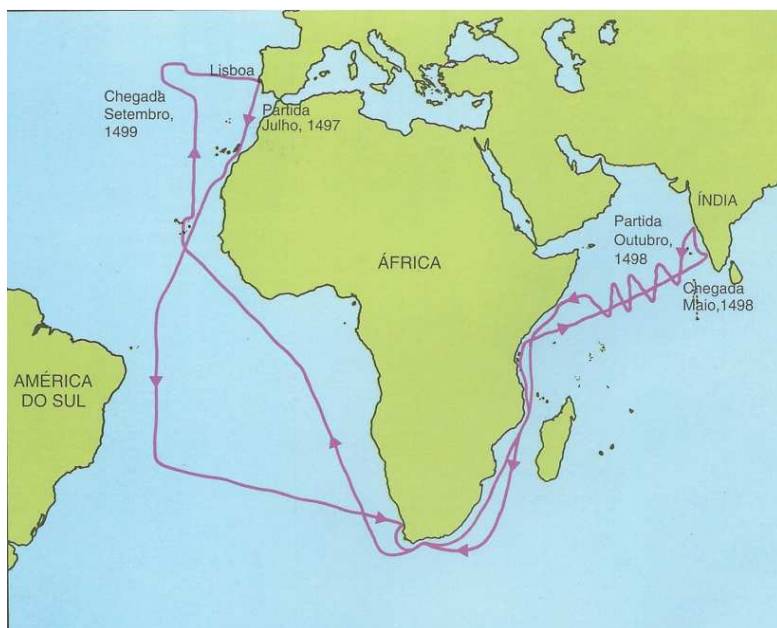
1473 Abril 9

¶ // dom afonso per graca de deus Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem maar em africa A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que a nos dise Rodrigo afonso caualeiro da casa do duque de viseu e de beya etc meu muyto amado e prezado sobrinho e seu estprivam da fazemda que ele tem do dito meu sobrinho a capetania da metade da ilha de
5 samtiaguo e que por elo posto que por pessoa nom posa estar pola ocupaçam comtinuada que tem em serujr o dito meu sobrinho ele espera de ter em a dita ilha seu feitor e casa mamteuda comtinuadamemte pidimdo nos por mercee que emquamto o asy la teuese lhe outrogasemos que ele dito Rodrigo afonso ouuese todolos priuilegios framquezas liberdades que per noso priuilegio temos otrogadas aos moradores da dita ilha e asy gouuise delas como os
10 sobreditos omens e Nos visto seu Requerimemto e queremdo lho fazer graca e mercee temos por bem e lhe outrogamos ho que nos asy Requereo e esto emquamto nosa mercee for e porem mandamos a todolos nosos coregedores Juizes e justiças ofiçiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertemçeer per quallquer guisa que seja que lhe gardem e cumpram e façam Jmteiramemte comprir e gardar os ditos priuilegios e liberdades por a guisa que os ham os ditos
15 moradores da dita Jlha e os nos ao dito Rodrigo afonso outrogamos Comprimdo lhe em todo esta nosa carta como em ela he conteudo sem lhe poerom sobre elo duujda nem contradiçam algũa porque asy he nosa mercee dada em evora a ix dabrill cristouam de bairos a fez ano de mill iiijᶜ Lxxiij.

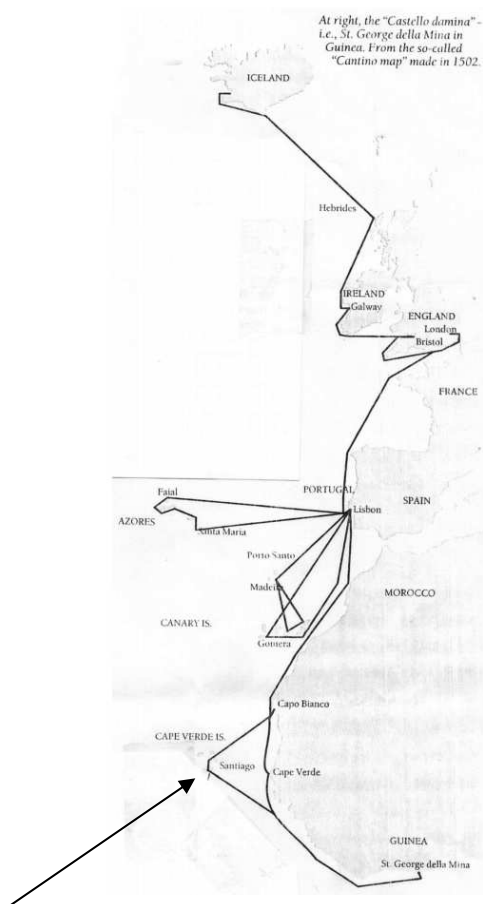
ANEXO 9

Estátua de Colombo na Madeira

Jardim de Santa Catarina no Funchal

ANEXO 10

O mapa das viagens de Vasco da Gama (As Grandes Viagens – Vasca da Gama) p. 30

No mapa podemos ver que depois da partida de Cabo Verde, Vasco da Gama aproximou-se da costa do Brasil antes de virar para a África do Sul. Esta foi uma nova rota, desconhecida, que apenas seria do conhecimento dos marinheiros portugueses (especialmente porque o Brasil nesta altura ainda não tinha sido descoberto).

ANEXO 11

O mapa das viagens de Colombo antes de 1492 (Voyages of Columbus) p. 12

Santiago, a ilha principal de Cabo Verde. É quase certo que Colombo a visitasse durante as suas viagens a Guiné (ver anexo 40, parágrafo 2 e 10).

ANEXO 12 (1/2)

Genealogia Aguiar - Noronha

Aguiares

Armas

Em campo de ouro huma aguia vermelha armada de preto estendida. Timbre: outra aguia.

§-1º

1 - Diogo Affonço de Aguiar o primrº deste appelido, que passou a viver à Ilha da Madeira, dizem alguns Nobiliarios ser filho de Joam Affonço de Aguiar primrº Thezourº da Moeda de Lisboa, e Provedor de Evora, e de Maria Esteves, que hera filha de hum Bispo da mesma cidade. Outros o fazem fº primrº de Pedro de Aguiar que foy amo da Infanta D. Joanna filha do Rey Dom Affonço 5º; porem a primeira oppinião he a commumente seguida: passou o dº Diº Affonço a esta Ilha por mandado do Rey D. Affº 5º e a pedittorio de Joam Gonçalves Zarco primrº Capitam Donatario, e seu descobridor pª cazar com huma de suas filhas, conservou-se muitos annos hum grande testemunho de sua qualidade no archivo da camara desta cidade do Funchal, em huma carta do dº Rey pª Joam Gonçalves Zarco em companhia delle, e dos mais fidalgos que lhe mandou para genros

ANEXO 12 (2/2)

Genealogia Aguiar – Noronha

2.

cuja substancia continha o seguinte

Ahi vos mando quatro fidalgos para cazares vossas quatro filhas, q. se vos os dotares a elles segundo suas qualidades eu vos haverey por mto honrado e a elles por bem dotados. &.

Delle falla Manoel Thomaz na sua Insulana lib. 6º cit. 47.

Cazou com Izabel Gonçalves da Camara, fa 3a de Joam Gonçalves Zarco, e de Constança Roiz de Sà sua mer em titº de consta o referido do proprio dote que tive em meu poder feito no anno de 1459

de quem houve

2. Diogo Afonco de Aguiar
2. Ruy Dias de Aguiar §-2.
2. Pedro Afonço de Aguiar §-4.
2. Ignez Dias da Camara, q. cazou em Evora com Lopo Vaz de Camoens fº de Antonio Vaz de Camoens, e neto de Gonçalo Vaz de Camoens e de Constança da Fonseca em tit
2. Constança Roiz da Camara, que não cazou

2. – Diogo Afonço de Aguiar fº 1º deste Diº Afonco de Aguiar, chamarão-lhe o moço em distincam de seu Pay. Cazou em Portugal com D. Izabel de Castello Branco, fa B. de D. Gonçº de Castº Brºco Escrivam da Puridade, Almotacel mor, e Vedor da fazenda do Rey D. Afonço 5º, e o primeiro Governador da caza do civel em titº

ANEXO 13 (1/2)

Genealogia Aguiar – Moya – Biblioteca Genealogia Latina

AGUIARES

ARMAS

Em campo de ouro, uma aguia vermelha/ armada de preto, estendida: timbre outra/ aguia./

§ 1.º

N.º 1 — DIOGO AFFONÇO DE AGUIAR, o pri/meiro d'este Appelido que passou a viver / a ésta Ilha: dizem alguns nobiliarios / ser filho de João Affonço de Aguiar, pri/ meiro Thesoureiro d'a Moeda de Lisbôa,/ e Provedor de Evora, e de Maria Esteves,/ filha de um Bispo d'a mesma Cidade. / Outros o fazem filho primeiro de P.º de / Aguiar, que foi Amo d'a Infanta D. Joanna filha d'El Rei D. Affonço 5.º;/ porem a primeira opinião é a commum=/mente seguida./

Veio o dicto Diogo Affonço a esta / Ilha por mandado d'El Rei D. Affonço / 5.º e a peditorio de João Gonçalves Zar=/co, primeiro Capitão Donatario d'ella,/ e seu descobridor, para casar com uma/ de suas filhas: conservou-se muitos / annos um grande testemunho de sua / qualidade, no Archivo d'a Camara d'es=ta Cidade em uma Carta do dicto Rei/ para João Gonçallves em companhia/ delle e dos mais fidalgos que lhe/ mandou para genros, cuja substan=/cia continha o seguinte:

"Ahi vos mando quatro fidal=//

(verso)

"fidalgos para casardes vossas quatro fi=/lhas, que se vós os do-
"tarei a elles se/gundo suas qualidades, eu vos haverei / por muito
"honrado, e a elles por bem / dotados, etc."

Della falla Manuel Thomaz na sua Insu=/lana, L.º 6.º, Tit: 47./

Casou com Izabel Gonçalves d'a Ca=/mara filha terceira de João Gonçalves Zar/co e de Constança Rodrigues de Sá, sua/ mulher, em titulo de Camaras, § 1.º N. 1.º/ o que consta d'o proprio dote que eu vi fei=/to n'o anno de 1439./

ANEXO 13 (2/2)

Genealogia Aguiar – Moya – Biblioteca Genealogia Latina

De quem houve/

2 — Diogo Affonço de Aguiar/
2 — Rui Dias de Aguiar, § 2.º/
2 — P.º Affonço de Aguiar, § 4.º/
2 — Ignez Dias d'a Camara, que casou/ em Evora com Lopo Vás de Camões,/ filho de Antonio Vás de Camões, e/ neto de Gonçalo Vás de Camões, e/ de Constança d'a Fonseca, em ti=/tulo de Camões em Portugal./
2 — Constança Rodrigues d'a Camara que/ não casou./

2 — Diogo Affonço de Aguiar, filho 1.º de/ Diogo Affonço de Aguiar, chamarão-lhe o/ môço em distincção de seu Pae./

Casou em Portugal com D. Izabel/ de Castello Branco, filha B. de D. Gon/çalo de Castello Branco Escrivão d'a pu=/ridade, Almotace' Mór e Vedor d'a Fa=/zenda d'El Rei D. Affonço 5.º, e o primei/ro Governador d'a Casa do Civel, Senhor de/ Villa Nova de Portimão n'o Reino do Al=//

(fol. 3)

Algarve, em titulo de Castellos Brancos, em/ Portugal, Casa de Villa Nova, o qual mor=/reu em 30 de Março de 1558, e jaz em São/ Francisco d'esta Cidade./

De quem houve/

3 — André de Aguiar d'a Camara./

3 — André de Aguiar d'a Camara, filho u/nico de Diogo Affonço de Aguiar, o môço;/ viveu n'esta Ilha, e morreu em 30 de Dezem/bro de 1551, e jaz em São Francisco d'esta / Cidade./

Casou a primeira vez com D. Anna/ de.../

De quem houve/

4 — D. Antonia de Castello Branco, mu=/lher de Jeronimo de Atous./ g./
4 — D. Antonia de Castello Branco, mu=/lher de Jeronimo de Atonguia, filho / de Manuel de Atouguia, e de D. Iza=/bel de Bettencourt, em titulo de / Costas Atouguias, § 4.º, N.º 3.º, s. g./
4 — D. Hellena, Freira em Sta. Clara do/ Funchal./

Casou segunda vez com D. Lionor Leme, fi=/lha de Antonio Leme, e de Cn.ª (Catharina) / de Barros em titulo de Lemes, § 1.º N.º 3 /

De quem houve/

ANEXO 14 (1/4)

Carta do Presidente da Câmara da cidade de Noli, Itália

COMUNE DI NOLI
- UFFICIO MANIFESTAZIONI -
Loggia della Repubblica – 17026 NOLI (SV)
Tel 019/7499531

Foreword by the Mayor of the City of Noli

In 2010 a panel of international experts commemorated the 550th anniversary of the Discovery of Cabo Verde by the Italian navigator, Antonio de Noli. An International Congress was convened on 18 Sep 2010 here, in the Ancient Maritime Republic of Noli, Italy, at which time we determined that Antonio de Noli was the official discoverer of Cabo Verde in 1460 and in 1462 he became the first Cape Verdean settler, who established and governed the first European city in the tropics. These historical events are believed to be the beginning of the period generally known as "The Discovery Age"

During this initial phase of the "Discovery Age", Antonio de Noli made major contributions to the discovery of the New World as well the discovery of a new sea route to India and the Orient, which opened up the water ways for globalization and modern day capitalism.

As a direct result of this new information, a new book has been published by the Fondazione Culturale S. Antonio in Noli that examines the role of Antonio de Noli and the modernization of the New World. This book is based on research papers presented at the congress and has international implications which strongly suggest that it should be required reading in public schools and universities that offer courses on the history of the New World and the Discovery Age.

The International Congress revealed many hidden facts about the discovery period that have been ignored by traditional historians for more than 550 years. This new information provides us with the first detailed report about the early Cape Verdeans and their role in the development of the modern world as well as the beginning of Hispanic American history.

I believe that this new information should be taught in the educational systems of the world if we are going to get a true and more accurate picture of the "Discovery Age". This book also provides us with important details about the first documented multiracial society in the New World. Thus it is extremely important in helping us to better understand the world in which we live today.

It should also be noted that this research was conducted by the Antonio de Noli Academic Society with the participation of the Republic of Cabo Verde, the City Hall of Noli and the Fondazione Culturale S. Antonio of Noli. The contents of this research are authorized by Professor Marcello Ferrada de Noli, a direct descendant of Antonio de Noli of the noble Noli family with historic roots in Noli and Genoa. Professor de Noli is also the president and founder of the Antonio de Noli Academic Society and his genealogical research of his family tree represents an important undertaking in understanding the history of his famous ancestor. **This event marks the first time in the history of the New World that a known society has been able to trace its roots directly to the discoverer and first resident who created the original society.**

Based on this information which is supported by independent research by international experts from around the world, we here in Noli, believe that this book should be considered as the official version of the discovery of Cabo Verde and that the ancestors of this archipelago, who are represented by both European and African elements, were the pioneers of the New World discoveries and opened up the world to the modern age.

This revolutionary new book also represents a valuable source of information for the study of many academic disciplines, for example, economics, topography, anthropology, astronomy, globalization, capitalism, international relations, political science, military science, philosophy, archeology, the rule of law, religion, oceanography, ethnology, biology, sociology, multiculturalism, the history of the New World and probably still more disciplines not mentioned here.

The Mayor of the City of Noli
Ambrogio Repetto

ANEXO 14 (2/4)

Carta do Presidente da Câmara da cidade de Noli, Itália – Tradução

Em 2010 um grupo de peritos internacionais comemorou 550 anos da Descoberta de Cabo Verde pelo navegador António de Noli. Realizou-se um congresso internacional foi no dia 18 de setembro de 2010, antiga Républica marítima de Noli, em Itália quando se determinou que foi António de Noli o "descobridor oficial" de Cabo Verde, em 1460, e em 1462 tornou-se o primeiro colono cabo-verdiano que se estabeleceu e governou a primeira cidade europeia nos trópicos. Acredita-se que esses eventos históricos são o início do período geralmente conhecido como a Era dos Descobrimentos.

Durante esta fase inicial da Era dos Descobrimentos, António de Noli deu um importante contributo com a descoberta do Novo Mundo tal como a descoberta duma nova via marítima para a Índia e para o Oriente, o que abriu as vias marítimas da globalização e o capitalismo moderno. Como resultado directo desta nova informação, um novo livro será publicado pela Fundação Cultural S. António, em Noli, o qual examinará o papel que António de Noli teve na modernização do Novo Mundo. Este livro está baseado nas pesquisas apresentadas no congresso e leva como implicações internacionais sugerir a sua leitura nas escolas públicas onde são oferecidos os cursos lectivos da história do Novo Mundo e da Era dos Descobrimentos.

O congresso internacional revelou muitos factos que foram ocultados sobre a Era dos Descobrimentos e que foram ignorados pelos historiadores durante mais de 550 anos. Esta nova informação fornece-nos o primeiro relatório

ANEXO 14 (3/4)

Carta do Presidente da Câmara da cidade de Noli, Itália – Tradução

pormenorizado sobre os antigos cabo-verdianos e as suas implicações no desenvolvimento do mundo moderno bem como no início da história hispano-americana.

Eu acredito que estes novos factos deviam ser transmitidos no ensino pedagógico do mundo se pretendemos mostrar o verdadeiro e mais preciso conhecimento da Era dos Descobrimentos. Este livro fornece-nos também pormenores importantíssimos sobre a primeira sociedade multirracial documentada do novo mundo. Assim, é extremamente importante para ajudar a perceber melhor o mundo actual.

Deve-se ainda notar o facto do que esta pesquisa foi uma produção de The António de Noli Academic Society com a participação da Republica de Cabo Verde, a câmara municipal da cidade da Noli e a Fondazione Culturale S. António em Noli. O conteúdo desta pesquisa está autorizado pelo professor Marcello Ferrada de Noli, um descendente directo do António de Noli, da família nobre de Noli, com raízes históricos em Noli e Génova. Professor Noli é também o presidente (honorário) e fundador de - The António de Noli Academic Society - e a investigação da árvore genealógica da sua família representam um empreendimento importante no entendimento histórico do seu famoso antecedente. Este evento fica marcado como sendo a primeira vez na história do Novo Mundo que uma sociedade conhecida, pode traçar as suas raízes directamente ao seu descobridor/fundador e primeiro colono que criou a sociedade original.

ANEXO 14 (4/4)

Carta do Presidente da Câmara da cidade de Noli, Itália – Tradução

Baseado nesta informação que está suportada pelas pesquisas independentes dos peritos internacionais de vários países do mundo, nós aqui em Noli acreditamos que este livro devia ser considerado como a versão oficial da descoberta de Cabo Verde e que os antepassados deste arquipélago que estão representados pelos elementos europeus e africanos, foram os pioneiros dos descobrimentos do Novo Mundo e abriram o mundo a uma nova era moderna.

Este livro revolucionário também representa uma boa fonte da informação para o estudo das muitas disciplinas académicas como por exemplo: economia, topografia, antropóloga, astronomia, globalização, capitalismo, relações internacionais, ciência política, ciência militar, filosofia, arqueologia, o sistema jurídico, religião, oceanografia, etnologia, biologia, sociologia, multiculturalismo, história do Novo Mundo e ainda outras não mencionadas.

O presidente da câmara municipal da cidade da Noli

Ambrogio Repetto

5 Jul 2010

ANEXO 15

Poster comemorativo dos 550 anos da descoberta de Cabo Verde, na cidade Serra Riccó (GE), Itália

Repubblica Italiana

Antonio de Noli Academic Society

Repubblica di Capo Verde

COMUNE DI SERRA RICCO'

Provincia di Genova

SABATO 19 GIUGNO 2010 – Ore 17,00

Sala Consiliare Comune di Serra Riccò (Pedemonte)

ANTONIO DE NOLI E I SUOI DISCENDENTI
A GENOVA – SERRA RICCÒ

A 550 ANNI DALLA SCOPERTA DELLE ISOLE DI CAPO VERDE

Programma:

- **Saluto del Sindaco di Serra Riccò Dott. Andrea Tomaso Torre**
- **Conferenza *"Antonio de Noli : Aspetti storici e biografici"* dal Prof. Dott. Marcello Ferrada-Noli, Presidente della "Antonio de Noli Academic Society"**
- **Intrattenimento artistico offerto dall'ambasciata di Capo Verde**
- **Il Dott. Marcel Balla, M.A. intrattiene su *"L'incidenza di Antonio De Noli nella storia mondiale"***
- **Conclusioni dell'Ambasciatore della Repubblica di Capo Verde in Italia Dott. J. Eduardo Barbosa**

Il tenore Renzo Dellepiane e il Maestro Danilo Dellepiane
intratterranno il pubblico con canto e musica
Partecipano Autorità Regionali e Rappresentanze consolari

Aperitivo

LA CITTADINANZA E' INVITATA A PARTECIPARE

Particolare invito è stato esteso ai 95 cittadini di Serra Riccò che portano il cognome "Noli"

Per ulteriori informazioni consultare: http://adenoli.wordpress.com/

ANEXO 16

Programa da Conferência dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde – Noli, Itália - Set 2010 (frente)

Programma del convegno

Sessione antimeridiana: ore 9,30 - 12,30

Presiede: Prof. **Mario Lorenzo Paggi**
Presidente della Fondazione Culturale "S. Antonio".

Saluti:
Sig. **Ambrogio Repetto**,
Sindaco della Città di Noli;
Dott. **José Eduardo Barbosa**,
Ambasciatore della Repubblica di Capo Verde;
Dott. **Angelo Berlangieri**,
Assessore al Turismo e Cultura della Regione Liguria;
Dott. **Manuel De Pina**,
Sindaco della città di Ribeira Grande;
Prof. **Marcello Ferrada Noli**,
Presidente "Antonio de Noli Academic Society".

Relazioni
Prof. **Corradino Astengo**, Università di Genova:
Dal Mediterraneo all'Atlantico: navigazioni e carte nautiche.
Prof. Dr. **Marcello Ferrada Noli**, PhD Karolinska Institutet, ex Ricercatore Harvard University:
Returning to Italy. Early descendants of Antonio de Noli's family in Cesena and Genoa 1497-1881".
Prof. **Trevor Hall**, PhD John Hopkins University, già prof. assoc. alla Northern Caribbean University e docente della University of Massachusetts-Dartmouth:
Governor Antonio de Noli and his family: discoverers, colonizers and governors of the Portuguese Cape Verde Islands (1460-1704).

Sessione pomeridiana, ore 15,30 - 18,00

Presiede: Prof. **Alberto Peluffo**,
Fondazione Culturale "S. Antonio".

Relazioni
Dr. **Lourenço Gomes**, Universidad de Cabo Verde:
Antonio de Noli, the official discoverer and first settler of Cape Verde Islands.
Dott. **Marcel Balla**, M. A., University of Boston:
The greatest story never told. Cabo Verde the genesis of the New World.
Capt. **Vasco Pires**, Scrittore, USA: *The impact of the 550-year history of Cape Verde on the USA.*
Dott. **José Eduardo Barbosa**, Ambasciatore della Repubblica di Cabo Verde:
La Repubblica di Capo Verde oggi.

Dibattito

Servizio di traduzione simultanea a cura della società BC Congressi Genova.

República de Cabo Verde

Le isole di Capo Verde formano un arcipelago di dieci isole, situate nell'Oceano Atlantico, a circa 450 chilometri dalle coste del Senegal; belle e incontaminate, mostrano lunghe distese sabbiose, vulconi e villaggi di pescatori.
Costituiscono il punto più occidentale dell'Africa e il più europeo per tradizioni. Il lato africano si mostra nei paesaggi caratterizzati da una natura selvaggia e da spiagge interminabili. Quello europeo emerge nella religione cristiana e nella forma politica democratica.
I capoverdiani sono un popolo pacifico, che non ha mai visto un conflitto armato sul proprio territorio. Anche la guerra di liberazione dal Portogallo si è svolta integralmente sul territorio dell'attuale Guinea Bissau.
Al tempo della loro scoperta, le isole erano completamente disabitate. Successivamente sono state popolate da europei provenienti dal Portogallo e da schiavi africani, che si sono fusi creando un'etnia e una cultura del tutto nuove.
Oggi la popolazione, di circa 430.000 abitanti, parla la lingua creola (Kriolu), che unisce ad una base portoghese i vocaboli provenienti da diverse lingue africane.
Nel 1975 i Capoverdiani ottennero l'indipendenza dal Portogallo, fondando la República de Cabo Verde, che il 16 settembre venne ammessa fra i membri delle Nazioni Unite.

Sponsor ufficiali

Da Noli a Capo Verde

Giornata internazionale di studi su Antonio de Noli, scopritore di Capo Verde, nel 550° anniversario.

Jornada international de estudos sobre Antonio de Noli, descobridor de Cabo Verde, por ocasião do 550° aniversario.

International study day on Antonio de Noli, the discoverer of Cape Verde, on the 550th anniversary.

18 Settembre 2010
Fondazione culturale "S. Antonio" Noli

ANEXO 17

Programa da Conferência dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde – Noli, Itália - Set 2010 (verso)

Nota storica

Nel 1460 Antonio de Noli, navigatore ligure, esplorando le coste dell'Africa occidentale per conto di Enrico il Navigatore, l'infante del Portogallo, grande finanziatore di esploratori, scoprì un gruppo di isole al largo dell'attuale Senegal.

Nel 1449 Antonio, alla guida di tre galee di sua proprietà, aveva lasciato la Repubblica di Genova, sua terra d'origine. Con lui c'erano il fratello Bartolomeo e il nipote Raffaello; anch'essi erano identificati nei documenti dell'epoca con il cognome di Nolle che rende esplicito il legame della famiglia con la città ligure di Noli, all'epoca repubblica indipendente alleata di Genova.

Ritornato in Portogallo, fu riconosciuto dal re Alfonso V come scopritore delle Isole di Capo Verde. Stabilitosi sull'isola di Santiago, nota anche come Isola di Antonio, fondò la città di Ribeira Grande, la prima città europea nell'Africa subsahariana, destinata a diventare la capitale dell'arcipelago.

Le isole, inizialmente disabitate, furono popolate da portoghesi e da schiavi provenienti dalla Guinea. La fusione di europei e africani diede vita a un popolo creolo con caratteristiche uniche, un vero ponte culturale fra i due continenti. Allo stesso modo, le isole sono diventate una base fondamentale per le successive esplorazioni: prima verso sud, poi verso ovest, sempre alla ricerca della rotta migliore per le Indie. Con la sua scoperta, Antonio de Noli ha aperto la via al mondo moderno. Questo convegno si propone di riscoprire la figura del grande navigatore e, nello stesso tempo, di stabilire un legame con la Repubblica di Capo Verde, che proprio quest'anno celebra il 35° anniversario della sua indipendenza.

Nota histórica

Em 1460, Antonio de Noli, navegador ligure, explorando a costa da África Ocidental por conta de Henrique o Navegador, o Infante de Portugal, grande financiador de exploradores, descobriu um grupo de ilhas ao largo do actual Senegal.

No ano de 1449, Antonio capitaneando três gales de sua propriedade, deixara a República de Genova, sua terra de origem. Acompanhavam-no o irmão Bartolomeu e o sobrinho Rafael: estes também foram identificados nos documentos da época com o apelido "da Nolle", o que explicita a ligação da família com a cidade ligure de Noli, na época república independente aliada de Genova.

Ao regressar a Portugal, foi reconhecido pelo rei Don Afonso V como o descobridor das ilhas de Cabo Verde. Estabeleceu-se na ilha de Santiago, também conhecida como a ilha de António, fundou a cidade da Ribeira Grande, a primeira cidade portuguesa na África Subsaariana, destinada a tornar-se a capital do arquipélago.

As ilhas, inicialmente desabitadas, foram povoadas com portugueses e escravos provenientes da Guiné. A miscigenação de portugueses e africanos deu vida a um povo crioulo com características únicas, uma verdadeira ponte cultural entre os dois continentes. As ilhas tornaram-se, igualmente, para as subseqüentes explorações: primeiramente para o Sul, seguidamente para o Oeste, sempre na procura da melhor rota para as Índias. Com a sua descoberta, Antonio de Noli abriu o caminho para o mundo moderno.

A presente Conferencia propõe-se redescobrir a figura do grande navegador e, ao mesmo tempo, estabelecer uma conexão com Cabo Verde, no ano do 35° aniversário da sua independência.

Historical note

In 1460 Antonio de Noli, a sailor from Liguria, while exploring the western coast of Africa on behalf of Henry the Sailor, the heir to the Portuguese throne and a great sponsor of explorers, found a group of islands facing today's Senegal.

Nel 1449 Antonio had left his birthland, the Republic of Genoa; he was commanding three galees of his property. He was accompanied by his brother Bartolomeo and his nephew Raffaello; they also were identified in the documents of their times by the surname da Nolle, a clear familiar link with the Ligurian city of Noli , then an independent republic allied to Genoa.

Back to Portugal, he was officially acknowledged by king Alfonso V as the discoverer of the Islands of Cape Verde. He settled in the isle of Santiago, today also known as Antonio's Island, where he founded the town of Ribeira Grande, the first European city in subsaharian Africa, which later became the capital of the islands.

The islands, then uninhabited, were to be populated by Portuguese settlers and by slaves from Guinea. The melting of Europeans and Africans gave birth to a creole population with unique features, a real cultural bridge connecting the two continents. Likewise, the islands became a fundamental starting point for further explorations: earlier southwards, then westwards, always in search of the best route to the Indies. Antonio's discovery showed the way to the modern world.

The purpose of this conference is to rediscover the great navigator, meanwhile establishing deeper contacts with the Republic of Cape Verde, which celebrates the35th anniversary of its independence this year.

ANEXO 18

Foto da Cerimónia de Comemoração dos 550 anos da Descoberta de Cabo Verde Junho 2010 - Genova (Serra Riccó).

ANEXO 19 (1/4)

“Congressional Record” – reconhecendo a história de Cabo Verde 1991

CAPE VERDEAN HISTORY -- HON. GERRY E. STUDDS (Extension of Remarks - August 15, 1991)

[Page: E2967]

HON. GERRY E. STUDDS

in the House of Representatives

FRIDAY, AUGUST 2, 1991

Mr. Studds.

Sr. Presidente, tenho o grande privilégio de representar nesta área de Greater New Bedford – a qual abriga a maior comunidade cabo-verdiana-americana nos Estados Unidos. A maioria dos americanos, lamentavelmente, sabe pouco sobre as ilhas de Cabo Verde e as contribuições do povo cabo-verdiano para a história e desenvolvimento dos Estados Unidos. Sr. Marcel Gomes Balla, um cabo-verdiano-americano de El Paso, TX, tem trabalhado incansavelmente para garantir que todos os americanos sejam cientes da rica história compartilhada pelo povo de Cabo Verde e os Estados Unidos. Elogio Sr. Balla pelos seus esforços e aproveito esta oportunidade para compartilhar com os meus colegas apenas alguns destaques da história de Cabo Verde - conforme compilação do Sr. Balla. Estou certo de que os meus colegas vão concordar que nós certamente devemos aos cabo-verdianos o reconhecimento adequado pelo seu papel no desenvolvimento destes Estados

ANEXO 19 (2/4)

“Congressional Record” – reconhecendo a história de Cabo Verde 1991

Unidos. “The Cape Verde Islands”, conhecidas em Português como Cabo Verde, são uma cadeia de ilhas situadas ao largo da costa da África Ocidental. Eu tive a sorte de visitar Cabo Verde por um breve período quando estudava Português e posso atestar pessoalmente a beleza das ilhas, a sua graciosidade e desenvoltura do povo cabo-verdiano. Os cabo-verdianos têm realizado inúmeras contribuições ao longo da história para a descoberta e desenvolvimento posterior das Américas, para o que, lamentavelmente, recebem pouco crédito nos livros de história de hoje. As ilhas de Cabo Verde eram desabitadas no momento da sua descoberta em 1460, quando os portugueses iniciaram a prática da colonização no exterior. Novos assentamentos foram estabelecidos nestas ilhas e os colonos em Cabo Verde, inicialmente vieram de Itália, Portugal e Espanha. Alguns anos mais tarde, chegaram os escravos africanos.

Assim, esta foi a base para a evolução e formação do povo de Cabo Verde.

Hoje, a maioria dos cabo-verdianos são conhecidos como mestiços ou crioulos e são um grupo racialmente misto que mantêm laços com a Europa e África, assim como Ásia e América Latina.

Durante o século XV, as Ilhas de Cabo Verde foram os últimos pontos de referência conhecidos nos mapas europeus e, por esta razão, uma porta obrigatória de escala para grandes navegadores e exploradores. Cristóvão Colombo, Ferdinand

ANEXO 19 (3/4)

“Congressional Record” – reconhecendo a história de Cabo Verde 1991

Magalhães, Vasco da Gama, e Pedro Alvarez Cabral buscaram apoio logístico em Cabo Verde antes de se aventurarem mais para diante.

Em 1832, as ilhas foram a primeira paragem de Charles Darwin na sua viagem para estudar “A Origem das Espécies” e muitos historiadores encontram razões para acreditar que Cabo Verde pode ser o que resta do lendário continente perdido da Atlântida. Frequentemente Cabo-verdianos desafiaram os perigos dos mares e, eventualmente, navegaram com seus próprios navios para a América.

Um dos mais famosos destes navios de Cabo Verde foi a Ernestina, que atravessou o Atlântico entre Cabo Verde e Massachusetts, 52 vezes sob a vigilância do Capitão Henry Mendes. Desde que milhares de cabo-verdianos viajaram a bordo da Ernestina até às costas da liberdade e prosperidade na América, no início dos anos de 1900, é tão importante como o Mayflower para a comunidade cabo-verdiana-americana. Hoje, a Ernestina está situada orgulhosamente em New Bedford Harbor. Recentemente, foi designada como marco nacional e é uma valiosa ferramenta da educação e atração turística para os alunos e visitantes do sudeste de Massachusetts.

ANEXO 19 (4/4)

“Congressional Record” – reconhecendo a história de Cabo Verde 1991

A partir de meados da década de 1900 os cabo-verdianos desempenharam papéis importantes no desenvolvimento de uma base econômica duradoura para o sudeste de Massachusetts. Eram integral no crescimento e expansão de fábricas têxteis e fábricas de calçados, indústria de uva-do monte, e projetos de desenvolvimento de estrada.

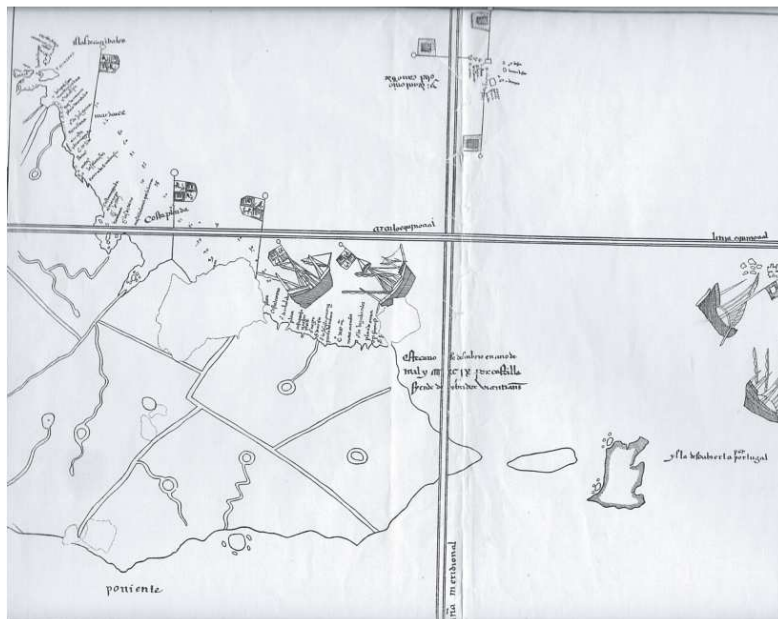
Vários escritores merecem reconhecimento pelos seus esforços para preservar o passado histórico de Cabo Verde. António Carreira, de Portugal, tem escrito vários livros sobre folclore cabo-verdiano e muitos escritores cabo-verdianos têm produzido uma riqueza de literatura, que ainda não foi traduzido de Português para Inglês.

ANEXO 20

Basilica dei Fieschi - San Salvatore di Cogorno – Lavagna

Cortesia de Marco Paganini - Itália

ANEXO 21

Mapa “Juan de La Cosa” (Ilha de António)

Y: de Antonio o del Cavo Verde

(Ilha de António o de Cabo Verde)

ANEXO 22

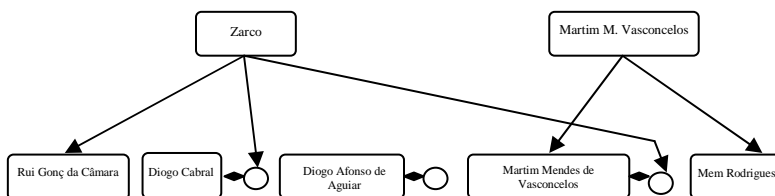
Mapa Brava (João da Noli)

Aldeia de João da Noli

ANEXO 23

Nobres mais importantes da Madeira 1471 – 1472

Os Homens que fizeram o rol de 1471 e 1472

Identificados por Ernesto Gonçalves, obra citada na nota (41). *

Este esquema foi copiado da página 54 da Revista Islenha, Nº 3 JUL-DEZ 1988.

Direcção: Nelson Verissimo e arquivado no Arquivo Regional da Madeira.

Nota: Na página 54 desta referência está escrito: “(…) em 1471 e 1472 elaboraram o rol dos «Homens Bons» e vejamos como surgem na ilha, de onde parece vir a sua «riqueza» e quais as ligações entre si”.

*(41) Na sua conferência na sessão de abertura do ***1 Coloquio Internacional de História da Madeira.*** «As ilhas atlânticas: da geografia mítica à construção das economias oceânicas», /p.14/.

ANEXO 24

Foto do chão da igreja São Sebastião - Camara de Lobos - Madeira 1430

Cortesia de António Eduardo Fernandes - Madeira

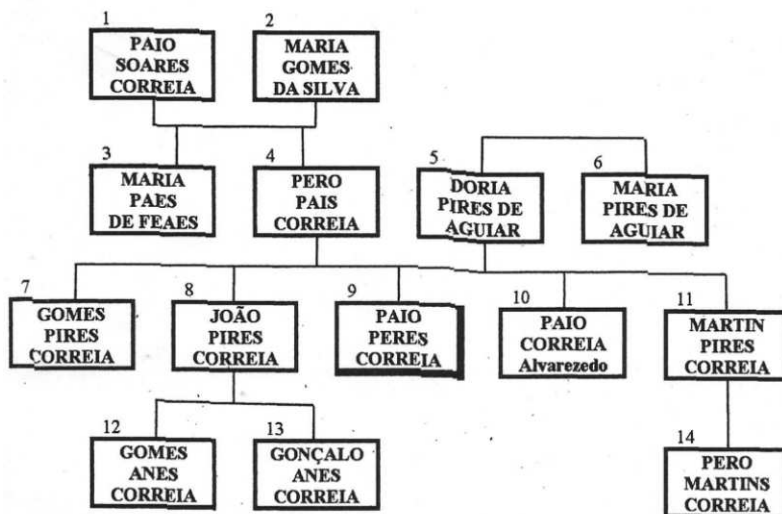
ANEXO 25

Foto da Igreja de São Sebastião – Camara de Lobos - Madeira

Isto é a igreja onde se acredita que Diogo Afonso casou com Isabel Gonçalves Zarco, em meados do século XV.

ANEXO 26

Árvore genealógica de D. Paio Peres Correia

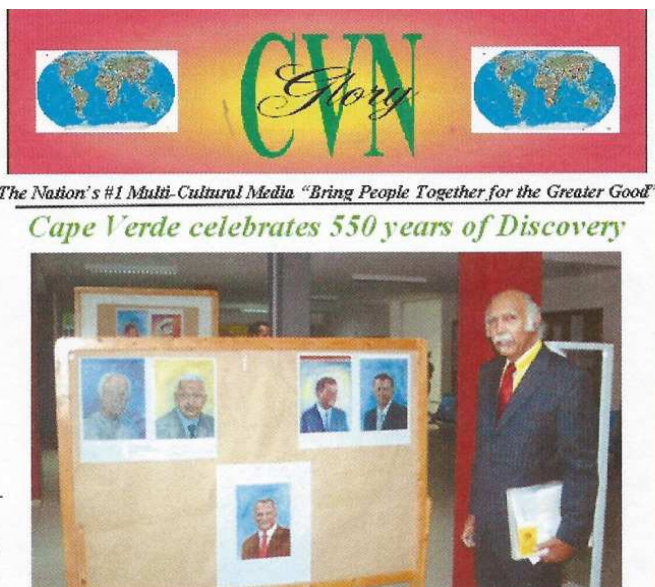
ÂRVORE GENEALÓGICA DOS FAMILIARES MAIS DIRECTOS
DE D. PAIO PERES CORREIA

1 - PAIO SOARES CORREIA (Avô paterno)
2 - MARIA GOMES DA SILVA (Avó paterna)
3 - MARIA PAES DE FEAES (Tia paterna)
4 - PERO PAIS CORREIA (Pai)
5 - DORIA PIRES DE AGUIAR (Mãe)
6 - MARIA PIRES DE AGUIAR (Tia materna)
7 - GOMES PIRES CORREIA (Irmão)
8 - JOÃO PIRES CORREIA (Irmão)
0 - PAIO CORREIA «Alvarezedo» (Irmão)
1 - MARTIN PIRES CORREIA (Irmão)
2 - GOMES ANES CORREIA (Sobrinho)
3 - GONÇALO ANES CORREIA (Sobrinho)
4 - PEDRO MARTINS CORREIA (Sobrinho)

Cortesia Arquivos Históricos de Tavira

ANEXO 27

Artigo do jornal CVN sobre a palestra e exposição de arte, em 9 de Dezembro de 2009, para comemorar os 550 anos da Descoberta de Cabo Verde

The Nation's #1 Multi-Cultural Media "Bring People Together for the Greater Good"

Cape Verde celebrates 550 years of Discovery

On December 9th, 2009, noted author, intellectual and foreign correspondent of the CVN Marcel Gomes Balla presented a highly important lecture and painting exhibit on the campus Cape Verde's University located in Palmarejo, located on the island of Santiago. The exhibit took place over a 13 day period and featured dozens of portraits of well known leaders over a period of time in the history of the discovery of Cape Verde some 550 years.

Mr. Balla began his research of the history of Cape Verde in 1997 and despite a number of set backs that included having his home vandalized, and a serious medical condition he continued his research and became even more determined to complete his study because he knew that would make Cape Verdeans around the world proud to understand the important role that Cape Verde has played in shaping world history for over 550 years.

Mr. Balla's art exhibit and lecture was organized by the students of the University studying the history of Cape Verde. (See page 3 and read a reprint of an article that appear in February 2009 edition of the CVN. (Editoral comment: "Good work Marcel, Cape Verdeans around the world owe you a major debt of gratitude, thank you.

ANEXO 28 (1/2)

Carta do Rei Don Fernando a nomear António de Noli como o governador de Cabo Verde em 06 de Junho de 1477

Don Fernando, pela graça de Deus, o rei de Castela e Leão, etc., e para o meu grande Almirante do oceano e para minha grande justiça de Castela e aos infantes, nobres, duques, condes, marqueses, homens ricos, donos de ordens e prefeitos de Castela, banqueiros, juízes, vereadores escribas cavalheiros, funcionários, homens de boa reputação e todos os cidadãos das cidades e todas as terras e propriedades dentro do meu reino, e para todas os meus grandes capitães do oceano e seus homens, e de quaisquer outros capitães, senhores e mestres, e para os militares que participam em qualquer tipo de armada ou qualquer outro meio através dos oceanos, portos e obras de meu reino e propriedades, bem como em quaisquer outros locais, aqueles que são os meus vassalos e subditos naturais, e para todos e cada um de vós, a quem esta carta é para ser mostrada ou não trouxe a atenção do público. Que se saiba que tomei para mim e em nome da rainha mais serena, minha amada esposa, e para a nossa coroa real, a ilha de Cabo Verde, e que o capitão Sr. António de Noli, um genovês; é meu dom e vontade é para ele e as pessoas próximas a ele, bem como seus conselheiros e que o citado Sr. António de Noli será conhecido pelos vassalos e terras de minha coroa real, e que aqueles de vocês que são meus súditos, não será de forma alguma trazer qualquer dano à sua pessoa ou de qualquer outra maneira enganá-lo ou prejudicar a sua propriedade nesta ilha, porque eu estou a ordenar todos e cada um de vós que a partir deste momento em diante que a ilha citada de Cabo Verde é minha e que o referido António de Noli é nela meu capitão e que os outros habitantes da ilha são meus vassalos e subditos naturais

ANEXO 28 (2/2)

Carta do Rei Don Fernando a nomear António de Noli como o governador de Cabo Verde em 06 de Junho de 1477

e que vocês o vão proteger, tratar, ajudar e favorecer, como meus próprios vassalos, e não se esqueçam como já foi referido anteriormente que não vão provocar qualquer dano a ele ou à sua propriedade, assim vocês serão responsáveis por defender tudo isso, assegurando que ninguém faz nem aceita quaisquer reclamações, nem roubos, nem mortes nem qualquer outro tipo de dano ou engano sobre eles (os habitantes da ilha) ou suas posses. E para todos vocês, esta carta será bem conhecida e nenhum de vocês pode alegar ignorância, porque eu estou a ordenar que esta carta seja exibida publicamente em todas as praças e mercados, bem como quaisquer outros lugares nas cidades e vilas onde as pessoas se costumam reunir. Qualquer pessoa que cometa qualquer ato em oposição a esta carta será tratado pela punição mais severa no âmbito do sistema de justiça civil e criminal e será condenado por estatuto ou pela lei como sendo contra aqueles que não conseguiram desfrutar de uma posição segura, como manda o seu rei e senhor natural.

Esta carta é escrita na cidade de Medina del Campo no 6º dia de junho, no ano de nosso Senhor Jesus Cristo, em 1477. Eu sou o rei. Eu Gaspar de Aryno, o secretário do rei, nosso senhor, esta carta foi escrita por sua ordem.

Ref: Verlinden, Charles. “Antonio de Noli e a Colonização das Ilhas de Cabo Verde” Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, III Série, nº 7, 1963. Pp 41-43.

A tradução desta carta foi feita por MG Balla a partir de espanhol medieval na referência citada. Todos os erros são de responsabilidade do autor.

ANEXO 29

Arquivo ducal de Medina Sidonia. Carta 06 de fevereiro de 1490 - Aquisição do mosteiro por 360 mil "maravedies"

"**6 de febrero de 1490 (Archivo ducal de Medina Sidonia, 717**), Cristóbal Cerezo, hijo del jurado Pedro Cerezo y de Isabel Gutiérrez, defuntos, y es de suponer que pariente de María Cerezo, la mujer de Amerigo Vespuche, veino en la collación sevillana de San Pedro, habia vendido el 23 de octubre de 1466 a Don Fernando de Torres, prior de las Cuevas, por precio de 85,000 maravedíes un lugar «que dizen del alcaria de la Vacas», que tenía por privilegio del rey Don Juan, lugar que lindaba com tierras del duque de Medina Sidonia y del conde Plasencia y com el reino de Portugal, delante de Barval y de la peña que dicen de Moratalla; tomó posesion por la Cartuja el monje Juan de Mondragón el 29 de octubre siguiente. **En la fecha indicada más arriba Don Diego de Luján, en nombre del prior Don Juan de Bonilla, vendió al duque de Medina Sidonia todo el dicho heredamiento por 360,000 maravedíes, de que hizo entrega Pedro de Llerena en nombre del duque."** (…).

Referência: História de la Cartuja de Sevilla- © de la presente edición sociedade de estatal para la exposición universal de 1992 División Cultural y Recinto de La Cartuja 41040 Sevilla-Expo 92. © TURNER Libros S. A. 1989 (?). p.86.

ANEXO 30 (1/2)

Documento 11 de Abril 1509 Capela de Santa Ana

Documento a autorizar a transferência do corpo de Colombo de Valladolid para a Capela de Santa Ana - 11 de abril de 1509 (La Capilla de Santa Anna)

Documento XXXV

Acta de la entrega y depósito del cuerpo de Don Cristóbal Colón en el Monasterio de Santa Maria de las Cuevas de Sevilla.
1509.- Abril, 11.- Sevilla.

«En miércoles onze dias del mes de abril anno del nas/cimiento del nuestro saluador Ihesu Christo de mill e quinientos e nueve/annos en este dia sobre dicho a ora de la campana del abe/maria poco mas o menos estando en el monasterio de Santa/Maria de las Cuevas de la orden de la Cartuja ques fuera e cerca de la/muy noble e muy leal çibdad de Seuilla estando y presente / el sennor don Diego de Luxan prior del dicho monesterio e don Martin de /Tolosa vicario del dicho monesterio e don Açensio de Paulis procurador/ del dicho monesterio e don Diego de Villaandrando sacristan del / dicho monesterio e don Francisco de Tabrejas e don Gaspar Gu/rricio monjes del dicho monesterio e otros muchos monjes del /dicho monesterio e otro sy estando presente Juan Antonio mayordomo / del muy magnifico sennor don Diego Colon almirante de las Indias del / mar oçeano e teniendo ende un cuerpo de persona defunta / metido en una caxa que dixo el dicho Juan Antonio que hera el / cuerpo del sennor almirante don Christoual Colon defunto que santa / gloria aya padre del dicho sennor almirante don Diego / Colon e en presençia de mi Bernal Gonzales de Valleszillo / escriuano público de Seuilla e de los otros escriuanos de Seuilla / que conmigo a ello fueron presentes luego el dicho Juan / Antonio rrazono por palabra e dixo que por quanto el dicho / sennor don Diego Colon almirante le avia mandado que traxese a poner deposytado en poder del dicho / prior e monjes del dicho monesterio el dicho cuerpo e huesos / del dicho sennor almirante don Christobal Colon quien lo (?) tenia por / ende quel en complimiento de lo susodicho gelo dava e entrega / va e dio e entrego e luego el dicho prior e monjes rres/çibieron en poder deposytados los dichos huesos e se / obligaron de los dar e entregar al dicho sennor don Diego / almirante o a quien su poder para ello mostrare cada e / cuando les fueren pedidos e demandados so las / penas estableçidas en derecho contra aquellos que rres/çiben secrestacion e los non dan cada e quando le son / pedidos e demandados para lo cual pagar e cumplir / e aver por firme segund dicho es obligaron // los bienes del dicho monesterio espirituales e temporales / avidos e por aver e de tal esto en como paso / el dicho Juan Antonio Colon lo pidio por testimonio / para guarda e conseruacion del derecho del dicho / sennor almirante e suyo en su nombre / e yo dile ende este segund que /ante mi paso fecho del dicho dia / e mes e anno suso dichos testigos / que fueron presentes Juan Rodrigues e Leonis Argamasa / escriuanos de Seuilla e Anton de / Salas notario apostólico /.

Johan Rodriguez
escriuano de Seuilla / rubricado / (1).

Documento XXXV

Acta de la entrega y depósito del cuerpo de Don Cristóbal Colón en el Monasterio de Santa Maria de las Cuevas de Sevilla.

1509.- Abril, 11.-Sevilla

ANEXO 30 (2/2)

Documento 11 de Abril 1509 Capela de Santa Ana

Nota: No folheto informativo que está disponível no balcão de entrada para o mosteiro, está escrito no parágrafo 3 - (Capela de Santa Ana) “O corpo de Cristovão Colombo jaz na cripta 1509-1536, e por isso também é conhecida como Capilla de Colón (Capela Colombo)

Referência: Baltazar Cuartero y Huerta. História de la Cartuja de Stª Mª de las Cuevas de Sevilla y de su fillal de Cazalla de la Sierra. Appendices Documentales. Edición de la Consejeria de Cultura y Medio Ambiente y la Real Academica de la História en Commemoración del V Centenario. Junta de Andalucia. Deposito Legal CA-817/91. P. 98

ANEXO 31

O busto de Colombo em Detroit mostrando o ano do nascimento como 1435.

PAGE TEN — The Italian Tribune - La Tribuna del Popolo — Friday, Oct. 2 - Oct. 15, 2009

100 Years of Italian American History

A Historical Perspective on the Italian American Community in Metro Detroit

A year-long series highlighting businesses and community members from 1909 to today.

A Look Back in Detroit *Celebrating* Columbus Day

1956 COLUMBUS DAY: Ralph Mancini, National Vice President of the Columbian Federation and his son, Andrew, President of the State Lodge, lay a wreath as is done annually at the monument of Christopher Columbus located on Washington Boulevard at Grand CircusPark in Detroit

In Portuguese he is called Cristovio Colombo, in Spanish he is called Cristobal Colon, in Italian he is known as Cristoforo Colombo, and in America he is Christopher Columbus. Since 1971, on the second Monday in October, Columbus Day has been celebrated in the United States as a national holiday.

Here in Detroit, Columbus Day was celebrated from about 1896; the first official celebration recognized by local and state authorities was in 1909. Two organizations first organized the celebration: La Tribuna Italiana D'America (better known today as The Italian Tribune), our first issue was in May 1909, and the Knights of Columbus-Council No. 305. The original Editor of La Tribuna Italiana D'America, Vincenzo Giulano, initiated Columbus Day as a civic celebration in Detroit.

On October 16, 1909, the Italian Tribune announced a drive to build a monument to Christopher Columbus in Detroit and made the first donation of the one hundred dollars toward the project. It was announced at this time that a new Italian Church would be constructed in Detroit. The Reverend Giovanni Bosco announced that the new church would be known as "Holy Family Church."

The monument to Christopher Columbus was created by Italian sculptor Augusto Rivala and dedicated to the City of Detroit on Oct. 12, 1910. The bust and its base originally sat at the end of Washington Boulevard at Grand Circus Park, but after restoration it was moved to the corner of Jefferson Avenue and Randolph Street. On the day of unveiling, Oct. 12, 1910, a time capsule was placed in the pedestal, but was not found when it was moved in November 1987. The bust was rededicated in 1988. An inscription reads, "Christopher Columbus, a great son of Italy. Born 1435–Died 1506. Discovered America October 12, 1492. This monument is dedicated to his honor by the Italians of Detroit, October 12, 1910."

Since then, the Italian-American Community of Metropolitan Detroit has continued the Columbus Day Celebration with a calendar of events including the Columbus Day Queen Contest, Parade, Church Mass, Placing of the Wreath and a Gala Banquet where special guests and award recipients are honored. Some of the entertainment guests over the years have included, Enzo Stuarti, Soupy Sales, Buddy Greco, Anna Maria Alberghetti and Annette Funicello to name just a few. At present, the annual Columbus Day Parade is moved from community to community assure recognition of the Italian-American contribution, not only in Detroit, but also in all of its surrounding suburbs.

Columbus Day commemorates the role of Italian explorer Christopher Columbus in opening the Americas to European discovery more than 500 years ago. It's a day of celebration not only for the Italian-Americans but all people who take pride in the their personal heritage.

What is being celebrated, really, is the spirit of exploration and discovery of man's needs to expand the boundaries of his world, whether it is on an ocean voyage, a trip to the moon or a tourist "discovering" the riches and delights of an Hawaiian Island. The spirit of discovery is always worth celebrating, and the use of Christopher Columbus as a symbol of that spirit is a tribute to the explorer.

1972 COLUMBUS DAY COMMITTEE: (left to right) Judge Frank Jeannette, Lou Calcaterra, Same Lentine, Lillian Licata, Lena Terry, Tony Rubino and Anthony Scalisi

Cristóvão Colombo, um grande filho de Itália. Nasceu em 1435 – Morreu em 1506.

Em 12 de outubro de 1492, descobriu América.

Esta estátua é dedicada, em sua honra, pelos italianos em Detroit – 12 de Outubro de 1910.

ANEXO 32

“Residencia Ocasional de Colon”

“No sólo el descubridor y sus hermanos, don Bartolomé y don Diego, mantuvieron una relación amistosa y constante com el monasterio de las Cuevas, sino que, como veremos, este contacto fue continuado por sus descendientes durante algo más de un siglo.

(…) Además de ser residência ocasional, los Colón confiaron al monasterio la custodia de sus más preciados monumentos que iban conformando el archivo familiar, de considerable volumen, como podemos apreciar por los distintos inventários de los papeles colombinos que se elaboraron durante todo el siglo XVI y primeiros años de XVII, debido al pleito de sucesión al mayorazgo y que se conservan entre los voluminosos legajos de autos en el Archivo Histórico Nacional. Encomendaron a los monjes la administración de sus bienes tanto de España como de Indias, y asimisomo designaron y utilizaron el recinto cartuja como lugar de enterramiento.

En el año 1507, el prior don Diego de Luján ordenó la construcción de la capilla de Santa Ana en el lado de la epístola, a los pies de la iglesia del monasterio. La proximidade de las fechas de la construcción de la capilla de Santa Ana y de de la muerte de don Cristóbal, I Almirante de las Indias, un año antes, nos sugiere la existenia de un acuerdo entre éste y de la comunidade covitana.”

ANEXO 33

Lei Mental

Lei Mental

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **Lei Mental**[1] [2] é a designação de uma uma lei publicada por D. Duarte I de Portugal, a 8 de Abril de 1434, durante as Cortes que tiveram lugar em Santarém, e cujo objectivo era a defesa e conservação do património Real e uma medida de centralização do poder. Esta lei, já estaria em vigor no tempo de D. João I de Portugal, daí a designação de *mental* (*in mente*), mas nunca foi passada a escrito. Um dos idealizadores desta lei foi João das Regras.

Segundo esta lei, que definia a sucessão dos bens da Coroa, todas as terras e bens pertencentes à Coroa apenas podiam ser doadas ao filho varão primogénito, não podendo ser repartidas pelos herdeiros.[3] No entanto, esta lei tinha como única excepção os bens da Casa de Bragança e a própria vontade do rei.[4] Esta lei manteve-se em vigor até 1832.

Os antecedentes desta lei remontam ao período da Crise de 1383—1385, altura em que D. João, para ganhar apoiantes, resolveu doar bens da coroa, ficando, no fim da crise, praticamente sem qualquer bens e rendimentos para fazer face às despesas públicas. Para evitar a sucessão hereditária dos bens de então, foi pensada esta lei que fazia reverter à coroa as doações régias, de uma forma pacífica.[5] [6]

A Lei Mental foi publicada nas Ordenações Manuelinas.

Referências

1. ↑ Infopédia (http://www.infopedia.pt/$lei-mental)

ANEXO 34

Os túmulos dos Ribeiras

Os túmulos dos Ribeiras são propriedade dos duques de Medinaceli. Ref: "Historia del Monasterio de la Cartuja de Sevilla" p. 357 - nota 22. Os Ribeiras foram financiadores do mosteiro e a sua relação com os duques de Medinaceli foi importante porque o duque de Medinaceli também esteve ligado a Colombo, o qual teve laços estreitos com o mosteiro. Há fortes indícios de que o mosteiro foi simpático para a Coroa Portuguesa durante a Guerra da Sucessão de Castela e que os duques de Medinaceli e Medina Sidonia estão ligados ao mosteiro, a Colombo e a António de Noli.

ANEXO 35 (1/3)

Cristóvão Colombo e a escravatura

"As façanhas de Colombo devem ser consideradas em conjunto com os seus fracassos. A "descoberta" da América em 1492, certamente teria ocorrido durante os próximos 50 anos. Se Colombo não se tivesse aventurado a Oeste, quando ele fez, com os avanços na navegação e da construção dos navios, o contacto entre os hemisférios seria inevitável. Os motivos de Colombo eram na sua maioria monetários, com a religião em segundo lugar. Quando ele deixou de encontrar ouro ou uma rota de comércio lucrativo, começou a coletar escravos: **ele acreditava que um comércio transatlântico de escravos seria bastante lucrativo.** Felizmente os monarcas espanhóis proibiram isso, mas ainda assim, muitos grupos nativos americanos lembram Colombo como o primeiro comerciante negreiro do Novo Mundo".

Ref: www.latinamericanhistory.about.com, biografia de Christopher Columbus. Artigo de Christopher Minster, 17 de Janeiro de 2015.

Colombo o comerciante de escravos.

"O que sabemos sobre as viagens de Colombo é retirado em grande parte dos seus diários e dos de Bartolomeu de Las Casas, um padre católico que navegou com Colombo, na sua terceira viagem, e que escreveu vividamente relatos detalhados do que aconteceu. Assim, dizer que o comércio transatlântico de escravos começou com as viagens de Colombo não é baseado em especulação, mas num conjunto de eventos bem documentados.

ANEXO 35 (2/3)

Cristóvão Colombo e a escravatura

A ganancia das potências europeias para acumular riqueza necessitava uma força de trabalho para apoiá-la. O Romanus Pontifex de 1436 forneceu a justificação necessária para a colonização das “Ilhas Canárias, cujos habitantes estavam em risco de ser exterminados e escravizados pelos espanhóis, na época da primeira viagem de Colombo. Colombo pretendia simplesmente continuar o projeto que já tinha começado com o desenvolvimento de um comércio de escravos transoceânico. Na sua primeira viagem, Colombo criou uma base à qual chamou de “Hispaniola” (Hoje: Haiti/República Dominicana) e sequestraram entre 10 e 25 índios, tendo apenas sete ou oito deles chegados vivos à Europa. Na sua segunda viagem, em 1493, ele foi equipado com dezassete navios fortemente armados, (e cães de ataque) e entre 1.200 a 1.500 homens. Depois da sua chegada, de volta à Ilha de Hispaniola, a subjugação e extermínio do povo Arawak começou com uma vingança.

Sob a liderança de Colombo, os Arawaks foram forçados ao sistema da “encomienda” (um sistema de trabalho forçado que evitou a palavra “escravidão”) nas minas de ouro e na produção de algodão. Quando o ouro não foi encontrado, Colombo irado liderou a caça de índios como desporto e alimento de cães. Mulheres e meninas até 9 ou 10 anos foram usadas como escravas sexuais para os espanhóis. Assim, muitos índios morreram sob o regime escravo da “encomienda” e outros foram importados das ilhas vizinhas do Caribe, e, eventualmente, da África. **Após o primeiro sequestro de índios por Colombo, acredita-se que possa ter enviado até**

ANEXO 35 (3/3)

Cristóvão Colombo e a escravatura

5.000 escravos índios, através do Atlântico, mais do que qualquer outra pessoa.”

Ref: www.nativeamericahistory.about.com Christopher Columbus: Definir o registro reto. Artigo por Dina Gilio-Whitaker. Web.17 janeiro 2015.

ANEXO 36 (1/5)

Coincidências?!

1 - De repente, em 1477, António de Noli desaparece - Colombo aparece.

2 - Colombo partiu muitas vezes desde Portugal e Madeira para a Guiné - António de Noli navegou muitas vezes a partir de Portugal e Madeira para a Guiné.

3 - Colombo levou sua proposta ao rei de Portugal e ao rei e à rainha da Espanha. António de Noli levou sua proposta ao rei de Portugal e também ao seu tio, um príncipe. E negociou com o rei da Espanha.

4 - Os dois navegadores são considerados genoveses e os únicos genoveses que serviram Portugal e Espanha, a quando da negociação com os governantes do reino.

5 - Acreditam-se que ambos os navegadores passaram um tempo significativo na Madeira e ambos estiveram envolvidos no negócio de açúcar.

6 - Acredita-se que ambos os navegadores estiveram em São Jorge da Mina.

7 - Ambos os navegadores souberam negociar quinquilharias inúteis por ouro.

8 - Ambos os navegadores eram cartógrafos qualificados.

9 - Ambos os navegadores tinham um irmão chamado Bartolomeu que também era cartógrafo e navegador.

10 - Os dois homens estiveram ligados à família Fieschi que construiu a famosa basílica em Cogorno.

ANEXO 36 (2/5)

Coincidências?!

11 - Alguns historiadores acreditam que os dois homens podem ter estado ligados à família Zarco da Madeira.

12 - Há evidências substanciais para indicar que os dois homens estavam diretamente ligados ao duque de Medina Sidonia.

13 - Há uma abundância de evidências circunstanciais para indicar que ambos os homens devem ter conhecido Pedro Correia da Cunha, o cunhado de Filipa Moniz, parente do duque de Medina Sidonia.

14 - Há uma abundância de evidências circunstanciais para indicar que ambos os homens devem ter conhecido Bartolomeu Perestrello II, irmão de Filipa Moniz.

15 - Os dois homens estavam claramente obcecados com o ouro.

16 - Os dois homens têm fortes ligações a Cabo Verde.

17 - Las Casas acreditava que Colombo poderia ter estado na viagem de descoberta para Cabo Verde e era de conhecimento comum que António de Noli foi o descobridor de Cabo Verde, a qual era conhecida como “Ilha de António” e foi descrita como tal em mapas contemporâneos, incluindo aqueles desenhados pelo piloto Juan de la Cosa que navegou com Colombo.

18 - Colombo viveu ocasionalmente no Mosteiro de Stª Maria de la Cueva, em Sevilha, que foi propriedade do duque de Medina Sidonia. Em 1476 o duque teve a custódia de

ANEXO 36 (3/5)

Coincidências?!

António de Noli depois da Espanha ter atacado Cabo Verde e o ter levado como prisioneiro.

19 - Rei D. Fernando nomeou António de Noli como seu governador durante a Era dos Descobrimentos, em 06 de junho de 1477, como seu representante em Cabo Verde depois de o ter libertado da prisão.

20 - Rei D. Fernando nomeia Colombo como seu governador no Caribe em 1493.

21 - Ambos os homens se dedicaram ao negócio da escravidão.

22 - Os dois homens conheciam o sobrinho de Diogo Afonso, Rodrigo Afonso, que foi nomeado como capitão de uma capitania da Ilha de Santiago em 1473. Enquanto António de Noli foi claramente o governador indiscutível das ilhas, mais tarde viria a ser levado de sua casa como prisioneiro de guerra após a invasão espanhola em 1476. Em 1498 Colombo reuniu-se com Rodrigo Afonso, na Ilha de Boa Vista, onde ele era agora o capitão.

23 - Antes de 1492, António de Noli foi considerado o navegador mais experiente do Atlântico Sul e depois de 1492, de repente Colombo é considerado o navegador mais experiente no Atlântico.

24 - Os dois homens mostraram uma afeição especial por Génova, com uma ligação direta aos seus irmãos.

25 - Os dois homens foram, segundo rumores, criados em Portugal depois de terem nascido em Gênova.

ANEXO 36 (4/5)

Coincidências?!

26 - Ambos os homens têm um passado misterioso em Portugal e Espanha, bem como em Gênova.

27 - Ambos os homens podem se ter casado na Madeira.

28 - Ambos os homens têm laços familiares, que se acredita estar ligados a Savona.

29 - Existe uma possibilidade real de que os dois homens tivessem tido filhos na Madeira

30 - Os dois homens tinham servido D. João II de Portugal sob o que parece ter sido cercado de sigilo e de muitas circunstâncias misteriosas.

31 - Ambos os homens foram pintados como homens louros, altos e com uma presença autoritária.

32 - Os dois homens aparentemente eram bem conhecidos na Madeira, mantendo fortes laços com os aristocratas mais poderosos das ilhas.

33 - Alguns escritores e autoridades acreditam que António de Noli abriu o caminho para o desenvolvimento do mundo moderno, Colombo foi visto por muitos como uma extensão dessa declaração.

34 - Alguns escritores acreditam que ambos os homens nasceram na terceira década do século XV.

35 - Os dois homens tiveram um impacto profundo sobre a história de Cabo Verde, Portugal, Espanha, Itália e do nascimento da civilização ocidental como a conhecemos hoje.

ANEXO 36 (5/5)

Coincidências?!

36 - Outra coincidência estranha parece ocorrer em 1485, quando Rodrigo Afonso toma posse da capitania de seu tio Diogo Afonso, na metade norte da Ilha de Santiago, embora ele tenha sido nomeado como capitão de metade da ilha em 09 de abril 1473. Assim, parece como se houvesse um capitão no controlo da ilha entre 1473 e 1485, que deveria ter sido António de Noli. Mas agora em 1485 Colombo aparece na Espanha e há necessidade de Rodrigo tomar posse da capitania de seu tio. Parece que António de Noli foi afastado no momento.

37 - Por fim, de acordo com Felipe Fernandez Armesto, no seu livro "Cristóvão Colombo" 1992, Lisboa; Editorial Presença, página 125, ele suspeita da lealdade de Colombo com Espanha depois da sua chegada a Portugal após a descoberta do Novo Mundo e compara-a à de António da Noli:

"Não só ele foi detido por D. João, deixando em dúvida as possibilidades de sua liberdade, mas ele também se tornaria suspeito em Espanha por esse relacionamento inesperado - mas provavelmente involuntário - com um inimigo**. Colombo era bem capaz de ameaçar transferir os seus serviços, muito parecido com o exemplo de seu concidadão genovês António da Noli, cuja lealdade oscilou entre Espanha e Portugal durante a guerra de 1474-79** dando aos seus compatriotas uma reputação triste de lealdade".

Eu acredito que todos estes incidentes parecem bastante incomuns e necessitam de mais pesquisas.

ANEXO 37 (1/4)

Esclarecimento da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?)

tinha deixado Versalhes para ir ocupar o cargo de director do Museu Jacquemart-André, em Paris. Em 1921, publicou *Ronsard e o Humanismo*. De Poesia, escreveu: em 1894, *Paisagens da França e Itália*; em 1905, *Poemas de França e Itália*, de que, em 1925, fez nova edição aumentada e remodelada; em 1907, *Sonetos de Pedro de Nolhac* e, em 1920, *Versos à Pátria*. Escreveu mais as seguintes obras, que publicou: em 1926, *Vida amorosa de Pedro de Ronsard e Justo da rainha*; em 1928, *Madame de Pompadour e a política*; em 1929, *Recordações de um velho romano*; em 1932, *Contos filosóficos* e, em 1933, *O raminho de ouro* — um título virgiliano — que foi o seu canto de cisne.

NOLHAC (Estanislau). Escritor francês (?) do séc. XIX, autor de *En Portugal*, 1891, livro de viagens bastante interessante.

NOLI ou **DA NOLA (António de).** Navegador genovês, n. em 1419 e m. em Cabo Verde, em 1466, aproximadamente, que passou grande parte da sua vida ao serviço do descobrimentos portugueses. O seu verdadeiro nome era Antoniotto Uso di Mare, sendo porém, mais conhecido por António de Noli, nome que lhe veio da cidade de Noli, de onde era natural, perto de Génova. António de Noli pertencia à nobreza de Génova. A fama dos descobrimentos atlânticos portugueses, sob a égide do infante D. Henrique, chegando àquela cidade, que era também, ao tempo, um centro de empreendimentos náuticos, despertou o interesse e a curiosidade de muitas personalidades italianas, como Luís de Cadamosto e Antoniotto Uso di Mare, levando-os a virem a Portugal oferecer os seus serviços ao infante D. Henrique. D. Henrique encarregou António de Noli de explorar as costas africanas. No Senegal encontrou-se com o seu quase compatriota Cadamosto e juntamente prosseguiram viagem para além de Cabo Verde. Estiveram nas ilhas da Madalena, chegaram a um rio a que deram o nome de Barbacim e que se chama hoje Salum, encontraram o rio Jombas ou Gusombos, e como achassem em seguida o Gâmbia, subiram por ele e travaram com os Negros um combate em que muito se distinguiu um filho de António de Noli. Esta viagem, realizada em 1456, não adiantou o descobrimento da costa, mas teve em resultado uma minuciosa exploração dos países já visitados por Dinis Dias, Nuno Tristão e Álvaro Fernandes e a demarcação dos três rios acima citados. Em 1460 embarcou novamente com rumo à África, acompanhado por duas pessoas de sua família, Bartolomeu de Noli e Rafael de Noli, indo encontrar-se em Zaza com o piloto Diogo Gomes, a quem o infante D. Henrique havia dado o comando de todas as embarcações que encontrasse para os lados da terra da Guiné. Navegaram juntamente, e após dois dias de viagem acharam a ilha de Maio, do arquipélago de Cabo Verde, à qual deram o nome, por ter sido Maio o mês da sua arribada àquela ilha. No dia seguinte, que era de Santiago, descobriram outra ilha, a que puseram o nome deste santo. Desembarcou primeiro Diogo Gomes, por assim o desejar e por a sua caravela ser mais veleira. Seguiram os navegadores a sua derrota em direcção a Lisboa e encontraram uma das ilhas Canárias, a que puseram o nome de Palma. Chegados à Madeira, Diogo Gomes seguiu imediatamente para o reino, enquanto António de Noli se demorou ali alguns dias. Ventos contrários arrojaram, porém, o primeiro para os Açores, e António de Noli, embora partisse dias depois, chegou primeiro a Lisboa e pediu imediatamente ao rei a capitania da ilha de Santiago e Cabo Verde. O rei concedeu-lha e aí veio a morrer. Não se pode considerar António de Noli como o único descobridor das ilhas de Cabo Verde, porquanto ao mesmo tempo Diogo Gomes, escudeiro do infante D. Fernando, encontrara as ilhas meridionais do mesmo arquipélago. Em 19-IX-1462, el-rei D. Afonso V, já morto o infante D. Henrique, deu as ilhas ao seu irmão D. Fernando, afilhado e herdeiro do mesmo D. Henrique, que as mandou povoar, a começar pela ilha de Santiago, do grupo das descobertas por António de Noli. António de Noli escreveu uma relação desta expedição, mas só chegou até nós um fragmento publicado por Groberg de Hemsoë em seus *Annali di geografia e di statistica*.

NOLI ou **DA NOLA (Bartolomeu de).** Genovês do séc. XV, irmão de António de Noli. Foi capitão nas ilhas de Cabo Verde. Em 1466, quando se iniciou a evangelização daquelas ilhas, por fr. Rogério e fr. Jaime, Bartolomeu de Noli levava vida escandalosa. Por intervenção de fr. Rogério, foi abandonado pela sua amante, pelo que o capitão o mandou assassinar, acusando de homicídio fr. Jaime, que lançou na prisão. Temendo, porém, as iras populares, restituiu-o à liberdade.

NOLIÇÃO, *s. f.* Acto contrário à volição; acto ou efeito de não querer. (Do lat. *nolle*, não querer, e suf. *itio*, ição).

NOLÍDEOS, *s. m. pl.* ZOOL. Família (*Nolidae*) de insectos lepidópteros, da subordem heteroneuros, superfamília dos noctuóideos, apenas considerada por alguns autores. Costa Lima (1936) indica a espécie *Areva subfulgens* (Schaus.) como um elemento desta família na fauna brasileira.

NOLI ME TANGERE, *loc. lat.*, que significa *não me toque*. Designação dada pelos autores antigos a certas lesões cutâneas que os tópicos agravavam. Tratava-se, na maior parte dos casos, de epiteliomas ou de cancróides. Diz-se, também, em linguagem vulgar, quando há oposição a uma reforma, em qualquer coisa. Neste sentido aparece designando a aparição de Cristo a Madalena, de que se fala no Evangelho de S. João, cap XX: «Maria Madalena viu Jesus, mas não o reconheceu. Jesus disse-lhe: «— Mulher, porque choras? Que procuras?» Ela, julgandoque era o jardineiro, respondeu-lhe: «— Senhor, se tu o levaste de aqui, diz-me onde o puseste, e eu o levarei». Jesus disse-lhe: «— Maria». Ela voltou-se e exclamou: «— *Rabboni*» (que significa mestre). Jesus então disse-lhe: «— *Não me toques* (noli me tangere), porque ainda não subi para meu pai...». Esta cena da aparição de Jesus a Maria Madalena tem sido muito reproduzida pela pintura: quadros de Ticiano na Galeria Nacional de Londres, de Rembrandt no Palácio de Buckingham, etc. Na Literatura têm-se feito frequentes alusões a ela, sobretudo quando se trata de uma coisa ou assunto nos quais uma espécie de veneração não permite tocar. ◆ Nome dado a plantas que murcham ao mais simples contacto, ou que são armadas de fortes espinhos, ou cujos frutos rebentam, espargindo as sementes, logo que se lhes toca. ◆ Pessoa muito melindrosa, que com tudo amua ou se ofende.

NOLINA, *s. f.* BOT. Género da família das liliáceas, subfamília das dracenóideas, tribo das nolíneas, estabelecido por Michaux, que compreende vinte e cinco espécies do Sudoeste da América do Norte, algumas cultivadas como ornamentais.

NOLÍNEAS, *s. f. pl.* BOT. Tribo da família das liliáceas, subfamília das dracenóideas, caracterizada por tépalas livres, anteras cordiformes, sementes pouco numerosas, globosas, pálidas. Compreende os géneros: *Beaucarnea* Lem., *Dasylirion* Zucc. e *Nolina* Michx.

NOLLET (Padre João António). Sacerdote e físico francês, n. em 1700 e m. em Paris em 1770. Pelos seus trabalhos de Física foi nomeado membro da Academia das Ciências e foi professor dos príncipes, filhos de Luís XIV, que muito o admirava e favoreceu. Devem-se-lhe desco-

GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA VOL 18

ANEXO 37 (2/4)

Esclarecimento da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?)

Eu revi muitos detalhes do problema da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?) que é suposto ser um resumo da vida de António de Noli. Agora, é bastante claro para mim que Cadamosto estava na Gambia e conheceu Antoniotto Uso di Mare, no Senegal tendo ambos entrado no rio Gâmbia na primeira viagem de 1455. Esta foi a viagem onde encontraram hostilidades e o filho do “senhor genovês” matou um dos atacantes. Esta é uma óbvia referência ao filho de Antoniotto Uso di Mare. No entanto, esta versão dos acontecimentos foi narrada por Cadamosto num livro com o título de “**La Prima Navigazione per L'Oceano alle terre de Negri della Bassa Etiópia di Luigi Cadamosto**”, publicado em Vicenza em 1507. A informação foi já publicada em Inglês pelo Major, Richard Henry (1818-1891) no livro com o título, “A Vida do príncipe, o Navegador” (The Life of Prince Henry the Navigator) e publicado em Londres em 1868 por A. Asher & Co. A descrição dos acontecimentos nesse artigo da enciclopédia na página 836 dá a impressão de que o artigo foi baseado na carta escrita por Antoniotto Uso di Mare, que é datado de 12 de dezembro de 1455. Nota: Nesta carta, Antoniotto menciona a mesma batalha, mas nunca menciona nada sobre o filho. No entanto, quando se lê a carta por Antoniotto Uso di Mare e a narrativa por Cadamosto, no Capítulo XV, no livro de Major, é claro que ele era o filho de Antoniotto Uso di Mare. Na segunda viagem, em 1456, eles não encontraram quaisquer hostilidades. Ao parecer o autor do artigo da enciclopédia decidiu usar o texto de Cadamosto e relatou que um filho de António de Noli (referindo-se a

ANEXO 37 (3/4)

Esclarecimento da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?)

Antoniotto Uso di Mare) se distinguiu em combate durante esta batalha (aparentemente este comentário foi baseado na narrativa feita por Cadamosto na qual ele relata que o filho do senhor genovês matou um dos atacantes, sendo uma referência direta ao filho de Antoniotto Uso di Mare e considerado pelo autor do artigo como a mesma pessoa de António de Noli). O texto de Cadamosto também faz alegação à descoberta de Cabo Verde na segunda viagem de 1456 (o que seria a viagem de descoberta mencionada no artigo da enciclopédia na página 836.

Deve ser entendido que o artigo na enciclopédia afirma claramente que o seu nome real (António de Noli) é Antoniotto Uso di Mare.

No livro (Da Noli a Capo Verde pp127 / 128), é muito claro que António de Noli descobriu Cabo Verde em 1460 e não em 1455 ou 1456. Na verdade, no passado, muitos escritores usaram as datas de 1455 e 1456 em algumas enciclopédias como sendo possíveis datas para a descoberta de Cabo Verde.

No entanto, com base nesta pesquisa, estou convencido de que o problema pode estar directamente relacionado com a confusão que envolveu os navegadores Cadamosto, Uso di Mare e de Noli.

Em outras palavras, as únicas pessoas que podem acreditar na história da enciclopédia (página 836) são aqueles que:

1. Acreditam que António de Noli e Antoniotto Uso di Mare são uma e a mesma pessoa,

ANEXO 37 (4/4)

Esclarecimento da página 836 da Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (1944?)

2. Acreditam que Cabo Verde foi descoberto em 1456. Uma vez que está bem documentado que Antoniotto Uso di Mare e António de Noli são dois nobres distintos, acredita-se serem de Gênova (ver Capítulo 1), e que Cabo Verde foi oficialmente descoberto em 1460, como também já foi referido, os argumentos para a data da descoberta ser em 1455 ou 1456 devem ser abandonados de uma vez por todas.

ANEXO 38(1/2)

Tile/Thule

A Ilha Thule identificada como Tile na Carta Maritima de Olaus Magnus, com um “monstro, avistado em 1537”, uma baleia e uma orca ao lado.

Thule (também conhecida por Thula, Thyle, Thile, Thila, Tile, Tila, Tilla, Tyle, ou Tylen—Θούλη em grego) é, nas fontes clássicas, um lugar, geralmente uma ilha. Descrições e mapas de autores europeus da Antiguidade situam a ilha no extremo norte, muitas vezes na Europa Setentrional, sendo possivelmente as Ilhas Órcades ou as Ilhas Shetland, ou a Escandinávia, ou, nos tempos da Idade Média e Renascimento, a noroeste, frequentemente Islândia ou Groenlândia.

Ref: http://en.wikipedia.org/wiki/Thule

ANEXO 38 (2/2)

Tile/Thule

Nota: Pensei ser necessário lançar alguma luz sobre a confusão que existe em relação ao uso dos nomes Tile, Thule e Groenlândia durante o século XV, especialmente quando se discute as viagens de Colombo. Tento explicar como este problema medieval pode criar dificuldades na compreensão da geografia dessa época quando comparado com o que entendemos hoje.

ANEXO 39

Os Aguiares e o açúcar na Madeira

jm região

FUNCHAL 500 ANOS

Foi um dos primeiros sítios a ser povoado no Funchal

Família dos Aguiares dá nome a Lombo

Álvaro Cró não tem a certeza mas...

«Suponho que tem a ver com alguma família importante»

Aurélio Sousa refere

"Aguiares" foram os primeiros residentes na zona

Aldino Luís defende

«Devia haver rua com o nome de Bazenga Marques»

Leontina Branco lembra-se de tudo

«Foi o senhor Padre de Santa Cruz que deu o nome a este Lombo»

Nestas (terras) cultiva-se sobretudo **cana-de-açúcar** e trigo

Diogo Afonso de Aguiar genro de Gonçalves Zarco

ANEXO 40 (1/7)

As Últimas Notas

1. Referência: “A Descoberta da América do Norte (uma história documentada)” Capítulo-10 Direitos de autor 1991 e 1998 por Maurizio Tagliattini p. 7 de 49 Versão em Inglês; **“Um documento notarial elaborado em Savona em 1472 indica que com a idade de 21 anos Christopher estava lá trabalhando como tecelão;** obviamente, ele não poderia ter começado uma vida maritima significativa, pelo menos até 1473. São-nos apresentadas em seguida, duas histórias radicalmente diferentes. **Agora adicione a essa dificuldade a inexistência de qualquer registo que indique que Christopher, depois de ter deixado Genova, nunca se chamou Colombo ou Columbus”.**

2. Referência: “Cronica de Enrique IV” vol. III p. 290 Alfonso de Palencia 3 volumes Madrid 1973-75 ATLAS; “Isla de Antonio baja soberania portuguesa pero domino efectivo del genovês Antonio de Noli – de ahi su nombre, se habia convertido en escala fundamental de los viajes a Guinea, en um pequeno emporio agricolo y comercial”. “Ilha de António sob a soberania de Portugal, mas efetivamente controlada pelo genovês António de Noli - daí a ilha foi nomeada (Ilha de António), **tornou-se uma escala essencial para as viagens a Guiné”**. Nota: Esta declaração do conhecido historiador espanhol do século XV, Alfonso de Palencia, nos fornece uma poderosa evidência de que António de Noli teve um papel de prestígio e influência em Cabo Verde, um arquipélago que ele efetivamente controlou, tornou-se uma escala essencial para viagens à Guiné. **Então, se Colombo fez muitas viagens para a Guiné, é óbvio que ele teria parado em Cabo Verde muitas vezes (ver parágrafo 4 abaixo).**

ANEXO 40 (2/7)

As Últimas Notas

3. Referência: Cronica de Enrique IV. Op. Cit. Quando explica o porquê do duque de Medina Sidonia querer a custódia de António de Noli depois de ele ter sido capturado e levado para Sevilha na Guerra da Sucessão de Castela, o autor diz-nos: "Lo mas plausível es que su extender fuese objetivo un manto protetor sobre la hacienda e intereses del laborioso genovés, convertido asi en un vassallo del poderoso magnate sevillano. " **O mais plausível é que o seu objetivo fosse o estender de um manto protetor sobre as propriedades e os interesses do empreendedor genovês, transformado-se o mesmo num vassalo do poderoso magnata de Sevilha.**

4. Referência: "The Life of Columbus" por R. Clements Markham, CB LONDRES: GEORGE PHILIP & FILHO, 32 Fleet Street; LIVERPOOL: 45 a 51 do Sul Castle Street 1892. P.33. Capítulo II – "Voyages to Guinea" "(...) **É certo que ele visitou as Ilhas de Cabo Verde e Serra Leoa. Sabemos também que ele esteve em São Jorge da Mina no assentamento mais remoto na costa da Guiné".**

5. Referência: "Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval" - Instituto Nacional de Investigação Cientifca - Vol. III Porto 1989. António Malalana e Augustín Torreblanca. De acordo com esta referência na página 8, o **duque de Medina Sidonia (Enrique de Guzman) está listado entre 14 nobres castelhanos que foram alinhados com o Rei Afonso V Português e que prometeram defender o direito de primogenitura ao trono de Juana La Beltraneja.** Centro de História da Universidade do Porto.

www.academica.edu/1171512 Web. 7 May 2015

ANEXO 40 (3/7)

As Últimas Notas

6. Luísa de Gusmão - Wikipédia, a Enciclopédia Livre-Web. 08-05-15 Este site faz uma ligação entre a rainha de Portugal Luisa de Gusmão, filha do oitavo duque de Medina Sidonia, de Espanha e a dinastia de Bragança, em Portugal. O seu casamento com o Rei D. João IV de Portugal é uma prova irrefutável das relações íntimas históricas entre a Casa de Medina Sidonia e a dinastia de Bragança. Ironicamente, temos outra situação semelhante com Colombo. Referência:

https://en.wikippedia/wiki/Diego_Columbus (Web 05 de agosto 15). É também interessante notar que Diego Colon tinha planejado casar-se com **Mencia de Guzman**, **filha do duque de Medina Sidonia,** mas antes ele foi forçado pelo Rei Fernando a casar-se com a sua prima Maria de Toledo y Rojas. Esta é uma outra estranha coincidência que liga Colombo com o duque de Medina Sidonia.

7.Referência: https://en.wikipedia.org/wiki/Duchy_of_Veragua Web. 26 de julho de 2015. O atual duque de Veragua desde 1986 tem sido Cristóbal Colón de Caravajal y Gorosabel, um descendente direto de Colombo e o duque 18º de Veragua. Nota: **Se um teste de ADN do duque de Veragua coincide com o ADN da família Noli em Gênova, então, este deve ser a prova de que Colombo e António de Noli são a mesma pessoa. Isto significa que Colombo teria sido o primeiro residente de Cabo Verde, bem como o descobridor oficial de Cabo Verde e que o seu nome real deve ser António de Noli, resolvendo assim um dos maiores mistérios da Época dos**

ANEXO 40 (4/7)

As Últimas Notas

Descobrimentos. Além disso, um teste de ADN das famílias Aguiar e Correia de Cabo Verde deve coincidir com as famílias Noli de Genova, isso significa que eles poderiam ser descendentes de Jorge Correia e Branca de Aguiar, bem como António de Noli.

8. Estou certo de que há pessoas que vão criticar as minhas conclusões, mas eu também estou confiante de que nenhum historiador bem informado, pode negar o papel incontestável que Cabo Verde e os cabo-verdianos tiveram junto com a Madeira e as pessoas da Madeira, nas experiências de navegação de Colombo ou António de Noli. **Este facto torna extremamente difícil qualquer um refutar.**

9. Terra Rubia, Terra Rubra, Terra Rossa, às vezes escrito como Terrarubia e Terrarubra tudo significa terra vermelha. Referência Capítulo 7: "**Fernando diz-nos que o seu pai era de Terrarubia**". Uma estranha coincidência se desenvolve quando um escritor acredita que António de Noli era de uma aldeia chamada Treggia, Teggia ou Teglia (ver nota 162). Estas palavras também significam **"terracota**" ou terra castanha **avermelhada.**

10. Referência, *Da Noli a Capo Verde*, Op. Cit. p. 98, de acordo com o Professor Hall; **"Cabo Verde tornou-se o primeiro resort tropical, onde marinheiros e comerciantes europeus poderiam alugar mulheres africanas, meninas, homens e meninos para seus prazeres"**. Ver também a nota: 285 (última página de Conclusão). Assim, esta declaração parece ser um poderoso incentivo para os marinheiros pararem em Cabo Verde nas suas viagens para Guiné.

ANEXO 40 (5/7)

As Últimas Notas

11. Durante a minha visita à cidade de Noli em 2016, conheci Claudia Cantani, uma empresária local que me informou ter ido para Cabo Verde e ter-se casado na ilha de Brava, na aldeia de João da Noli, há cerca de 15 anos (2001). Também mencionou algo sobre João da Noli ter uma casa na aldeia. A história era muito confusa para mim porque eu não poderia imaginar encontrar uma casa em Cabo Verde com mais de 500 anos de idade. No entanto, fui para Cabo Verde pouco depois de falar com Claudia e decidi perguntar sobre esta história estranha. Como resultado do meu inquérito a vários residentes, em três ilhas diferentes, comecei a aprender mais sobre a aldeia de João da Noli e os moradores locais. Gradualmente, comecei a ter mais informação sobre essa estranha história de moradores da aldeia e de outras aldeias próximas. A história que me foi contada referia que havia uma família a viver nesta aldeia que se acreditava ser descendente de João da Noli, mas o último elemento morreu há cerca de 3 ou 4 anos, um homem aos 74 anos. No entanto, algumas pessoas acreditam que pode haver outros membros da família que vivem na área de Boston no estado de Massachusetts na América. Também tenho um amigo - Djony Tavares- que tirou algumas fotos das casas que foram construídas por esta família. Djony apresentou-me um homem idoso da ilha de Fogo que afirma ser um parente desta família histórica. Infelizmente, a história estava a ficar muito complicada de entender porque várias das pessoas com conhecimento da mesma viviam em ilhas diferentes e era praticamente impossível de comunicar com todos num curto período de tempo. Muitas testemunhas da mesma são antigas e difíceis de contactar. No entanto, devido à

ANEXO 40 (6/7)

As Últimas Notas

importância desta história, decidi contactar alguns funcionários do governo e pedi-lhes ajuda. Eles mostraram-se muito interessados e prometeram fazer uma investigação detalhada acerca da mesma. Cheguei a contactar alguns idosos cabo-verdianos que viviam no estrangeiro e que moravam perto da aldeia de João da Noli e descobri que eles tinham ouvido histórias de que esta família era descendente de João da Noli e que chegaram à ilha da Brava há mais de 100 anos depois de viver na ilha de Fogo. Outros membros da família podem ainda estar a viver na ilha de Fogo. Outros contributos para esta história são Zepi Freitas e sua filha Suzeta da aldeia de João da Noli e também David Soares que agora vive nos EUA e Olavo Tavares, que agora vive na Holanda. É realmente surpreendente o que aprendi sobre esta história de uma mulher italiana na Itália.

ANEXO 40 (7/7)

As Últimas Notas

A - Casa Nho Miguel

B - Casa Nho Dai

C - Portão Casa Nha Lutinha

D - Casa Nho Dai

Segundo os moradores da aldeia João da Noli na ilha de Brava, o senhor Nho Miguel Manana fez 3 casas com as suas próprias mãos. Os pormenores dos descendentes deste senhor parecem muito obscuros. Portanto, muitas pessoas dizem que esta família é oriunda da ilha do Fogo e com linhagem familiar com João da Noli, o antigo comerciante e descendente do descobridor António de Noli. Nas fotos da casa de Nho Daí (B e D) há um desenho de uma estrela muito curiosa. Parece que há pessoas velhas em Fogo e Brava ainda com mais informação a respeito desta família.

ANEXO 41 (1/4)

Carta de "Valladolid Mayo 27, 1476"

Valladolid ... Mayo 27 de 1476.

Privilegio original

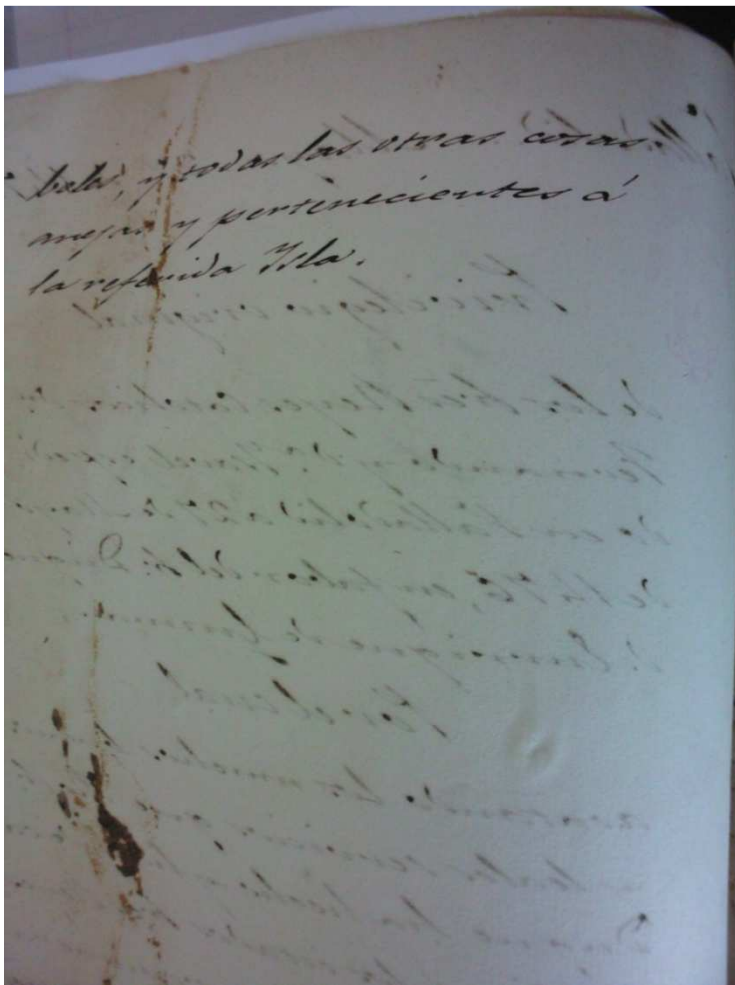
de los tres Reyes Catolicos Dn.
Fernando y Da. Ysabel espedi-
do en Valladolid á 27 de Mayo
de 1476, en fabor del Sr. Duque
D. Enrrique de Guzman,

Por el cual

acatando los muchos buenos
y leales servicios que dho Sr.
Duque ha hecho y hace de ca-
da dia á los citados tres Reyes,
y en enmienda y remunera-
cion de ellos, le hacen merced
y remuneracion de la Vila
de Antonio en Portugal, con
todos sus vasallos, tierras,
prados, aguas estantes co-
rrientes y manantes, ar-

ANEXO 41 (2/4)

Carta de "Valladolid Mayo 27, 1476"

Isla; y todas las otras cosas
anexas y pertenecientes á
la referida Isla.

ANEXO 41 (3/4)

Carta de "Valladolid Mayo 27, 1476" – Transcrição

"Privelegio Original

De los Sres Reyes Catolicos, D. Fernando y Dª Ysavel espedido en Valladolid á 27 de Mayo de 1476, en fabor del Sr. Duque D. Enrique de Guzman, por el cual acatando los muchos buenos y leales servicios que Ao Sr. Duque há hecho y hace cada dia á los citados Sres Reyes, y en emienda y remuneracion de ellos, le hacen merced y remuneracion de la Ysla de Antonio en Portugal com todos sus vassalos, tierras, prados, aguas estantes corrientes y manantes, arboles y todas las otras cosas mejores y pertenecientes á la referida Ysla".

ANEXO 41 (4/4)

Carta de “Valladolid Mayo 27, 1476” – Tradução

“Privilégio Original

Em nome dos Reis Católicos, D. Fernando e Dª Isabel emitido em Valladolid em 27 de maio de 1476, em favor de Duque Sr. D. Enrique de Guzman por cumprir os muitos e leais serviços que nosso duque fez e faz a cada dia para os monarcas mencionadas anteriormente e como um ajuste e compensação para eles, você faz misericórdia e recompensa da Ilha de António com todos os vassalos, terras, prados, água corrente permanente e as árvores e todas as coisas melhores pertencente à referida ilha”.

Nota: Esta carta dos Reis Católicos explica os privilégios outorgados ao Duque de Medina Sidónia D. Enrique de Guzman relativamente à Ilha de António (Cabo Verde) que foi emitida em 27 de Maio de 1476. Esta carta aparentemente deve ser a resposta de um pedido do Duque de Medina Sidónia segundo a referência 250 no Capítulo 13 deste livro. O original desta carta está em más condições e não pode ser lida ou reproduzida e está arquivada no Archivo General de la Fundacíon Casa Medina Sidónia em Sanlúcar de Barremeda na Província de Cádis em Espanha Referência: Medina Sidónia A5/928 (Ysla de Antonio), onde recebi esta cópia, cortesia da Sra. Caridad Lopez Ibañez.

ANEXO 42 (1/3)

Os arqueologos na cidade de Ribeira Grande

Recentemente, em 2015 e 2016 os arqueólogos têm sido desenterrar a cidade velha de Ribeira Grande na Ilha de Santiago e descobrir uma história muito importante. Este projeto está sendo conduzido pela Universidade de Cambridge. Os restos humanos de africanos e europeus foram encontrados juntamente com artefactos dos séculos 15 e 16. Várias lápides do início do século XVI também foram encontradas, bem como a primeira igreja que foi construída provavelmente entre 1465 e 1470. Até à data deste escrito, eu não tenho nenhum conhecimento de qualquer coisa que relaciona diretamente à história da família de Noli, embora É verdade que a primeira igreja foi construída durante o período em que ele controlava as ilhas e eu suspeito que entre as centenas de restos humanos que são conhecidos por serem enterrados lá, alguns deles poderiam provar ser membros da família de Noli. Deve-se lembrar que os membros da família Noli ainda residiam nas ilhas e participavam do governo municipal da Ribeira Grande no início do século XVI.

Obviamente, os trabalhadores neste projeto devem ser pagos para continuar o trabalho e em algum ponto, eu suspeito que os problemas poderiam surgir devido à limitação de fundos disponíveis. Assim, acredito firmemente que se forem disponibilizados fundos suficientes para prosseguir com este projecto, há poucas dúvidas na minha mente de que serão feitas descobertas significativas no que diz respeito à história de Antonio de Noli e sua família, especialmente se a sua casa pode ser encontrada. A cidade não é tão grande, por isso, em

ANEXO 42 (2/3)

Os arqueologos na cidade de Ribeira Grande

algum momento a sua casa deve ser encontrado, especialmente desde que foi descrito como sendo uma bela casa (ver Referência # 285 na Conclusão). Uma vez que a casa foi encontrada, deve ser de extraordinário interesse para os pesquisadores internacionais, por isso grande cuidado deve ser dado a este projeto para que nada se perde no processo, porque deve haver muitas oportunidades para encontrar pistas que poderiam ligar Antonio de Noli Direta ou indiretamente a Columbus. Por exemplo, é possível encontrar algum artigo ou documento com algo escrito pela mão de Antonio de Noli e que poderia ser comparado com a escrita de Colombo. Talvez alguns dos nomes de tripulantes que viajaram com Antonio de Noli de Gênova pudessem ser encontrados em algum lugar. Poderia haver muitos segredos revelados que poderiam ter um impacto direto na Descoberta do Novo Mundo ANTES DE 1492.

Em resumo, já sabemos que muita informação já foi encontrada no site e que se espera encontrar muito mais informações à medida que mais trabalho for concluído. Esta última categoria não deve ser subestimada devido ao consequente impacto que se espera que tenha sobre as origens da civilização ocidental no Novo Mundo. Para mais informações, visite:http://www.thehistoryblog.com/archives/39281 (Nota - de acordo com este site, planos estão sendo feitos para estudar os ossos dos primeiros colonos que existem no cemitério da primeira cidade europeia em Os trópicos).

Também:http://www.cam.ac.uk/research/news/earliest-church-in-the-tropics-unearthed-in-former-heart-of-atlantic-slave-trade

ANEXO 42 (3/3)

Os arqueologos na cidade de Ribeira Grande

Da esquerda para a direita: Christopher Evans, Diretor da Unidade Arqueológica de Cambridge, Universidade de Cambridge, Marcel Gomes Balla, Autor, Dr.Manuel Monteiro de Pina, Prefeito, Ribeira Grande de Santiago (Cidade Velha), Jaylson Eusebio Lopes Monteiro, Arqueologista Estagiário, Da Cultura. Foto tirada no local da escavação em Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde em 2014.

ANEXO 43 (1/3)

Naulo – Nauli = Noli

TORRE S. GIOVANNI
SEC. XIV
RESIDENZA DEL
CENTRO STORICO
CULTURALE
"CIVITAS NAULI"

Torre S. Giovanni   Civitas Nauli = Città di Noli

ANEXO 43 (2/3)

Naulo-Nauli=Noli

Piazza Dante

ANEXO 43 (3/3)

Naulo – Nauli = Noli

Na cidade de Noli, há muitas referências à versão latina do nome antigo da cidade em documentos antigos e gravuras em edifícios históricos ou os pavimentos das praças da cidade.

O distinto professor universitário Marcello Ferrada de Noli e descendente direto de Antonio de Noli fez um estudo detalhado do sobrenome de sua família e confirmou sem sombra de dúvida que o nome, Noli foi escrito como; De Noli, de Nauli, de Noli, de Nolle de Nolio e de Naulo quando se refere à mesma família (Reference: Research Bulletin of the Antonio de Noli Academic Society, 2013. Vol. 5 Nr 2. P. 51 & 52) https://adenoli.files.wordpress.com/.../the-genoese-nationality-of-Antonio de noli5.pdf